

CAMINHANDO JUNTOS

JEAN JACQUOT



Redação:

Diego Muñoz, FSC

Capa:

Begoña Fernández Corbalán

Tradução:

Hugo Bruno Mombach, FSC

Revisão:

Edgar Genuino Nicodem, FSC

Camila de Medeiros Plentz

Rita Torres

Diagramação:

Bonkers Design & Branding

© 2018 Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs

Casa Generalícia, Roma

<http://www.lasalle.org/>

Serviço de Investigação e Recursos Lassalistas

ISBN 978-88-99383-08-4

Todos os direitos reservados, de acordo com as convenções internacionais de direitos autorais. Proibida sua reprodução e/ou utilização total ou parcial, em qualquer formato ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, sem autorização prévia do editor.

AucaDigital Editores, S.L.

<http://aucadigital.com>

CAMINHANDO JUNTOS

A vida de La Salle através do olhar de Jean Jacquot, FSC

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	10
Capítulo 01	
ADORO EM TUDO A VONTADE DE DEUS A MEU RESPEITO	11
Capítulo 02	
VOCAÇÕES INESPERADAS	14
Capítulo 03	
ALGO ESTÁ NASCENDO	18
Capítulo 04	
LANÇANDO AS BASES	22
Capítulo 05	
JUNTOS E POR ASSOCIAÇÃO	26
Capítulo 06	
ASSOCIADOS PARA AS ESCOLAS CRISTÃS	30
Capítulo 07	
CONTRADIÇÕES NO CAMINHO	34
Capítulo 08	
OS CAMINHOS DE DEUS	38
Capítulo 09	
O FUTURO DO INSTITUTO ESTÁ EM NOSSAS MÃOS	42

MEDITAÇÕES	47
Devoção à santíssima Virgem Maria	47
Devoção a São José	54
Jesus Cristo na escola	58
Vocação do mestre cristão	60
Bom pastor	63
Jesus Cristo como centro da vida	66
Estrelas no céu lassaliano	68
OS IRMÃOS	70
Irmão Barthélémy	70
Irmão Bernard Legentil	72
Irmão Edme Leguillon	73
Irmão Henry L'Heureux	74
Irmãos Gabriel e Gérard Drolin	76
Irmão Gervais	78
Irmão Irineu	79
Irmão Jacques Compain	80
Irmão Jean Henry	81
Irmão Jean Jacquot	82
Irmão Jean Maurice	83
Irmão Jean Partois	84
Irmão Joseph	85
Irmão Michel Jacquinet	86
Irmão Nicolas Vuyart	87

DOCUMENTOS	88
Testamento	88
Memória dos Começos	94
Memória Sobre O Hábito	99
O Voto Heroico de 1691	110
O Guia das Escolas Cristãs	113
As Doze Virtudes do Bom Mestre	116
Fórmula de Votos de 1694	132
Ata de Designação do Superior da Sociedade, 1694	143
Carta dos Irmãos de 1714	146
Regras Que Me Impus	148
NOTAS HISTÓRICAS	152
Louis Dujarrier-Bresnard	152
Jean-Baptiste Blain	154
Adrien Nyel	155
Luís XIV	157
Nicolas Roland	159
Charles-Maurice Le Tellier	161
Claude Bottu de La Barmondière	162
Henri Baudrand de La Combe	163
Adrien Helvétius, Dedicado Médico	164
Memória dos Começos	165
Meditações para o Tempo de Retiro	166
Exercícios de Piedade para as Escolas Cristãs	168
Instruções e Orações para a Santa Missa	171

Guia das Escolas Cristãs, Estrutura e Temática	172
Casa Grande	174
Joachim Trotti de La Chétardie	176
Louis Antoine de Noailles	177
Jacques II da Inglaterra	178
Silabário	179
Instruções e Orações para a Confissão e a Comunhão	180
Deveres do Cristão para com Deus	181
Cânticos que se Devem Cantar no Catecismo	183
Regras de Cortesia e Urbanidade Cristãs	184
Cartas de La Salle	186
Charles Démia	187
Jacques de Batencourt	189
Nicolas Barré	191
Galicismo e Jansenismo	192
Denúncia dos Mestres Calígrafos	194
Irmãos de São Marcelo	196
Jacques Nicolas Colbert	197
Guerra de Sucessão	198
Jean-Charles Clément	201
Louis Rogier	202
Henri-François-Xavier de Belsunce de Castelmoron	203
Papa Clemente XI	205
Livro de Quesnel e Bula Unigenitus	207
Jean d'Yse de Saléon	209
Louise Hours	210

SUMÁRIO

Regras	212
Regulamento Cotidiano	214
Regra do Irmão Diretor	215
NOTAS	216
IMAGENS	250
RESUMO DA HISTÓRIA	286
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	303

APRESENTAÇÃO

«Que sua imagem não fique somente diante de nossos olhos, mas esteja sobretudo em nossos corações». Com estas palavras o Irmão Philippe, Superior Geral, em 1861, animava os Irmãos das Escolas Cristãs a alimentarem sua devoção filial ao Fundador, João Batista de La Salle, que nessa data havia sido declarado Venerável pela Igreja. Apenas em 1888 ele chegaria a ser Beato e finalmente, em 1900, Santo.

Esta biografia nasce no contexto da celebração do tricentenário da morte de São João Batista de La Salle, ocorrida em Ruão a 7 de abril de 1719. Os Lassalistas do mundo inteiro querem continuar manifestando o seu amor filial a La Salle, testemunha do Evangelho a partir da Escola Cristã de ontem e de hoje.

Ao organizar esta biografia, optou-se pela narração histórica em primeira pessoa, feita pelo Irmão Jean Jacquot. Como aluno de uma escola dirigida pelos primeiros mestres reunidos por La Salle desde 1682, aos 14 anos ele sentiu o chamado de Deus a ser um deles. Seu itinerário foi o de tantos que, na escola, descobriram a riqueza da vocação de «Irmão». Hoje, são mais de 90 mil educadores Lassalistas no mundo inteiro que trabalham associados a uma missão comum: educar a partir da pedagogia da fraternidade para transformar o mundo num lugar de justiça e de paz para todos.

O formato desta obra é simples. Nove capítulos enriquecidos com notas históricas, biografias dos primeiros Irmãos, algumas obras fundamentais da iconografia Lassalista, fotos, vídeos e documentos originais. Reuniu-se o melhor da tradição do Instituto num formato digital multimídia acessível para todos.

Espera-se que esta biografia cumpra a sua proposta: alimentar a curiosidade pela pessoa e a contribuição de São João Batista de La Salle ao mundo da educação e da Igreja. Esta obra foi redigida a partir de um coração agradecido pela vocação recebida por homens e mulheres Lassalistas que educam, seguindo os passos de Jesus Cristo, o primeiro de uma multidão de irmãos e irmãs na fé.

[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

INTRODUÇÃO

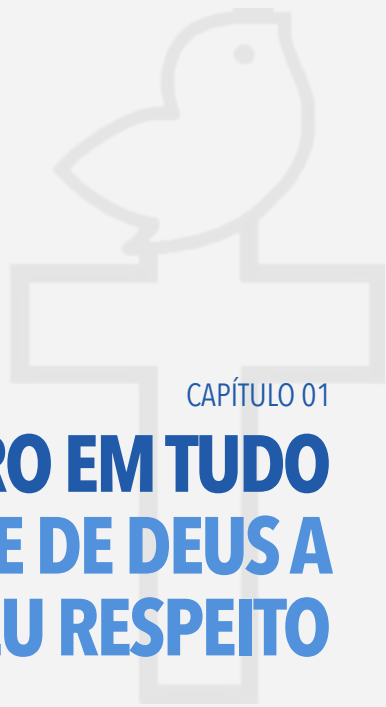


Saída da escola no século XVII. Augustin de Saint-Aubin. Rousset, E. (1979). J.B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº18.

Meu nome é Jean Jacquot, sou Irmão das Escolas Cristãs. Há uma semana, na madrugada de Sexta-feira Santa, de 7 de abril de 1719, acompanhei João Batista de La Salle em seu leito de morte, na cidade de Ruão.

Quando completei meus dez anos de idade, comecei a frequentar uma escola de uns professores que viviam em comunidade e se chamavam entre si de «Irmãos». Aos poucos fui me entusiasmando com a ideia de ser como eles, até que senti em meu coração que essa era a vida a qual eu queria para mim. Quando finalmente entrei na comunidade, aos 14 anos, conheci o sacerdote João Batista de La Salle, seu organizador, cônego da Catedral de Reims. Entre nós o chamávamos de «nosso pai muito querido». Era um homem de fé que havia deixado tudo para dedicar-se inteiramente às escolas e aos mestres. Com ele descobri que os Irmãos eram ministros de Jesus Cristo para as crianças na escola. E essa vocação tem preenchido meu coração até hoje.

▲ [RETORNAR AO SUMÁRIO](#)



CAPÍTULO 01

ADORO EM TUDO A VONTADE DE DEUS A MEU RESPEITO

RESUMO DO CAPÍTULO ▼

Na madrugada de Sexta-feira Santa, de 7 de abril de 1719, morreu nosso tão querido pai La Salle. Ainda sinto esta profunda sensação de tristeza e desânimo deixado pela morte de alguém querido. Sem dúvida, este fato nos uniu como comunidade de Irmãos numa só prece de ação de graças; tornou-nos conscientes de que a partir de agora continuamos sem ele a aventura de estar a serviço daqueles a quem Deus colocou a nossos cuidados. Ele tem sido nosso guia nestes tempos difíceis; sua palavra, suas ações têm sido para nós um apoio indiscutível para continuarmos com a mão no arado sem olhar para trás. Agora peço ao Senhor que nos dê a sabedoria para seguirmos animando-nos nos desafios que nos esperam.

A notícia de sua morte se espalhou rapidamente pela cidade. De todas as partes vieram pessoas para acompanhar-nos, convencidas de haverem conhecido um santo. Nesta mesma Sexta-feira Santa, a igreja de São Severo se encheu de gente. Ali La Salle foi sepultado no dia seguinte, na capela de Santa Susana. Creio que o pároco **Dujarrier-Bresnard**, ► ao

ver a reação do povo, percebeu quão inapropriada tinha sido a decisão do **arcebispo** ► de castigar La Salle, retirando-lhe o poder de confessar. Uma vez mais, nosso pai tinha sido mal entendido. Resignado e sereno recebeu a notícia um tanto abrandada por seu amigo cônego **Blain**, ► a quem tinha grande afeto e profunda admiração. Mas é assim mesmo que são as coisas dos santos, que não cessam de receber cruzeiros pelo caminho ao céu.

Dois anos antes de sua morte, a partir da eleição do **Irmão Barthélémy** ► como Superior, La Salle havia podido descansar do exercício da autoridade. Aos 65 anos já precisou mudar o ritmo a que o obrigava o cargo de Superior de seus Irmãos. Suas constantes viagens, junto com tantas situações difíceis que havia vivido, sobretudo nos últimos tempos, haviam acentuado seu reumatismo e o tornaram mais propenso a sofrer ataques de asma. Embora sempre tratasse de se manter de bom humor, ultimamente notávamos os seus sofrimentos. O médico já nos havia advertido da proximidade de sua morte; por esse motivo, o Irmão Barthélémy mandou me chamar para passar a Semana Santa em Ruão. E foi então que pude acompanhá-lo em seus últimos dias.

Foi curioso como La Salle, em seus dois últimos anos de vida, parecia outro homem, livre da responsabilidade do governo do Instituto. Sereno, obediente e humilde até o extremo, próximo aos Irmãos da comunidade e aos alunos da **escola de Saint-Yon**, ► esmerava-se em viver plenamente aquilo que havia pregado ao longo de toda a sua vida: sua união com Deus através da lembrança permanente de sua **presença**, ► o tratamento caritativo e exigente com seus Irmãos e o amor filial por crianças e jovens das escolas. Teve a oportunidade de visitar esta comunidade várias vezes, como **Assistente** ► do Irmão Superior, para atender alguns assuntos importantes do Instituto. E ali pude desfrutar de sua presença paterna. Lembro vivamente como os alunos o rodeavam para escutar seus conselhos com uma emoção que não podiam esconder. Suas palavras tinham a marca do Espírito. Também pude visitá-lo algumas vezes quando se alojou no **seminário de São Nicolau de Chardonnet** ► em Paris, por ocasião da cobrança de uma herança. Não quis ficar conosco na comunidade para evitar demasiadas atenções de nossa

parte. Claro que sua maneira de proceder ganhou o coração dos seminaristas. Era evidente que se tratava de um homem que tinha feito um caminho de encontro com Deus ao longo de sua vida.

Apesar de se portar de forma prudente, La Salle não havia deixado de manifestar sua opinião quando considerava que um assunto era importante. Com efeito, numa ocasião que foi a Saint-Yon para completar o envio de quatro Irmãos ao Canadá, como intermediário de François Charon de La Barre, La Salle expressou sua discordância com tal veemência, que o nosso Irmão Barthélémy recuou do projeto sem pedir maiores explicações. ▶ Assim mesmo, não duvidou em advertir sobre certos problemas de acompanhamento aos jovens do Noviciado, cujo diretor continuava sendo o jovem Irmão Irineu, ▶ que havia conhecido em Parmênia. Quanto nos falta aprender, crescer! O Instituto está agora em nossas mãos!

E seu testamento! ▶ Encomendou sua alma e a de cada um de nós a Deus. Pediu-nos fidelidade à Igreja e ao Papa, sobretudo nestes momentos tão difíceis. E nos lembrou do essencial: estar unidos a Jesus Cristo e alimentarmos dele pela Palavra e pela Eucaristia; professar nossa devoção filial à Santíssima Virgem ▶ e a São José, ▶ nosso patrono; desempenhar com esmero e generosidade nosso ministério educativo e fortalecer nossa comunidade, trabalhando unidos aos nossos superiores. Ainda ressoam em nossos corações suas últimas palavras: «Adoro em tudo a vontade de Deus a meu respeito». ▶ Foi a resposta que deu ao Irmão Barthélémy em seu leito de morte quando lhe perguntou como se sentia.

Recordo a alegria que manifestavam os mestres reunidos na rua Nova de Reims, ▶ em 1686, quando decidiram chamar-se de Irmãos, assumir um projeto e vestir um hábito comum. Eu era apenas um rapaz que me juntava a eles. Hoje, quando La Salle já não está ao nosso lado fisicamente, confiamos que ele intercede por nós e nos encoraja em nossa vocação comum. Como ele, também adoramos em tudo a vontade que Deus tem conosco.

▲ [RETORNAR AO SUMÁRIO](#)



CAPÍTULO 02

VOCAÇÕES INESPERADAS

RESUMO DO CAPÍTULO ▾

Aos 14 anos entrei na comunidade dos Irmãos das Escolas Cristãs numa casa situada na **rua Nova de Reims.** ▶ Era uma tarde chuvosa de outubro de 1686. Havia viajado com meu pai da minha cidade natal, **Château-Porcien,** ▶ distante cerca de 40 quilômetros. Ele era comerciante, precisava fechar alguns negócios na cidade grande e me acompanhou até a porta da comunidade dos Irmãos. Minha mãe se despediu de mim com lágrimas, um tanto desconcertada por esta decisão que marcava uma mudança diferente em minha vida.

O que sentia meu coração de adolescente? Era um impulso imenso em ser mestre como meus mestres, Irmão como meus Irmãos, com quem partilhava manhã e tarde na escola. Em quatro anos como aluno, desde 1682, havia aprendido muitíssimo. Meus pais estavam surpresos com meus **progressos.** ▶ O que mais dava sentido à minha vida era a presença misteriosa de Deus em cada momento do dia. Era como se o próprio Jesus Cristo vivesse **em mim.** ▶ Meu coração se emocionava com o catecismo diário, com a lembrança da presença de Deus e com o

trabalho cotidiano. Na escola aprendíamos e nos ajudávamos a progredir na leitura, na escrita e no cálculo. Íamos juntos à missa na igreja paroquial e rezávamos o rosário com a convicção de quem se sente escutado e amado. Creio que ali, na vida cotidiana, Deus tocou o meu **coração.** ▶

Mas quem eram estes mestres que começamos a amar como Irmãos maiores? Chegaram de Reims, enviados por um sacerdote muito famoso que havia deixado seu **canonicato** ▶ na **Catedral** ▶ dessa cidade para acompanhar os professores de escola. Seu nome era João Batista de La Salle. Provinha de uma das famílias mais prestigiosas de Reims. Seus grandes dotes espirituais, sua formação acadêmica, seu sobrenome, tudo indicava que ia ter uma excelente carreira eclesiástica. No entanto, em poucos anos, sua vida começou a dar uma reviravolta inesperada. Em contato com um tal de **Adrien Nyel,** ▶ professor vindo de Ruão, começou a orientar um pequeno grupo de mestres com a finalidade de assegurar que as escolas a serviço dos pobres funcionassem com a maior qualidade possível. A propósito, pobres éramos a maioria; bastava que nossos pais deixassem de trabalhar para cair **na miséria e na fome;** ▶ era um tempo de grandes incertezas, de **frio glacial** ▶ e de **guerras** ▶ dirigidas por nosso Rei **Luís XIV.** ▶ Por tudo isso, a notícia de que La Salle havia abandonado seu mundo de privilégios para viver com uma comunidade de mestres, havia convulsionado sua cidade natal. Como um homem rico preferia ser pobre entre os pobres, cruzando uma fronteira perigosa para uma **vida de insegurança?** ▶

Quase 20 anos depois desses acontecimentos, os Irmãos puderam ler um **memorial** ▶ que o próprio La Salle havia escrito sobre o início do Instituto. Nesse escrito, ele expressava como Deus, que governa todas as coisas com sabedoria e suavidade e que não costumava forçar a inclinação dos homens, havia o levado, de uma forma imperceptível e ao longo de muito tempo, a comprometer-se inteiramente a cuidar das escolas. Deste modo, foi percebendo como um compromisso o havia conduzido a outro, sem tê-lo previsto desde o início. Assim, **este Deus amoroso e terno** ▶ lhe assinalou um caminho desconhecido para si e para quem o acompanhava nesta aventura. Apesar de sua liderança e de seu testemunho, muitos

mestres dos primeiros tempos o haviam abandonado, talvez por medo, quiçá buscando segurança; no entanto, em pouco tempo chegaram outros dispostos a se entregar por inteiro. Dentre eles guardo a grata lembrança de **Gabriel Drolin**, ▶ que chegou a ser seu grande confidente; por esse motivo, anos mais tarde, La Salle não duvidará em enviá-lo a **Roma** ▶ para cumprir sua meta de lá abrir uma escola cristã.

Desde o início da comunidade dos Irmãos, a vida de La Salle nunca deixou de nos surpreender. Tínhamos visto como, durante o **rigoroso inverno de 1684**, ▶ ele repartiu seus bens, distribuindo **pão** ▶ nas **escolas**. ▶ Como alunos, recebíamos dos Irmãos uma pequena reflexão e nos davam o alimento que nossas famílias tanto apreciavam, famintas pela escassez e pelos altos preços dos grãos. Inclusive tínhamos ouvido como o próprio La Salle teve que pedir esmola para dar de comer a seus Irmãos, quando já havia esgotado todas suas reservas. Não apenas havia decidido viver com os pobres, mas também ser **pobre entre os pobres**. ▶ Creio que esse ato somente podia ser obra de um santo ou de um louco. Sem dúvida, ele era um santo, porque demonstrou isso até o último dia.

Evidentemente, nessa idade eu não era capaz de compreender tantas coisas. Quando ocorreu meu ingresso na comunidade, os Irmãos me contaram que tiveram uma espécie de assembleia onde tomaram muitas decisões importantes para organizar sua vida interna. Isso aconteceu entre os meses de maio e junho de **1686**. ▶ Os Irmãos eram jovens de até 22 anos; alguns vinham de **famílias de prestígio**, ▶ a maioria das **corporações de artesãos**. ▶ Alguns até deixaram seus estudos eclesiásticos para seguir La Salle. Ele, sem dúvida, foi um exemplo para os mais generosos. Não apenas haviam adotado um nome comum –Irmãos das Escolas Cristãs– mas também decidiram vestir-se de uma maneira particular, tanto que foram objeto de algumas zombarias por parte das pessoas. Não era mais que uma batina negra, sem botões, fechada com colchetes até a cintura, a uns 30 centímetros do chão e com um colarinho em duas pranchinhas, parecidas a um babero, de uso corrente. Durante o primeiro inverno, e vendo que precisavam de maior proteção contra o frio, adotaram uma

espécie de manto. Estava me esquecendo: também decidiram usar um chapéu **tricornio, ▶** de três pontas. Além destas feições exteriores, o que mais nos chamava a atenção como alunos era o desejo de cada Irmão de agir corretamente; nem sempre acertavam com a disciplina, corrigindo os mais rebeldes e tentando orientar os mais limitados. Apesar de tudo, sua boa intenção era o que ganhava nossos **corações. ▶**

Desde o início, na comunidade, me deixei envolver pelo amor filial que os Irmãos manifestavam ao Senhor de La Salle. Ao conhecê-lo pessoalmente em Reims, senti-me profundamente comovido por seu tratamento delicado e fraternal com os Irmãos, por sua fé, que resplandecia em cada celebração **eucarística, ▶** e por sua liderança diante dos desafios das escolas. Este homem certamente tinha recebido uma vocação inesperada como a minha: ele, iniciador de algo novo; eu, um simples rapaz inquieto, apaixonado por uma vocação que fazia arder meu coração de alegria. Daí em diante e apesar de tantas dificuldades, não pude pensar em outra vida melhor que a de Irmão.



CAPÍTULO 03

ALGO ESTÁ NASCENDO

RESUMO DO CAPÍTULO ▾

Meus primeiros dois anos na comunidade transcorreram na casa da rua Nova de Reims. ▶ Recebemos vários jovens vocacionalmente inquietos, graças ao testemunho dos Irmãos que nos educavam nas escolas. La Salle dedicava parte de seu tempo a formar-nos; nenhum de nós chegava aos 17 anos. Cada dia aprendíamos sobre trabalho docente acompanhando nossos Irmãos experimentados na escola; ▶ vivíamos com a comunidade, seguindo o ritmo e o horário ▶ das atividades da manhã à noite.

No final de 1686, La Salle e os Irmãos já haviam formado uma comunidade nova, com um hábito próprio, um horário de atividades diárias e um compromisso de obediência ao projeto comum. Os Irmãos faziam um voto ▶ anual de obediência para manifestar nossa pertença à comunidade. Deus em sua providência sustentava a escola; a gratuidade era essencial, assim como o compromisso de não aceitar nenhum presente das famílias dos alunos. ▶ Nós, jovens aspirantes, sentíamos que isso era nosso.

Na casa vizinha à nossa, vimos em pouco tempo como La Salle e os Irmãos haviam organizado um seminário para mestres da zona rural. ▶ Eram também jovens como nós, mas vinham enviados pelos párocos para trabalhar nas escolas. La Salle já havia percebido a importância da comunidade para sustentar a vocação dos Irmãos; e estes professores do campo eram sua resposta a tantas necessidades de mestres em escolas isoladas ao redor da cidade. Alguns destes jovens ficaram conosco para abraçar a vida de Irmão; outros decidiram seguir sua própria vocação de mestres, conservando com a comunidade o apreço mútuo e participando em algumas atividades de formação, como os retiros periódicos. ▶

Apenas estávamos no começo da experiência em Reims. La Salle, homem de fé, convencido de que os Irmãos tinham que tomar as rédeas de seu próprio destino, convidou-os, talvez cedo demais, a escolher um Superior entre eles. Ele considerava que desta forma podia dedicar-se por inteiro ao exercício de diretor espiritual, deixando a outro o cuidado das coisas diárias. E assim foi. Os Irmãos aceitaram de bom grado a proposta, e elegeram o Irmão Henry L'Heureux, ▶ de 24 anos, que contava com o apreço e a estima de todos. No entanto, a experiência durou pouco. La Salle era um homem de opções e seu excessivo zelo em obedecer ▶ ao Irmão Henry o colocou em evidência diante das autoridades eclesásticas de Reims. Como era possível que um sacerdote, doutor em Teologia, tivesse que obedecer a um leigo, sem estudos, e humilhar-se de tal forma! Em pouco tempo, o senhor arcebispo Le Tellier ▶ lhe ordenou reassumir sua função de diretor e todos, novamente, ficamos contentes, começando pelo próprio Irmão Henry.

A verdade é que os Irmãos imitavam La Salle em sua humildade, em sua pobreza, em seu fervor. Vivíamos cenas que nos comoviam profundamente. O trabalho cansativo e desgastante da escola, unido a esta vida de sacrifícios, levou rapidamente à tumba alguns dos mais fervorosos. Tal foi o caso do Irmão Jean Maurice, ▶ que faleceu aos 24 anos, em 1º de maio de 1687. Outros, como o diretor de Guise, foi curado milagrosamente em seu leito de morte após receber o abraço paterno de

La Salle. Todos esses acontecimentos alimentavam nossas convicções. A morte do **senhor Nyel,** ► ocorrida em 31 de maio desse mesmo ano, foi muito sentida por La Salle. Organizou uma celebração litúrgica, expressando seu agradecimento a este **grande mestre,** ► que foi para ele inspiração e modelo desde o início do Instituto. Naturalmente nem todos perseveramos; alguns jovens não renovavam seus votos de obediência e abandonavam a comunidade.

Em fevereiro de 1688, La Salle deixou a casa da rua Nova de Reims e, com dois Irmãos, viajou a Paris, convidado pelo pároco, **senhor de La Barmondière,** ► para colaborar numa das escolas da grande **paróquia de São Sulpício,** ► concretamente na **rua Princesa.** ► As notícias que nos chegaram em pouco tempo nos inquietaram: o antigo diretor da escola, de nome **Compagnon,** ► havia lançado uma campanha de descrédito contra La Salle e os dois Irmãos, chateado pelas mudanças que haviam realizado na organização da escola. Não foram poucos os que haviam colocado em prática o que já fazíamos em **Reims, Rethel e Laon:** ► horários fixos, ensino simultâneo, trabalho por grupos homogêneos e uso de monitores, catecismo e missa diários e **trabalho manual regulamentado.** ► Esta situação provocou tanto desgosto que, diante do repúdio dos mestres descontentes, os Irmãos pensaram em agradecer e deixar a escola, mas o pároco os convenceu de permanecer lá.

Cada ano, durante o mês de setembro, a comunidade dos Irmãos se reunia em Reims para celebrar uma espécie de **encontro anual.** ► Era um tempo de renovação espiritual e pedagógica; os Irmãos, animados por La Salle, partilhavam suas experiências escolares, revisavam seus métodos para a catequese, a caligrafia, a leitura e o **cálculo.** ► Uns e outros se reconheciam e mutuamente se apoiavam. Nessa reunião de setembro de 1688, **Jean Henry** ► e **eu** ► recebemos o hábito dos Irmãos. Foi uma cerimônia simples, mas muito emocionante; significava que havíamos recebido a confiança dos Irmãos para trabalhar nas escolas como professores. Terminada esta assembleia, cada um voltou a sua comunidade para reiniciar o trabalho escolar.

A vida comunitária e escolar seguia seu curso. Em Paris, em janeiro de 1689, o [senhor Baudrand ▶](#) havia substituído La Barmondière como pároco de São Sulpício. Baudrand já era conhecido por todos, assim pensamos que tudo marcharia da mesma forma. Para nossa surpresa, quis que mudássemos nosso hábito. Era verdade que os Irmãos não eram sacerdotes, nós nem pretendíamos sê-lo; tampouco éramos leigos, já que buscávamos viver em comunidade, assumindo em obediência a um projeto educativo comum. O que éramos então? Novamente La Salle assumiu sua liderança à frente da comunidade e redigiu o [Memorial do Hábito, ▶](#) no qual estabeleceu o que consideramos as bases de nossa incipiente comunidade. Esse memorial, lido em comunidade, lançou luz sobre nossa vocação comunitária: éramos homens comprometidos da manhã à noite na escola. Algo novo estava surgindo na Igreja, e nós éramos os protagonistas.

CAPÍTULO 04

LANÇANDO AS BASES

RESUMO DO CAPÍTULO ▼

O êxito alcançado pela escola da **rua Princesa ▶** de Paris resultou na abertura de uma segunda escola, desta vez na **rua de Bac. ▶** Isso sucedeu em janeiro de 1690. La Salle chamou de Reims os Irmãos **Nicolas Vuyart ▶** e **Bernard Legentil, ▶** que trabalhavam conosco, para assumir esse novo projeto. Rapidamente a nova escola também começou a ser objeto de fofocas, sobretudo porque oferecia um serviço educativo de qualidade e de maneira gratuita.

Não havia passado um mês quando começou uma primeira perseguição contra esta nova obra. As corporações de **mestres das pequenas escolas ▶** de Paris conseguiram do **Coordenador ▶** Diocesano de Educação o fechamento da escola, denunciando que nela se recebiam alunos capazes de pagar sua escolaridade. Por sua vez, La Salle e os Irmãos Nicolas e Bernard se defenderam diante do **Parlamento de Paris, ▶▶** o qual lhes deu razão em março de 1690. A paz durou pouco, e novamente foram acusados diante do tribunal em abril. La Salle não apenas preparou sua defesa com um escrito sólido, mas também convidou todos os Irmãos

de Paris a fazer uma peregrinação a Nossa Senhora das Virtudes de Aubervilliers, ▶ perto da cidade, para solicitar o auxílio divino. Finalmente, em junho desse mesmo ano, o Parlamento deu novamente razão a La Salle e aos Irmãos, que puderam continuar o trabalho na escola, ensinando por caridade e sem retribuição alguma. O direito à gratuidade e o acesso ao ensino estavam parcialmente garantidos. Somente parcialmente. Novas perseguições se avizinhavam no horizonte. ▶

Enquanto em Paris pareciam estar superando as dificuldades, em Reims as notícias não eram boas. Quando nos encontramos em setembro de 1690, para celebrar a reunião anual dos Irmãos, comprovamos que o seminário para mestres contava com bem poucos candidatos; além disso, alguns dos Irmãos de Reims tinham ido embora, deixando atrás de si alguns escândalos que nos haviam afetado profundamente. As vocações eram escassas, e nossa coesão interna tinha sido prejudicada. Esse encontro novamente nos ajudou a recuperar um certo entusiasmo, estávamos abatidos por tantas situações vividas.

No final de setembro, os Irmãos mais jovens de Reims, junto com o Irmão Henry L'Heureux, ▶ fomos enviados a Paris para reforçar o trabalho nas escolas. Além de nos acompanhar como formador, o Irmão Henry estudaria Teologia na Sorbonne. La Salle queria que um de nós assumisse num futuro próximo a responsabilidade de Superior da Comunidade. A experiência de Reims lhe havia ensinado que necessitava amadurecer certas decisões; se contasse com um Irmão com estudos eclesiásticos, talvez as autoridades não teriam problemas em aceitar um novo Superior da Comunidade.

Assim iniciamos um novo ano escolar em outubro de 1690, em Paris. Uma aparente calma nos envolvia. Sabíamos que os mestres das pequenas escolas estavam por trás de nós, buscando novos motivos para denunciar-nos diante das autoridades. Mas desta vez a tormenta rebentou não do exterior, mas no interior da própria comunidade. Os Irmãos que já estavam em Paris se incomodaram com a eleição do Irmão Henry como diretor da comunidade e se retiraram, não sem antes causar confusão entre nós. Preocupado com essa situação, La Salle viajou a

Reims para atender alguns assuntos; sabíamos que sua saúde não estava bem ultimamente. Nesse momento, e com surpresa, nosso querido Irmão Henry começou a adoecer de tal forma, que enviamos várias cartas de aviso a nosso pai La Salle pedindo sua presença imediata. Lamentavelmente, Irmão Henry faleceu três dias antes da chegada de La Salle a Paris. Estávamos no final de 1690, muito amargurados. Esse fato produziu uma profunda ferida a La Salle. Nunca o havíamos visto assim, tão abatido pela morte de um Irmão.

Somado a tudo isso, a saúde do próprio La Salle piorou com uma forte retenção de urina. Em pouco tempo foram muitos os desgostos: a situação difícil em Reims, a saída de Irmãos, o escasso número de aspirantes, a morte inesperada do Irmão Henry. Sentimos que todos estávamos chegando ao fim; se La Salle não tivesse sido atendido pelo médico Helvétius, ▶ nossa comunidade teria ido à tumba com ele. De fato, antes de receber um doloroso tratamento, lhe pedimos sua bênção. Pediu-nos união e obediência para seguir adiante. O pároco Baudrand lhe administrou a unção dos enfermos. Felizmente, o tratamento teve êxito e, em poucos meses, conseguiu se recuperar desse incidente. ▶

O ano de 1691 foi para todos nós um tempo de profunda reflexão. Restavam poucos Irmãos, apenas cinco em Paris, oito em Reims, seis entre Rethel e Laon; em três anos havia ingressado apenas um aspirante... O que Deus estava nos pedindo nesse momento? A morte do Irmão Henry tinha sido esclarecedora para La Salle: o sacerdócio não era o caminho. A Providência nos queria Irmãos entre si, Irmãos de nossos alunos. Mas necessitávamos crescer por dentro.

Por esse motivo, La Salle começou a buscar um lugar onde pudéssemos celebrar nossa próxima reunião que tanto desejávamos. Com muito sacrifício, e não sem o auxílio da Providência que sempre o acompanhava, conseguiu uma quinta bem pobre na zona de Vaugirard, ▶ a três quilômetros da rua Princesa. ▶ Ali realizamos nossa reunião e o retiro anual de setembro de 1691. Tivemos a sorte de viver uma profunda experiência de fé e oração, de comunidade fraterna e acolhedora, de reflexão sobre nosso compromisso educativo. Decidimos incentivar entre nós o acompanhamento pessoal.

Asseguraríamos um retiro anual; escreveríamos ao Superior uma carta mensal para partilhar nossas preocupações; o Superior também faria uma visita anual a cada comunidade para conhecer de perto a realidade de cada Irmão. Este esforço de renovação interior avivou nossos corações e nos deu um novo impulso em meio a **tantas dificuldades.**▶ Deus estava presente entre nós. Foi tanta a alegria que sentimos, que o próprio La Salle estendeu o retiro para muitos de nós até dezembro daquele ano. Graças ao apoio de alguns mestres que haviam estudado conosco em Reims, as aulas nas escolas continuaram sem nenhum problema. Parecia que o edifício assentava suas bases para crescer.

CAPÍTULO 05

JUNTOS E POR ASSOCIAÇÃO

RESUMO DO CAPÍTULO ▼

A partir de 1692 e pelo espaço de seis anos, La Salle não recebeu nenhum pedido para abrir escolas. Enquanto isso, nossas pequenas comunidades iam fortificando sua vida cotidiana, seguindo seu **regulamento diário**: ► a partir das cinco da manhã tínhamos oração vocal e mental, missa, leitura espiritual, exame particular e reza das ladainhas; em seguida, aulas das 8 às 11 horas, incluindo a missa com os alunos; na parte da tarde, novamente aulas das 13 às 16h30. À noite, estudo e preparação de aulas até a oração antes de dormir. Nossa jornada terminava às 21h30. Os recreios comunitários eram para nós verdadeiros intercâmbios espirituais. Nas quintas-feiras tínhamos passeio comunitário e no domingo dedicávamos mais tempo ao estudo do catecismo. Tudo isso ia configurando em nós um novo tipo de vida. Estávamos tomando consciência de sermos uma comunidade de associados, comprometidos numa missão comum. Havíamos convertido as dificuldades em oportunidades para crescer.

La Salle tinha entendido a **importância da formação** ► para nós. A generosidade necessária para amadurecer processos e tempos, somente

por si mesma, não conseguiria perseverança. Ele mesmo foi organizando seu próprio pensamento e, em pouco tempo, foi preparando para nós um conjunto de obras que ajudariam a compreender a transcendência de nossa vocação. Na Coleção de Pequenos Tratados foi estabelecendo alguns pontos essenciais da vida do Irmão: os dez mandamentos do Instituto, os fundamentos de nossa Comunidade, **as 12 virtudes do bom mestre**, ► as dez condições para que as correções dos alunos fossem efetivas, uma breve explicação do método para orar, a forma de prestar contas da conduta ao diretor e as condições da obediência. Era o esboço de um projeto de acompanhamento para cada um de nós.

Já havia passado uma década de experiência comunitária. Por esta razão, o próprio La Salle, com a ajuda dos Irmãos mais antigos, havia chegado a plasmar nosso estilo de vida cotidiana em algumas **Regras** ► que vivíamos e analisávamos nos seus detalhes. Sobretudo, nosso encontro e retiro anual em setembro fortificava nossos compromissos pessoais e comunitários. Eram espaços propícios para a reflexão e o intercâmbio de ideias. La Salle, nos seus 40 anos, era nosso fundador, formador e guia indiscutível. Com ele tomávamos consciência dia a dia do que significava viver o espírito do Instituto, que não era outro que o espírito de fé que nos impulsiona a dedicar-nos com zelo à salvação das crianças a partir de nosso humilde trabalho na escola. O livro das **Meditações** ► que La Salle ia escrevendo nos convidava a contemplar a escola como a obra de Deus e a nós mesmos como ministros e dispensadores de seus mistérios. O manuscrito do **Guia das Escolas Cristãs**, ► que começamos a utilizar como manual escolar, oferecia-nos a clareza da experiência acumulada pelos Irmãos mais veteranos na arte do ensino; e cada mês de setembro tínhamos a oportunidade de descobrir novos métodos para que as crianças aprendessem de forma mais eficiente. Em fins de 1694, já contávamos com uma série de obras que davam luz ao nosso caminhar.

Lembro particularmente o **difícil inverno que vivemos em 1693-1694**, ► devido ao intenso frio e ao aumento do preço do trigo. Havia saques e roubos por todo lado. Nossas comunidades, que subsistiam graças à caridade de muitos, sentiram momentos críticos de escassez.

La Salle se desvelava para buscar recursos para nós. Após a experiência de **Vaugirard**, ► eu havia sido enviado à comunidade da escola da **rua Princesa** ► em Paris, e, por isso, fui testemunha de tantas vicissitudes. De fato, La Salle teve que deslocar os **noviços de Vaugirard** ► para a nossa comunidade, quiçá buscando mitigar suas necessidades. Em nossa casa havia aumentado o número de Irmãos para alimentar. Era uma situação extrema. Os párocos nem sempre podiam atender-nos economicamente; La Salle não apenas buscava dinheiro, mas também orava durante longas horas, pedindo a ajuda do céu. Parecia que quando nosso pai rezava mais intensamente, menos faltava o pão para a comunidade. Essa situação crítica se manteve até abril de 1694, quando finalmente os noviços puderam voltar a Vaugirard.

Nesse mesmo ano, superado o momento mais crítico, La Salle viu que havia chegado a ocasião de tomar decisões importantes para assegurar o futuro da comunidade, desta sociedade de Irmãos que já tinha uma certa identidade, vida comum e missão definidas. Assim, decidi convidar 12 Irmãos para celebrar o primeiro **Capítulo Geral** ► da Sociedade dos Irmãos das Escolas Cristãs. Esta experiência teve lugar por ocasião da festa de Pentecostes, dia 30 de maio, até a festa da Santíssima Trindade, dia 6 de junho. Convocou os seis diretores de comunidade do momento, alguns Irmãos antigos e outros que considerou oportuno. Felizmente fui um dos escolhidos, junto com **Nicolas Vuyart**, ► **Gabriel Drolin**, ► **Jean Partois**, ► **Gabriel Charles Rasigade**, **Jean Henry**, ► **Jacques Compain**, ► **Jean-Louis de Marcheville**, **Michel Jacquinot**, ► **Edme Leguillon**, ► **Gilles Pierre** e **Claude Roussel**. ►

Nós 12, com João Batista de La Salle, confirmamos nosso desejo de unir-nos e permanecer em sociedade como Irmãos, para manter, juntos e por associação, as escolas gratuitas em qualquer lugar ao qual fôssemos enviados, mesmo que nos víssemos para isso obrigados a pedir esmola e viver apenas de pão. Entendemos que o projeto era possível a partir da obediência fiel aos superiores e ao corpo da sociedade, porque ultrapassava nossas perspectivas; era o próprio Deus que nos havia chamado, constituía-nos em representantes de Jesus Cristo para

as crianças. Também crescemos na convicção de entender-nos como associados entre si e, para isso, fiéis e estáveis num projeto que procurava que todos os homens alcançassem o conhecimento da verdade. Era o momento de expressar publicamente nossa profunda convicção pela **profissão perpétua, ▶** para toda a eternidade. Professamos diante dos noviços e demais Irmãos de Paris no dia da festa da Santíssima Trindade e continuamos fazendo-o por devoção a **cada ano. ▶**

Este primeiro Capítulo Geral de 1694 terminou com a **eleição do Superior da Sociedade. ▶** La Salle se empenhava em convencer-nos da necessidade de escolher um Irmão, mas, para sua surpresa, decidimos por unanimidade sufragar seu nome. Aceitou não sem antes fazer-nos assinar um compromisso de não admitir nenhum outro superior que não fosse associado com votos como os demais da Comunidade. Esse gesto nos ajudou a compreender que era importante assegurar a autonomia interna da Comunidade. Preparávamo-nos para novos tempos. Nossa associação havia sido nosso tesouro escondido. E podíamos apostar que sim. Ia ser indispensável para apoiar-nos mutuamente no futuro.

ASSOCIADOS PARA AS ESCOLAS CRISTÃS

RESUMO DO CAPÍTULO ▾

Em 1695, La Salle tinha 44 anos. Era um sacerdote respeitado, um verdadeiro homem de Deus que dedicava seu trabalho diário para partilhar com os Irmãos o ritmo da comunidade e o serviço educativo nas escolas de Paris. A casa de **Vaugirard** ▶ havia se convertido para ele num espaço ideal para ajustar as obras espirituais e pedagógicas que ajudariam a amadurecer a vida de nossa sociedade de Irmãos e o projeto das escolas cristãs. Nesse período redigiu o **Memorial sobre as origens**, ▶ as **Meditações para o Tempo de Retiro**, ▶ os **Exercícios de Piedade para as escolas** ▶ e as **Instruções e orações para a Santa Missa**. ▶ Com a ajuda dos mais experientes dentre nós, aprimorou o esboço do **Guia das Escolas Cristãs**, ▶ que, na forma de manuscrito, íamos pondo em prática e revisando periodicamente; era muito mais importante atender as necessidades de nossos alunos do que cumprir com um programa de ensino rígido.

Cada um dos Irmãos se sentiu associado aos demais, trabalhando num projeto comum; considerávamos a escola como nosso **espaço de**

salvação, ► onde seguíamos aprendendo juntos para melhorar a qualidade do ensino simultâneo ► a grupos de mais de 40 alunos. A ordem e o silêncio ► na aula, unidos à intensa atividade dos alunos, permitiam controlar os diversos grupos de leitura, escrita e cálculo, ajudados por monitores, sempre orientados por nós. ► Preparávamos o catecismo ► detalhadamente, fazendo perguntas e animando a fé de nossos alunos. Quando saíamos para a missa na igreja paroquial os protegíamos da violência das ruas. Sentíamos que tudo estava colaborando no progresso escolar de nossas crianças. O uso do francês ► em vez do latim acelerava a aquisição da leitura e da escrita. Cada momento da escola estava organizado. Não faltavam dificuldades, mas o contato diário com nossos alunos nos tinha ajudado a compreendê-los e amá-los na sua originalidade. La Salle nos lembrava da imagem do Bom Pastor, ► da necessidade de vigiar e corrigir bem a cada um, de sermos anjos da guarda deles. Enfim, íamos preparando um tipo de escola profundamente cristã, comprometida com o progresso escolar das crianças. Não fazíamos diferença entre sua formação humana e sua salvação cristã. ► Tudo contribuía para o projeto de Deus.

Esses anos de certa tranquilidade deram seus frutos. Novas vocações começaram a chegar às portas de nossa Comunidade. Chegaram jovens animados pelo trabalho das escolas, atraídos pela liderança de La Salle e pelo testemunho de fidelidade dos Irmãos. Em 1698, a casa de Vaugirard já resultava insuficiente, e nosso pai teve que procurar uma nova, próxima da paróquia de São Sulpício; ► assim encontrou uma denominada Casa Grande. ► Graças à Providência e ao esforço pessoal de La Salle conseguimos alugá-la para continuar com a formação dos aspirantes, com o encontro semanal dos Irmãos de Paris e com o retiro anual cada mês de setembro. O novo pároco de São Sulpício, Senhor de La Chétardie, ► já havia manifestado grande interesse pelas escolas e, graças a ele, algumas pessoas da nobreza forneceram recursos substanciais, ► não apenas para mobiliar a Casa Grande, mas também para sustentar novas escolas na paróquia. Além disso, as novas vocações permitiam atender mais escolas.

Em 1699, La Salle me havia nomeado inspetor das escolas em Paris; também ajudava na formação dos Jovens Irmãos que faziam sua prática nas salas de aula. Tudo isso me permitiu ver o progresso alcançado pelos alunos das novas escolas de São Plácido, dos Fossos do Príncipe e de Santo Hipólito.▶ Novamente, nessa data, os mestres calígrafos▶ voltaram a embargar os bens de uma das escolas, a de São Plácido, mas a denúncia diante do Coordenador▶ Diocesano de Educação atraiu a proteção de pessoas próximas ao Rei▶ e o assunto foi parcialmente encerrado. Lamentavelmente, pouco tempo depois, começamos a viver uma verdadeira perseguição.

A estima que La Salle tinha conquistado em Paris se tornou evidente, quando o próprio arcebispo Noailles▶ lhe encomendou a formação de 50 nobres irlandeses que haviam saído da Inglaterra com o Rei Jacques II▶ e estavam sob a proteção do nosso Rei Luís XIV.▶ Isso sucedeu sobretudo nos anos 1698 e 1699. Também o pároco La Chétardie havia animado La Salle a abrir uma escola dominical para atender a formação de jovens operários.▶ Na paróquia de Santo Hipólito, oferecia-se novamente a oportunidade de iniciar um seminário para mestres.▶ Pediam-se novas escolas em Chartres, Calais, Avinhão e Troyes.▶ Em 1703 contávamos com praticamente 12 comunidades ativas que atendiam ao todo 47 escolas. Cerca de quatro mil crianças recebiam educação cristã sob a tutela de La Salle como superior. Apesar disso, o trabalho escolar era pesado e a morte de alguns Irmãos jovens▶ dificultava a continuidade das obras. Mas em sua infinita misericórdia, Deus continuava chamando novos candidatos.

Nesse momento, La Salle finalmente havia reeditado ou elaborado definitivamente algumas obras escolares, não sem antes submetê-las à opinião dos Irmãos mais experimentados. O Silabário▶ em francês era de absoluta necessidade para ajudar-nos no ensino da leitura em nosso idioma; também eram fundamentais as Instruções e orações para a Santa Missa, as Instruções e Orações para a Confissão e Comunhão;▶ os Deveres do Cristão para com Deus,▶ no formato de perguntas e respostas que utilizávamos para preparar nossas aulas, assim como os Cânticos que se devem cantar para o catecismo;▶ as Regras de cortesia

e *urbanidade cristãs* ▶ e, sobretudo, o *Guia das Escolas Cristãs*. Todas as obras haviam sido submetidas à aprovação das autoridades para serem publicadas. ▶

João Batista de La Salle se devotava por nós. Não apenas mantinha *correspondência periódica* ▶ com cada um, mas visitava as comunidades, colaborava de maneira intensa na formação dos noviços, observava o desenvolvimento das escolas e mantinha uma relação nem sempre fácil com as autoridades eclesíásticas, sobretudo com os párocos que sustentavam economicamente as escolas. Além disso, dedicava tempo para estudar e buscar os melhores métodos de ensino. As experiências pedagógicas passadas de *Démia*,▶ *Jacques de Batencourt* ▶ e *Barré* ▶ lhe ofereciam certas luzes, mas as necessidades acadêmicas e espirituais das crianças exigiam mais. Por isso que nos convidava a partilhar nossa experiência para discernir as melhores estratégias, buscando que as escolas funcionassem sempre bem. Era uma autêntica e inovadora *associação para a missão*. ▶



CAPÍTULO 07

CONTRADIÇÕES NO CAMINHO

RESUMO DO CAPÍTULO ▾

A relativa tranquilidade que vivemos até 1701 deu lugar a uma década verdadeiramente conflitiva. Em 1702, João Batista de La Salle tomou a decisão de enviar a Roma dois Irmãos, Gabriel e Gérard Drolin, para que a presença deles como professores nas escolas do Papa manifestasse publicamente a fidelidade de nossa comunidade ao Sumo Pontífice e à Igreja de Roma. Gabriel permanecera em Roma, enquanto que Gérard regressara a França em menos de um ano. Nesse meio tempo, as novas vocações que haviam chegado ao Instituto permitiam atender aos convites que chegavam de alguns bispos fora de Paris. No entanto, duas ameaças pairavam sobre nós.

A primeira chegou de dentro da própria Igreja. O senhor de La Chétardie, incentivado por certos inimigos ocultos de La Salle, aproveitou as queixas de alguns Irmãos para intervir na Comunidade, nomeando um superior eclesiástico externo e destituindo La Salle. Este desentendimento nos articulou como um só homem ao redor da figura de nosso pai; tínhamos que salvar nossa associação para servir nas

escolas. Aqueles que apresentaram as queixas ficaram em evidência e tiveram que aceitar seu erro. O superior eclesiástico imposto pelo pároco desapareceu em pouco tempo. No final, embora La Salle permanecesse como superior da Comunidade, este evento continuou alimentando, em La Chétardie e em alguns eclesiásticos de Paris, uma maior rejeição em relação à pessoa do Fundador.

A segunda ameaça era previsível. Com efeito, os mestres calígrafos aproveitaram a indiferença e o afastamento do arcebispo para tentar o encerramento das escolas. Desta vez, incluíram na denúncia não somente o nome de La Salle, mas também o dos Irmãos que trabalhavam nas escolas de Paris; ao todo, fomos 18 os denunciados. ▶ As ameaças chegaram ao bairro de São Marcelo, onde os Irmãos Nicolas Vuyart ▶ e Gervais ▶ tentaram desligar-se de La Salle para não serem sentenciados, mas finalmente se separaram do Instituto; em pouco tempo, a escola e o seminário de mestres fracassaram.▶ Isso foi um duro golpe para La Salle. Especialmente por parte do Irmão Nicolas, que havia gozado da maior estima de nosso pai, além de possuir grandes habilidades pedagógicas. Tudo isso, somado à morte de quatro Irmãos em Chartres, por causa da peste, ▶ previa sérias dúvidas para o futuro das escolas.

Contudo, entre 1704 e 1710, La Salle começou a receber continuamente convites de alguns Bispos para atender escolas fora de Paris. Apesar das dificuldades vividas, a fama de nosso pai e das escolas cristãs se havia estendido no reino da França, inclusive bem além de suas fronteiras.▶ La Salle via a necessidade de negociar diretamente com os bispos do sul da França as condições para atender as escolas; eles, encantados por tê-lo consigo, manifestavam, sem reparos, confiança neste homem de Deus. Em sua humildade, La Salle não se deixava levar pelos elogios nem pelas amostras de apreço que recebia, muitas vezes, dos Bispos que haviam sido seus antigos companheiros ▶ no seminário de São Sulpício.

Assim, graças ao esforço de La Salle e à boa disposição dos Irmãos, abrimos escolas cristãs em Dijon em 1704, em Ruão e Marselha em 1705, em Mende em 1707, em Saint-Denis, Valréas e Grenoble em 1708, em Moulins em 1709, em Versalhes e Bolonha em 1710. ▶ Até o Irmão

Gabriel Drolin conseguiu, em 1709, dirigir uma escola do Papa em Roma, com uma presença discreta e exercendo sozinho uma certa diplomacia ante a **Cúria Romana.** ▶

Enquanto isso, as contradições nunca abandonavam a obra de Deus. A tensão vivida em Paris havia obrigado La Salle a buscar melhores condições de vida para sua pequena comunidade de formação, sempre ameaçada. Encontrou a ocasião em **Ruão,** ▶ graças ao convite que tinha recebido do senhor **Arcebispo Colbert.** ▶ Apesar das boas intenções, o **Conselho Administrativo do asilo** ▶ dessa cidade opunha uma forte resistência à presença dos Irmãos na escola; depois de algumas negociações os obrigou por algum tempo a exercer uma tarefa escolar e hospitalar que La Salle aceitou com paciência, até que os próprios Irmãos desfaleceram de cansaço pela forte pressão do trabalho. Contudo, em 1705, conseguiram alugar uma casa nos arredores do bairro de **São Severo em Ruão,** ▶ chamada de **Saint-Yon.** ▶ Ali o Instituto voltou a recuperar um espaço para a implantação do noviciado; além disso, os Irmãos iniciaram uma experiência educativa que marcara uma virada na história do Instituto: um lugar de criatividade pedagógica graças à organização de uma escola de caridade, um **primeiro internato** ▶ e, mais adiante, um **reformatório,** ▶ que se convertera na **Casa Mãe** ▶ para o Instituto nascente.

Outro momento difícil para todos ocorreu em fevereiro de 1706, quando o Parlamento de Paris proibia novamente La Salle e os Irmãos de possuírem escolas **sem a autorização do Coordenador** ▶ Diocesano de Educação, inclusive de continuar com os **seminários de mestres.** ▶ Essa situação transbordou nossa paciência e pedimos a La Salle para retirar-nos das escolas da paróquia de São Sulpício; assim, em 1º de julho de 1706, desaparecemos sem deixar rastro. Os mestres calígrafos se sentiram vitoriosos, mas **as famílias** ▶ das crianças, alarmadas por nossa ausência, transferiram a queixa ao senhor de La Chétardie. A este não lhe restou outro remédio que interceder para que voltássemos às aulas. No entanto, neste caso, La Salle solicitou novamente algumas garantias para que

podéssemos trabalhar em paz. Era importante contar com o apoio da autoridade para sustentar nossas escolas a serviço dos pobres.

La Salle cuidava para que em cada lugar os Irmãos contassem com o necessário para viver. A escola era gratuita, mas alguém devia assegurar o pão para a comunidade. Nesses **tempos de guerra,** ▶ a escassez apareceu de novo na França. Durante o período de 1709-1710, a quinta parte da população do reino morreu de fome ou por doença. Para fugir dessa situação, La Salle levou os noviços de volta a Paris; ali a comunidade contraiu a peste e foi atendida gratuitamente por alguns médicos amigos do famoso **Helvétius.** ▶ Tampouco cessavam os conflitos internos com alguns Irmãos, descontentes por terem que viver com tantas limitações. La Salle tentava até o extremo mantê-los em comunidade, mas o seu afeto paternal e seu acompanhamento espiritual nem sempre alcançavam bons resultados. Não obstante, de 24 noviços que houve durante esse período complicado, 16 perseveraram.

Deus, com sua graça, continuava abençoando dia a dia o trabalho das escolas. Sabíamos que seguir Jesus Cristo implicava **aceitar sua cruz.** ▶ Em meio às maiores dificuldades, encontrávamos o consolo da ajuda divina. Nosso pai La Salle não cessava de ajudar-nos a celebrar comunitariamente a presença de Deus entre nós; ele era o primeiro em dar-nos o exemplo, vivendo de forma radical e no espírito de fé e zelo pela salvação das crianças. Contudo, os inimigos da escola cristã preparavam outro conflito que tocara o coração de La Salle e fez cambalear em muitos de nós a convicção sobre a viabilidade da Sociedade das Escolas Cristãs em sua terceira década de existência.



CAPÍTULO 08

OS CAMINHOS DE DEUS

RESUMO DO CAPÍTULO ▼

A organização das comunidades e das **escolas no sul da França** ► significava para La Salle uma longa ausência de Paris. Para assegurar a atenção **às comunidades do norte do reino,** ► tinha designado **visitadores.** ► Enquanto isso, os Irmãos nos mantinham informados dos diversos acontecimentos, orávamos uns pelos outros e ajudávamos a sustentar a obra de Deus. A vida da escola era sempre exigente, e Deus seguia abençoando nossa comunidade com novas vocações.

Quando João Batista de La Salle regressou a Paris, em 1711, uma nova tormenta começava a se desenhar, de forma imprevista e violenta. Um jovem **abade** ► de sobrenome **Clément,** ► com ajuda de seu amigo **Louis Rogier,** ► há quatro anos insistia no sustento de um seminário para mestres em Saint-Denis, ao norte de Paris. Quando ainda era menor de idade, o abade tinha pedido a La Salle adiantar o dinheiro para comprar uma propriedade e levar adiante a obra. Nosso pai havia aceitado de boa vontade, não sem antes comprovar as boas intenções do jovem. No entanto, passados três anos, o pai do abade obteve **título de nobreza** ►

como cirurgião do Rei e, incentivado por uma soberba inusitada, começou a organizar um processo civil e criminal contra La Salle, acusando-o de subornar seu filho menor ▶ de modo fraudulento. Embora nosso pai se defendesse com uma alegação contendo uma descrição dos fatos e mais 13 das cartas do abade, o fundador foi sentenciado; todos o abandonaram, inclusive seus amigos de confiança. Ninguém queria comprometer seu nome frente a um nobre com poder. Os Irmãos de Paris ficaram consternados. Novamente os inimigos de La Salle ganharam terreno e suas ações repercutiram no ânimo da comunidade.

Esse fato marcou o início de um novo período muito espinhoso para La Salle. Depois de haver enfrentado tantos processos judiciais no passado, sentia agora que sua pessoa era prejudicial para os Irmãos e para as escolas. Esta convicção ia crescendo dentro dele de tal forma que optou por se ocultar, cortar a correspondência com os Irmãos e deixar os assuntos do Instituto nas mãos de alguns Irmãos de sua confiança. Encaminhou-se então novamente para o sul da França. Não era fácil viajar nesse tempo; voltava a enfrentar lugares de difícil acesso e temia pela violência de grupos rebeldes que criavam confusão na população. ▶ Sua longa travessia incluiu outra vez Moulins, Alès, Les Vans, Mende, Uzès e Marselha. ▶ Em cada localidade recebia mostras de apreço. Também resolvia diferenças e orientava os Irmãos em seus assuntos cotidianos.

Durante a viagem, La Salle recebeu as cartas do tribunal de justiça de Paris, enviadas pelo Irmão Barthélémy ▶ sem nenhum comentário. Esse fato o fez pensar que também os Irmãos de Paris haviam se convencido das acusações do pai do abade Clément. Isto reforçou nele a ideia de ficar o mais longe possível da capital.

Em 1712 chegou a Marselha, ▶ e, estando prestes a tomar um barco para dirigir-se a Roma e visitar seu querido Irmão Gabriel Drolin, ▶ o senhor bispo ▶ Belsunce o parou para lhe oferecer algumas escolas da cidade. La Salle aceitou o desafio. Ante seus olhos se levantava uma escola e um noviciado com tal ímpeto, que seu espírito começou a inquietar-se. Com efeito, desde janeiro de 1713, os amigos de Marselha lhe deram as costas e nenhuma obra chegou a funcionar. Além disso,

seus inimigos ocultos levantaram contra ele um escrito difamatório que faria fracassar inclusive o noviciado. Para a Quaresma de 1713, sente que Deus não lhe diz nada; é a sua **noite escura.** ▶ Além disso, um Irmão lhe manifesta que ele somente foi a Marselha para destruir. Entristecido, sai dali e se dirige a **Grenoble.** ▶

Nesse momento, eu exercia a função de diretor dessa comunidade. Vim-lo chegar muito abatido; tratamos de animá-lo e consolá-lo como nosso verdadeiro pai. Compreendemos que, a partir de Marselha, La Salle estava se confrontando com uma nova situação na Igreja da França: parte do Clero se manifestara contra a Bula Unigenitus que o **Papa Clemente XI** ▶ havia publicado para condenar 101 proposições do **livro de Quesnel.** ▶ Nosso pai tinha se oposto publicamente ao Jansenismo, que buscava separar os cristãos da Igreja de Roma. Por isso a perseguição a sua pessoa havia sido virulenta, tanto que conseguiu acabar com a quase totalidade da comunidade. Somente alguns Irmãos perseveraram.

Já estando conosco em Grenoble para a Quaresma de 1714, o seu amigo cônego **d`Yse de Saléon** ▶ o convidou a passar uma temporada de retiro num sítio na colina de **Parmênia,** ▶ não muito longe de nossa cidade. Ali foi surpreendido gratamente pela presença de uma pastorinha com fama de mística, que todos conhecíamos como **Irmã Louise.** ▶ Em suas conversações espirituais, La Salle lhe havia manifestado seu desejo de separar-se da comunidade; mas ela, a partir de sua simplicidade e profundidade de alma, lhe manifestou-lhe que essa não era a vontade de Deus, mas que seu caminho estava junto a seus Irmãos. Sua experiência em Parmênia lhe devolveu a paz que tanto buscava.

Posteriormente, La Salle enviou um de nossos Irmãos de Grenoble para lhe trazer informações sobre a situação em Paris. Para não prejudicar a escola com a ausência de um dos Irmãos, ele mesmo o substituiu na aula; assim, sua fama como homem de fé se fez sentir no **povoado.** ▶ Enquanto isso, as notícias da capital do reino não pareciam muito alentadoras. Com efeito, os **principais Irmãos** ▶ das comunidades de Paris, San Denis e **Versalhes,** ▶ haviam lhe enviado uma **carta,** ▶ com data de 1º de abril de 1714, na qual não apenas lhe pediam para

voltar, mas lhe exigiam, em nome do voto de obediência que havia feito ao Corpo da Sociedade, reassumir seu papel como Superior. Os Irmãos queriam acabar com as dúvidas que se aninhavam em seu coração: ele tinha todas as graças necessárias para conduzir a obra de Deus.

Depois de ter tomado três dias de retiro no **mosteiro da Grande Cartuxa** ▶ e de haver enviado aos Irmãos de Paris sua aceitação por escrito, empreendeu de novo seu caminho para o norte. Ali chegou finalmente em agosto de 1714, após visitar as comunidades no caminho; seguramente sabia que era a última vez que poderia ver os Irmãos distantes de Paris. Enquanto isso, na capital, seus inimigos haviam articulado toda uma estratégia para separar as comunidades dos Irmãos e até mudar a **Regra**. ▶ O Irmão Barthélémy, que exercia as funções de diretor de Paris, pouco prevenido das intenções ocultas de alguns eclesiásticos, aceitava um tanto ingenuamente as mudanças. No entanto, as estratégias dos inimigos de La Salle não apenas fracassaram, mas elas inclusive morreram antes da chegada de nosso pai a **Paris**. ▶ Nesse momento, o Instituto contava com a proteção de superiores eclesiásticos locais favoráveis ao projeto de La Salle, respeitosos de seu legado, desejosos de apoiar a obra iniciada por este santo de Deus, dispostos a servir até o final pelo bem das **escolas**. ▶ Era o momento certo para colocar nas mãos dos Irmãos o futuro do Instituto. A associação para o serviço educativo dos pobres havia sobrevivido à tempestade.

O FUTURO DO INSTITUTO ESTÁ EM NOSSAS MÃOS

RESUMO DO CAPÍTULO ▾

Quando João Batista de La Salle regressou a Paris, em 1714, estava com 63 anos de idade. Haviam sido longos anos de trabalho, esforço, lutas. Em **Grenoble** ► nosso pai havia tido uma nova recaída por reumatismo. Mas também haviam sido longos anos de frutos visíveis: uma comunidade com nome, itinerário, hábito, identidade laical, votos, apostolado educativo e estrutura de animação. Vinte e duas comunidades e cerca de cem **Irmãos**; ► não era pouco. Embora nem todos os Irmãos perseverassem, o exemplo de muitos bastava para atrair novas vocações. Alguns morriam com tal convicção que brilhavam como **estrelas no céu lassalista**. ►

Sua chegada a Paris contagiou de alegria e esperança os Irmãos. Pouco a pouco foi nos acostumando a tomar decisões, não dependendo dele para atender as necessidades mais urgentes das comunidades e da missão. Continuou burilando algumas obras espirituais para os Irmãos, como o livro das **Meditações**. ► Com o **Irmão Barthélémy**, ► organizou as comunidades para reiniciar as aulas em outubro de 1715. A **mim** ► em particular, me enviou a Paris como diretor.

No dia 1º de setembro de 1715, nos surpreendeu a morte do rei **Luís XIV.** ► Foi sob sua autoridade que a sociedade e a Igreja francesas haviam visto o nascimento e desenvolvimento da comunidade dos Irmãos das Escolas Cristãs. Durante seu reinado, um mundo de cultura e ciência, veiculada através do latim havia se desenvolvido à margem de outra cultura, popular, analfabeta e **contestatória.** ► A sociedade francesa começava a mudar fortemente diante de nós. Como o havia manifestado em seu testamento, La Salle nos advertia que vinham tempos complicados, que requeriam discernimento, união e fidelidade.

Nossa presença nas escolas havia nos ajudado a estar mais próximos dos filhos dos artesãos e dos pobres. A defesa da gratuidade para todos, sem exceção, havia nos tornado muito mais sensíveis às necessidades das crianças e dos jovens; por isso havíamos sido levados a tribunais. Com La Salle havíamos aprendido que nenhuma pessoa, por nenhum motivo, deveria ficar sem escola, porque Deus quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da **verdade.** ►

No final de seus dias, La Salle não poupou nenhum esforço para seguir formando os **Irmãos.** ► Tomou para si a responsabilidade de guiar os noviços através de exortações, de uma profunda vivência da oração, desde a convivência diária e sobretudo com seu exemplo. Assim que as águas em Paris se acalmaram, enviou o Irmão Barthélémy com os noviços à casa de Saint-Yon em Ruão, e ele mesmo se mudou para lá. Isso aconteceu no início de 1716.

Como já foi assinalado anteriormente, a casa de **Saint-Yon** ► se converteu então num novo centro de criatividade pedagógica. À escola e ao internato que já funcionavam ali acrescentou-se um centro de reclusos, que La Salle aceitou abrir graças à experiência educativa dos Irmãos. Nele se praticava uma pedagogia afetuosa, diferenciada e participativa que ganhava o coração dos reclusos e promovia sua conversão. Evidentemente, nem tudo era cor de rosa em Ruão. O arcebispo e alguns eclesiásticos manifestaram desagравos à pessoa de La Salle até o final de sua **vida.** ► Outros, como o cônego **Jean-Baptiste Blain,** ► lhe demonstraram uma profunda amizade e apoiaram os Irmãos em sua vocação e ministério.

Uma vez estabelecida certa calma no Instituto, La Salle desenvolveu uma estratégia para convocar um novo Capítulo Geral. Seria o segundo do Instituto, depois do de 1694. Para organizá-lo, **enviou o Irmão Barthélémy** ▶ como seu emissário a todas as **comunidades**,▶ solicitando a aprovação dos Irmãos. Assim, convocou os 16 diretores de comunidade, eu um deles, para o dia 16 de maio de 1717, festa de Pentecostes. Neste Capítulo examinamos as **Regras**, ▶ o **Regulamento cotidiano** ▶ das comunidades, a **Regra do Irmão Diretor** ▶ e o **Guia das Escolas Cristãs**.▶ Pedimos a La Salle que ele nos ajudasse com sua perícia a redigir modificações que havíamos decidido por consenso. Assim, em pouco tempo pudemos contar com estes documentos manuscritos para todas as comunidades.

Neste Capítulo Geral de 1717, elegemos o Irmão Barthélémy como nosso **primeiro Superior Geral do Instituto**.▶ E o **Irmão Joseph**,▶ diretor da comunidade de Reims, e a mim, diretor da comunidade de Paris, fomos eleitos **Assistentes do Superior Geral**, ▶ especialmente para atender assuntos administrativos relacionados às comunidades e às escolas. Finalmente, no dia 23 de maio de 1717, na festa da Santíssima Trindade, renovamos nossos votos de associação, estabilidade e obediência aos Superiores e ao Corpo da Sociedade.

A partir desse momento, o futuro do Instituto estava em nossas mãos. La Salle havia sido nosso fundador e pai. Com ele havíamos aprendido a olhar tudo com os olhos da fé, a fazer tudo com o olhar posto em Deus. Havíamos aprendido a reconhecer a presença de Deus em nossas vidas, nos bons e maus momentos. Junto a ele havíamos discernido a maneira de levar adiante as escolas a serviço sobretudo dos filhos dos artesãos e dos pobres, a amá-los desde suas limitações e a ajudá-los a crescer nas ferramentas do saber e da ciência, da fé e da vida. Agora tocava a nós continuar esta obra. As crises que tínhamos vivido, haviam nos ajudado a entender que somente podíamos seguir adiante se crescíamos por dentro, reforçando nossa associação como Irmãos uns dos outros, unidos com amor fraterno. La Salle nos recordava muitas vezes que o espírito do Instituto era o espírito de fé que se traduz

no zelo pela salvação dos demais. Uma vida plena de amor seria a chave vocacional. Estávamos chamados a ser testemunhas de Jesus Cristo na escola. Assim, convencidos do valor de nossa vida, assumimos que o Instituto apenas começava a crescer e que era um dom para a Igreja e para a sociedade. A aventura apenas começava.

Espero que este relato seja também para você uma forma de celebrar a passagem de Deus na vida de La Salle, em nossa vida como Irmãos e na vida de todos aqueles que viveram e vivem a escola cristã como um espaço de salvação e de amor.

Viva Jesus em nossos corações!

Ir. Jean Jacquot

Paris, maio de 1719.

CONTEÚDOS COMPLEMENTARES



MEDITAÇÕES

DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA

No dia 9 de junho de 1686, La Salle e um pequeno grupo de Irmãos realizaram pela primeira vez o voto de obediência. Já eram uma Comunidade com um nome, um hábito, um regulamento e um projeto em comum. Associados entre si, partiram em peregrinação até o santuário de Nossa Senhora da Alegria de Lièsse, situado a uns 40 quilômetros de Reims, para oferecer sua consagração à Mãe de Deus. Depois de oito horas de caminhada, durante à noite, chegaram à igreja. O Fundador celebrou a Eucaristia, consagrou o nascente Instituto à Mãe de Deus e solicitou sua proteção. Essa peregrinação se tornou costumeira para La Salle, e, todos os anos, quando realizava a visita às escolas, acudia devocionalmente ao santuário.

A Virgem Maria tem sido honrada e venerada desde os começos do cristianismo. No século XVII, o movimento mariano se consolidou na França. A corte fomentou este apego e em 1638 Luís XIII consagrou o



Nossa Senhora da Alegria de Liège. Esta estátua da Virgem foi esculpida em meados do século XIX, baseada na estátua original, que foi destruída durante a Revolução Francesa. Foto: Vassil. 2008. Arquivo pessoal.

reino à Maria. Nos começos do século XVIII esta devoção cresceu tanto entre a gente simples como entre a privilegiada.

La Salle foi fiel reflexo da espiritualidade mariana que se vivia na época. E suas Meditações recomendou professar a devoção à Santíssima Virgem e transmiti-la às crianças e aos jovens.

Que felicidade a vossa de terdes como finalidade ensinar a religião às crianças e de explicar-lhes diariamente o catecismo! Um dos melhores meios de que podeis servir-vos para desempenhar com fruto vosso emprego é cultivar pessoalmente particular devoção à Santíssima Virgem e infundi-la no coração daqueles que vos estão confiados.

Rezais diariamente o rosário e fazeis que vossos alunos o rezem? Com que devoção o rezais e o fazeis rezar? Rezais essa oração como um tributo que, em nosso Instituto, se oferece à Santíssima Virgem e como meio poderoso para atrair seu auxílio e proteção sobre ele e sobre vosso emprego?

Meditações para as principais festas do ano. Sobre São Domingos (MF 150, 3, 2). Obras completas de São João Batista de La Salle. Canoas (2012): Editora Unilasalle. Vol. II-B.

La Salle sempre inculcou nos Irmãos uma terna veneração à Mãe de Deus, explicando-lhes os motivos e sua importância. Eles a têm manifestado até os dias atuais através de diferentes invocações.

Med. 151

Para a festa de Nossa Senhora das Neves (5 de agosto)

Da devoção à Santíssima Virgem

A festa que a Igreja celebra hoje deve sua origem à devoção especialíssima de um nobre romano e de sua esposa à Santíssima Virgem. Como não tivessem filhos, consagraram todos os bens a Maria, pedindo-lhe, instantemente, lhes fizesse saber em que desejava fossem empregados.

Ela os atendeu com um milagre deveras assombroso e extraordinário: No dia 5 de agosto, tempo em que os calores são extremos em Roma, um ponto da cidade estava coberto de neve. Souberam, assim, que a Santíssima Virgem desejava que, naquele lugar, se edificasse uma igreja em sua honra.

Isso fez o Papa deslocar-se para lá em procissão com todo o povo e assinalar o lugar da igreja, que foi, a seguir, erguida às custas daquela família nobre e generosa.

A grande devoção dessas duas ilustres pessoas, a gratidão da Santíssima Virgem para com elas e a plena confiança que devemos depositar em Maria, tudo isso deve levar-nos a meditar hoje sobre esse fato^a.

MF 151,1,1

1º Ponto:

Nós não estamos em condições de oferecer à Santíssima Virgem bens materiais, porque renunciamos ao mundo e tudo deixamos para consagrar-nos ao serviço de Deus¹.

Tudo quanto ela pede de nós e a razão pela qual parece que a Igreja instituiu a festa que hoje celebra em honra desta santa Mãe de Deus, é mover-nos a ter devoção especialíssima a Maria e a inspirá-la àqueles de cuja direção Deus nos encarregou.

Isso deve levar-nos a refletir sobre a insigne graça que Maria concedeu, neste dia, a essas duas pessoas zelosas em honrá-la; tão grande, a ponto de desejar que, em toda a Igreja, elas fossem lembradas, bem como sua devoção nesse lugar; e que aquilo que elas fizeram para honrá-la, e o que ela fez em favor delas fosse publicado a todos os fiéis até o fim dos séculos.

MF 151,1,2

Fiquemos persuadidos de que tudo o que fizermos para honrar a Santíssima Virgem e para que ela seja honrada será muito abundantemente recompensado por Deus por meio dela. Reconheçamo-la sempre como nossa boa mãe, porque Jesus Cristo, na pessoa de São João, deu-a por mãe a todos os que haveriam de ser seus devotos, quando, no momento de morrer, disse: “Filho, eis a tua mãe”².

MF 151,2,1

2º Ponto:

O que especialmente deve estimular-nos a cultivar grande devoção à Santíssima Virgem é o fato de Maria ser muito honrada pelo Eterno Pai. Este conferiu-lhe dignidade acima de todas as simples criaturas, porque ela trouxe em seu ventre aquele que é igual ao Pai e com Ele participa da mesma natureza.

Maria está acima das criaturas todas pela abundância de suas graças. Abundância semelhante só foi concedida a ela. Ela está acima de tudo ainda pela pureza de vida, por ninguém igualada. Por isso, diz Santo Anselmo, era muito justo que resplandecesse grandemente e estivesse muito acima de toda criatura aquela que só a Deus tinha acima de si.

Não significa, de fato, estar incomparavelmente acima de qualquer criatura o ter-se ela tornado templo do Deus vivo quando concebeu o Filho de Deus? Por essa razão aplicam-se lhe as palavras do salmo 132: “Deus escolheu-a para sua morada”³. E estas outras do salmo 65: “Vosso templo é santo”⁴.

O abade Ruperto vai mais longe, afirmando que, desde o momento em que o Espírito Santo baixou sobre a Santíssima Virgem para fazê-la conceber o Filho de Deus, ela se tornou toda bela com beleza divina. Isso faz São Bernardo dizer que devemos honrar a Santíssima Virgem com devoção muito terna, porque Deus nela depositou a plenitude de todo o bem, encerrando em seu ventre o Verbo de Deus.

MF 151,2,2

Porém, o que mais especialmente deve mover-nos a essa devoção são as grandes vantagens que dela tiraremos. Cultivemos – diz o mesmo santo – grande veneração e terna devoção à Santíssima Virgem, pois é por sua mediação que recebemos as graças que Deus nos deseja conceder.

Em outra passagem, entrando em detalhes sobre todos esses bens, expõe assim seu pensamento: “O Espírito Santo distribui todas as suas dádivas, todas as suas graças e virtudes a quem quer, quando lhe apraz, como e em que medida lhe parece bom, pelo ministério da Santíssima Virgem”.

Para avivar nossa confiança em Maria, Santo Anselmo acrescenta: “Mesmo quando alguém, ao invocá-la, não merecesse ser ouvido, os méritos desta santa Mãe de Deus

bastariam para lhe conseguir, da bondade divina, a graça desejada”.

Tenhamos, portanto, confiança, como diz ainda São Bernardo, de que, se tivermos verdadeira devoção à Santíssima Virgem, nada nos faltará do necessário para a salvação.

MF 151,3,1

3º Ponto:

Seria de pouco proveito estarmos convencidos da obrigação de termos devoção particular à Santíssima Virgem, se não soubéssemos em que consiste essa devoção, se não a tivéssemos efetivamente, e mesmo se não a manifestássemos oportunamente.

Já que ela está acima de toda criatura, devemos ter-lhe devoção maior do que a qualquer outro santo, seja qual for. Mostramos nossa devoção aos santos em determinados dias e tempos do ano, mas a que devemos ter à Santíssima Virgem há de ser contínua.

MF 151,3,2

Por isso, é de Regra em nossa Congregação:

1. *Não passar nenhum dia sem rezar o terço e rezá-lo sempre ao andar pelas ruas.*

2. *Celebrar todas as suas festas com grande solenidade.*

3. *Descobrir-nos e inclinar-nos cada vez que é pronunciado seu nome ou que passamos diante de sua imagem.*

4. *Considerar Maria como a padroeira principal de nossa Sociedade, colocando-nos diariamente sob sua proteção, de manhã e à noite, no fim da meditação e de todos os exercícios; invocando-a, colocando nela toda a nossa confiança depois de Deus.*

5. *Em nossas mais prementes necessidades, invocá-la como nossa primeira advogada junto de Deus, depois de Jesus Cristo.*

MF 151,3,3

Somos fiéis a todas essas práticas de devoção à Santíssima Virgem? Como é que as cumprimos? Fazemo-las sempre com as motivações acima propostas? Não faltemos neste ponto, se quisermos alcançar, pelos méritos da Santíssima Virgem, grande abundância de graças.

Meditações para as principais festas do ano. Para a festa de Nossa Senhora das Neves (MF 151). Obras completas de São João Batista de La Salle. Canoas (2012): Editora Unilasalle. Vol. II-B.

^aEssa introdução traz os fatos assim como apresentados no Breviário Romano.

¹Mt 19,27. – 2Jo 19,27. – 3Sl 132(131),13. – 4Sl 65(64),5. No original está, equivocadamente: do mesmo salmo (132).

 RETORNAR CAPÍTULO 01

 RETORNAR AO SUMÁRIO

DEVOÇÃO A SÃO JOSÉ

A devoção de La Salle a São José pode ter sua origem no costume de ler com sua avó Petra Lespangol a vida dos santos. O Fundador o admirava como exemplo de docilidade diante do procedimento da Providência, por sua obediência a Deus e por seu amor a Jesus e a Maria.

Sua veneração a São José se manifestou, quando o tomou como patrono do Instituto, solenizou sua festa e introduziu a recitação diária de suas ladainhas. Manteve essa devoção até o final de seus dias; poucas semanas antes de morrer, e, apesar de sua enfermidade, se levantou para celebrar a missa no dia de São José.

No século XVII se venerou a figura de «José educador», o pai que se encarregou da educação de Jesus. A piedade dos Irmãos para com São José permanece vinculada a ela.

A meditação 110 sintetiza o pensamento de La Salle sobre São José, e o propôs como exemplo a seguir pelos Irmãos em seu trabalho com seus jovens discípulos.



São José levando o Menino Jesus. Giovanni Marchiori, aluno de Bernini. Princípios do século XVII. Capela de São Sulpício. La Salle costumava celebrar a santa Missa nesta capela. Foto: Irmão Diego Muñoz. 2017. Arquivo pessoal.

Med. 110**Para o dia da festa de São José (19 de março)**

MF 110,1,1

1º Ponto:

Encarregado por Deus do cuidado e da direção exterior de Jesus Cristo, era importante que São José tivesse as qualidades e as virtudes necessárias para desempenhar dignamente ministério tão santo e tão elevado.

Dessas, o Evangelho nos cita três que muito lhe convinham no cargo que lhe foi confiado: era justo, era muito submisso às ordens de Deus¹ e tinha cuidado especialíssimo com tudo quanto se referia à educação e a subsistência de Jesus Cristo².

A primeira qualidade atribuída pelo Evangelho a São José é que era justo. Também era essa a principal de que precisava, para poder dirigir a Jesus Cristo, que é Deus e a própria santidade.

Por isso, não teria sido conveniente que o encarregado de sua direção não fosse santo e justo diante de Deus. Era mesmo plenamente conveniente que, após a Santíssima Virgem, São José fosse um dos mais santos a viverem então no mundo, para que tivesse alguma semelhança com Jesus Cristo, que havia sido confiado a seus cuidados.

MF 110,1,2

Diz ainda o Evangelho que São José era justo diante de Deus, isto é, totalmente santo. Temos até razão de crer que ele, por um privilégio particular, esteve inteiramente isento de pecado.

Vós, como São José, estais encarregados de emprego santo, muito relacionado com o dele. Tal emprego exige também de vós piedade e virtude fora do comum. Tomai, pois, a São José, vosso padroeiro, por modelo, e esforçai-vos por brilhar na virtude, a exemplo deste grande santo, para que sejais dignos de vosso ministério.

MF 110,2,1

2º Ponto:

A segunda virtude que o Evangelho nos faz notar em São José é santa e inteira submissão às ordens de Deus. Deus avisou-o por um anjo que permanecesse com a Santa Virgem, quando estava em dúvida sobre deixá-la ou não, e imediatamente desistiu de pensar nisso.

Depois do nascimento do Menino Jesus, Deus fez alertar a São José, durante a noite, para que o levasse ao Egito, a fim de salvá-lo da perseguição de Herodes e, sem tardar, levantou-se e partiu, a fim de o levar para lá com a Santa Virgem, mãe de Jesus³.

Após a morte de Herodes, Deus mandou dizer-lhe que voltasse à Judeia, e ele voltou, imediatamente⁴.

Ah! quão admirável é essa obediência pronta e simples desse grande santo! Ele não hesita um instante em executar o que Deus deseja dele.

MF 110,2,2

Tendes o cumprimento da vontade de Deus tanto a peito quanto este santo? Se quiserdes que Deus vos conceda muitas graças, tanto para vós, como para a educação cristã das crianças das quais tendes o cuidado e a direção, deveis imitar este santo no amor e na fidelidade à obediência. Essa é, de todas as virtudes, a que mais convém ao vosso estado e vosso emprego, e que mais graças vos alcançará.

MF 110,3,1

3º Ponto:

O Evangelho faz-nos admirar, além disso, o cuidado de São José pelo Menino Jesus, cuidado evidente na prontidão que teve em levá-lo ao Egito⁵, a partir da informação que lhe foi dada da parte de Deus; na precaução com que agiu ao voltar de lá, não se dirigindo

à Judeia, porque temia a Arquelau, que ali reinava em lugar de seu pai⁶; e na dor que sentiu por haver perdido o menino na volta de Jerusalém, como a Santíssima Virgem o dá a entender por estas palavras: Teu pai e eu te procurávamos muito preocupados com grande aflição⁷. Duas coisas eram o fundamento da grande solicitude de São José para com Jesus, a saber: a incumbência recebida para isso da parte do Eterno Pai e o terno amor que devotava a Jesus.

MF 110,3,2

Deveis ter tanta atenção e zelo para conservar a inocência das crianças que conduzis ou para fazer-lhes munir-se dela, e para afastar delas tudo o que pode prejudicar sua educação e impedir que sejam piedosas, como os que São José tinha com relação a tudo o que podia contribuir para o bem do Menino Jesus. Isso porque estais encarregados das crianças, da parte de Deus, assim como São José o estava do Salvador do mundo.

Esse também deve ser o primeiro cuidado que deveis ter em vosso emprego, se desejais imitar São José, que não tinha nada tão a peito como prover às necessidades do Menino Jesus.

Meditações para as principais festas do ano. Sobre São José (MF 110). Obras completas de São João Batista de La Salle. Canoas (2012): Editora Unilasalle, pág. 244-246.

¹Mt 1,19. – ²Cf. Mt 1,20-24. – ³Mt 2,13-14. – ⁴Mt 2,19-21. – ⁵Mt 2,14. – ⁶Mt 2,22. – ⁷Lc 2,48.

JESUS CRISTO NA ESCOLA

Na sala de aula de uma Escola Cristã, a presença de Jesus Cristo tinha que ser contínua. Jesus tinha que viver em cada um dos presentes: «Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim. Minha vida atual na carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim» (Gl 2, 20).



Altar e nave central da catedral de Ruão. Século XIII, estilo gótico. Foto: Diego Muñoz, FSC. 2017. Arquivo pessoal.

Na Meditação 22, «Para o Domingo de Ramos», La Salle ressalta esta presença:

MD 22,2,1

2º Ponto:

Para que Jesus reine em vossa alma, deveis, sob suas ordens, lutar nela contra os inimigos de vossa salvação, que são também os dele. Porque, como Ele pretende estabelecer em vós sua paz, a qual, conforme São Paulo, deve ser vitoriosa em vossos corações⁴, é

necessário, que Ele vença, e vós vençais com Ele e, com seu auxílio, tudo quanto pudesse ser obstáculo a esta paz, como são vossas paixões e más inclinações, e que destruais em vós o “homem de pecado”, que vos dominou no passado, a fim de vos libertardes da servidão vergonhosa a que o pecado vos submeteu⁵.

MD 22,2,2

Preparai-vos, hoje, para receber a Cristo em toda a plenitude, entregando-vos sem reserva a seu governo. E deixando que Ele reine sobre todos os vossos impulsos interiores de modo tão absoluto de sua parte e com tal dependência da vossa, que possais afirmar que efetivamente já não sois vós que viveis, mas que é Jesus Cristo que vive em vós⁶.

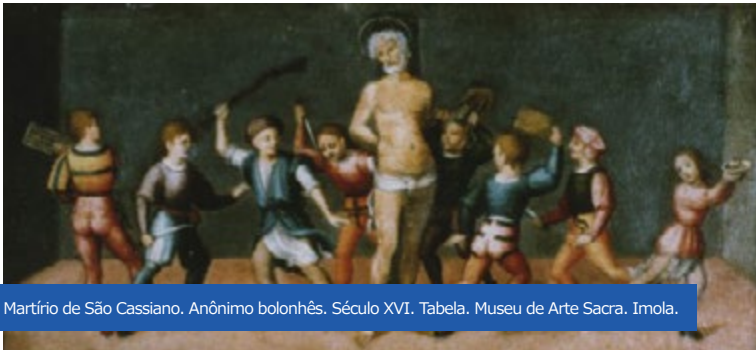
Meditações para todos os domingos do ano. Para o Domingo de Ramos (Mt 21, 1-9). Sobre a realeza de Jesus Cristo (MD 22, 2). Obras completas de São João Batista de La Salle. Canoas (2012): Editora Unilasalle.

⁴Cl 3,15. – ⁵Rm 6,6. – ⁶Ga 2,20.

VOCAÇÃO DO MESTRE CRISTÃO

Desde os começos do Instituto, os Irmãos sofreram perseguições, algumas vezes externas, por parte dos mestres das escolas menores e dos calígrafos, outras internas provindas dos representantes da Igreja, e naturalmente por parte de algum que outro aluno mal-intencionado ou pais intratáveis. Tampouco faltaram a incompreensão, a resistência às mudanças e os contextos sócio-políticos adversos, que dificultaram o nobre trabalho de educar a partir da espiritualidade cristã.

Somente a verdadeira vocação de mestres cristãos lhes permitiu assumir a cruz de Jesus Cristo na escola e encontrar um sentido para sua vida: «Nos fatigamos trabalhando com nossas mãos. Se somos injuriados, abençoamos; se somos perseguidos, o suportamos» (1Cor 4, 12).



Martírio de São Cassiano. Anônimo bolonhês. Século XVI. Tabela. Museu de Arte Sacra. Imola.

Med. 155

Para a festa de São Cassiano, bispo e mártir (13 de agosto)
Não consta no novo calendário

MF 155,1,1

1º Ponto:

Impossível exaltar sufi cientemente o zelo manifestado por São Cassiano quando o imperador Juliano, o Apóstata, ordenou que

nenhum católico poderia ensinar a juventude. Cassiano, porém, julgou que não podia exercer emprego mais útil à Igreja e mais capaz de sustentar a religião cristã, do que o de professor.

Aplicou-se com todo o cuidado possível a instruir as crianças. E, ensinando-lhes a ler e a escrever, formava-as na piedade e as educava no temor de Deus.

MF 155,1,2

Enquanto o imperador tentava destruir a religião, suprimindo as escolas, este santo, pelo contrário, procurava consolidá-la pela instrução e a educação da juventude. Oh! Quantas vezes acontece que as profissões menos apreciadas pelos homens produzem muito mais fruto que as mais brilhantes!

Considerai o vosso emprego como um dos mais importantes e mais excelentes na Igreja, porque é um dos mais aptos para sustentá-la, dando-lhe um fundamento sólido.

MF 155,2,1

2º Ponto:

Admirável foi a paciência de São Cassiano. Denunciado, ante o juiz, de ser cristão, é encontrado em sua escola ensinando os mistérios da fé às crianças. Pressionado a declarar sua religião, ele confessa que é cristão, o que seu ensino dava a conhecer suficientemente.

Sem mais, é julgado, é condenado e a sentença executada.

Cassiano é entregue às mãos de seus alunos. Com estiletos de ferro, que utilizavam para escrever, estes o martirizam até a morte. Este suplício era tanto mais cruel, quanto menos força tinham as crianças para golpeá-lo.

Que paciência não deve ter tido este santo, para sofrer tanto tempo e com tanta firmeza, e isso, da parte daqueles por quem tanto se havia sacrificado!

MF 155,2,2

Tomais São Cassiano por padroeiro^a e lhe sois sucessores no

emprego: sois também seus imitadores na paciência? Quantas vezes vos deixais arrebatar pelo primeiro impulso, seja batendo – o que está proibido pela Regra e é contra a boa ordem – seja, talvez, castigando irrefletida ou inoportunamente? Não podeis instruir melhor vossos alunos do que os edificando e reprimindo todo movimento de raiva de vossa parte.

MF 155,3,1

3º Ponto:

O martírio padecido por São Cassiano é a única recompensa que ele recebe de seus alunos pelo cuidado que deles teve. Julga-se feliz porque aqueles que procurou gerar para Jesus Cristo lhe causam a morte¹. E, vendo-se prestes a morrer sob os golpes deles, deseja que seu sangue, respingando sobre eles, dê vida às suas almas.

MF 155,3,2

Toda gratidão que se deve esperar em paga da instrução das crianças, principalmente dos pobres, são injúrias, ultrajes, calúnias, perseguições e mesmo a morte². Esta é a recompensa dos santos e dos homens apostólicos, assim como foi a de Jesus Cristo Nosso Senhor. Não espereis qualquer outra se, no ministério que Deus vos confiou, tendes a Deus em vista.

Isso deve mesmo entusiasmar-vos a vos dedicar a ele com mais ardor. E será o meio de produzir nele mais fruto, pois, quanto mais fiéis fordes a Deus nas ocasiões de sofrer, tanto mais graças e bênçãos Ele derramará sobre o exercício de vosso ministério.

Edições para as principais festas do ano. Para a festa de São Cassiano (MF 155). Obras completas de São João Batista de La Salle. Canoas (2012): Editora Unilasalle. Vol. II-B, 330-331.

^aSão Cassiano era padroeiro dos mestres-escolas e dos mestres calígrafos.

¹1Cor 4,15. – 21Cor 4,11-13.



RETORNAR CAPÍTULO 04



RETORNAR AO SUMÁRIO

BOM PASTOR

Os mestres das Escolas Cristãs tinham que ser como o Bom Pastor: conhecer a cada uma das crianças a eles confiadas para proceder de forma adequada na sua educação. É o que hoje chamamos pedagogia diferenciada e atenção individualizada.



O Bom Pastor. Filipe de Champaigne. Século XVII. Óleo sobre tela. 65cm x 58cm. Museu das Ursulinas. Mâcon.

Med. 33

Para o 2º domingo da Páscoa (Jo 10, 11-16)

Do modo como os mestres devem portar-se com seus alunos

MD 33,1,1

1º Ponto:

No Evangelho de hoje, Jesus Cristo compara aqueles que têm direção de almas a um bom pastor que tem grande solicitude por

suas ovelhas¹. Segundo o Salvador, uma das qualidades que o bom pastor deve possuir é conhecer todas as ovelhas distintamente. Esse também deve ser um dos cuidados primordiais dos que se dedicam à educação dos outros: conhecê-los e discernir o modo de tratar com eles. Com efeito, com algum é preciso usar de mais bondade; com outro, de mais firmeza. Este exige muita paciência, enquanto aquele necessita ser incentivado e animado. Fulanos precisam ser repreendidos e castigados para que se corrijam dos defeitos, ao passo que sicranos necessitam ser constantemente vigiados, para impedir que se desviem ou percam.

MD 33,1,2

Essa forma de proceder depende do conhecimento e do discernimento dos espíritos. Deveis pedi-lo a Deus muitas vezes e com insistência, como uma das qualidades mais necessárias para dirigir aqueles de que estais encarregado.

MD 33,2,1

2º Ponto:

Jesus diz também que, para o poderem seguir, é necessário que as ovelhas conheçam seu pastor².

Duas coisas são necessárias aos que dirigem almas, e devem, mesmo, sobressair neles.

Primeiro, muita virtude para servir de modelo aos outros: se o próprio pastor não andasse no bom caminho, as pessoas, ao segui-lo, só poderiam extraviar-se. Segundo, é preciso perceber nele grande ternura pelas almas que lhe são confiadas. Deve ser muito sensível ao que pudesse chocar ou pisar as ovelhas. Isso é o que as leva a amarem seu pastor e a gostarem de estar em sua companhia, porque com ele encontram tranquilidade e conforto.

MD 33,2,2

Quereis que vossos alunos pratiquem o bem? Praticai-o vós mesmos. Convencê-los-eis muito melhor pelo exemplo de vosso

comportamento judicioso e moderado, do que com todas as palavras que lhes pudésseis dizer. Quereis que observem o silêncio? Observai-o vós mesmos. Só na medida em que vós fordes modestos e recolhidos, conseguireis que vossos alunos também o sejam.

MD 33,3,1

3º Ponto:

Outro dever das ovelhas de Jesus Cristo é escutar a voz de seu pastor³. Tendes, portanto, o compromisso de instruir as crianças que vos foram confiadas. É obrigação de todos os dias. Os alunos devem escutar vossa voz, porque é tarefa vossa instruí-los de acordo com a capacidade deles. Do contrário, vossas instruções lhes seriam de pouco proveito.

Por essa razão, deveis aplicar-vos a isso e formar-vos bem para que as perguntas e respostas, na aula de catecismo, sejam bem compreensíveis. Deveis explicá-las com clareza e servir-vos de vocabulário fácil para eles.

Nas exortações², deveis, com simplicidade, chamar a atenção de vossos alunos sobre seus defeitos e indicar-lhes os meios para se corrigirem deles. Deveis instruí-los nas virtudes próprias de sua idade e facilitar-lhes a prática delas. Deveis inspirar-lhes grandíssimo horror ao pecado e afastamento das más companhias. Numa palavra, falar-lhes de tudo o que possa levá-los à piedade. Assim é que os discípulos devem ouvir a voz de seu mestre.

Meditações para todos os domingos do ano. Para o 2º domingo da Páscoa (MF 33). Obras completas de São João Batista de La Salle. Canoas: Editora Unilasalle. Vol. II-B.

¹Jô 10,14. – ²Jô 10,14. – ³Jô 10,16.

²O Dicionário de Trévoux conceitua a exortação como “uma prêdica, mais familiar que a feita no púlpito, e que estimula à prática das virtudes cristãs, aos atos de piedade”. É o que o educador Lassalista faz eminentemente na “reflexão” com a qual inicia as atividades escolares diárias com seus alunos (Cf. EP 2,7 e 2,8).



RETORNAR CAPÍTULO 06



RETORNAR AO SUMÁRIO

JESUS CRISTO COMO CENTRO DA VIDA

O cristocentrismo era um elemento importante na espiritualidade Lassalista. Seguir Jesus Cristo implicava aceitar sua cruz: «Dizia a todos: “Se alguém quiser vir atrás de mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia, e siga-me”» (Lc 9, 23).



Cristo da Piedade. Anônimo. Século XVI. Basílica de São Remígio, em Reims. Foto: Diego Muñoz, FSC. 2017. Arquivo pessoal.

Med. 5

Para o domingo na oitava de Natal (Lc 2, 33-38).

Não se devem contradizer nem as verdades, nem os preceitos, nem os conselhos dos Evangelhos

MD 5,3,1

3º Ponto:

Não nos basta não contradizer a moral do Evangelho. São Paulo

diz que vai mostrar-nos um caminho mais excelente e mais perfeito que todos⁸. A esse caminho foi que Jesus Cristo nos chamou e Ele mesmo no-lo traçou: Se alguém quiser vir após mim, diz Jesus Cristo, renegue-se a si mesmo, isto é, renuncie ao próprio espírito e vontade, tome sua cruz todos os dias e siga-me⁹.

Quem é que não contradiz, se não por palavras, pelo menos de coração, esta máxima divina de Jesus Cristo, nosso Mestre? Quantos há que aderem a este pensamento de São Bernardo, a saber: que as palavras levianas e as frivolidades, na boca da gente do mundo são gracejos; mas na boca de pessoa consagrada a Deus são blasfêmias? E quantos há que estão de acordo com a palavra de São Doroteu: “Prestemos, diz ele, atenção às menores coisas temendo que tenham funestas consequências”? A quantos outros parecem duras estas palavras de Jesus Cristo: Bem-aventurados os pobres em espírito¹⁰. (E estas outras): É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no céu¹¹.

Meditações para todos os domingos do ano. Para o domingo na oitava do Natal (MD 5, 3, 1).
Obras completas de São João Batista de La Salle. Canoas (2012): Editora Unilasalle. Vol. II-B.

⁸1Cor 12,31. – ⁹Lc 9,23. – ¹⁰Mt 5,3. – ¹¹Mt 19,23-24.



RETORNAR CAPÍTULO 07



RETORNAR AO SUMÁRIO

ESTRELAS NO CÉU LASSALIANO

A recompensa do mestre cristão, que ensinou a verdade da fé com sabedoria, será o reino de Deus: «Os conscientes hão de brilhar como relâmpagos, e os que educaram a muitos para a justiça brilharão para sempre como estrelas» (Dn 12, 3).



São João Batista de La Salle. Aurélio Mariani. 1900. Estampa realizada por ocasião da canonização de La Salle. Impressa na Itália. (AMG BU 959/2, Chemise 4).

Quão consolador será, para os que tiverem procurado a salvação das almas, verem no céu elevado número daqueles aos quais ajudaram para chegarem a gozar de tamanha felicidade!

É o que acontecerá aos que tiverem instruído a muitos nas verdades da religião, como o predisse um anjo ao profeta Daniel.

Os que ensinarem a justiça cristã a muitos brilharão como estrelas por toda a eternidade (Dn 12, 3). Brilharão em meio daqueles aos quais tenham instruído, os quais lhes darão eternamente testemunho de profunda gratidão por tantos ensinamentos que deles receberam, considerando-os, depois de Deus, como a causa de sua salvação.

Meditações para o Tempo de Retiro (MR 208, 2, 1). Recompensa que deve esperar no céu o Irmão das Escolas Cristãs fiel na sua missão. Obras completas de São João Batista de La Salle. Canoas (2012): Editora Unilasalle. Vol. II-B.



RETORNAR CAPÍTULO 09



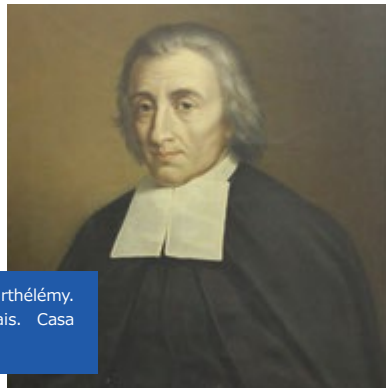
RETORNAR AO SUMÁRIO

A iconografia mostra três figuras estilizadas em tons de cinza, vestindo hábitos religiosos e segurando livros, representando os Superiores Gerais. O título "OS IRMÃOS" está centralizado sobre a imagem.

OS IRMÃOS

IRMÃO BARTHÉLÉMY

O Irmão Barthélémy (Joseph Truffet) foi o primeiro Superior do Instituto, de 1717 a 1720. Nasceu em Sains (França), no dia 11 de fevereiro de 1678. Estudou em Douai, na escola dos Jesuítas.



Retrato do 1º Superior Geral, Irmão Barthélémy. Anônimo. Iconografia dos Superiores Gerais. Casa Generalícia. Roma.

Embora não se saiba como entrou em contato com as Escolas Cristãs, em 1703 foi admitido como noviço na Casa Grande. Pertence à 2ª geração de Irmãos e fez os votos perpétuos em 1705. A 23 de maio de 1717, ao finalizar a Assembleia Geral, foi assinado um documento de conformidade com sua eleição como Superior, sendo nomeados dois Assistentes, os Irmãos Joseph (Jean Le Roux) e Jean Jacquot.

Morreu na madrugada do dia 8 de junho de 1720, em Saint-Yon, sendo sepultado junto a La Salle na capela de Santa Susana.

Homem piedoso, de inteligência sagaz e de trato afável, alcançou uma profunda formação teológica.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 01

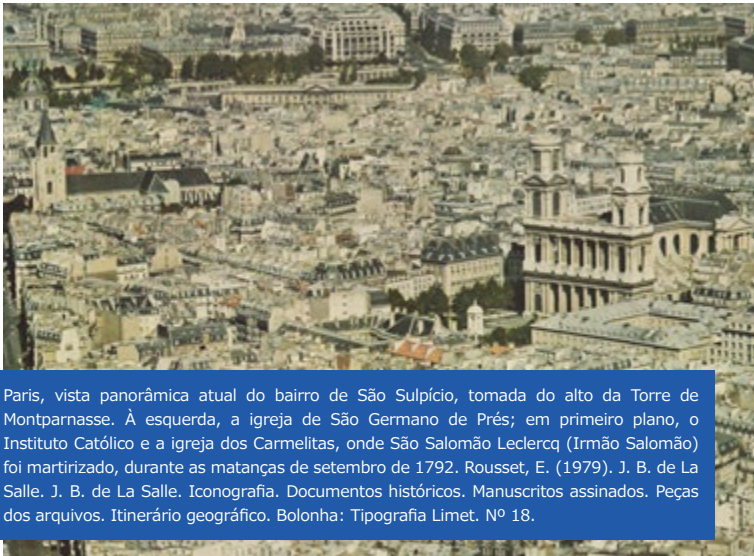
◀ RETORNAR CAPÍTULO 08

◀ RETORNAR CAPÍTULO 09

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃO BERNARD LEGENTIL

Poucos dados deste Irmão da 1ª geração são conhecidos. Em 1690 foi chamado a Paris por La Salle, junto com o Irmão Nicolas Vuyart, para encarregar-se da escola da rua de Bac, no bairro de São Sulpício. Foi denunciado em abril, assim como La Salle e o Irmão Nicolas, pelos mestres das escolas menores. Faleceu nessa cidade em 1701.



Paris, vista panorâmica atual do bairro de São Sulpício, tomada do alto da Torre de Montparnasse. À esquerda, a igreja de São Germano de Prés; em primeiro plano, o Instituto Católico e a igreja dos Carmelitas, onde São Salomão Leclercq (Irmão Salomão) foi martirizado, durante as matanças de setembro de 1792. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 18.



RETORNAR CAPÍTULO 04



RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃO EDMÉ LEGUILLON

Deste Irmão apenas se sabe que fazia parte do grupo de 12 Irmãos que realizaram os votos perpétuos e que faleceu, segundo o obituário, em 1711, em Paris, isso se for verdade que se trata realmente dele.

Lou par Le Proprié de la Société, soit par les
 Supérieurs qui en auront la Conduite, Offe
 pourquoy je promets et jure Vous de lui faire
 tout au Corps de la Société qu'un Supérieur
 Lequel Trouvont d'Association que de
 Trahissent dans la dite Société que de
 Dobiissance, Je promets de garder inviolable
 pendant tout mon vie de ce que
 J'ay signé fait a vaugirant le dixième
 Juin Jour de la fête de la trinité
 l'année d'vint de l'année mil
 six cent quatre vingt quatre

E. DMC
 Leguillon.

Assinatura do Irmão Edmé Leguillon no Caderno de Votos. «Livro onde estão registrados os 13 primeiros votos perpétuos dos Irmãos do Instituto com o Senhor De La Salle no dia da santíssima Trindade em 1694». Arquivos da Casa Generalícia. Roma. (AMG, BJ 503, dossiê 2).

◀ RETORNAR CAPÍTULO 05

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃO HENRY L` HEUREUX

Capela de Santa Úrsula, da Universidade Sorbonne, na atualidade. Paris. Foto: Diego Muñoz, FSC. 2017. Arquivo pessoal.

Maillefer o considerou como o primeiro dos Irmãos em comprometer-se com La Salle, razão pela qual devia ser membro da comunidade na rua Santa Margarida. Supõe-se que tenha nascido em 1659 ou 1660 e ter-se unido a La Salle no final de 1681 ou começo de 1682.

O Irmão Henry era dotado de muitas qualidades: humilde, afável, talentoso, sensato, prudente. Em setembro de 1686, durante a reunião prévia antes do começo das aulas, foi escolhido, quase por unanimidade, como Superior da Comunidade, decisão que agradou a La Salle. Entretanto não durou muito no cargo. Em meados de outubro, quando os superiores

eclesiásticos se inteiraram de que La Salle estava obedecendo a um leigo, lhe ordenaram assumir novamente seu cargo de Superior.

Em 1688 foi diretor da comunidade de Reims. Em 1690 se transferiu a Paris para cursar estudos na Sorbonne para tornar-se sacerdote. Ali foi nomeado diretor da comunidade. Lamentavelmente, durante aquele mesmo ano faleceu de forma repentina. Esta perda induziu La Salle a assumir uma posição mais clara sobre a vocação laical dos Irmãos. Tratava-se de homens comprometidos com a escola da manhã à noite, sem necessidade do sacerdócio ministerial, que viviam com plenitude sua missão.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 03

◀ RETORNAR CAPÍTULO 04

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃOS GABRIEL E GÉRARD DROLIN



Cena da vida de São João Batista de La Salle enviando os Irmãos Drolin a Roma. Aurélio Mariani. 1906. Óleo sobre tela. 140cm x 194cm. Iconografia de 1900. Casa Generalícia. Roma. Irmão Gabriel é o da esquerda, mais próximo de La Salle; e Irmão Geraldo é o da direita, de perfil.

Irmão Gabriel Drolin

Nasceu em Reims a 22 de julho de 1664. Entrou no Instituto pelo ano de 1684, motivo pelo qual é um Irmão da 1ª geração. Em 1691, junto com La Salle e o Irmão Nicolas Vuyart, fez o «Voto Heroico» para assegurar o futuro das escolas com uma lealdade sem limites ao compromisso assumido.

Foi eleito por La Salle para dar testemunho de fidelidade ao Papa e criar uma escola papal segundo o modelo do Instituto. Em 1702 viajou a Roma para cumprir esta missão. Em 1709 conseguiu um posto de professor numa escola papal, inicialmente de forma temporária, e depois de forma definitiva até 1728, momento em que regressou à França. Seus últimos anos transcorreram na comunidade de Auxonne. Faleceu a 11 de janeiro de 1733.

Graças ao Irmão Gabriel, os primeiros biógrafos puderam conhecer de forma fidedigna muitos detalhes da história do Instituto que teriam permanecido ocultos, como, por exemplo, o «Voto Heroico» de 1691.



Outra expansão extremamente evocativa e muito desejada por parte do Fundador: Roma, onde o Irmão Gabriel Drolin, enviado por La Salle, consegue abrir uma escola em 1705. Esta magnífica gravura da Praça de Espanha, feita por Piranesi, evoca toda a história Lassalista, desde os começos do Instituto até nossos dias. Rousset, E. (1979), J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 120.

Irmão Gérard Drolin

Nasceu em Reims, a 18 de dezembro de 1676. Acredita-se que tenha ingressado no Instituto em 1693. Sendo Irmão da 2ª geração, fez os votos perpétuos no dia 9 de dezembro de 1697.

O Irmão Gérard era de um espírito inconstante. Em 1703 regressou de Roma e se instalou em Paris. Em 1704, junto com o Irmão Michel, fugiu da comunidade para ingressar no mosteiro dos Trapenses. O abade, que conhecia La Salle, lhe escreveu para saber se aprovava a decisão destes dois Irmãos; La Salle lhe pediu que os fizesse regressar. Pouco tempo depois, Gérard deixou o Instituto, mas o Fundador sempre continuou cuidando dele.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 02

◀ RETORNAR CAPÍTULO 07

◀ RETORNAR CAPÍTULO 05

◀ RETORNAR CAPÍTULO 08

▶ RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃO GERVAIS

Sobre este primeiro Irmão Gervais se conhecem apenas alguns dados. Em 1699 foi designado para ajudar ao Irmão Nicolas Vuyart na preparação de mestres rurais na escola do bairro São Marcelo, em Paris.

Foi um dos Irmãos levados a juízo pelos mestres calígrafos em 1704. Junto com o Irmão Nicolas Vuyart, tentou desligar-se de La Salle e, ao ser condenado, decidiu separar-se do Instituto.

 RETORNAR CAPÍTULO 07

 RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃO IRINEU

O Irmão Irineu (Claude-François du Lac de Montisambert) nasceu a 30 de outubro de 1691 em Tigy. Pertencia a uma família nobre dedicada ao serviço militar. Em 1713, um incidente no campo de batalha o convenceu de que Deus queria que deixasse o exército e se dedicasse à vida religiosa.

Em abril de 1714, depois de ter estado um tempo com La Salle, incorporou-se à comunidade de Grenoble, onde o diretor Irmão Jean Jacquot o iniciou na vida comunitária. Em maio recebeu o hábito, com o nome de Irmão Irineu. Em setembro foi ao noviciado de Paris, e posteriormente enviado a Laon para iniciar sua preparação para o ensino. Não teve êxito como professor, pois lhe custava manter a disciplina dos alunos, mas encontrou seu serviço no Instituto como mestre de noviços, a partir de 1717 e de 1725 a 1747, ano de sua morte, como Assistente.



Retrato do Irmão Irineu. Jean Paulo Brea. 1753. Óleo sobre tela. 77cm x 63cm. Imagem 46 da iconografia. Casa Generalícia. Roma.

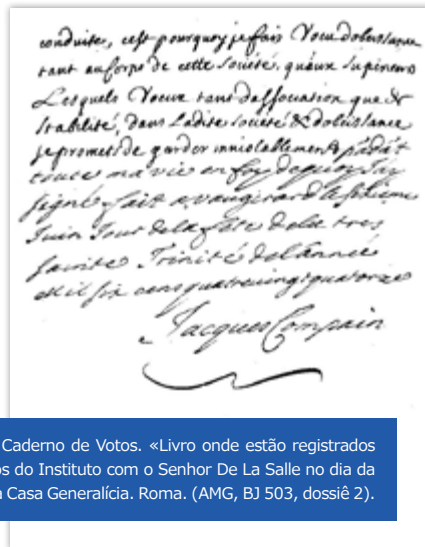
◀ RETORNAR CAPÍTULO 01

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃO JACQUES COMPAIN

Nasceu em 1671, sendo da 1ª geração de Irmãos. Não existem dados de quando entrou no Instituto, e pouco se conhece sobre sua trajetória. Sabe-se que fez parte dos 12 Irmãos que fizeram a profissão perpétua em 1694, e que em 1704 estava em Paris, visto que aparece na lista dos Irmãos sancionados no juízo movido pelos mestres calígrafos.

Faleceu em Chartres, a 2 de julho de 1705, vítima de uma epidemia de tifo.



Assinatura do Irmão Jacques Compain no Caderno de Votos. «Livro onde estão registrados os 13 primeiros votos perpétuos dos Irmãos do Instituto com o Senhor De La Salle no dia da santíssima Trindade em 1694». Arquivos da Casa Generalícia. Roma. (AMG, BJ 503, dossiê 2).

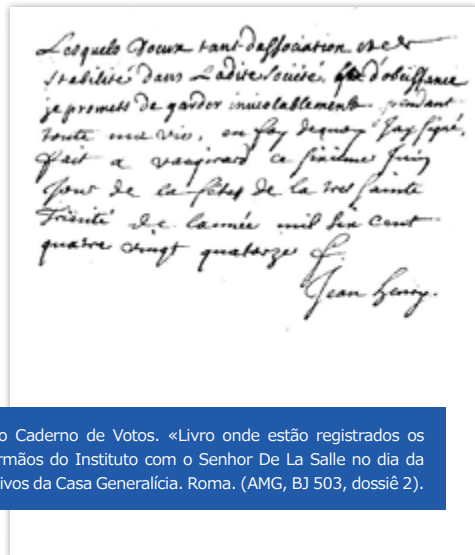
◀ RETORNAR CAPÍTULO 05

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃO JEAN HENRY

Nasceu em Reims, em 1670. Entrou na comunidade da rua Nova em 1686, e dois anos mais tarde recebeu o hábito. Foi considerado um modelo, pois praticava todas as virtudes cultivadas no Instituto. Em 1690, La Salle o nomeou diretor da comunidade da rua Nova. Em 1698 foi nomeado diretor de noviços da Casa Grande.

Foi um Irmão com alto grau de espiritualidade, amiúde profundamente absorvido na contemplação. Morreu a 1º de julho de 1699.



Assinatura do Irmão Jean Henry no Caderno de Votos. «Livro onde estão registrados os 13 primeiros votos perpétuos dos Irmãos do Instituto com o Senhor De La Salle no dia da santíssima Trindade em 1694». Arquivos da Casa Generalícia. Roma. (AMG, BJ 503, dossiê 2).

◀ RETORNAR CAPÍTULO 03

◀ RETORNAR CAPÍTULO 05

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃO JEAN JACQUOT

Nasceu no dia 18 de outubro de 1672 em Château-Portien. Possivelmente foi aluno dos Irmãos antes de entrar, em outubro de 1686, como aspirante na rua Nova, em Reims. Portanto, pertence à 1ª geração de Irmãos.

Em 1694 fez parte do grupo de 12 Irmãos que fizeram os primeiros votos perpétuos. Em 1699 La Salle lhe encomendou a tarefa de formar os novos mestres na arte de ensinar. No Capítulo Geral de 1717 aparece na lista como diretor da comunidade de Paris sendo eleito como 1º Assistente do Superior. Presidiu o Capítulo Geral de 1720; em 1725, participou do Capítulo Geral no qual foi recebida solenemente a Bula de Aprovação do Instituto, e demitiu-se como 1º Assistente. Também participou nos Capítulos de 1745 e de 1751.

Morreu em Saint-Yon, a 10 de março de 1759.



Retrato do Irmão Jean Jacquot (2018). Ilustrado por Begoña Fernández Corbalán.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 03

◀ RETORNAR CAPÍTULO 09

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃO JEAN MAURICE

Nasceu em Reims pelo ano de 1663. Foi o terceiro Irmão jovem que faleceu. Blain o descreve como uma pessoa modesta, piedosa e obediente. Contraindo tuberculose; a vida de privações e o trabalho na escola o esgotaram. Faleceu no dia 1º de maio de 1687.

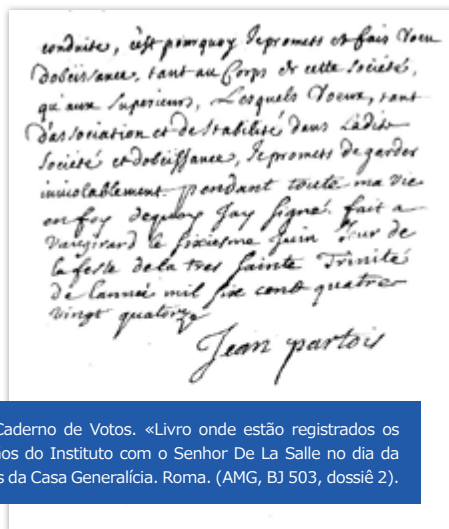
 RETORNAR CAPÍTULO 03

 RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃO JEAN PARTOIS

Nasceu no dia 20 de outubro de 1666, em Saint-Loup-en-Champagne (Reims). Jean Partois uniu-se ao Instituto em setembro de 1686, pertencendo à 1ª geração de Irmãos. Em 1691 esteve no retiro de Vaugirard; em 1692 fez parte da comunidade de Laon; em 1694 fez a profissão perpétua; em 1698 foi secretário de La Salle em Paris; em 1701 ocupou o cargo de diretor da comunidade de Laon; em 1704 foi um dos Irmãos acusados pela Corte de Paris devido à demanda movida pelos mestres calígrafos; em 1705 La Salle o escolheu para começar as escolas de Dijon; em 1708 foi diretor da escola de Mende, e em 1717 regressou a Dijon.

Participou de todos os Capítulos Gerais. Foi secretário do Irmão Timothée, segundo Superior, e ocupou o cargo de Assistente do Superior em três ocasiões. Em 1734 se retirou a Saint-Yon. Morreu no dia 1º de abril de 1743. Jean Partois foi um Irmão ativo e muito eficiente que, durante 57 anos, deu a La Salle firme apoio e lucidez nas lutas da fundação do Instituto.



Assinatura do Irmão Jean Partois no Caderno de Votos. «Livro onde estão registrados os 13 primeiros votos perpétuos dos Irmãos do Instituto com o Senhor De La Salle no dia da santíssima Trindade em 1694». Arquivos da Casa Generalícia. Roma. (AMG, BJ 503, dossiê 2).

◀ RETORNAR CAPÍTULO 05

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

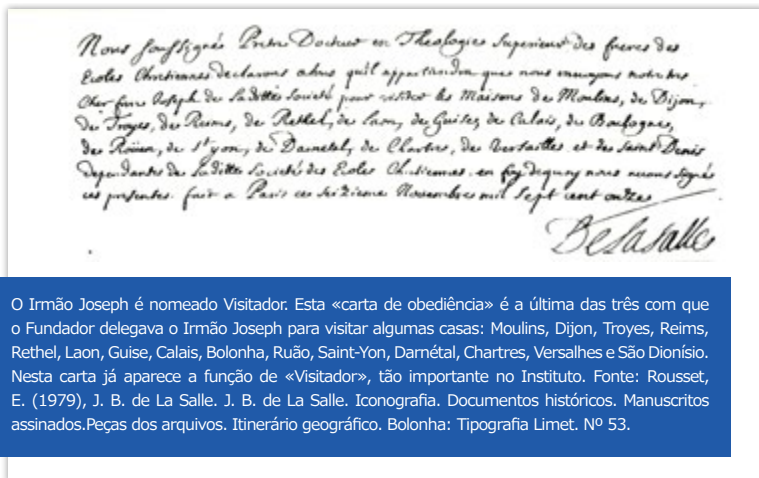
IRMÃO JOSEPH

Jean Le Roux nasceu em 1678, em Lerzy. Em 1697 entrou no Instituto, onde recebeu o nome de Irmão Joseph. Fez o noviciado em Vaugirard e sua profissão perpétua no dia 10 de maio de 1700.

Sabe-se que em 1704 estava em Paris, possivelmente na rua Princesa, visto que figura na lista dos 18 Irmãos demandados pelos mestres calígrafos. Foi diretor da comunidade de Ruão entre 1706 e 1710. La Salle lhe confiou o cargo de Visitador para as comunidades de Rethel, Guise, Laon e Reims.

Em 1711 La Salle o confirmou no cargo de Visitador do Irmão Joseph e lhe outorgou maior autoridade, encarregando-o de todas as comunidades do Norte, exceto Paris, além de lhe confiar a responsabilidade de nelas representar o Instituto. Durante a ausência do Fundador demonstrou sua lealdade, ajudando-lhe em assuntos mais sérios.

Os Irmãos valorizaram as qualidades do Irmão Joseph, elegendo-o como Assistente do Superior Geral em 1717, 1720 e 1725. Desempenhou este cargo até sua morte, em fevereiro de 1729.



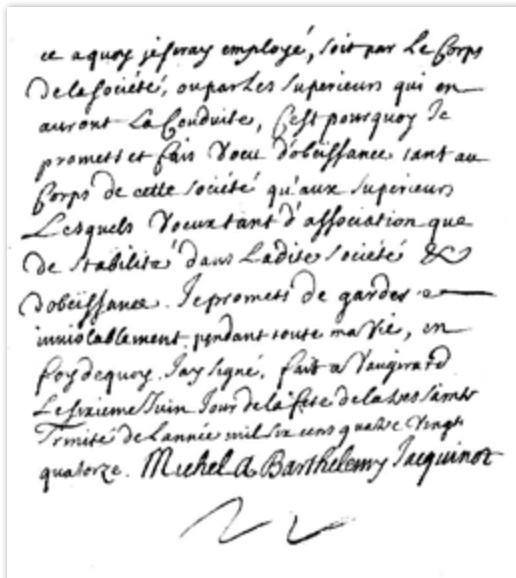
O Irmão Joseph é nomeado Visitador. Esta «carta de obediência» é a última das três com que o Fundador delegava o Irmão Joseph para visitar algumas casas: Moulins, Dijon, Troyes, Reims, Rethel, Laon, Guise, Calais, Bolonha, Ruão, Saint-Yon, Darnetal, Chartres, Versalhes e São Dionísio. Nesta carta já aparece a função de «Visitador», tão importante no Instituto. Fonte: Rousset, E. (1979), J. B. de La Salle. J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 53.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 09

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃO MICHEL JACQUINOT

É bem pouco o que se sabe sobre este Irmão que participou na emissão dos votos perpétuos de 1694. Na opinião de diferentes estudiosos Lassalistas, ele escreveu a maior parte das 13 fórmulas de votos. Possivelmente faleceu em 1702.



ce a quoy j'employe, soit par le Corps
de la Société, ou par les Supérieurs qui en
auront la conduite, cest pourquoy Je
promets et fais Voeu d'obéissance tant au
Corps de cette Société qu'aux Supérieurs
Lesquels Vous tant d'affoction que
de stabilité dans Lesdites Sociétés de
d'obéissance. Je promets de garder ce
innocemment pendant toute ma vie, en
foy de quoy J'ay signé, fait et Tempéré
Le premier Jour de la fête de la Trinité
Trinité de l'année mil six cent quatre vingt
quatorze. Michel A. Barthélemy Jacquinot

Assinatura do Irmão Michel A. Barthélemy Jacquinot no Caderno de Votos. «Livro onde estão registrados os 13 primeiros votos perpétuos dos Irmãos do Instituto com o Senhor De La Salle no dia da santíssima Trindade em 1694». Arquivos da Casa Generalícia. Roma. (AMG, BJ 503, dossiê 2).

◀ RETORNAR CAPÍTULO 05

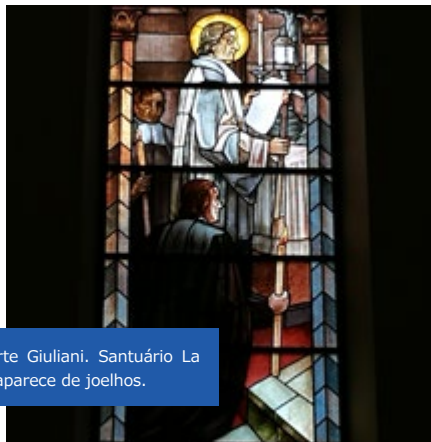
▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃO NICOLAS VUYART

Foi um dos primeiros Irmãos, provavelmente esteve na rua Santa Margarida. Era possuidor de grandes dotes como professor e foi um dos que trabalhou com La Salle na elaboração do Guia das Escolas Cristãs. Em 1683 lhe foi confiado o cargo de diretor da escola de Rethel. Parte do trabalho desta escola era preparar os mestres das escolas rurais.

Em 1686-1687, é possível que estivesse encarregado de dirigir o programa de mestres rurais que foi trasladado a Reims. Em 1690 foi chamado a Paris para trabalhar, junto com o Irmão Bernard Legentil, na nova escola na rua de Bac. Em 1691 La Salle o escolheu para fazer com o Irmão Gabriel Drolin o «Voto Heroico». Em 1694 foi escolhido novamente para formar mestres para as escolas rurais.

Em 1704, junto com os demais Irmãos de Paris e La Salle, foi levado a juízo pelos mestres calígrafos, e posteriormente sentenciado. Tentou afastar-se dos Irmãos, talvez para salvar a escola de formação de mestres rurais de São Marcelo. Finalmente, deixou o Instituto para continuar seu trabalho na escola de formação até sua morte, em 1719.



Vitrail representando o Voto Heroico. Arte Giuliani. Santuário La Salle em Roma. O Irmão Nicolas Vuyart aparece de joelhos.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 04

◀ RETORNAR CAPÍTULO 07

◀ RETORNAR CAPÍTULO 05

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO



DOCUMENTOS

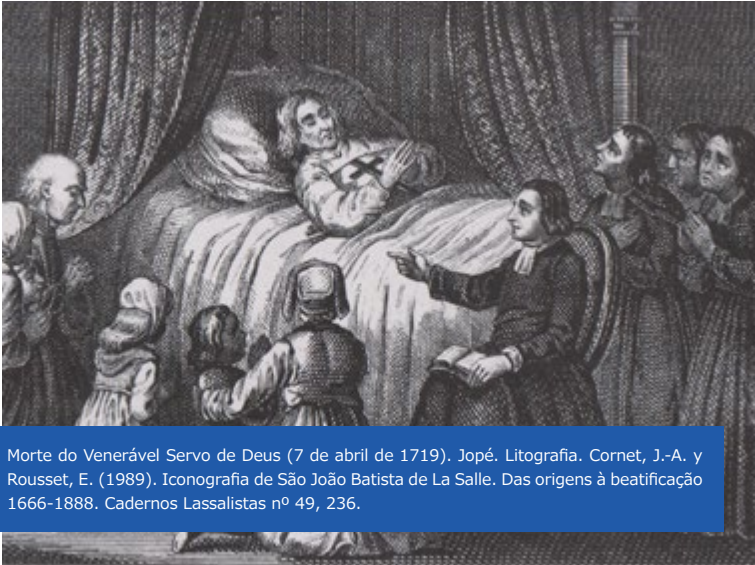
TESTAMENTO

É desconhecida a data quando João Batista de La Salle redigiu este documento. A assinatura diante do notário é do dia 3 de abril de 1719, Segunda-feira Santa, quatro dias antes de sua morte.

O testamento consta de cinco partes:

1. Invocação à Santíssima Trindade.
2. Conselhos aos Irmãos.
3. Doações ao Irmão Barthélémy, Superior Geral.
4. Cessão de alguns imóveis que estavam a serviço do Instituto a seu irmão Jean-Louis de La Salle, membro da Sociedade de Gestão criada para administrar os bens do Instituto.
5. Disposição relativa aos filhos de seu irmão Jean-Remi de La Salle no caso de querer questionar na justiça suas decisões testamentárias.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Eu, abaixo assinado, João Batista de La Salle, sacerdote, estando enfermo num quarto próximo à capela da casa de Saint-Yon, arrabalde de São Severo, da cidade de Ruão, querendo fazer testamento que tire a limpo todos os assuntos meus que possam ficar pendentes.



Morte do Venerável Servo de Deus (7 de abril de 1719). Jopé. Litografia. Cornet, J.-A. y Rousset, E. (1989). Iconografia de São João Batista de La Salle. Das origens à beatificação 1666-1888. Cadernos Lassalistas nº 49, 236.

Encomendo a Deus, primeiramente minha alma, e depois a de todos os Irmãos da Sociedade das Escolas Cristãs, com os quais ele me uniu, e aos quais recomendo, acima de tudo, sejam sempre totalmente submissos à Igreja, sobretudo nestes tempos calamitosos, e que, em prova de tal submissão, em nada se separem da Igreja de Roma, lembrando-se sempre de que enviei dois Irmãos a Roma para pedir a Deus a graça de que sua Sociedade lhe fosse sempre inteiramente submissa. Igualmente lhes recomendo que tenham grande devoção a Nosso Senhor, que amem muito a santa comunhão e o exercício da oração mental, que tenham devoção especial à Santíssima Virgem e a São José, patrono e protetor de sua Sociedade; que desempenhem com zelo e grande desinteresse o seu ministério; e que tenham íntima união entre si e obediência cega a seus superiores, fundamento e sustento de toda perfeição numa comunidade.

Além disso, confirmo e ratifico duas atas de cessão ou doação que fiz em favor de Joseph Truffet, chamado Irmão Barthélémy, encarregado do governo geral dos referidos Irmãos: a primeira com

data de 11 de agosto de 1718, pela qual cedo e entrego ao citado Joseph Truffet todos os livros que me pertenciam quando estava na casa dos Irmãos das Escolas Cristãs da paróquia de São Sulpício, em Paris; e a outra, de 14 de novembro de 1718, pela qual cedo e entrego todos os móveis que há na casa de Saint-Yon, nas condições assinaladas. Aprovo também todos os demais atos que realizei em seu favor.

Outrossim, declaro que as duas pequenas casas alugadas de Reims, uma junto à casa grande onde vivem os Irmãos, e a outra ao fundo do pátio do Lobo, pertencerão aos que tenham a propriedade da citada casa grande onde vivem os Irmãos, para dispor delas com a mesma finalidade.

E quanto às casas adquiridas em Rethel-Mazarin, uma ao senhor Queutelot e sua esposa, outra a Étienne, e outra a Ponce Ludet, com a finalidade de fazer das três casas uma só, para que nela se alojem os Irmãos das referidas Escolas Cristãs, para darem nelas suas aulas, e para os outros fins propostos, como se declara nas atas e contratos das referidas três casas, uma por adjudicação, e as outras duas por contratos firmados ante Dogny, notário real de Rethel, ou Miroy, seu sucessor;

Como as referidas casas me foram cedidas para os fins acima indicados, e me foi dada liberdade, tanto pelos citados contratos, como por uma ata assinada ante Copillón, notário de Reims, para nomear uma pessoa em meu lugar para dispor delas no caso de não subsistir a comunidade iniciada em Reims. Visto que ainda não existe cartas patentes, nomeio o senhor De La Salle, meu irmão, doutor pela Sorbonne e cônego da igreja de Reims, e a quem com ele e depois dele pertencerem as referidas casas de Reims, para que as utilizem de acordo com o uso previsto nas atas e contratos.

Quanto às outras duas casas adquiridas na referida Rethel-Mazarin, na esquina da rua das Religiosas, onde os mesmos Irmãos dão aula, e à outra adquirida de um tal Charlet, na mesma rua das Religiosas, cujos aluguéis servem para a subsistência dos Irmãos da citada Rethel-Mazarin, cedo-as ao referido senhor De La Salle, meu

"et la Barthélemy a donné par lesdits contrats par un acte passé pardevant Capillon notaire a Reims de nomme une portion de ma place pour en disposer en cas que la Communauté Communien a Reims ne subsistat plus comme il n'y a point encore d'actes patentes pour ce faire. M^r Delafalle mon frere docteur de Sorbonne et de Paris le 30 de Reims et avec qui avec lui et après lui a prêté pour lesdits maisons de Reims pour être employées selon le usage destiné par lesdits contrats et le legs des deux autres maisons acquises au Pape Malgorin sur la Cour de la Place des Religieuses ou se trouvent actuellement d'autres écoles par les mêmes freres et l'autre acquise d'un nommé Charles dans la même Rue des Religieuses dont les dits freres ont été subsistances des freres du Pape Malgorin car ils abandonne au Pape Delafalle mon frere et a ceux qui sont les propriétaires des maisons de Reims avec lui et après lui comme dit est ci dessus et en cas que les enfans mineurs de mon frere possèdent un Roy ala mort de son frere ou de son frere ou de son frere quelques unes desdites dispositions de ladite que les dits ont été de deux mille livres en principal sur la charge de Reims les maisons de trois cents et la vente sur les pauvres et que mon frere Delafalle acquiesce de les abandonner par une disposition a quelq'un autre fin telle que le Roy ou approuver fait en ladite maison de Saint-Yon ce troisieme sur le mesme le 11 d'octobre dix neuf signé Delafalle

Cópia do testamento do senhor De La Salle. Saint-Yon, 3 de abril de 1719. Testamento do Santo. Cópia antiga. AMG SBB.24.

"Je soussigné déclare qu'il y a plusieurs années qu'il a abandonné au frere Joseph Truffet dit frere Barthelémy chargé de la conduite generale des Maîtres nommés les freres de l'école Chretienne sous les livres qui m'appartenaient et qui sont dans une bibliothèque chez les freres de l'école Chretienne de la paroisse de Saint-Yves de Reims pour disposer de tous lesdits livres comme il plaira au dit frere Joseph Truffet dit frere Barthelémy et qu'il en a disposé en effet depuis ce temps selon sa volonté et abstinence en le chef de la place de la dite école pour marquer qu'il en étoit et en est le Maître ce que ledit frere Joseph Truffet dit frere Barthelémy reconnaît chèrement fait double a Reims en la maison de Saint-Yon ce dixième d'août mil sept cent dix huit

De La Salle

Joseph Truffet dit frere Barthelémy

Cessão de todos seus livros, feita pelo Fundador ao Irmão Barthélémy, Superior Geral, no dia 11 de agosto de 1718. Saint-Yon, 11 de agosto de 1718. O senhor De La Salle reconhece ter cedido todos seus livros ao Irmão Barthélémy. AMG. SBB. 27.

Je soussigné reconnais que je ne pretens rien aux meubles qui sont
 dans la Maison de Saint-Yon fauxbourg de Saint-Sever de la ville
 de Roüen et que j'ay abandonné comme tels à abandonneur
 au frere Joseph Truffet dit frere Barthelémy chargé de la conduite
 de tous les maîtres hommes les freres des Ecoles Chretiennes repandus
 deorsaint deux Maisons qui sont situées laditte Maison de Saint-Yon
 fauxbourg Saint-Sever de Roüen une autre dans l'abbaye de Roüen
 et une à Dametel proche Roüen et les autres tant à Paris fauxbourg
 de St Germain qua vestailles, Saint-Denis Calais, Boulogne, Guise,
 Laon, Reims, Chartres, Troyes, Dijon, Moulins, Melun, Lesseux,
 Les Vans, Alais, Auzon, Marseillerat, Grenoble. tous lesdits meubles
 ainsi abandonnez pour servir à loger et meubler dans laditte Maison
 de Saint-Yon les maîtres qui y sont et seront formés pour estre employez
 dans les besoins dans lesdites vingt-deux maisons et dans d'autres
 ou lesdits maîtres dits les freres des Ecoles Chretiennes pourront
 estre envoyez dans la suite pour y tenir les écoles gratuites comme
 ils les tiennent actuellement dans les vingt et une maisons ou ils
 sont ~~actuellement~~ actuellement hors celle de Saint-Yon dans laquelle ont
 en core d'autres freres pour les besoins de laditte maison pour lesquels
 serviront aussi lesdits meubles aussi bien que pour les maîtres freres des
 Ecoles Chretiennes qui y viendront desdites vingt et une maisons et
 d'autres ou ils pourront estre envoyez à l'avenir voulant et entendant
 que tous lesdits meubles ne puissent pas estre employez à d'autres
 usages et en cas qu'on veuille les employer dans la suite à quelque
 autre usage de les abandonner de lors et des apresent à la Maison
 des Soeurs de la Charité de fauxbourg de Saint-Denis à Paris
 vis à vis la Maison de Saint-Lazare Compdenant lesdites Soeurs
 comme chargées de l'Instruction et du Soins des pauvres. fait ce
 quat ordiesme de novembre mil sept cent dix huit en laditte
 Maison de Saint-Yon De la Salle
 le tout accorde par moi Catherine et en que luy
 Joseph Truffet dit Barthelémy. fait double.

La Salle faz doação dos móveis da casa de Saint-Yon ao Irmão Barthélémy. O presente texto foi escrito a mão pelo Fundador. AMG. Fonte: Rousset, E. (1979). J.B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Boulogne: Imprimerie Limet. Nº 55.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 01

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

MEMÓRIA DOS COMEÇOS

O documento original foi extraviado. Sabe-se sobre sua existência porque dois dos primeiros biógrafos de La Salle, Bernard e Blain, o utilizaram para escrever suas obras e o citaram. Graças a esse fato conhecemos parte deste escrito.

Nesta memória o Fundador descreve os começos do Instituto desde 1679, quando La Salle teve seu primeiro encontro com Adrien Nyel, até 1694, ano no qual ele e mais 12 Irmãos fizeram os votos perpétuos de associação, estabilidade e obediência. Blain informa que os Irmãos encontraram este escrito entre os objetos de La Salle quando ele foi ao sul da França, em 1711.



De La Salle encontra Adrien Nyel. Pintura de Gerlier. Gaveau, M. A. (1883). Vida do Venerável de La Salle, Fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs. Paris: Procuradoria Geral dos Irmãos. 89.

Eu pensava que a direção das escolas e dos mestres que ia assumindo não passaria de uma orientação exterior; e que ela não me comprometeria com eles mais do que prover o seu sustento e cuidar para que desempenhassem seu emprego com piedade e empenho.

...

Foi por essas duas circunstâncias, a saber, o encontro com o senhor Nyel e a proposta que me fez esta senhora (Catarina Leleu, viúva de Antoine Lévesque, senhor de Croyères), que comecei a tomar aos meus cuidados as escolas para meninos. Antes em absoluto eu havia pensado nisso, se bem que ninguém me tivesse proposto o projeto.

Alguns amigos do cônego Roland me haviam tentado sugeri-lo, mas a ideia não conseguiu penetrar em minha mente e jamais havia pensado em realizá-lo.

Inclusive, se tivesse sabido que o cuidado, por pura caridade que eu tinha com os mestres das escolas me levaria até a obrigá-los a viver com eles, eu teria desistido dele. Isso porque, como por inclinação natural, eu valorizava menos que a meu criado aqueles que, sobretudo nos começos, me via obrigado a empregar nas escolas, a simples ideia de ter que viver com eles me teria resultado insuportável.

Com efeito, senti muita dificuldade nos primeiros tempos, quando os fiz virem à minha casa, o que durou dois anos.

Pelo que parece, este foi o motivo por que Deus, que governa todas as coisas com sabedoria e suavidade, e que não costuma forçar a inclinação dos homens, querendo comprometer-me a assumir por inteiro o cuidado das escolas, o fez de forma totalmente imperceptível e ao longo de muito tempo; de modo que um compromisso me levava a outro, sem que o tivesse previsto desde os começos.

...

(Estas são as razões que o persuadiram e que se dava a si mesmo:)

1. Não posso falar, pois não tenho nenhum direito de usar com eles a linguagem da perfeição que lhes dirigia sobre a pobreza, se eu mesmo não sou pobre; nem sobre o abandono à Providência, se tenho recursos assegurados contra a miséria; nem sobre a perfeita confiança em Deus, se algumas boas rendas me tiram qualquer motivo de preocupação.

2. Se continuo sendo o que sou, e eles o que são, sua tentação se prolongará, porque o que a motiva seguirá subsistindo, e eu não a poderei remediar, porque eles sempre encontrarão em minhas rendas um pretexto sedutor e até razoável para justificar sua desconfiança quanto ao presente e sua inquietude em relação ao futuro.

3. Cedo ou tarde, esta tentação aparentemente tão plausível, não deixará de produzir o efeito que o demônio dela espera. Os mestres, todos juntos, ou um depois do outro sairão, deixando-me pela segunda vez a casa vazia, e as escolas sem pessoal adequado para fazê-las funcionar.

4. Esta deserção, que terá ressonância na cidade, intimidará a todos quantos puderem ter a intenção de se tornarem mestres de escola; sua vocação murchará, e antes de entrarem na casa, serão vítimas da mesma tentação dos que delas saíram.

5. Sem mestres assegurados, as escolas se acabarão, junto com suas fundações; e então os herdeiros hão de querer reintegração de posse dos bens doados para estabelecê-las.

6. Assim, com toda sequência de infortúnios, a instituição das Escolas Cristãs e Gratuitas ficará sepultada sob suas ruínas, e não adiantará mais pensar em reerguê-las.

7. Mesmo se todos estes males não fossem motivo de temor, eu devo e inclusive posso ser superior destes mestres sem deixar

de ser cônego? Posso conciliar minha presença assídua na casa, para estar à frente deles nos exercícios de piedade e velar sobre eles, com a assiduidade ao coro e ao ofício de cônego? São compatíveis estas duas ocupações? Se não o forem, será preciso renunciar a uma ou a outra.

8. Certamente a prebenda de cônego não é obstáculo às boas obras, e o esmero em participar do coro e em cantar os louvores de Deus não impedem de prestar outros serviços à Igreja nem de dedicar-se à salvação das almas.

Pode-se distribuir o tempo entre estas duas nobres funções e manifestar que um cônego não deve permanecer ocioso fora do coro, nem buscar nesse decoroso título um pretexto para tomar, ao sair da cadeira, um descanso tão longo no restante do dia e aceitar uma preguiçosa indolência e não fazer nada na vinha do Senhor.

No entanto, posso eu ser verdadeiramente e ao mesmo tempo bom cônego e bom superior de uma comunidade que exige residência?

Se eu cumpro dignamente este último emprego, devo abandonar todas as funções do primeiro, já que, ao ver-me obrigado a estar sempre em casa, não poderia participar nunca do coro.

Assim, portanto, ao não se poder conciliar ambos os deveres, é preciso decidir-se por um ou pelo outro. Cinco ou seis horas diárias de ofício canônico seriam uma brecha demasiado grande na assiduidade que devo a uma casa cuja direção exerço.

9. No entanto, o que é que pode me determinar nesta escolha? De que lado devo inclinar a balança?

A maior glória de Deus, o maior serviço à Igreja, minha perfeição e a salvação das almas; esses são os objetivos que devo

me propor e os fins que me devem guiar.

Mas se eu não sigo outro conselho que o destes nobres motivos, devo decidir-me a deixar minha sinecura (canonicato) para dedicar-me ao cuidado das escolas e à formação dos mestres destinados a dirigi-las.

10. Finalmente, como já não me sinto atraído pela vocação de cônego, me parece que ela me abandonou antes que eu a abandonasse. Este estado já não é mais para mim; embora eu tenha entrado nele pela porta correta, creio que hoje Deus a abre para que eu saia dela.

A mesma voz que me chamou a isso, parece que me chama a outro lugar. Levo esta resposta no fundo de minha consciência, e a ouço quando a consulto.

É verdade que ao me haver colocado nas mãos de Deus no estado em que me encontro, ela mesma é a que me deve retirar dele. No entanto, não parece suficientemente claro que ele hoje me mostra outro estado que merece a preferência e ao qual me leva pela mão?

...

Desde que deixei tudo, não tenho conhecido ninguém que se tenha visto tentado a sair com o pretexto de que nossa comunidade não possui bens fundacionais.

Irmãos das Escolas Cristãs (2001). Obras completas de São João Batista de La Salle. Madrid: Edições São Pio X. (Tradução não oficial)



RETORNAR CAPÍTULO 02



RETORNAR AO SUMÁRIO

MEMÓRIA SOBRE O HÁBITO

Este documento é um manuscrito elaborado por La Salle como rascunho para depois ser passado a limpo. Isto se deduz claramente das correções realizadas pelo autor e do fato de não estar assinado. O manuscrito é conservado nos Arquivos da Casa Generalícia, em Roma.

A importância deste documento não se limita à descrição do hábito e sua razão de ser, mas inclui a explicação de como os Irmãos se percebem a si mesmos, sua missão e as obras que podiam atender.

Quatro hábitos religiosos do século XVII, gravuras de Helyot: História das Ordens monásticas, religiosas e militares e das congregações laicais [...] com imagens que representam as diferentes vestimentas destas ordens e congregações. Vol. VIII, 1719, Paris, casa de Jean-Baptiste Coignard. Fonte: Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 40.



Se convém mudar ou conservar o hábito usado atualmente pelos Irmãos da Comunidade das Escolas Cristãs.

MH 2 Que Comunidade é essa e quem a compõe

Essa Comunidade costuma ser chamada de Comunidade das Escolas Cristãs, e atualmente está estabelecida e fundada

tão somente sobre a Providência. Nela se vive conforme Regras, dependendo em tudo, sem propriedade nenhuma e em inteira uniformidade.

MH 3 O trabalho dessa Comunidade consiste em dirigir escolas de forma gratuita, exclusivamente nas cidades, e em explicar o catecismo todos os dias, mesmo nos domingos e festas.

MH 4 Cuida-se também da formação de mestres-escola para a área rural, numa casa separada da Comunidade, e que se chama seminário⁽⁶⁾. Os que ali são formados permanecem nele somente alguns anos até estarem perfeitamente preparados, tanto na piedade quanto no concernente a seu emprego.

MH 5 Sua vestimenta é a mesma ordinariamente usada no mundo⁽⁷⁾, com a diferença de que é preta ou, ao menos, marrom-escura, e eles se distinguem dos demais leigos apenas por um “rabat”⁽⁸⁾ e por cabelos mais curtos.

MH 6 Ali são instruídos para cantar, ler e escrever perfeitamente. Sua hospedagem, alimentação e lavagem de roupa são gratuitos. São depois empregados em algum povoado ou aldeia, desempenhando o ofício de clérigos⁽⁹⁾. Uma vez empregados, cessa toda a sua relação com a Comunidade, a não ser a da urbanidade. São, no entanto, acolhidos nela para fazer retiro.

MH 7 Nessa Comunidade também se educam jovens dotados de talento e de disposição para a piedade, julgados aptos e que, de forma voluntária, se dispõem a ingressar nela posteriormente. São acolhidos a partir dos 14 anos ou mais. Recebem formação para a oração mental e os demais exercícios de piedade⁽¹⁰⁾. São instruídos em todo o conteúdo do catecismo e se lhes ensina a ler e a escrever perfeitamente.

MH 8 Essas categorias de pessoas formadas e educadas nessa

Comunidade dispõem de residência, oratório, exercícios, refeitório e recreios separados, e seus exercícios são diferentes e adequados ao efetivo alcance de sua mente e ao que lhes caberá fazer depois.

MH 9 Os que constituem essa Comunidade são todos leigos, sem estudos⁽¹¹⁾ e de capacitação intelectual mediana. A Providência dispôs que alguns que se apresentaram tonsurados ou com estudos não permanecessem nela.

MH 10 Contudo, não se deixaria de receber nela pessoas que tivessem feito estudos, mas sob a condição de não voltarem nunca a eles: 1º porque tais estudos não lhes são necessários; 2º porque no futuro lhes serviriam de ocasião para abandonarem seu estado⁽¹²⁾; e 3º porque os exercícios da Comunidade e o emprego das escolas exigem homem inteiro⁽¹³⁾.

MH 11 Qual o hábito usado nessa Comunidade?

O hábito dessa Comunidade é uma espécie de batina curta que desce até a meia canela. Não tem botões. É fechada por dentro por pequenos colchetes pretos, do alto à metade do corpo; e dali até embaixo é toda costurada. A parte inferior das mangas é estreitada nos punhos e fechada por colchetes não visíveis.

MH 12 Esta veste é chamada de “bata”, para não lhe dar o nome de hábito eclesiástico, cuja forma tampouco tem em absoluto.

MH 13 O que serve de manto é um sobretudo ou capa, sem gola e sem botões na parte da frente, fechado no alto por grande colchete interno. Essa capa é um tanto comprida, pois cobre toda a batina, tendo aproximadamente uma polegada a mais que esta.

MH 14 Os sobretudos ou capas que os Irmãos das Escolas Cristãs usam foram-lhes dados para se resguardarem do frio, quando ainda não usavam essas batinas típicas que vestem atualmente, mas apenas gibões sem bolsos e muito adequados.

MH 15 Por essa época, as capas estavam em uso e se julgou que seriam muito apropriadas, úteis e cômodas para os mestres-escola, sobretudo para os que vão às escolas fora de casa e a bairros afastados, em vista da comodidade das crianças, porque esses mestres usam tal capa como manto nas ruas e se servem dele, durante o inverno, como roupão ao chegar às suas escolas ou casas.

MH 16 Vacilou-se bastante, então, sobre se não convinha dar-lhes mantos⁽¹⁴⁾ em lugar desta espécie de capas, por já se estar pensando que certamente seriam vistas no futuro como hábito singular.

MH 17 Mas quatro considerações o impediram: 1ª) Esses mantos na escola não lhes seriam úteis contra o frio, ou os atrapalhariam muito. 2ª) Com mantos curtos, teriam aparência de “abades de corte” e se temia que adotassem os ares destes. 3ª) Embora não o sendo, teriam parecido eclesiásticos, vestidos à moda clerical, contrariando o que ordena a Igreja. 4ª) À primeira tentação que sobreviesse, teriam levado consigo o manto e o gibão e teriam voltado (ao mundo) vestidos como senhores, eles que, ao chegarem (à Comunidade), não vestiam mais que roupas de camponeses ou pobres artesãos.

MH 18 Tais inconvenientes levaram à convicção de que era preferível que não tivessem hábito nem eclesiástico nem civil.

MH 19 Inconvenientes que parecem derivar da mudança desse hábito. Quanto à mudança em geral

MH 20 Há poucas mudanças não prejudiciais a uma Comunidade, sobretudo em se tratando de coisas de importância, por menor que esta seja.

MH 21 As mudanças sempre são indício de inconstância e de

pouca estabilidade. Entretanto, a constância nas práticas, nos usos e nos pontos das Regras parece um dos principais sustentos de uma Comunidade.

MH 22 Uma mudança na Comunidade é ocasião e porta aberta para outras, e deixa em geral má impressão em todas as pessoas ou, pelo menos, em parte delas.

MH 23 A maioria das desordens e abusos ocorridos nas Comunidades provém exclusivamente da excessiva facilidade em se admitir mudanças. Por isso, todas as pessoas que possuem experiência na Comunidade validam o princípio de que:

...

MH 24 Antes de introduzir algo numa Comunidade, deve-se pensá-lo muito e examinar com cuidado as conseqüências benéficas ou funestas que pode acarretar, e que, após seu estabelecimento, é preciso ser muito cauteloso, para só o abolir por necessidade absoluta.

MH 25 Pelo que parece, foi por essas razões que os reverendos Padres Jesuítas, tendo esbarrado com algumas dificuldades em suas constituições após a morte de Santo Inácio, e tendo discernido, em seu primeiro Capítulo Geral, sobre a introdução nelas de alguma mudança, resolveram por unanimidade que não seriam modificadas em ponto nenhum, mas que, para aclarar as passagens que apresentavam dificuldades, seriam acrescentadas algumas apostilas explicativas.

MH 26 Inconvenientes quanto ao hábito em particular

MH 27 A mudança de hábito parece algo importante numa Comunidade. Por isso, tomaram-se muitas precauções, na quase totalidade das Comunidades religiosas, com a finalidade de eliminar qualquer razão para tal mudança e, em muitas delas, o hábito está

determinado não só quanto à forma e ao tipo e cor do tecido, mas também quanto à largura e comprimento, e todas as medidas são precisamente indicadas e detalhadas, com o intuito de se poder sempre conservar hábito igual ao da fundação. E as Comunidades regulares que, em sua fundação, adotaram indumentária comum aos demais eclesiásticos, teimaram em conservar sua veste primitiva para não dar azo a mudanças e, com isso, tornaram seu hábito singular.

MH 28 Faz cinco anos que tal hábito é usado em cinco cidades diferentes, tanto na diocese de Reims quanto na de Laon.

MH 29 Nesses locais, ele é visto como hábito digno e apropriado para manter os mestres na regularidade e simplicidade condizentes com seu estado e emprego, e para atrair sobre eles o respeito dos alunos e a consideração das demais pessoas, muito mais do que o gibão usado por eles anteriormente.

MH 30 As pessoas de fora se acostumaram com esse hábito e mudá-lo daria a elas motivo de falatório, de condená-lo como novidade e inconstância, e aos Superiores, de o reduzirem à traje civil.

MH 31 Faz mais ou menos dois anos que os Irmãos das Escolas Cristãs trabalham em Paris, usando este mesmo hábito, e ninguém, a partir de então, queixou-se dele, a não ser o pároco de São Sulpício que, desde algum tempo, fala dele de forma bastante agressiva.

MH 32 Parece que, se esse hábito merecia ser desaprovado, isso deveria ter sido feito no momento em que os Irmãos das Escolas Cristãs chegaram a Paris e antes de ali se ocuparem com as escolas. Deviam ter-lhes dito que não tinham permissão para assumirem escolas com esse hábito próprio e que deveriam adotar outro mais de acordo com o uso corrente. Teriam tomado então

suas medidas.

MH 33 Razões que levaram a adotar hábito característico e que poderiam levar a conservá-lo

MH 34 Em todas as Comunidades cujos membros não têm propriedade pessoal e que são iguais em tudo, como é o caso das Escolas Cristãs, o hábito ou é específico desde a fundação ou se torna específico no decorrer do tempo.

MH 35 Para o bem de uma Comunidade parece mais conveniente o hábito ser típico desde a fundação do que tornar-se típico posteriormente. É que assim ele não é mudado tão facilmente depois e, tendo sido sempre característico, elimina qualquer pretexto para assumir a moda e as formas de vestir-se das pessoas do mundo.

MH 36 Sendo a maioria dos membros desta Comunidade pessoas simples, sem maior talento e sem estudos e que normalmente se deixam guiar apenas pela impressão, é necessário algo que lhes torne perceptível o fato de pertencerem a uma Comunidade religiosa, tanto para induzi-los a entrarem nela como para mantê-los nela e fazê-los observar suas Regras.

MH 37 E nada produz mais privilegiadamente tal efeito do que um hábito típico, que parece ser a característica de uma Comunidade onde seja e possa ser costume usá-lo.

MH 38 O padre Vicente⁽¹⁵⁾ julgou que o hábito singular era, em certa medida, necessário para manter na congregação os seus integrantes. Quanto mais o será numa Comunidade cujos membros não têm estudos nem cultura.

MH 39 Esse hábito singular faz com que a maioria dos que entram na Comunidade não se preocupem com o fato de esta ser ou não estável e fundada.

MH 40 Tal hábito faz com que os leigos olhem os integrantes dessa Comunidade como pessoas separadas e retiradas do mundo, e parece muito acertado que se tenha tal ideia a respeito deles, para que não frequentem facilmente e nem se comuniquem com demasiada liberdade com as pessoas do mundo e que sejam até mais reservadas com elas.

MH 41 Antes desse hábito singular, quando se falava em observar as Regras, vários afirmavam que não tinham maior obrigação de guardar Regras do que as pessoas do mundo, já que em nada se distinguiam delas.

MH 42 Uma vez adotado esse hábito singular, não parece haver dificuldades nesse ponto, já que todos se consideram pessoas da Comunidade.

MH 43 Antes do uso deste hábito singular, vinha-se a essa Comunidade como à casa de um homem que mantivesse mestres-escola como domésticos⁽¹⁶⁾, sem a menor ideia de Comunidade. Vários entravam nela para formar-se e, em seguida, se promover. Alguns pediam pagamento e outros julgavam que se lhes devia muita obrigação por se contentarem com o sustento e a roupa.

MH 44 Desde que se adotou esse hábito, quando alguém solicita ingressar nela, a única coisa que pensa é entrar numa Comunidade para nela permanecer o resto da vida. As pessoas já não sabem o que é pedir pagamento e se consideram muito felizes por serem admitidas nela. Só o hábito produz tais efeitos.

MH 45 Antes desse hábito, a maioria se retirava com a roupa que lhes era fornecida. Agora, esse hábito serve aos Irmãos de freio em suas tentações. Alguns confessaram mesmo que várias vezes estavam com a ideia de se retirar, e o teriam feito se este hábito não os tivesse retido.

MH 46 Inconvenientes em relação ao hábito eclesiástico

MH 47 Parece pouco conveniente dar hábito nitidamente eclesiástico a leigos que não têm estudos, que nunca os terão e que, inclusive, não têm nem podem exercer função alguma na igreja, nem usar nela sobrepeliz, como são os membros dessa Comunidade das Escolas Cristãs.

MH 48 Nem é de supor que os senhores bispos que contam ou que passarão a contar com semelhantes pessoas em suas dioceses permitam e tolerem que elas vistam hábito eclesiástico.

MH 49 Quem dirige essa Comunidade parece que não poderia dar resposta razoável quando interrogado por que motivo, por autoridade própria, impõe e faz com que usem hábito de eclesiástico, pessoas que não o são. Que justificativa poderia então apresentar?

MH 50 Chegou-se a pensar em fazer-lhes receber a tonsura, mas várias pessoas, entre as quais o padre Baudrand, não eram deste parecer. É mesmo difícil crer que nossos senhores bispos queiram dar a tonsura a pessoas que não têm, nem poderão ter a mínima iniciação aos estudos, nem exercer função alguma na igreja, o que, no entanto, é o que se exige das pessoas dessa Comunidade.

MH 51 Parece ser importante que os membros dessa Comunidade tenham hábito distinto dos eclesiásticos.

MH 52 Todos os dias estão nas paróquias e suas escolas situam-se em geral perto destas: levam a elas os meninos para a assistência à Santa Missa e ao serviço divino⁽¹⁷⁾.

MH 53 Os senhores párocos não os veriam ali de bons olhos revestidos de mantos compridos, obrigar-nos-iam a usar sobrepeliz e lhes fariam exercer funções eclesiásticas, pelo menos quando tivessem necessidade de sua ajuda.

MH 54 Tal necessidade será frequente, por haver poucos eclesiásticos na maioria das paróquias das cidades: muitas vezes só há nelas um pároco e, no máximo, um vigário com ele.

MH 55 Os mestres se sentiriam honrados em revestir sobrepeliz nas paróquias, em estar nelas com o clero e exercer ali funções eclesiásticas.

MH 56 Com isso, facilmente deixariam de cuidar das crianças na igreja, o que é, no entanto, a única coisa pela qual ali vão, e que em si não é nada atraente para a natureza.

MH 57 Tudo o que consta neste artigo é fruto da experiência: em São Tiago, Laon, Château-Porcien.

MH 58 Se os Irmãos dessa Comunidade usassem hábito eclesiástico, seriam facilmente tentados a fazer estudos, a receber a tonsura, a avançar nas Ordens, a buscar empregos nas paróquias.

MH 59 Com facilidade se vinculariam e relacionariam com os senhores párocos e outros eclesiásticos, ao ver-se com eles todos os dias. Tal convivência demasiado livre poderia ser para eles causa de numerosas tentações contra a vocação e, de negligência em seu trabalho.

MH 60 O manto longo seria muito incômodo em sua atividade.

MH 61 Com essa vestimenta não teriam liberdade para mover-se confortavelmente de um lado a outro em meio a seus alunos, nem os colocar em fila e mantê-los com facilidade em ordem ao levá-los à igreja ou estando nela.

MH 62 Observou-se que com esse manto comprido pode-se derrubar a maioria das crianças de um lado e de outro, ao tentar colocá-las em fila.

MH 63 Na maior parte das cidades, será necessário dirigir

escolas em diferentes bairros, e os mestres devem permanecer nelas todos os dias durante três horas e meia de manhã e outras tantas de tarde.

MH 64 Nessas escolas os mestres terão necessidade, durante o inverno, de vestes diferentes das normalmente usadas, para proteger-se contra o frio. Um manto comprido não lhes seria de nenhuma utilidade para tal efeito, enquanto que a capa lhes serve de abrigo nas escolas.

Obras completas de São João Batista de La Salle. UniLaSalle Editora, Canoas, 2012, vol. I.

(6) “Seminário se chama também, por extensão, local em que se aprende a bem viver, a exercer bem as funções de sua profissão” (Dictionnaire de Trévoux).

(7) Ou no “século”, isto é, fora do convento ou da comunidade religiosa. “Seculares”: os que vivem no “século”.

(8) “Rabat”: Gola geralmente larga e pendente. Peitilho.

(9) Clérigo: Significava várias coisas: aquele que, pela tonsura, se engajou no estado eclesiástico; auxiliar do sacerdote para diversas funções: ajudar na Missa, cantar nela, levar as velas...; além de pessoa instruída, mestre.

(10) Piedade: No século XVII e em La Salle, piedade muitas vezes se identifica com devoção. Em sentido restrito, ela é feita de práticas ascéticas (renúncia, jejum, vigilância sobre si...) e espirituais (oração vocal e mental, frequência aos sacramentos, leituras devotas...). Em sentido mais amplo, é atitude geral de respeito a Deus e às coisas sagradas, bem como estilo de vida de inspiração cristã. Até certo ponto, o homem piedoso do século XVII lembra o homem justo do Antigo Testamento.

(11) Sem estudos e cultura (Cf. MH 38): Entenda-se, em todo o texto da MH: Sem estudos e cultura clássica em vista do sacerdócio, como seriam o latim e o grego. Sem estudos eclesiásticos.

(12) Em seus escritos, La Salle usa normalmente “estado” como sinônimo da vida religiosa, da vocação que o Irmão abraçou; e “emprego” para significar o seu trabalho, isto é, o magistério ou os cuidados materiais exigidos pela comunidade.

(13) Diz-se “essa profissão exige homem inteiro (“tout entier”) para significar que tal profissão deve ocupá-lo com exclusividade e que ele deve dedicar-se à mesma com todo o empenho” (Furetière).

(14) ...eclesiásticos.

(15) São Vicente de Paulo, fundador dos Padres da Missão (Lazaristas) e das Irmãs de Caridade (Vicentinas).

(16) Pessoa que trabalha para outra residindo na casa desta.

(17) Serviço divino. Isto é, o culto, as cerimônias litúrgicas. Ter presente que a palavra liturgia se deriva de termo grego que, entre os helenos, designava um serviço prestado ao bem público pelos cidadãos ricos.



RETORNAR CAPÍTULO 03

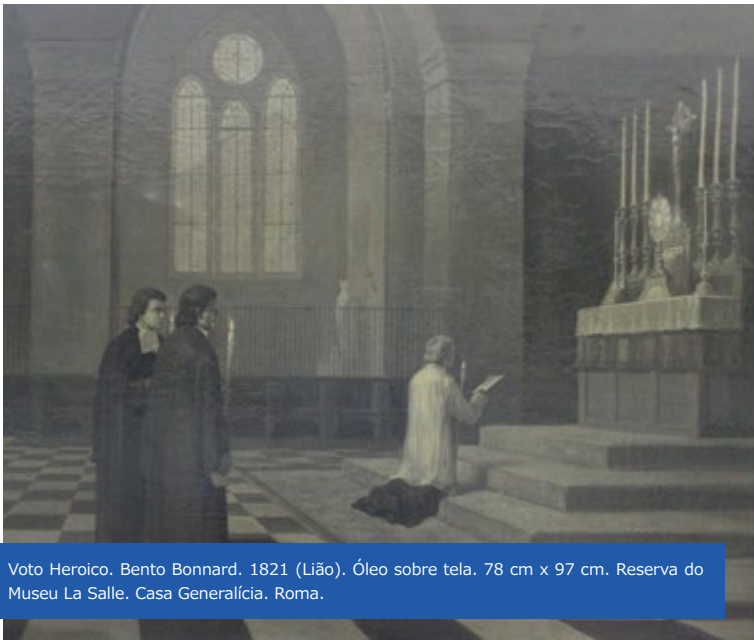


RETORNAR AO SUMÁRIO

O VOTO HEROICO DE 1691

As provações sofridas por La Salle em 1690 afetaram-no fortemente, a ponto de criar nele uma profunda inquietação. Era um momento no qual parecia que o Instituto não poderia subsistir. Mas o Fundador não se deixou abater, indo em busca dos meios que lhe permitissem assegurar a continuidade da obra. De um lado, dedicou-se a recuperar e fortalecer a comunidade, fazendo-a crescer a partir de dentro; e de outro, sentiu-se inspirado a associar-se com dois Irmãos nos quais confiava plenamente, com o objetivo de que o futuro da Comunidade não repousasse unicamente sobre ele e um potencial sucessor.

No dia 21 de novembro de 1621, festa da Apresentação da Santíssima Virgem no Templo, La Salle e os Irmãos Nicolas Vuyart e Gabriel Drolin se comprometeram irrevogavelmente a procurar e manter o estabelecimento do Instituto, inclusive se apenas eles três ficassem na Sociedade, tivessem que pedir esmola e viver somente de pão.



Voto Heroico. Bento Bonnard. 1821 (Lião). Óleo sobre tela. 78 cm x 97 cm. Reserva do Museu La Salle. Casa Generalícia. Roma.

Este compromisso de associação, inspirado em motivos religiosos e que conhecemos hoje como «Voto Heroico», foi tão crucial no processo de fundação do Instituto que se lhe atribui o valor de uma ata fundacional de uma primeira associação que daria origem a uma sociedade mais ampla e inspiraria a fórmula de votos utilizada pelos Irmãos a partir de 1694.

O «Voto Heroico» permaneceu em segredo durante toda a vida de La Salle, e somente o conhecemos através da biografia dele escrita por Blain e publicada em 1733. A informação lhe devia chegar através do Irmão Timothée, que devia recebê-la diretamente do Irmão Gabriel Drolin. Infelizmente, o documento original foi extraviado.

Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, prostrado com o mais profundo respeito ante vossa infinita e adorável majestade, consagramo-nos inteiramente a vós, para procurar com todas as nossas forças e com todos os nossos cuidados o estabelecimento da Sociedade das Escolas Cristãs, do modo que nos pareça mais agradável a Vós e mais vantajoso para a referida Sociedade.

E, para este efeito, eu, João Batista de La Salle, sacerdote; eu, Nicolas Vuyart; e eu, Gabriel Drolin, nós, desde agora e para sempre, até o último entre nós que sobreviva, ou até a completa consolidação do estabelecimento da referida Sociedade, fazemos voto de associação e de união, a fim de promover e garantir o referido estabelecimento, sem podermos desistir disso, mesmo que só nós três permanecemos na referida Sociedade e sejamos obrigados a pedir esmola e a viver somente de pão.

Julgarmos servir para fazer unanimemente e de comum acordo tudo o que, em consciência e sem nenhuma consideração humana, julgarmos que sirva para o maior bem da referida Sociedade.

Feito neste 21 de novembro, dia da Apresentação da Santíssima Virgem, de 1691.

Como prova, assinamos.

Obras completas de São João Batista de La Salle. UniLaSalle Editora, Canoas, 2012, vol. I.



Assinaturas de João Batista de La Salle e dos Irmãos Nicolas Vuyart e Gabriel Drolin. Esta montagem reúne as três assinaturas autênticas dos três companheiros do «Voto Heroico» de 21 de novembro de 1691. Eles se comprometem por voto de associação a trabalharem no estabelecimento da «Sociedade das Escolas Cristãs», mesmo «que somente nós três permanecemos na referida Sociedade e nos vejamos obrigados a pedir esmola e a viver somente de pão». Fonte: Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 41.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 04

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

O GUIA DAS ESCOLAS CRISTÃS

O Guia das Escolas Cristãs é a obra que recolhe todas as diretrizes que os Irmãos tinham que seguir para darem aula e manter as escolas do Instituto. Por isso devemos supor que em cada comunidade eles dispunham ao menos de uma cópia.

A primeira edição impressa é de 1720, realizada em Avinhão, na tipografia de Joseph-Charles Chastanier, e foi aprovada pelo inquisidor Petrus La Crampe em 1705. Isto demonstra que existiam cópias manuscritas anteriores a esta edição.

Esta obra é fruto de anos de experiência em sala de aula e do trabalho colaborativo dos Irmãos mais experimentados. Possivelmente ele começou a ser redigido durante os inícios do Instituto, e pouco a pouco foi tomando corpo. É lógico pensar que La Salle e os Irmãos viram a necessidade de adotar algumas normas e métodos comuns para ensinar. No começo eram algumas bases simples que, com o tempo, foram sendo aperfeiçoadas à medida que os aplicavam em sala de aula.

O Guia das Escolas Cristãs possui grande valor pedagógico não apenas pelas obras que se inspiraram nela, mas porque conformou o estilo próprio das escolas do Instituto.

Prefácio

Foi necessário elaborar este Guia das Escolas Cristãs para que tudo fosse uniforme em todas as escolas, em todos os lugares onde há Irmãos deste Instituto, e os usos fossem sempre iguais. O ser humano está tão sujeito ao relaxamento, incluída a mudança, que precisa de normas escritas que o mantenham no seu dever e o impeçam de introduzir alguma novidade ou eliminar o que prudentemente se tem estabelecido.

Este Guia foi redigido em forma de regulamento somente depois de numerosas trocas de ideias entre os Irmãos deste Instituto mais veteranos e melhor capacitados para darem bem aula; e depois da experiência de vários anos; nele não foi incluído nada que não



Cópia do quadro de César Mariani no Vaticano. O Santo Fundador dando aula. É um quadro de divertido realismo e vivacidade. A variedade de rostos e posturas reflete o animado mundo da juventude, tão conhecido e querido pelos educadores. Fonte: Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Editora Limet. Nº 145.

tenha sido antes bem acordado e comprovado, cujas vantagens e inconvenientes não tenham sido ponderados, e não se tenha previsto, na medida do possível, os erros ou conseqüências ruins.

Embora este Guia não tenha sido elaborado na forma de regra, já que há nela muitas práticas que somente olham para o melhor e talvez não poderão ser observadas facilmente por aqueles que têm pouca habilidade para a sala de aula, e já que muitas delas são acompanhadas e reforçam as razões que as explicam e indicam o modo de proceder ao aplicá-las, contudo os Irmãos procurarão com sumo cuidado ser fiéis em observar todas elas, convencidos de que não haverá ordem em suas aulas e escolas senão na medida em que sejam exatos em não omitir nenhuma, e aceitarão este Guia como se lhes fosse dado por Deus, através de seus superiores e dos primeiros Irmãos do Instituto.

Este Guia está dividido em três partes. Na primeira, trata-se de todos os exercícios da escola e de quanto nela se pratica, desde a

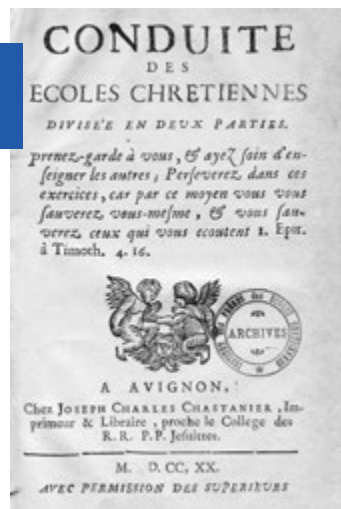
entrada até a saída. A segunda oferece os meios necessários e úteis de que os mestres se valerão para estabelecer e manter a ordem em sala de aula. E a terceira expõe as obrigações do Inspetor das Escolas, o cuidado e atenção que o formador dos novos mestres deve ter, as qualidades que os mestres devem ter ou adquirir, e os procedimentos que devem observar para bem cumprirem seu dever na escola, e finalmente o que devem cumprir os escolares. Esse é em geral o conteúdo deste livro.

Os superiores das casas deste Instituto e os inspetores das Escolas cuidarão de aprendê-lo bem e conhecer perfeitamente tudo quanto ele contém; e procurarão que os mestres não faltem em nada e observem exatamente até as mínimas práticas que nela se lhes prescreve, para conseguir, por este meio, muita ordem na escola, um procedimento bem regulado e uniforme nos Irmãos encarregados delas e copioso fruto para as crianças que nelas são educadas.

Os Irmãos que dão aula lerão e relerão com frequência o que a eles se refere neste Guia, para não ignorarem nada, estarem dispostos a não esquecer nada e serem fiéis em praticá-lo.

Irmãos das Escolas Cristãs (2001). Obras completas de São João Batista de La Salle. Madri: Edições São Pio X. (Tradução não oficial)

Capa da primeira edição impressa do Guia das Escolas Cristãs. *Conduite des Écoles Chrétiennes*, édition princeps, 1720. AMG.



◀ RETORNAR CAPÍTULO 09

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

AS DOZE VIRTUDES DO BOM MESTRE

João Batista de La Salle sabia quanto era importante formar os Irmãos e, por isso, organizou seu pensamento num conjunto de 18 pequenas obras de temas bem variados conhecido como Coleção de vários pequenos tratados para uso dos Irmãos das Escolas Cristãs. Provavelmente é a obra mais antiga do Fundador; a edição mais antiga que conhecemos é de 1711.

O objetivo desta obra consistiu em orientar a vida espiritual, comunitária e profissional dos Irmãos. A lista das doze virtudes do bom mestre está incluída nela:

As doze virtudes do bom mestre:

Gravidade, silêncio, humildade, prudência, sabedoria, paciência, moderação, mansidão, zelo, vigilância, piedade e generosidade.

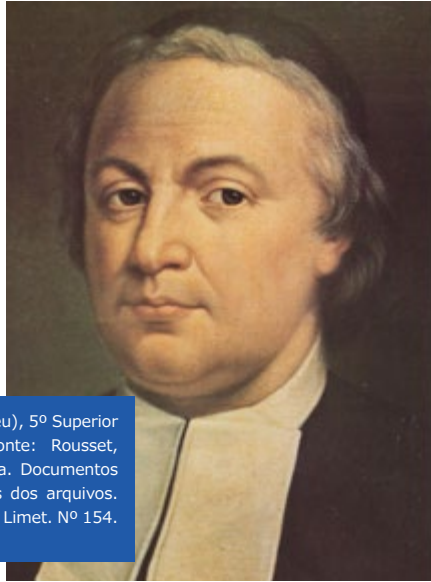
Irmãos das Escolas Cristãs (2001). Obras completas de São João Batista de La Salle. Madri, Edições São Pio X. (Tradução não oficial)



O Venerável de La Salle dando aula aos meninos em 1690. Jopé. Litografia. Cornet, J.A. e Rousset, E. (1989). Iconografia de São João Batista de La Salle. Dos começos à beatificação, 1666-1888. Cadernos lassalianos nº 49, 236.

As doze virtudes do bom mestre foram explicadas detalhadamente em 1785 pelo Irmão Agathon, 5º Superior Geral, e publicadas em Melun. Esta é sua obra pedagógica mais importante. Em sua exposição conservou as virtudes na mesma ordem enumerada por La Salle. A obra foi inspirada nos princípios e máximas de La Salle, como advertiu o autor, e nas obras pedagógicas do seu tempo, mas na sua essência foi produto de sua experiência pessoal como mestre.

Este pequeno livro é um tesouro para o educador cristão, que ainda nos dias de hoje tem muito a nos dizer.



Retrato do Irmão Agathon (Joseph Gonlieu), 5º Superior General do Instituto (1777-1798). Fonte: Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 154.

As doze virtudes do bom mestre segundo São João Batista De La Salle

Explicação do Irmão Agathon, Superior Geral, FSC

1. Gravidade

«Trata de ser um modelo para os que acreditam por tua

palavra, por tua conduta, teu amor, tua fé e tua castidade» (1Tm 4, 12).

A gravidade é uma virtude que ordena toda a postura exterior do mestre, em conformidade com a modéstia, o decoro e a boa ordem.

O mestre possuidor desta virtude mantém o corpo em atitude natural, sem afetação nem com visão curta; não move nem volta rapidamente a cabeça de um lado para outro a cada palavra que diz; seu olhar é sereno, sem artifício nem severidade; não fica rindo ao falar, nem faz contorções impróprias; é afável, fala pouco e em tom moderado; evita ser áspero, mordaz ou vaidoso no linguajar; não é rude nem descortês com ninguém.

Persuadido de que a gravidade, modéstia e reserva não são antagônicas com a bondade nem com o carinho, trata de captar com qualidades tão amáveis o afeto dos estudantes, porque sabem que então colocarão maior empenho em participar de suas aulas; serão mais dóceis em recebê-las e mais fiéis em praticá-las. Contudo, nem por isso se mostra demasiadamente expansivo com eles, nem mantém intimidades e familiaridades com ninguém.

Longe de propor-se como único fim inspirar-lhes temor, seu principal esforço será atrair sua confiança para não coibir a espontaneidade e, graças a ela, observa os germes de virtude que haja nas crianças para poder cultivá-los e aperfeiçoá-los, assim como os de seus vícios e faltas para corrigi-los enquanto seja possível.

[...]

2. Silêncio

«Eu vos digo: de toda palavra vã e inútil que se proferir há de se prestar conta no dia do juízo» (Mt 12, 36).

Com este nome designamos aqui certa discrição prudente no uso das palavras; de forma que o mestre saiba calar quando não deve falar, e falar de maneira prudente quando não deve ficar calado.

Duas são as funções desta virtude; porque se ensina ao mestre a arte de calar, também lhe ensina a de falar, afastando-o assim de dois extremos condenados por ela, a saber, o mutismo e a loquacidade.

[...]

Segundo estas reflexões, o bom mestre considera como faltas, que deve evitar, por serem contrárias ao silêncio:

1. Falar sem necessidade ou calar quando precisa falar.

2. Dizer mal o que fala por não ter previsto o assunto, sua necessidade, o tempo mais conveniente, as circunstâncias, suas boas ou más conseqüências; ou também por expressar-se sem vigor, sem clareza nem exatidão, titubeando a cada palavra pelo afã de usar termos elegantes sem conhecer seu significado exato, ou sendo vago e carente de método.

3. Deter-se demasiado tempo a falar com alguns alunos, com seus pais, com outras pessoas estranhas ou com seus companheiros de escola, mesmo quando lhes fale por necessidade.

4. Andar à procura de notícias e dar ouvido fácil àquilo que os alunos queiram contar.

5. Finalmente, falar com precipitação excessiva ou de forma confusa, ou muito alto ou tão entre dentes que apenas os discípulos consigam perceber o que lhes diz.

3. Humildade

«O orgulho acaba por trazer a humilhação, enquanto quem é sinceramente humilde será honrado» (Pv 29, 23).

É uma virtude que, na devida justiça, nos inspira sentimentos baixos sobre nós mesmos, dando-nos a conhecer o que realmente somos, segundo as palavras do Apóstolo: “O que tens que não tenhas recebido? Mas, se recebeste tudo o que tens, por que então te glorias, como se não o tivesses recebido?” (1Cor 4, 7). Deste modo, combate diretamente a soberba, que com tanta injustiça nos inspira conceito elevado de nossa própria excelência; pois esse vício não é senão erro e vã vaidade, que nos eleva a nossos próprios olhos e nos faz crer superiores ao que somos na realidade.

[...]

4. Prudência

«Sejam prudentes como as serpentes» (Mt 10, 16).

A prudência é uma virtude que nos dá a conhecer o que devemos evitar, e nos indica os meios seguros e legítimos de conseguir uma finalidade louvável.

Esta virtude determina o uso que devemos fazer do entendimento para não ter que nos arrepender de nossas iniciativas ou empreendimentos. Contudo, os meios empregados por ela serão sempre legítimos se forem inspirados pela razão ou pela fé, e serão seguros se não forem insuficientes nem excessivos.

[...]

Memória: é próprio da Prudência aplicar a experiência do passado ao que ainda virá. Nada se assemelha tanto ao que está por vir com o que já sucedeu. Por isso, o bom mestre deve aproveitar do que já aprendeu; os desacertos ou resultados positivos que observa nos demais servirão de proveitosa instrução. E não deixará de ajustar-se fielmente ao nosso Guia das Escolas, composto em conformidade com muitas pesquisas exatas e consumada experiência.

Inteligência: a Prudência exige que se conheça perfeitamente o assunto que se tem em mãos e os meios adequados para desempenhá-lo como convém.

[...]

5. Sabedoria

«Radiante e perene é a sabedoria. Facilmente é vista por aqueles que a amam, e é encontrada pelos que a procuram» (Sb 6, 12).

A sabedoria é a virtude que nos dá a conhecer as coisas segundo os princípios mais excelentes, e nos move a agir de acordo com eles.

Difere da prudência em que esta supõe tão somente uma finalidade louvável, qualquer que ela seja; ao passo que a sabedoria olha diretamente para o objeto desta finalidade e o aprecia não apenas como bom e estimável, mas também como muito nobre e importante.

Em que consiste então a sabedoria do bom mestre?

Em fazê-lo compreender, amar e cumprir a função imensamente preciosa que está chamado a desempenhar. De donde se segue que deve começar seguindo o exemplo de Salomão, por dirigir-se com humildade ao autor de toda dádiva, ao Deus de toda ciência, ao Pai das luzes:

«Dai-me, Senhor, a sabedoria que se assenta no vosso trono, e não me excluais do número dos vossos filhos. Mandai-a dos vossos sagrados céus, e fazei que ela venha do vosso trono glorioso, para que me acompanhe e trabalhe comigo, e eu saiba o que é agradável diante de vós. Pois ela tudo conhece e tudo compreende, e me guiará com prudência em meus trabalhos, protegendo-me com a sua glória. Assim, minhas obras serão bem aceitas, e governarei vosso povo com justiça e serei digno do trono de meu pai» (Sb 9, 4.10-12).

6. Paciência

«Mediante vossa paciência salvareis vossas almas» (Lc 21, 19).

A paciência é uma virtude que ajuda a sobrelevar todos os males desta vida sem murmurar e com submissão à vontade divina, em especial ao mestre as penalidades associadas à educação da juventude.

[...]

Justamente se aplica ao bom mestre tudo o que acabamos de dizer da Paciência em geral. Como o mestre vive quase continuamente com as crianças, esta virtude implica para ele saber suportar as moléstias e desgostos inerentes a sua profissão, e, por conseguinte, não se incomodar pelo desrespeito, zombarias ou maus modos dos alunos ou de seus pais; compadecer-se da fraqueza de juízo das crianças, tão natural na sua idade, bem como da leviandade de seu espírito e de sua inexperiência; não se sentir desencorajado nem cansar-se de repetir-lhes muitas vezes e por muito tempo as mesmas coisas, sempre com bondade e carinho, para gravar na sua memória, por maior que seja a dificuldade e tédio que possa encontrar nisso.

Pois, cedo ou tarde, alcançará o objetivo que se propõe, como prêmio de tanto instruir, admoestar, intervir e repreender. Com o passar do tempo, começam a lançar raízes as ideias exatas e razoáveis que incessantemente foi inculcando em seus pupilos; os sentimentos piedosos e cristãos, de retidão e honestidade insensivelmente vão se insinuando no flexível coração das crianças bem dispostas; e, por fim recolhe fartos frutos, tanto mais abundantes quanto mais tempo tenha sido necessário esperar. Portanto, não esqueça, mestre, nunca estas palavras de São Tiago: «A paciência alcança seu objetivo, de forma que sejam perfeitos e íntegros, sem falta ou deficiência alguma» (Tg 1, 4).

São defeitos contrários a esta virtude desgostar os alunos com palavras ofensivas ou inconvenientes, sacudindo-os ou batendo neles com a mão, o apontador ou o sinal; impor-lhes correções injustas, ditos explosivos carregados de amor próprio ou por ímpeto, sem dar lugar à reflexão antes de agir ou de falar.

7. Moderação

«Com todo cuidado, guarda teu coração, pois dele procede a vida» (Pr 4, 23).

A mansidão ou suavidade é uma virtude que nos inclina a falar e agir com moderação discreta e modesta.

[...]

A mansidão consiste em a gente lidar com moderação nas ocasiões de aborrecimentos e arrebatamentos; em não se permitir nada contrário ao decoro e que dê motivo a censuras e suspeitas mais justificadas. Ensina a ordenar toda a conduta, de modo que os discípulos nada possam observar nela que não seja imitável e digno. Exige que em toda parte procedamos sempre segundo as preocupações, as precauções e considerações que a inocência das crianças reclama, a fragilidade de sua idade, sua facilidade em receber toda sorte de impressões e em imitar o mal, lembrando que uma palavra, um gesto, um sorriso, um olhar, uma aparente insinuação

lhes põe em jogo a imaginação, suscita nelas uma multidão de fantasias, sendo-lhes um manancial abundante de deduções, e às vezes até pode decidir seus costumes para o que virá.

Também evita toda amizade e familiaridade perigosa com eles. Proíbe tocá-los no rosto, acariciá-los, brincar com eles, receber seus abraços. Enfim, não perde nunca de vista a ideia de que as crianças são formadas pelas pessoas consagradas a Deus, que devem ser irrepreensíveis e alheias às fraquezas ordinárias nas demais pessoas.
[...]

8. Mansidão

«Aprendam de mim, que sou manso e humilde de coração» (Mt 11, 29).

A mansidão é uma virtude que nos inspira bondade, clemência e ternura. Seu modelo mais acabado é Jesus Cristo, que a recomenda especialmente com estas palavras: «Aprendam de mim que sou manso e humilde de coração» (Mt 11, 29). Ela é, segundo o santo Bispo de Genebra, como a flor da caridade, a qual, segundo São Bernardo, chega à sua perfeição quando não apenas é paciente, mas também suave e aprazível.

Em geral distinguem-se quatro classes de mansidão: a primeira é a do espírito, que consiste em julgar as coisas sem amargura nem paixão, sem preocupação do próprio mérito ou de suposta capacidade.

A segunda é a do coração, que inclina a desejar as coisas sem obstinação e de forma justa.

A terceira é a dos costumes, que consiste em conduzir-nos por princípios retos, sem intrometer-nos a reformar os outros, quando não temos autoridade sobre eles, nem a meter-nos em coisas que não nos cabem.

E finalmente, a quarta é a da conduta, que move a agir com simplicidade e retidão, sem contradizer os demais quando não há motivo justo nem obrigação de fazê-lo, guardando sempre a conveniente moderação.

[...]

O mestre deve recordar que:

1. *Para emendar as faltas, os castigos são menos eficazes que o modo de impô-los.*

2. *Que infundindo, com rudeza e rigor um temor excessivo, isso embrutece o espírito, envilece o coração, sufoca os sentimentos nobres e inspira aversão à escola e ao estudo.*

3. *A excessiva rigidez em não perdoar nada, priva aos castigos justos e oportunos o seu valor medicinal.*

4. *Uma prudente moderação pode ganhar os que a indiscreta severidade irritaria.*

5. *Nunca inspire temor saudável de si mesmo, se não consegue inculcar nas crianças o temor de Deus e de seus juízos; porque se elas menosprezam este temor ou não lhes provoca a devida impressão, em vão o mestre tentará que temam a ele, por mais que o procurem.*

Contudo, não se deve esquecer que, se a mansidão deve estar cheia de caridade, também deve manter-se firme. A caridade pode muito bem atrair momentaneamente o coração das crianças, mas não basta quando o mal já tomou conta dele; é preciso que a firmeza lhes ajude a mantê-las no dever ou para moldá-las de novo para ela quando deixam de cumpri-la.

[...]

Este superior ou autoridade que infunde nos estudantes respeito e submissão não vai vinculado à idade, à estatura, ao tom de voz, nem às ameaças; e sim ao caráter igual, firme, moderado, sempre dono de que tem somente por guia a razão e nunca age por capricho ou ataque. Contribuem também para adquiri-lo a prudente mistura de doçura e firmeza de amor e temor. O amor deve conquistar o coração das crianças sem mimá-las, e o temor precisa contê-las sem desalentá-las.

Os principais meios para estabelecer e conservar este superior ou autoridade de que tratamos se disseminaram por diversos lugares no coração desta obra. Mas julgamos oportuno formar aqui como uma síntese de todos eles:

1. *Não acudir nunca às próprias forças fora de tempo, sem razão nem reflexão, e muito menos para coisas sem importância.*
2. *Exigir com exatidão o ordenado, quando for justo.*
3. *Ser firme em não outorgar o que foi negado com razão, se as circunstâncias não tenham mudado.*
4. *Não ameaçar facilmente, mas cumprir as ameaças quando forem justas e quando as crianças se tornarem merecedoras delas.*
5. *Infundir e manter nos discípulos temor respeitoso.*
6. *Ser sempre muito ordenado na forma de dirigi-los.*
7. *Proceder de modo invariável no tratamento com os alunos, de forma que estes se convençam de que o professor é homem que exige sempre o dever e faz respeitar a ordem.*
8. *Tratar da mesma forma a todos, sem predileção por ninguém; de outro modo, o preferido se tornará audaz e insolente, e os demais, privados da simpatia do mestre, se tornarão invejosos, revoltados e indóceis. Porém, isso não obsta de mostrar complacência, louvando e recompensando a quem se conduz bem, e manifestando seu descontentamento com os que se comportam mal.*
9. *Não se familiarizar com os alunos.*
10. *Proceder sempre de modo que jamais o mestre se exponha e que a razão esteja do lado dos alunos e contra ele.*
11. *Não tratar os estudantes como escravos; mas ao mesmo tempo conduzir-se com eles com tamanha dignidade, que nunca possam igualar-se ao mestre.*
12. *Dar às coisas que devam dizer-lhes a sua verdadeira importância. Seria ridículo dar muita às que têm pouca, ou não dar às essenciais a importância que merecem; e isso tanto no concernente à ordem geral das aulas como no que se refere ao bem particular dos alunos.*
13. *Falar pouco quando se ordena algo e exigir que se obedeça.*
14. *Não abusar da autoridade pedindo em demasia ou com rigor excessivo o que se pode exigir, como dobrar ou triplicar a tarefa imposta a um estudante que não consegue ou não quer aprender*

o indicado; ou se ele resiste a cumprir um castigo, impor-lhe outro maior. Isto traz como consequência a insensibilidade, o despeito e até a rebelião do educando.

15. Acomodar a tarefa à capacidade e aptidões de cada estudante.

16. Quando o mestre precisa enfrentar os alunos de forma mais dura e firme, não deve ceder nem afloujar na justa firmeza com que precisa reprimi-los.

[...]

I. Das sete condições que a correção deve ter por parte de quem a dá

1. Deve ser pura: Não há dúvida de que na correção, assim como em todas as nossas ações, devemos propor-nos como fim a glória de Deus e o cumprimento de sua santa vontade; mas, por outro lado, deve direcionar-se à emenda do aluno a quem vai dirigida, de sorte que nela não intervenha mau humor, nem aversão, antipatia, capricho, vingança ou ressentimento.

2. Deve ser caritativa: Será assim quando se corrige a criança porque se deseja o seu bem. O mestre procede como médico, nunca como inimigo. «Parece, disse Santo Agostinho, que o médico persegue seu doente, mas o que persegue na realidade é sua enfermidade porque ama o enfermo, e se ele faz sofrer a quem ama, é para libertá-lo do mal que o aflige». Assim procede o mestre com as crianças quando as corrige. É uma graça com aparência de rigor, e remédios são os aparentes males que lhes causa.

3. Deve ser justa: Todo castigo pressupõe alguma falta: por consulente não se deve aplicar senão quando a falta é certa. Por isso mesmo, somente se devem aplicar castigos por culpas que também o sejam, tanto por sua própria natureza como pelas consequências que possam acarretar.

Às vezes pode impor-se castigo menor que a culpa, mas jamais deverá excedê-la; caso contrário, a justiça e a razão seriam violadas; porque seria agir com prevenção e dar razão para pensar que se castiga por crueldade ou por outros motivos repreensíveis.

4. *Deve ser conveniente: Deve ter em conta a idade, o caráter, o temperamento, o estado de ânimo do culpável e de seus pais, para que o castigo seja exatamente proporcional à culpa e a suas circunstâncias, bem como a finalidade a que o mestre se propor.*

5. *Deve ser moderada, ou seja, nem demasiadamente forte nem precipitada; no primeiro caso poderia irritar e excitar à rebeldia, à aversão ou ao desânimo; e no segundo, poderia não ser justa nem conveniente.*

6. *Deve ser sossegada, isto é, feita sem perturbação nem impaciência; sem ataques de mau humor, e geralmente em silêncio; pelo menos que se fale em voz baixa e somente por imprescindível necessidade.*

7. *Deve ser prudente: Essa é uma das condições que merece particular atenção; pois antes de castigar, o mestre prudente garante as disposições do culpável e do estado de ânimo no qual ele mesmo se encontra.*

Seria prejudicial castigar uma criança cujo espírito está amargurado, revoltado, magoado, cheio de amargura: o mestre deve prepará-lo antes para receber o castigo e também preparar-se a si mesmo, mediante a reflexão, para aplicá-lo. A prudência exige que se julgue o castigo a ser imposto pela natureza da culpa que o motiva. Assim como há diferença entre as culpas cometidas por malícia ou obstinação, e as de inadvertência ou fragilidade, também deve haver diferença entre as penas com que se sancionam.

[...]

II. Das três condições que deve ter a correção para ser proveitosa a quem a recebe

1. *Deve ser voluntária, ou seja, que seja recebida sem resistência e se cumpra até de boa vontade.*

O meio que é preciso usar para mover o castigado a aceitar a sanção é colocá-lo diante do repreensível da sua culpa e quanto lhe importa repará-la, tanto para seu proveito particular como para o bom exemplo que deve dar a seus discípulos.

2. Deve ser respeitosa, porquanto o aluno deverá reconhecer a obrigação que o mestre tem de submetê-lo à correção quando a merece; e como consequência, a que ele tem de submeter-se à pena que mereceu.

3. Deve ser silenciosa, ou seja, o aluno deve suportá-la sem réplica, queixa nem murmuração; do contrário, manifestaria que não a recebe nem voluntária nem respeitosamente.

[...]

Também é fácil compreender que a verdadeira mansidão do bom mestre consiste em não buscar nos sentimentos de bondade que o animam senão a emenda e o bem daqueles a quem castiga, e o êxito de seu ministério e de sua solicitude; em não exigir nada das crianças sem muita consideração e em ajudar com paciência os momentos favoráveis para obter o que pretende deles.

Enfim, facilmente se coloca o cuidado com que o mestre deve evitar a severidade e a ironia, pois longe de serem meios adequados para corrigir os estudantes, apenas serviriam para indispô-los contra ele, e inutilizar, talvez totalmente, os esforços de seu zelo. É sabido que o aluno com falta de estima e de afeto pelo mestre que feriu seu coração, recebe ordinariamente com a maior repugnância não apenas suas correções e advertências, mas também todas as suas instruções. Quase sempre conserva a lembrança de que seu mestre cometeu uma indignidade, o desaforou, a baixeza de zombar dele e de escarnecer de seus defeitos corporais, intelectuais ou quaisquer outros, em lugar de havê-lo admoestado e corrigido com dignidade e de ter granjeado a amizade de seus companheiros.

Há outros defeitos contrários à mansidão, tais como os arranques impetuosos de um gênio demasiadamente inflamado; o humor melancólico, extravagante, displicente, caprichoso; um aspecto sombrio e excessivamente severo; modos duros e depreciativos; semblante altivo, austero; palavras amargas, zangadas, cheias de amargura, ofensivas, que as crianças não deixam de comunicar a seus pais para indispô-los contra o mestre e justificar a aversão que

sentem contra ele e sua escola; gestos violentos, ataques, correções precipitadas, indiscretas, brutais, repetidas, sem fundamento razoável e levadas bem além dos limites da justiça e da caridade; tudo quanto envilece e torna uma autoridade detestável, que é vista como tirânica, somente pode ocasionar rebeldias, ódios, maledicências, e finalmente um rigor nojento que explode quando recebe algum desprezo ou insulto.

[...]

9. Zelo

«Quanto a mim, de muita boa vontade gastarei o que for preciso e me gastarei por vocês» (2Cor 12, 15).

O zelo é uma virtude que nos move a procurar com grande afeto a glória de Deus nosso Senhor.

O mestre zeloso começa seu ensino pelo constante bom exemplo que acompanha todas as suas atividades; essa é a primeira lição que deve dar a seus discípulos, a imitação de Jesus Cristo, que começou praticando antes de ensinar.

[...]

10. Vigilância

«Tu, porém, procura ser sempre prudente [vigia em tudo]... desempenha bem o teu ministério» (2Tm 4, 5).

A vigilância é uma virtude que nos infunde diligência e exatidão no cumprimento de nossos deveres.

O mestre precisa desta virtude tanto para si como para seus discípulos.

Deve vigiar sobre si mesmo, isto é, sobre seus pensamentos e os movimentos de seu coração; sobre o uso de seus sentidos e sobre toda sua pessoa, para agir sempre bem e cumprir dignamente suas obrigações. As faltas que cometer por falta de vigilância em qualquer destes extremos, prejudicariam evidentemente a educação das crianças, e ainda poderiam inspirar-lhes desrespeito para com ele.

Precisa vigiar seus discípulos, porque é o seu anjo da guarda. A sua ausência ou descuido (tudo é uma coisa só) dará ocasião para que o demônio, que gira sem cessar em torno deles, lhes arrebate o tesouro da inocência. O que responderá a Jesus Cristo quando lhe pedir contas de suas almas e o repreenda por ter sido menos vigilante para guardar seu mau espírito para perdê-las?

[...]

11. Piedade

«A religião [piedade] é útil para tudo, pois tem a promessa da vida presente e da futura» (1Tm 4, 7-8).

A piedade, como é entendida aqui, é a virtude que nos ajuda a cumprir dignamente nossos deveres para com Deus.

Nós os cumprimos dignamente quando os praticamos com reverência e zelo, pois a majestade infinita de Deus e sua imensa bondade exigem de nós que lhe tributemos a homenagem mais respeitosa e ponhamos o maior desejo de servi-lo como Ele quer.

[...]

12. Generosidade

«Quanto a mim, de muita boa vontade gastarei o que for preciso e me gastarei por vocês» (2Cor 12, 15).

A generosidade é uma virtude pela qual sacrificamos voluntariamente os nossos interesses pessoais pelos do próximo, em conformidade com o proceder de São Paulo, quando dizia:

«Não busco minha utilidade particular, mas a dos outros, a fim de que se salvem».

Por esta definição se adverte que a generosidade não é uma virtude comum nem ordinária, mas de grande elevação, porque o sacrifício que inspira se faz livremente e porque o objeto deste sacrifício é de notória importância.

Faz-se livremente, pois não há nenhuma generosidade em dar aos demais o que se deve a eles, ou em outros termos, o que de

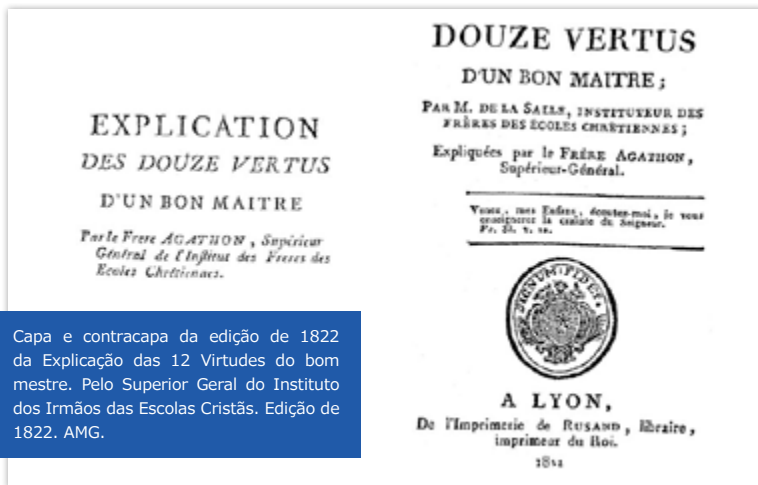
justiça lhes pertence. Seu objeto é importante, porque em geral não há generosidade senão quando se cedem os próprios direitos em favor de alguém e se lhe outorga mais do que pode exigir. Deve, portanto, olhar como o mais sublime de todos os sentimentos: como o móvel de toda grande ação, e talvez como o gérmen de todas as virtudes.

[...]

«O Senhor Jesus Cristo esteja convosco com o seu espírito, e sua graça permaneça com vocês. Amém».

Irmão Agathon, Superior Geral

Melun, 12 de fevereiro de 1785.



Capa e contracapa da edição de 1822 da Explicação das 12 Virtudes do bom mestre. Pelo Superior Geral do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. Edição de 1822. AMG.



RETORNAR CAPÍTULO 05



RETORNAR AO SUMÁRIO

FÓRMULA DE VOTOS DE 1694

Em 1694, durante a celebração do primeiro Capítulo Geral, um grupo de 12 Irmãos, junto com La Salle, fizeram sua profissão perpétua. No dia 6 de junho, festa da Santíssima Trindade, emitiram três votos: associação com os Irmãos; estabilidade dentro da Sociedade, ainda que fossem obrigados a pedir esmola e a viver somente de pão; e obediência ao Superior e ao Corpo da Sociedade.

Escolheram fazer estes votos para dar maior consistência a uma sociedade formada por mestres que precisavam ir aos lugares para onde fossem designados para atender as escolas.

João Batista de La Salle convidou com antecedência os doze Irmãos a se prepararem de forma pessoal para assumir este compromisso.

Os originais destes documentos são conservados nos Arquivos da Casa Generalícia, encadernados junto com outras 23 fórmulas emitidas entre 1695 e 1705. É o chamado Livro de Votos.

Existe um evidente paralelismo entre a fórmula de votos de 1694 e a de 1691, o chamado «voto heroico».



João Batista de La Salle se compromete com os doze primeiros Irmãos em 1694. Giuseppe Gagliardi, 1901. Óleo. Muñoz, Diego, FSC (2017). Um coração, um compromisso, uma vida. Itinerário iconográfico de La Salle. Casa Generalícia. 97, 3.

Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, prostrado com o mais profundo respeito ante vossa infinita e adorável majestade, eu me consagro inteiramente a vós, para procurar vossa glória quanto me for possível e vós o pedirdes de mim.

E, para este efeito, eu, João Batista de La Salle, sacerdote, prometo e faço voto de unir-me e permanecer em sociedade com os Irmãos Nicolas Vuyart, Gabriel Drolin, Jean Partois, Gabriel Charles Rasigade, Jean Henry, Jacques Compain, Jean Jacquot, Jean Louis de Marcheville, Michel Barthélemy Jacquinot, Edme Leguillon, Gilles Pierre e Claude Roussel, para dirigir, juntos e associados, as escolas gratuitas, seja onde for, mesmo que, para fazê-lo, me veja obrigado a pedir esmola e a viver somente de pão, ou para fazer na referida Sociedade aquilo a que for destinado, seja pelo Corpo da Sociedade, seja pelos superiores que a estiverem dirigindo.

Por isso, prometo e faço voto de obediência, tanto ao Corpo desta Sociedade quanto aos superiores. Tais votos, tanto o de associação como o de estabilidade na referida Sociedade e o de obediência, prometo guardar inviolavelmente durante toda a minha vida.

Como prova, tenho assinado. Feito em Vaugirard, neste 6 de junho, dia da festa da Santíssima Trindade, do ano de mil seiscentos e noventa e quatro.

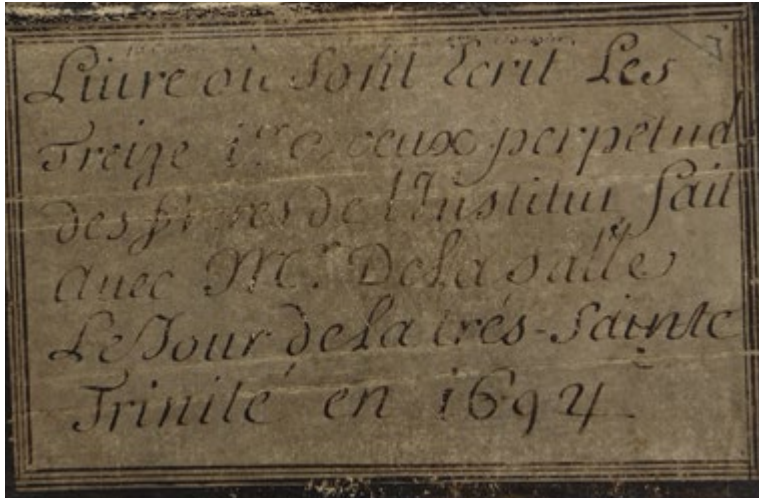
De La Salle

Obras completas de São João Batista de La Salle. UniLaSalle Editora, Canoas, 2012, vol. I.

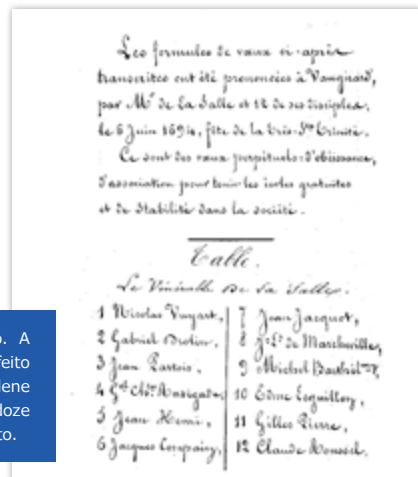
A seguir, os originais da fórmula de votos de João Batista de La Salle e dos Irmãos Nicolas Vuyart, Gabriel Drolin, Jean Partois, Gabriel Charles Rasigade, Jean Henry, Jacques Compain, Jean Jacquot, Jean-Louis de Marcheville, Michel Barthélemy Jacquinot, Edme Leguillon, Gilles Pierre e Claude Roussel.

Capa

Livro no qual estão escritos os 13 primeiros votos perpétuos dos Irmãos do Instituto com o Senhor de La Salle no dia da Santíssima Trindade em 1694.



Primeira profissão perpétua no Instituto. A imagem reproduz o texto manuscrito, feito pelo Fundador. Representa o ato solene e definitivo de compromisso com os doze Irmãos, fato decisivo na gênese do Instituto.



6
 Tous saine Trinite, Esprit et saint
 Esprit; Je respire dans votre profond
 respect, devant votre infinie et divine
 Majeste, Je me consacrerai a vous pour
 prouver votre gloire, autant que me sera
 possible et que vous le demanderez de moi.
 Je pour ceffer de Nicolas Vuyart
 prometi de vivre et demeurer en saine
 avec Monsieur Jean Baptiste De la Salle
 Evesque, et avec les Freres, Gabriel Drolin
 Jean Davois, Gabriel Charles Ravigado,
 Jean Henry, Jacques Jompain, Jean Jacques
 Jean Louis de Marchaillat, et Michel
 Barthelémy Jaquinet; Les Religieux
 Gilles Lierre, et Claude Rouffel pour
 tant en suite et par affection. Les autres
 gratuits, en quelque lieu que vous, quand
 même je serois obligé pour le faire de
 Monsieur Lamoignon, et de tout le pair
 seulement, ou pour faire dans l'edifice
 saine se a quoy je seray employé soit

par le Corps de la saine, soit par les supérieurs
 qui en auront la conduite, C'est pourquoy Je
 prometi et fais tout deobissance, sans en
 forcé de cette saine qu'une supérieurs, Lesquel
 vous sans d'affection qui de fructifier dans
 l'edifice saine et deobissance, Je prometi et
 garder invariablement pendant toute ma vie
 ou si long de quoy j'ay signé fait a Versailles
 le 25 Mars 1705. En son lieu de la saine
 Lamoignon et de Lamoignon, soit les autres pour
 vingt quatre

J Nicolas Vuyart

Votos do Irmão Nicolas Vuyart

7
 Tous saine Trinite, Esprit et saint
 Esprit; Je respire dans votre profond respect
 devant votre infinie et divine Majeste
 Je me consacrerai a vous pour prouver
 votre gloire, autant que me sera possible, et
 que vous le demanderez de moi. Je pour ceffer
 de Gabriel Drolin Je prometi et fais
 vivre et demeurer en saine avec
 Monsieur Jean Baptiste De la Salle Evesque
 et avec les Freres Nicolas Vuyart, Jean
 Davois, Gabriel Charles Ravigado, Jean
 Henry, Jacques Jompain, Jean Jacques,
 Jean Louis de Marchaillat, et Michel
 Barthelémy Jaquinet; Les Religieux
 Gilles Lierre, et Claude Rouffel, pour
 tant en suite et par affection. Les autres
 gratuits en quelque lieu que vous ferois, quand
 même je serois obligé pour le faire de
 Monsieur Lamoignon, et de tout le pair
 seulement, ou pour faire dans l'edifice
 saine se a quoy je seray employé soit
 par le Corps de la saine, soit
 par les supérieurs qui en auront la conduite,
 C'est pourquoy Je prometi et fais tout deobissance

tant en suite et par affection. Les autres
 gratuits en quelque lieu que vous ferois, quand
 même je serois obligé pour le faire de
 Monsieur Lamoignon, et de tout le pair
 seulement, ou pour faire dans l'edifice
 saine se a quoy je seray employé soit
 par le Corps de la saine, soit
 par les supérieurs qui en auront la conduite,
 C'est pourquoy Je prometi et fais tout deobissance

Gabriel Drolin

Votos do Irmão Gabriel Drolin

Tous saints Trinité, Dieu fils et saint Esprit
 L'ont vu dans un profond respect, devant
 votre infinis et adorable Majesté, de ma
 consécration à vous pour procurer votre gloire
 autant que j'ai mis en possibilité et que vous le
 demanderez de moy. Le pour en effecte de
 Jean parotier vous promet et fait
 Prom. de servir et demeurer en service avec
 Monsieur Jean Baptiste de la Salle prêtre
 et avec les frères Rictus Vayart, Gabriel
 Dostin, Gabriel Charles Rasigade, Jean
 Henry Jacques Compain, Jean Jacques,
 Jean Louis de Marcheville, Michel
 Barthelme Jaquinet, Euse Liguillon,
 Gilles Pierre et Claude Ruffin pour
 tout ensemble et par affection. Les autres
 gratuits, en quelque lieu que ce soit quand
 même je serai obligé pour le faire de demander
 l'aveu, et de vivre de pain seulement, ou
 pour faire dans l'édifice de sainte en a que je
 seray employé. Voté par le Corps de la Société
 voté par les Supérieurs qui en auront la dé

crédite, est pourquoy Je promets et fais Prom.
 de servir avec tout au Corps de cette Société,
 qu'aux Supérieurs, Lesquels Prom. sont
 de satisfaction et de satisfaction dans l'édifice
 de sainte et de sainte, Je promets de garder
 inviolablement pendant toute ma vie
 un seroy de quoy J'ay signé fait a
 Monsieur de la Salle prêtre pour de
 la fête de la très sainte Trinité
 de l'année mil six cent quatre-
 vingt quatre
 Jean parotier

Votos do Irmão Jean Parotais

Tous saints Trinité, Dieu fils et saint
 Esprit, L'ont vu dans un profond
 respect devant votre infinis et adorable
 Majesté, de ma consécration à vous pour
 procurer votre gloire autant que j'ai mis en
 possibilité et que vous le demanderez de moy.
 Le pour en effecte de Gabriel Charles
 Rasigade promet et fait Prom. de servir et demeurer en
 service avec Monsieur Jean Baptiste de
 la Salle prêtre, et avec les frères Rictus
 Vayart, Gabriel Dostin, Jean Louis,
 Jean Henry Jacques Compain, Jean Jacques,
 Jean Louis de Marcheville, Michel
 Barthelme Jaquinet, Euse Liguillon,
 Gilles Pierre et Claude Ruffin pour
 tout ensemble et par affection. Les autres
 gratuits, en quelque lieu que ce soit quand
 même je serai obligé pour le faire de
 demander l'aveu, et de vivre de pain
 seulement, ou pour faire dans l'édifice de sainte

et a que je seray employé. Voté par le Corps
 de la Société, voté par les Supérieurs qui en
 auront la décrédite. Est pourquoy Je promets
 et fais Prom. de satisfaction avec tout au Corps de
 cette Société qu'aux Supérieurs, Lesquels
 Prom. sont de satisfaction et de satisfaction dans
 l'édifice de sainte et de sainte, Je promets de garder
 inviolablement pendant toute ma vie
 un seroy de quoy J'ay signé
 fait a Monsieur de la Salle prêtre pour de
 la fête de la très sainte Trinité
 de l'année mil six cent quatre-
 vingt quatre
 Gabriel Charles Rasigade

Votos do Irmão Gabriel Charles Rasigade

Tous saints Trinité, des fides et sans esprit,
 Examinez dans un profond respect de nous
 votre infante et de noble Majesté. Je me
 consensent à vous pour prouver votre gloire
 au sein que un foy possible et que vous le
 demander de moy, et pour ce effet, Je
 Jean Henry prouvé et fait comme
 de même et de même en fuisse avec Monsieur
 Jean Baptiste de la foye, et avec
 Louis Nicolas Vaugart, Gabriel Bostin, Jean
 de la foye, Gabriel Charles de la foye, Jacques
 Compain, Jean Jacques, Jean Louis de Marche-
 ville, Michel de Bartholomy Jaquinet;
 Louis de la foye, Gilles Pierre, et Claude
 de la foye, pour vous entretenir et par
 affection. Les autres grâces, en quel-
 que lieu que ce soit, quand même je serai obligé
 de faire de demander de même, et de vous
 de même seulement, ou pour fuisse dans l'édit
 de fuisse et a que je serai employé, soit par
 le foye et de la foye, soit par les supérieurs
 qui en auront la conduite, Je prouvé
 je prouvé et fait de même de même, sans
 au foye et de la foye, que un supérieur

Votos do Irmão Jean Henry

Lesquels vous sont de foye et de
 fuisse dans l'édit de fuisse, et de
 je prouvé de garder inviolablement, pendant
 toute ma vie, en foy de foye, foye
 foye et de foye et de foye foye
 foye de la foye de la foye foye
 foye de la foye et de la foye foye
 quatre vingt quatreze
 Jean Henry

Tous saints Trinité, des fides et sans esprit,
 Examinez dans un profond respect de nous
 votre infante et de noble Majesté. Je me
 consensent à vous pour prouver votre gloire
 au sein que un foy possible et que vous le
 demander de moy, et pour ce effet, Je
 Jacques Compain prouvé et fait comme
 de même et de même en fuisse avec Monsieur
 Jean Baptiste de la foye, et avec
 Louis Nicolas Vaugart, Gabriel Bostin,
 Jean de la foye, Gabriel Charles de la foye,
 Jean Henry, Jean Jacques, Jean Louis
 de Marcheville, Michel de Bartholomy
 Jaquinet, Louis de la foye, Gilles Pierre
 et Claude de la foye, pour vous entretenir
 et par affection. Les autres grâces, en
 quelque lieu que ce soit, quand même je serai
 obligé de faire de demander de même, et de
 de vous de même seulement, ou pour
 fuisse dans l'édit de fuisse et a que je serai
 employé, soit par le foye et de la foye, soit
 par les supérieurs qui en auront la

Votos do Irmão Jacques Compain

conduite, et pour que je fuisse de même
 sans au foye de la foye, que un supérieur
 Lesquels vous sont de foye et de
 fuisse, dans l'édit de fuisse, et de
 je prouvé de garder inviolablement, pendant
 toute ma vie, en foy de foye, foye
 foye et de foye et de foye foye
 foye de la foye de la foye foye
 foye de la foye et de la foye foye
 quatre vingt quatreze
 Jacques Compain

Tous saints, Trinite, S^{ts} fils et sans
 Epous, Et d'oraie dans un profond
 respect devant votre infini et adorable
 Majeste, Je me consacrerai tout
 pour servir votre gloire autant que
 mes vrayes forces et ce que vous le demandez
 de moy le pour et offre de l'an Ja esprit
 promis et fais vraye de main et d'homme
 confesse avec Monsieur Jean Baptiste
 De la felle, pere, et avec les freres
 Nicolas August Gabriel Doty, Jean
 D'orris, Gabriel Charles Rodriguez,
 Jean Henry, Jacques Bonpain, Jean Louis
 De Marcheville Michel Barthelmy
 Jaques, Louis Aquillon, Gilles Barre
 et Claude Rouffle pour tout confesse
 et par affection de ces vrayes grando, en
 quelque lieu que ce soit, quand mesme
 je seray obligé pour le faire de demander
 l'aumone et de vivre de pain seulement
 ou pour faire dans l'edice, trinite, et a.

Jeay je ferois employer sur par la force de
 La justice, ou par la suppliance qui m'auroit
 La felle, et pour quoy je promets et
 fais tout d'obissance tout au foy de cette
 sainte Trinite qu'aux suppliance, lesquels
 vous sont deffension et de felle dans
 l'edice trinite qui deboutent, de promes
 de garder inviolablement pendant
 toute ma vie en foy de quoy
 Jay signe, fait a vingt quatre
 Le premier Juin l'an de l'edice
 de la Trinite Trinite de l'an
 Mil six cent quatre vingt quatre.

Jean Jacques

Votos do Irmão Jean Jacquot

Tous saints, Trinite, S^{ts} fils et sans
 Epous, Et d'oraie dans un profond respect
 devant votre infini et adorable Majeste
 Je me consacrerai tout pour servir
 votre gloire autant que mes forces
 et ce que vous le demandez de moy, le pour
 et offre de l'an Louis de Marcheville
 promis et fais vraye de main et d'homme
 confesse avec Monsieur Jean Baptiste
 De la felle, pere, et avec les freres
 Nicolas August Gabriel Doty, Jean
 D'orris, Gabriel Charles Rodriguez,
 Jean Henry, Jacques Bonpain, Jean
 Jacques, Michel Barthelmy, et
 Jaques, Louis Aquillon Gilles Barre
 et Claude Rouffle pour tout confesse
 et par affection de ces vrayes grando, en
 quelque lieu que ce soit, quand mesme
 je seray obligé pour le faire de demander
 l'aumone et de vivre de pain seulement
 ou pour faire dans l'edice, trinite, et a.

Jeay je ferois employer sur par la force de
 La justice, tout par la suppliance qui m'auroit
 La felle, et pour quoy je promets et
 fais tout d'obissance tout au foy de cette
 sainte Trinite qu'aux suppliance, lesquels
 vous sont deffension et de felle dans
 l'edice trinite, et de felle, de promes
 de garder inviolablement pendant
 toute ma vie en foy de quoy
 Jay signe, fait a vingt quatre
 Le premier Juin l'an de l'edice
 de la Trinite Trinite de l'an
 Mil six cent quatre vingt quatre.

Jean Louis de
 Marcheville

Votos do Irmão Jean-Louis de Marcheville

Tres sainte Trinite, Serie fils et saint
 esprit, presencé dans un tres profond respect
 devant vous infime et adoult
 Majeste, Je me contien tout a vous
 pour presencé votre gloire sans quil
 me sera possible et que vous le demandeur de moy le pe
 ut offre, Je Michel Barthelmy Jacquinot
 promis et fier vous de main, et de
 demurer en suite avec Monsieur Jean
 Baptiste Delafalle presencé et avec les
 freres Nicolas Vuyart, Gabriel Brodin,
 Jean Parois, Gabriel Charles Ruzgard
 Jean Henry, Jacques Compain, Jean Jacques
 Jean Louis de Marchenille, Louis
 Leguillon Gilles pueres Claude Rouffle
 pour vous en suite et par affection en les
 Etes gratuits, en quelque lieu que vous
 quand meme je seray obligé pour le faire,
 de demander l'aveu et de vous en par
 seulement, ou pour faire dans ledit lieu

ce a quoy je seray employé, soit par le Sup
 de la fruite, ou par les Superieurs qui en
 auront la conduite, Ceste promesse Je
 promets et fier vous de main, et de
 demurer en suite avec Monsieur Jean
 Baptiste Delafalle presencé et avec les
 freres Nicolas Vuyart, Gabriel Brodin,
 Jean Parois, Gabriel Charles Ruzgard
 Jean Henry, Jacques Compain, Jean Jacques
 Jean Louis de Marchenille, Louis
 Leguillon Gilles pueres Claude Rouffle
 pour vous en suite et par affection en les
 Etes gratuits, en quelque lieu que vous
 quand meme je seray obligé pour le faire,
 de demander l'aveu et de vous en par
 seulement, ou pour faire dans ledit lieu

Michel Barthelmy Jacquinot

Votos do Irmão Michel A. Barthélemy Jacquinot

Tres sainte Trinite, Serie fils et saint
 esprit, presencé dans un tres profond
 respect, devant vous infime et adoult
 Majeste, Je me contien tout a vous
 pour presencé votre gloire sans quil
 me sera possible et que vous le demandeur de moy le pe
 ut offre, Je Michel Barthelmy Jacquinot
 promis et fier vous de main, et de
 demurer en suite avec Monsieur Jean
 Baptiste Delafalle presencé et avec les
 freres Nicolas Vuyart, Gabriel Brodin,
 Jean Parois, Gabriel Charles Ruzgard
 Jean Henry, Jacques Compain, Jean Jacques
 Jean Louis de Marchenille, Michel de
 Barthelmy Jacquinot, Gilles pueres et
 Claude Rouffle, pour vous en suite et par
 affection en les Etes gratuits, en quelque lieu
 que vous, quand meme je seray obligé pour
 le faire, de demander l'aveu et de vous en par
 seulement, ou pour faire dans ledit lieu

ce a quoy je seray employé, soit par les
 Superieurs qui en auront la conduite, Ceste
 promesse Je promets et fier vous de main, et de
 demurer en suite avec Monsieur Jean
 Baptiste Delafalle presencé et avec les
 freres Nicolas Vuyart, Gabriel Brodin,
 Jean Parois, Gabriel Charles Ruzgard
 Jean Henry, Jacques Compain, Jean Jacques
 Jean Louis de Marchenille, Michel de
 Barthelmy Jacquinot, Gilles pueres et
 Claude Rouffle, pour vous en suite et par
 affection en les Etes gratuits, en quelque lieu
 que vous, quand meme je seray obligé pour
 le faire, de demander l'aveu et de vous en par
 seulement, ou pour faire dans ledit lieu

*E. D. M. C.
 Leguillon*

Votos do Irmão Edme Leguillon

12

Tous saints Trinité, Son fils et sans lignage
 qu'on ne peut en dire profond respect, devant
 votre sainte et divine Majesté, de ma
 confession et de tout ce que je pourrai vous
 avouer, que je serai prêt à vous le
 demander de moi, le plus au effort, **Je**
 Claude Roussel ce jour de la Trinité de
 l'année 1694, en l'année, avec Monsieur
 Jean Baptiste de La Salle, prêtre, et avec les
 Messieurs, Rénard, Vojart, Gabriel, Bérin,
 Jean, Paris, Gabriel, Charles, Ravigot,
 Jean, Roux, Jacques, Bonpain, Jean, Jacques,
 Jean, Louis, de Marcheville, et
 Michel, Barthélémy, Jacques, Louis, Leguilly,
 et Gilles, Borey, tous sans aucun intérêt
 affectif, et de cette manière, en quel que lan-
 gue, et sans que je sois obligé de vous
 faire de nouvelles serments, et de l'heure de
 l'année, ou pour faire dans l'année, ou
 en aussy je serai employé pour le plus de
 l'année, ou pour les supérieurs qui en auront
 le plus de, et de par vous, et sans

Vous, et de l'année, sans aucun intérêt
 qu'on ne peut en dire profond respect,
 devant votre sainte et divine Majesté,
 de ma confession et de tout ce que je pourrai
 vous avouer, que je serai prêt à vous le
 demander de moi, le plus au effort, **Je**
 Claude Roussel.

«Livro onde estão escritos os 13 primeiros votos perpétuos dos Irmãos do Instituto com o Sr. De La Salle, no dia da Santíssima Trindade em 1694». Arquivos da Casa Generalícia. Roma. (AMG, BJ 503, dossiê 2).

◀ RETORNAR CAPÍTULO 05

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

ATA DE DESIGNAÇÃO DO SUPERIOR DA SOCIEDADE, 1694

O Primeiro Capítulo Geral de 1694 se encerrou com a eleição do Superior Geral. Uma vez estabelecidas as bases da Sociedade, La Salle retomou sua intenção de se demitir de sua função como Superior a favor de um Irmão. Por isso tratou de convencê-los para que elesgessem um Superior entre eles.

Este projeto não era novo. La Salle queria fazê-los ver que estava em jogo a autonomia do Instituto. Se ele morresse, era muito provável que os superiores eclesiásticos lhes imporiassem um sacerdote externo como Superior.

Como La Salle não conseguiu realizar esse propósito, foram realizadas duas votações, e em ambas ele foi eleito por unanimidade. Viu-se forçado a aceitar a escolha, pela obediência que devia ao Corpo da Sociedade. Entretanto, não o fez sem antes deixar registrado por escrito que, no futuro, os Irmãos se comprometiam a não aceitar ninguém como Superior que não fosse associado mediante profissão perpétua, como os demais membros da Comunidade. Para isso foi redigida uma ata que



São João Batista de La Salle. Pintura Scotin/Roma. Óleo sobre tela. 98,5cm x 80cm. Escola francesa século XVIII. Sala de consulta AMG. Casa Generalícia.

Leguillon, Gilles Pierre e Claude Roussel, depois de nos termos associado com o senhor João Batista de La Salle, sacerdote, para termos juntos as Escolas Gratuitas, pelos votos que fizemos no dia de ontem, reconhecemos que, como consequência de nossos votos e da associação que contraímos com eles, elegemos por Superior o senhor João Batista de La Salle, ao qual prometemos obedecer com inteira submissão em virtude de nosso voto, assim como aos que ele nos dê por Superiores.

Declaramos igualmente pretender que a presente eleição não tenha no futuro consequência alguma. Sendo nossa intenção que, depois do senhor de La Salle, no futuro e para sempre, não seja recebido ninguém entre nós nem eleito como superior se for sacerdote ou tenha recebido as sagradas ordens; e que não teremos nem admitiremos nenhum Superior que não esteja associado e tenha feito voto, como nós e como todos os que no futuro se associem a nós. Em Vaugirard, 7 de junho de 1694.

Irmão Henri Bédel, FSC (1998). Estudos Lassalianos. Iniciação à história do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (Origens, 1651-1726), Nº 5, 207, Roma: Instituto Salesiano Pio XI. (Tradução não oficial)



RETORNAR CAPÍTULO 05



RETORNAR AO SUMÁRIO

CARTA DOS IRMÃOS DE 1714

A crise causada pela noite escura e pelo afastamento de La Salle não teve apenas aspectos negativos. Para os Irmãos mais antigos foi uma excelente preparação para eles tomarem o destino do Instituto em suas mãos.

Uma amostra desta capacidade de gestão foi a carta de 1714 que os Irmãos de Paris, Versalhes e São Dionísio enviaram a La Salle pedindo-lhe que, em nome da obediência, regressasse para encarregar-se da direção geral da Sociedade. Eles estavam conscientes dos perigos que o Instituto corria, pelo fato de serem testemunhas diretas das ações dos adversários do Fundador. Sabiam que existia o risco de que fosse nomeado um superior eclesiástico, junto com a ameaça que isto poderia significar para a continuidade do Instituto, não apenas pelo que representaria substituir La Salle, mas porque possivelmente impediriam a eleição de um Irmão para sucedê-lo. A presença de La Salle à frente do Instituto era uma garantia de que sua sucessão estivesse de acordo com o pactuado na Ata de designação do Superior da Sociedade de 1694.

Senhor, nosso querido pai: Nós, principais Irmãos das Escolas Cristãs, desejando a maior glória de Deus, o maior bem da Igreja e de nossa Sociedade, reconhecemos ser da maior importância que volte a encarregar-se da direção geral da santa obra de Deus, que é também a sua, já que aprove ao Senhor servir-se de você para estabelecê-la e guiá-la, como vem fazendo há tanto tempo. Todos estão convencidos de que Deus lhe deu e lhe dá as graças e talentos necessários para bem governar esta nova companhia, de tamanha utilidade para a Igreja, e com justiça rendemos testemunho de que a tem conduzido sempre com grande êxito e edificação. Por isso, Senhor, lhe pedimos humildemente e lhe ordenamos, em nome e da parte do corpo da Sociedade, à qual prometeu obediência, encarregar-se imediatamente do governo geral de nossa Sociedade. Nessa fé, assinamos. Feito em Paris,

neste primeiro de abril de mil setecentos e catorze. Com grande respeito, nosso querido pai, somos seus humildes e obedientes servidores.

Irmão Henry Bédel, FSC, 1998. Iniciação à história do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (Começos, 1651-1726). Estudos Lassalianos, nº 5, 156, Roma, Casa São João Batista de La Salle. (Tradução não oficial)



Esta montagem reúne as assinaturas autênticas que figuravam na carta de 1º de abril de 1714. O Fundador estava passando por uma «noite escura» e se perguntava sobre o sentido de sua missão entre os Irmãos. Há dois anos vivia com os Irmãos do sul da França. O Instituto estava em crise, e por isso os «principais Irmãos» lhe enviaram esta carta ordenando-lhe voltar, em nome da obediência à qual lhe obrigava o voto. Fonte: Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 49.



RETORNAR CAPÍTULO 08



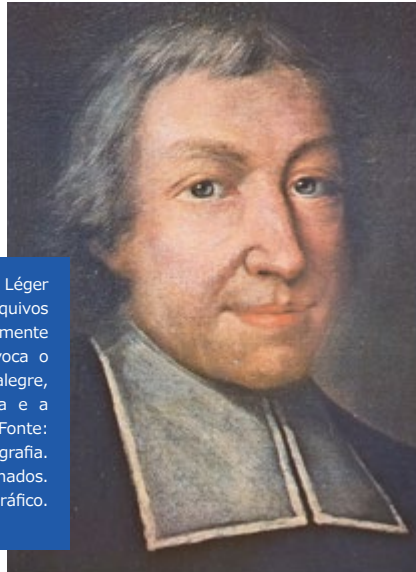
RETORNAR AO SUMÁRIO

REGRAS QUE ME IMPUS

É um regulamento de tipo pessoal. É constituído por 20 pontos. O original se perdeu, e se sabe de sua existência porque Blain o transcreveu na biografia do Fundador.

É um conjunto de ações diárias que lhe permitia exercer com fidelidade seu próprio projeto de vida. Somente um homem coerente como ele pôde chegar ao final de sua vida sendo um exemplo de como viver o Evangelho e torná-lo vida no cotidiano.

Não se conhece com exatidão a data de publicação desse documento, mas se sabe que La Salle se inspirou numa obra do sacerdote jesuíta Julien Hayneufve, intitulada *Meditações para o tempo dos exercícios que se fazem no retiro de oito dias*.



Retrato de João Batista de La Salle. Léger (segunda pintura). 1734. É mantido nos arquivos da Casa Generalícia. Data de 1734 e geralmente é considerado como o retrato oficial. Evoca o que diz Blain: «Seu rosto estava sempre alegre, tranquilo, inalterável (...), unia a doçura e a graça» (Vida de Blain, Livro 4, pág. 308). Fonte: Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 5.

1. Não sairei de casa sem alguma necessidade e sem me ter tomado um quarto de hora para examinar diante de Deus se a necessidade é real ou apenas imaginária. Se a questão for urgente, dedicarei pelo menos o tempo de um Miserere para isso, com a finalidade de imbuir meu espírito com algum bom sentimento.

2. Reservarei todos os dias um espaço para o quarto de hora que devo empregar para renovar a consagração de mim mesmo à Santíssima Trindade.

3. Boa norma de conduta consiste em não fazer distinção entre as tarefas específicas do próprio estado e a tarefa da própria salvação e perfeição, e estar certo de que nunca se assegurará melhor a própria salvação nem se adquirirá perfeição maior do que cumprindo os deveres de seu ofício, contanto que realizados para cumprir a vontade de Deus. Importa ter isso sempre presente.

4. Quando eu for visitar alguém, cuidarei para não dizer nada além do necessário, de não falar em absoluto de coisas mundanas ou inúteis, e de não prolongar a visita além de no máximo meia hora.

5. Unirei ao menos vinte vezes por dia minhas ações às de nosso Senhor, e nelas tratarei de ter perspectivas e intenções conformes as suas. Para isso, levarei comigo um papelzinho, que perfurarei tantas vezes quantas o fizer. E cada dia, antes de deitar, rezarei tantos Pater (pai-nossos) quantas vezes tiver falhado, beijando o chão depois de cada Pater.

6. Quando meus Irmãos me vierem pedir algum conselho, pedirei a nosso Senhor que o dê a eles. Se o assunto for importante, tomarei alguns instantes para rezar a Ele nessa intenção, e cuidarei de manter-me recolhido durante esse tempo e de elevar meu coração a Deus por alguns momentos.

7. Quando me derem a conhecer suas faltas, me considerarei culpado por elas diante de Deus, por meu descuido de não os ter prevenido, seja pelos conselhos que lhes devia ter dado, seja pela falta de vigilância

sobre eles. Se lhes der alguma penitência, irei me impor outra maior. E se a falta for considerável, além da penitência, reservarei outro tempo, em particular, como meia hora ou até mesmo uma hora, por vários dias seguidos, sobretudo à noite, para pedir perdão a Deus por ela. Se me considero lugar-tenente de nosso Senhor em relação a eles, isso deve ser porque estou obrigado a carregar seus pecados, assim como nosso Senhor carregou os nossos, e porque se trata de uma carga que Deus me impõe em relação a eles.

8. Considerarei sempre a obra de minha salvação e a do estabelecimento e governo de nossa Comunidade como obra de Deus. Por isso deixarei a Ele o cuidado da mesma, para somente executar por ordem sua tudo quanto nela me cabe realizar. Vou consultá-lo muito sobre tudo o que eu devo fazer, tanto em relação a uma como em relação à outra coisa. E lhe direi muitas vezes estas palavras do profeta Habacuc (3, 2): Domine, opus tuum (Senhor, esta obra é tua).

9. Devo considerar-me com frequência como instrumento útil para algo somente na mão do Obreiro. Por esta razão, devo esperar as ordens da Divina Providência para agir, mas sem deixá-las passar, uma vez conhecidas.

10. Seja qual for a situação em que me encontrar, sempre seguirei uma ordem e um regulamento diário, com a graça de nosso Senhor, no qual unicamente me confio para isso, uma vez que se trata de algo em que jamais consegui ser constante. Quando minha situação mudar, a primeira coisa que vou fazer será traçar ordem e regulamento novos. Para isso farei sempre um dia de retiro.

11. Quando tiver que sair de viagem, vou preparar-me com um dia de retiro, e vou procurar dispor-me a fazer, ao menos enquanto estiver a caminho, três horas diárias de meditação.

12. Quando alguma pessoa, seja superior ou outra, causar-me algum desgosto e, falando segundo a natureza, me ferir em algo, tomarei o cuidado de não comentar isso. E se alguém se referir ao assunto, a

desculperei e darei a entender que tinha razão.

13. Deverei prestar grande atenção ao tempo que perdi e não voltar a perdê-lo daí para frente. Somente uma atenta vigilância poderá remediar isso. Além do mais, parece-me que somente um retiro prolongado me poderá facilitar esta vigilância.

14. Boa norma de conduta é preocupar-se não tanto em saber o que se deve fazer, quanto em fazer perfeitamente o que se sabe.

15. Pela manhã dedicarei um quarto de hora para prever os assuntos que terei pela frente, com a finalidade de proceder adequadamente em tudo, bem como as ocasiões de faltar que poderei encontrar para preservar-me delas, e tomarei as medidas necessárias para ordenar o meu dia.

16. No passado, muitas vezes deixei de rezar o rosário, apesar de esta oração ser de regra em nossa Comunidade. De hoje em diante é preciso não me deitar antes de havê-lo recitado.

17. Também não deverei passar nenhum dia sem visitar o Santíssimo Sacramento, a não ser quando estiver em viagem. E toda vez que me seja oferecida a oportunidade de passar junto à igreja de algum povoado, colocar-me-ei de joelhos para adorar o Santíssimo Sacramento.

18. Procurarei elevar meu coração a Deus no começo de todas as minhas ações, e tratarei de não empreender coisa alguma sem ter orado antes.

19. É regra de nossa Comunidade não entrar nem na casa nem na sala sem orar e sem renovar a atenção a Deus. Cuidarei de ser fiel a isso.

20. Uma vez por dia rezarei o Pater noster com a maior devoção, atenção e fé que me seja possível, por obediência a nosso Senhor, que nos ensinou e nos mandou recitá-lo.

Obras completas de São João Batista de La Salle. UniLaSalle Editora, Canoas, 2012, vol. I.



RETORNAR CAPÍTULO 09



RETORNAR AO SUMÁRIO

NOTAS HISTÓRICAS

LOUIS DUJARRIER-BRESNARD



Epitáfio de João Batista de La Salle. Igreja de São Severo, Ruão, Gíogo, 2015.

Pároco da igreja de São Severo que compôs o epitáfio de João Batista de La Salle. O original ainda se encontra na nova igreja.

D.O.M.
HIC
EXPECTAT RESURRECTIONEM
VITAE VENERABILIS
JOANNES BAPTISTA DE LA SALLE
RHEMUS PRESBYTER, DOCTOR THEOLOGUS
EX CANONICUS ECCLESIAE METROPOLITANAE RHEMENSIS,
INSTITUTOR FRATUM SCHOLAE CHISTANAE,
NATALIBUS CLARUS, VITUTIBUS CLARIOR.
OBIIT FERIA SEXTA PARASCEVES
DIE SEPTIMA APRILES ANNO MDCCXIX
IN AEDIBUS FRATUM SANCTI YONIS HUJUSCE PARROCHIAE
ANNUM AGENS LXVIII
DET ILLI DOMINUS INVENIRE REQUIEM IN ILLA DIE
HOC PIETATIS ET GRATI ANIMI MONUMENTUM
APPOSUITE TAM PISSIMO PAROCHIANO
LUDOVICUS DU JARRIER BRESNAR, ECCLESIAE RECTOR

Para Deus o melhor e o maior.

Aqui espera a ressurreição à vida o venerável João Batista de La Salle, sacerdote remense, doutor em Teologia, antigo cônego da igreja metropolitana de Reims, fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs, ilustre por nascimento, mais ilustre por suas virtudes.

Faleceu na Sexta-feira Santa, 7 de abril de 1719, na casa dos Irmãos de Saint-Yon desta paróquia, na idade de 68 anos.

Que o Senhor lhe conceda o descanso eterno naquele dia.

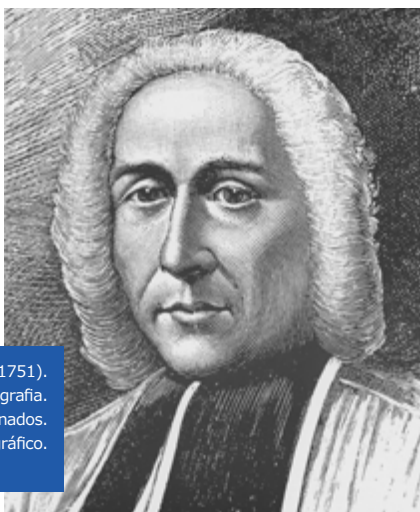
Este monumento de piedosa gratidão foi erigido por seu devoto paroquiano Louis Dujarrier-Bresnard, pároco desta igreja.



RETORNAR CAPÍTULO 01



RETORNAR AO SUMÁRIO

JEAN-BAPTISTE BLAIN

Retrato de Jean-Baptiste Blain (1675-1751).
Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia.
Documentos históricos. Manuscritos assinados.
Peças dos arquivos. Itinerário geográfico.
Bolonha: Tipografia Limet. Nº 84.

Nasceu em Rennes em 1675. Frequentou a escola dos Jesuítas, seguiu a carreira eclesiástica em São Sulpício, Paris, fez doutorado na Sorbonne e foi cônego de Ruão e inspetor de seminários desta cidade.

Amigo pessoal de La Salle, foi capelão da casa de Saint-Yon. Ele se encarregou de escrever a biografia completa do Fundador, intitulada Vida do Padre João Batista de La Salle, Fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs. Para isso, Blain teve acesso a documentos e a muitas pessoas que conheceram o Fundador. Esta obra foi publicada em 1733, tendo recebido o carimbo de «oficial».

◀ RETORNAR CAPÍTULO 01

◀ RETORNAR CAPÍTULO 09

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

ADRIEN NYEL



João Batista de La Salle encontra Adrien Nyel na casa das Irmãs do Menino Jesus, situada na rua de Barbatre (data provável: 15 de março de 1679). Este quadro, pintado por Gerlier e extraído da Vida do Venerável de Gaveau (1886), não possui valor artístico. No entanto, é o único em toda a iconografia Lassalista a representar esse acontecimento que mudou o curso da vida de La Salle. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 18.

Nasceu em Beauvois, comarca de Laon, em 1614. Foi o responsável das escolas populares e ecônomo geral do hospital de Ruão. Em 1679 foi a Reims com uma carta da senhora Maillefer para La Salle; seu objetivo era estabelecer escolas para meninos pobres segundo o modelo ruanês. A tradição preconiza que se encontraram no dia 9 de março na porta da casa das Irmãs do Menino Jesus. Esse foi um encontro providencial que mudou o rumo da vida de João Batista de La Salle.

La Salle e Nyel decidiram manter suma discrição sobre o projeto das escolas e organizá-las segundo um modelo diferente; em vez de apoiar-se no hospital geral, iriam colocá-las sob o patrocínio de uma paróquia, como se fosse uma escola de caridade criada pelo pároco.

NOTAS HISTÓRICAS

Apesar de suas ausências, durante 15 anos, Nyel foi constante e fiel com as escolas de Ruão, mantendo contato com La Salle e participando em alguns retiros com o Fundador.

 RETORNAR CAPÍTULO 02

 RETORNAR CAPÍTULO 03

 RETORNAR AO SUMÁRIO

LUÍS XIV



Luís XIV (1638-1715). Nanteuil. Este retrato realizado por Mignard evoca o ambiente nacional, sociológico e cultural no qual se desenvolveu a fundação do Instituto. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 66.

Rei da França pertencente à dinastia Bourbon, também conhecido como o Rei Sol. Nasceu em Saint-Germain-en-Laye em 5 de setembro de 1638, perto de Paris. Em 1654 foi coroado Rei da França na catedral de Reims.

Instaurou a monarquia absoluta em 1661; ele se via como representante de Deus na Terra. Tudo estava sob seu controle, desde as disputas teológicas até os mínimos detalhes do cerimonial. Somente confiava em três de seus ministros: Jean-Baptiste Colbert, François-Michel Le Tellier (marquês de Louvais) e Hugues de Lionne.

Incrementou seu controle sobre a Igreja em detrimento do poder papal, colocando o clero católico subordinado ao Estado; esta concepção ideológica é conhecida como galicanismo. Dedicou toda sua vida à

política e soube manter sob seu controle tanto o povo como os nobres.

A partir de 1678, impôs a piedade na corte, deixando para trás todos os excessos; sua nova corte seria moderada e metódica. Quis impor a unidade da fé católica em todo seu reino.

Impôs a supremacia francesa em toda a Europa; subordinou a economia de seu reino à guerra, conseguindo uma revolução econômica que lhe permitiu criar um grande exército. Os diferentes conflitos bélicos terminaram arruinando o Estado, já desgastado pela crise social e econômica, que se manifestava em revoltas das classes menos privilegiadas.

Durante seu reinado houve sensível florescimento das letras e artes. A razão, a clareza e o equilíbrio formal se impuseram como critérios fundamentais da arte; a partir da França o classicismo se expandiu por toda a Europa.

Morreu no dia 1º de setembro de 1715, fazendo de seu reinado, de 72 anos, o mais longo da história da Europa.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 02

◀ RETORNAR CAPÍTULO 06

◀ RETORNAR CAPÍTULO 09

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

NICOLAS ROLAND

Beato Nicolas Roland (1642-1678). Diretor espiritual de La Salle, cônego da catedral de Reims e fundador das Irmãs do Menino Jesus. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 65.

Nasceu em Reims, em 1642, no seio duma família rica. Dotado de inteligência precoce, sabia ler na idade de quatro anos. Estudou no colégio dos Jesuítas. Formou-se em Paris e manteve contato com os seminários de São Sulpício, São Lázaro e São Nicolas de Chardonnet. Viveu seis meses em Ruão sob a direção do padre Antoine de La Haye, pároco de São Amando, onde conheceu o padre Barré.

Doutorou-se em Teologia em 1663. Em 1665 foi nomeado cônego teologal da catedral de Reims. Foi diretor espiritual de La Salle, que o aconselhou a estudar em São Sulpício.

As Admoestações de Démia o orientaram à educação dos mais necessitados. Em 1670 conseguiu que o padre Barré lhe enviasse duas Irmãs de Ruão para o orfanato dirigido pela senhora Varlet. Foi o ponto

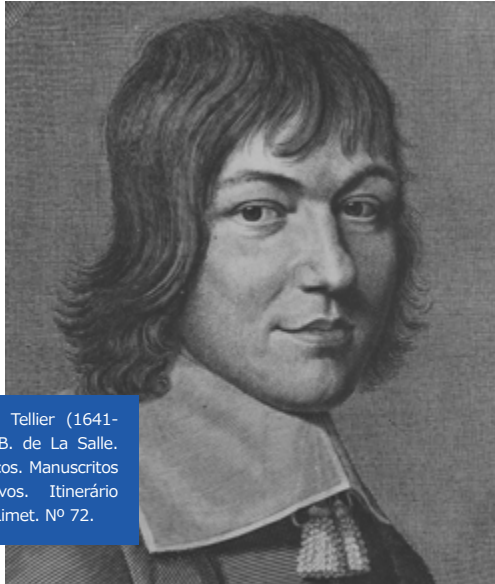
de partida das Irmãs do Menino Jesus. De novembro de 1677 até abril de 1678, tentou encontrar-se com seu arcebispo em Paris para obter seu consentimento e as Cartas Patentes do Rei para a Comunidade que acabava de fundar. Não conseguiu concluir essa tarefa porque ficou doente, morrendo no dia 27 de abril de 1678, com apenas 37 anos de idade.

Roland desempenhou um papel decisivo na formação de La Salle. Confiava plenamente nele, e por isso o nomeou um de seus testamenteiros, encarregando-o do cuidado da congregação das Irmãs do Menino Jesus. Em fevereiro de 1679, La Salle conseguiu as Cartas Patentes para esta Comunidade. Continuou a interessar-se por elas e ajudou-as na administração durante dois anos e meio.

Nicolas Roland foi beatificado a 16 de outubro de 1994 pelo então Papa João Paulo II.

 [RETORNAR CAPÍTULO 02](#)

 [RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CHARLES-AURICE LE TELLIER

Retrato de Charles-Maurice Le Tellier (1641-1710). Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 72.

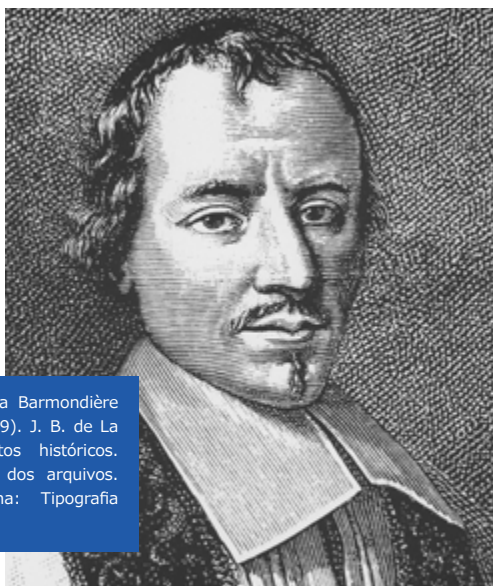
Sacerdote e doutor em Teologia. Nasceu em Turim em 1641 e morreu em Paris em 1710. Seu pai, Michel Le Tellier, foi secretário de Estado. Nomeado arcebispo de Reims em 1671, foi um claro exemplo da habitual acumulação de benefícios eclesiásticos, cargos e honrarias; costumava passar mais tempo em Versalhes e em Paris do que em Reims.

Apoiou Roland nos projetos das escolas e das Irmãs do Menino Jesus. Encarregou-se da ordenação sacerdotal de La Salle a 9 de abril de 1678, Sábado Santo. Em 1683 assinou a carta de provisão pela qual cedia o cargo de cônego de João Batista de La Salle a Jean Faubert. Interveio nas gestões durante os primeiros tempos do Instituto em Reims, e tentou limitar a ação dos Irmãos no âmbito de sua diocese.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 03

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CLAUDE BOTTU DE LA BARMONDIÈRE



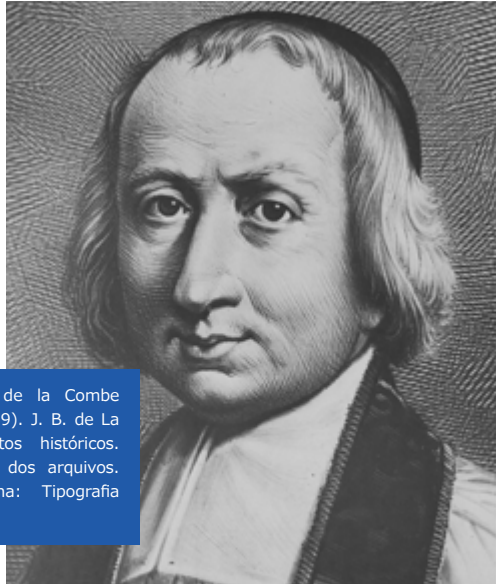
Retrato de Claude Bottu de La Barmondère (1635-1694). Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 76.

Nasceu em Paris em 1635 e faleceu em 1694. Foi pároco de São Sulpício, em Paris, durante 11 anos (1678-1689). Atuou como diretor espiritual e conselheiro de La Salle.

No século XVII, São Sulpício era uma paróquia muito grande. O senhor de La Barmondère convidou o Fundador para que viesse ocupar-se das escolas dos pobres. Isto não impediu alguns mal-entendidos em relação ao papel dos Irmãos e ao governo da comunidade, mas terminou apoiando o Fundador.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 03

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

HENRI BAUDRAND DE LA COMBE

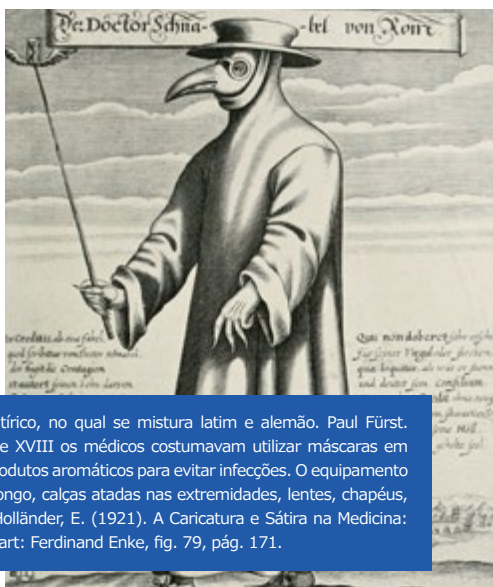
Retrato de Henri Baudrand de la Combe (1637-1696). Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 77.

Nasceu em Paris em 1637 e morreu de um ataque de paralisia em 1699. Foi pároco de São Sulpício durante 7 anos (1689-1696); sucedeu a de La Barmondière. Exerceu os cargos de superior do seminário de Clermont (1675), diretor do seminário de São Sulpício (1684) e, segundo Blain, diretor espiritual de La Salle, embora Maillefer esclareça que foi seu confessor.

Protegeu as escolas e ajudou na manutenção dos Irmãos em Paris. Em suas relações com La Salle, os momentos felizes alternaram com outros de tensões e críticas. O projeto de fundar um Instituto autônomo não entrava nas perspectivas dos sacerdotes de São Sulpício, limitadas ao enquadramento da paróquia.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 03](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

ADRIEN HELVÉTIUS, DEDICADO MÉDICO



Médico de Roma com poema satírico, no qual se mistura latim e alemão. Paul Fürst. Pintura. 1656. Nos séculos XVII e XVIII os médicos costumavam utilizar máscaras em forma de bico de ave, cheias de produtos aromáticos para evitar infecções. O equipamento era completado com um abrigo longo, calças atadas nas extremidades, lentes, chapéus, botas e luvas de pele de cabra. Holländer, E. (1921). A Caricatura e Sátira na Medicina: Artes históricas do Médico. Stuttgart: Ferdinand Enke, fig. 79, pág. 171.

Médico holandês que servia na corte de Luís XIV. Além de salvar a vida de La Salle, quando este esteve doente em 1690, ajudou-o em 1709 no tratamento dos Irmãos atacados pelo escorbuto, recomendando-lhes um médico que sabia curar esta enfermidade e intercedendo para que o fizesse de forma gratuita.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 04

◀ RETORNAR CAPÍTULO 07

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

MEMÓRIA DOS COMEÇOS



Porta da casa das Irmãs do Menino Jesus, em Reims, onde se encontraram La Salle e Nyel a 15 de março de 1679. Foto: Diego Muñoz, FSC, 2018, arquivo pessoal.

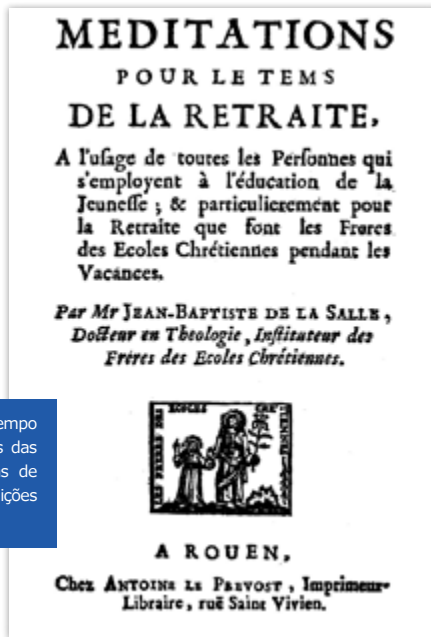
É um escrito para uso pessoal de La Salle, em que descreve os começos do Instituto desde 1679, quando conhece Adrien Nyel, até 1694, ano em que realiza os votos com 12 Irmãos.

O manuscrito desta obra se perdeu e conhecemos apenas fragmentos da mesma, que foram citados pelos biógrafos Blain e Maillefer. Foi redigido em 1695, mas os Irmãos não souberam da sua existência até 1711, quando o acharam entre os papéis de La Salle, enquanto ele estava de viagem ao sul da França.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 06

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

MEDITAÇÕES PARA O TEMPO DE RETIRO



Primeira página das Meditações para o Tempo do Retiro, impressa desde 1729. Irmãos das Escolas Cristãs (2001). Obras completas de São João Batista de La Salle. Madri: Edições São Pio X. 577.

As primeiras meditações que La Salle compôs foram as *Meditações para o Tempo de Retiro*, também chamadas *Meditações sobre o emprego da Escola*, porque seus destinatários eram os mestres cristãos, como indica o subtítulo da obra: *Para uso de todas as pessoas que se dedicam à Educação da Juventude, e particularmente para o Retiro que os Irmãos das Escolas Cristãs fazem durante as férias.*

O manuscrito original foi extraviado, mas se sabe que o Fundador as redigiu em 1695. A primeira edição impressa foi realizada em Ruão. Embora se desconheça a data exata, pode-se situá-la em 1730 ou alguns anos antes.

Quanto aos temas, o Fundador se inspirou numa obra do padre Giry, quem por sua vez se baseou nos escritos do padre Nicolas Barré. Entretanto, La Salle fundamentou suas *Meditações* nas cartas de São Paulo.

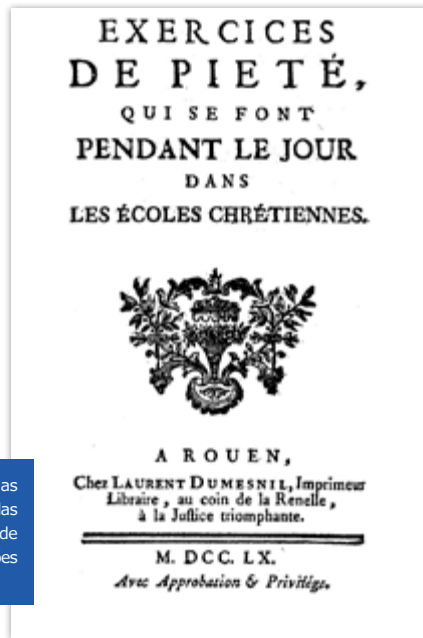
NOTAS HISTÓRICAS

Estas 16 meditações têm uma mesma estrutura em três partes: a primeira doutrinal, a segunda de análise da realidade e a terceira parte de aplicação à vida diária. Sem dúvida alguma, as meditações eram utilizadas nos retiros que os Irmãos faziam nas férias escolares de cada ano.

 RETORNAR CAPÍTULO 06

 RETORNAR AO SUMÁRIO

EXERCÍCIOS DE PIEDADE PARA AS ESCOLAS CRISTÃS



Capa do livro Exercícios de Piedade para as Escolas Cristãs. Edição de 1740. Irmãos das Escolas Cristãs (2001). Obras completas de São João Batista de La Salle. Madri: Edições São Pio X. 1747.

Esta pequena obra recolhe as orações que eram feitas nas escolas dos Irmãos. No dia 21 de março de 1696, como autoridade eclesiástica, Précelles concedeu sua aprovação; e no dia 7 de agosto de 1697, o censor da Sorbonne autorizou sua impressão, realizada no final daquele mesmo ano. O livro foi reeditado pelo menos três vezes: em 1702, 1706 e 1760. Esta última edição é a que se conhece atualmente. Existem garantias documentais de que o texto é inteiramente fiel às duas primeiras edições, realizadas em vida de La Salle.

Nas diferentes orações que compõem este livro, pode-se constatar a importância da presença de Deus na sala de aula, de Jesus Cristo como modelo e a devoção à santíssima Virgem Maria como fundamentos da escola cristã.

**ORAÇÕES QUE SE RECITAM NA ESCOLA PELA MANHÃ
EM DIFERENTES MOMENTOS**

Às oito horas, ao começar as aulas

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

V – Lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus.

R – Nós vos adoramos, Senhor.

Invocação ao Espírito Santo

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis, e acendei neles o fogo do vosso amor.

V – Enviai, Senhor, o Vosso Espírito, e tudo será criado.

R – E renovareis a face da terra.

V – Oremos: Ó Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, e gozemos sempre da sua consolação. Por Cristo Senhor nosso.

R – Amém.

Oração a Jesus Cristo Salvador

Eu vos adoro, meu Salvador Jesus Cristo, e vos reconheço como meu mestre. Ensinai-me, vos rogo, a vos conhecer, amar e servir. Venho à escola para aprender isto, e tomo a resolução, com a ajuda da vossa graça, de reter devidamente e pôr em prática os ensinamentos que vós me dais.

Oração do Ângelus

V – O Anjo do Senhor anunciou a Maria.

R – E ela concebeu do Espírito Santo.

Ave Maria... Santa Maria...

V – Eis aqui a serva do Senhor.

R – Faça-se em mim segundo a vossa palavra.

Ave Maria... Santa Maria...

V – E o Verbo se fez carne.

R - E habitou entre nós.

Ave Maria... Santa Maria...

V – Rogai por nós, santa Mãe de Deus.

R – Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

V – Oremos: Infundi, Senhor, a vossa graça em nossas almas, para que nós, que pela Anunciação do Anjo conhecemos a Encarnação de Jesus Cristo, vosso Filho, pela sua Paixão e Morte na Cruz, sejamos conduzidos à glória da ressurreição. Por Cristo Senhor Nosso.

R – Amém.

 RETORNAR CAPÍTULO 06

 RETORNAR AO SUMÁRIO

INSTRUÇÕES E ORAÇÕES PARA A SANTA MISSA



Capa da obra *Instruções e orações para a santa Missa, a Confissão e a Comunhão*. Edição de 1734. Irmãos das Escolas Cristãs (2001). Obras completas de São João Batista de La Salle. Madri: Edições São Pio X. 1622.

Este livro foi escrito para instruir os Irmãos e os estudantes sobre a conduta adequada na santa missa, sobre a importância de assistir às diferentes cerimônias e conhecê-las, para explicar sua estrutura e as orações utilizadas durante seu desenrolar.

A primeira edição deste livro foi realizada em Paris em fins de 1698 pelo impressor Jacques Langlois, mediante prévia aprovação do senhor de Précelles, a 16 de janeiro daquele ano. Esta obra foi reeditada em 1706, na tipografia de Antoine Chrétien, com a autorização obtida a 23 de janeiro de 1703, e posteriormente em 1734 e em 1762.

Na edição de 1734, este escrito foi publicado num só volume, junto com a *Instrução metódica para aprender a confessar-se bem e Instruções e orações para a Confissão e a Comunhão*.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 06

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

GUIA DAS ESCOLAS CRISTÃS, ESTRUTURA E TEMÁTICA



João Batista de La Salle e jovem estudante. Howard Brodie. Meados do século XX. Desenho. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 20.

Esta obra surgiu da necessidade de formar os mestres para exercerem bem a sua função. La Salle e os primeiros Irmãos empreenderam uma reforma para conseguir que sua educação fosse eficaz. Como resultado desta experiência, escreveram o Guia das Escolas Cristãs e o foram atualizando e revisando ao longo dos anos. É uma obra que se formou pouco a pouco, desde o princípio do Instituto.

No início circulavam manuscritos que eram revisados pelos Irmãos mais experimentados, por La Salle e pelas autoridades competentes, que outorgavam a permissão de publicação. Na Biblioteca de Paris se conserva um destes manuscritos, datado entre 1704 e 1706. A primeira edição impressa é de 1720, publicada em Avinhão por Joseph-Charles Chastanier.

O Guia das Escolas Cristãs de 1720 está estruturado em três partes, como vem indicado no seu prefácio: «Na primeira se trata de todos os

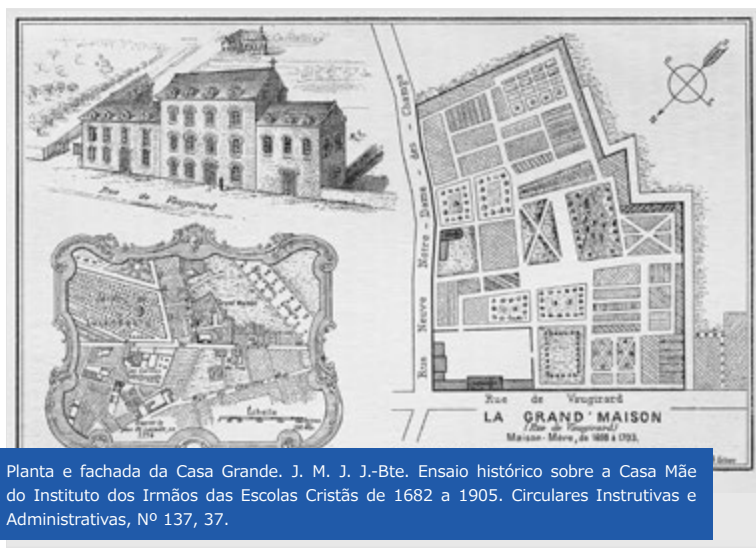
exercícios da escola e de quanto nela se pratica, desde a entrada até a saída. A segunda oferece os meios necessários e úteis de que os mestres se devem valer para estabelecer e manter a ordem na sala de aula. A terceira expõe as obrigações do Inspetor das Escolas, o cuidado e a atenção que o formador dos novos mestres precisa ter para com eles, as qualidades que os mestres devem ter ou adquirir, e o procedimento que devem observar para bem cumprir seu dever na escola e, por fim, o que os alunos devem cumprir».

É uma obra pedagógica que trata de muitos pontos: organização escolar, psicologia educativa, didática, espiritualidade. Moldou o estilo educativo dos Irmãos das Escolas Cristãs; por isso, embora não tenha sido concebida como um regulamento de rigoroso cumprimento, animava os Irmãos a observá-lo com cuidado.

 RETORNAR CAPÍTULO 06

 RETORNAR AO SUMÁRIO

CASA GRANDE



Planta e fachada da Casa Grande. J. M. J. J.-Bte. Ensaio histórico sobre a Casa Mãe do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs de 1682 a 1905. Circulares Instrutivas e Administrativas, Nº 137, 37.

Em janeiro de 1698, La Salle alugou uma nova casa chamada «Casa Grande». Situada em Reims, no cruzamento das ruas Vaugirard e Nossa Senhora dos Campos, tinha sido antes um convento. Suas características a convertiam no lugar adequado para o noviciado e para realizar o retiro de setembro. Graças ao generoso donativo da senhora Carlota Trudene, puderam mobiliar em parte a casa.

O noviciado se trasladou a esta nova residência em abril de 1698. Em maio, o Fundador abriu, por sua conta, uma classe para os meninos pobres do bairro.

Em 1699, La Salle retomou seu projeto de Seminário de Mestres para o campo. No ano seguinte começou a funcionar uma «escola dominical» chamada «Academia cristã», para jovens trabalhadores que não podiam continuar seus estudos escolares e dispunham apenas do domingo para buscar instrução.

NOTAS HISTÓRICAS

Em 1703, os herdeiros da Casa Grande a puseram à venda. La Salle pensou em comprá-la, mas o preço estava fora de suas possibilidades. No dia 20 de agosto, os Irmãos tiveram que transladar-se a uma nova casa no bairro de Santo Antônio, na qual apenas os noviços puderam se acomodar.

 RETORNAR CAPÍTULO 06

 RETORNAR AO SUMÁRIO

JOACHIM TROTTI DE LA CHÉTARDIE



Retrato do sacerdote Joachim Trotti de La Chétardie (1636-1714). Anônimo. Presbitério de São Sulpício.

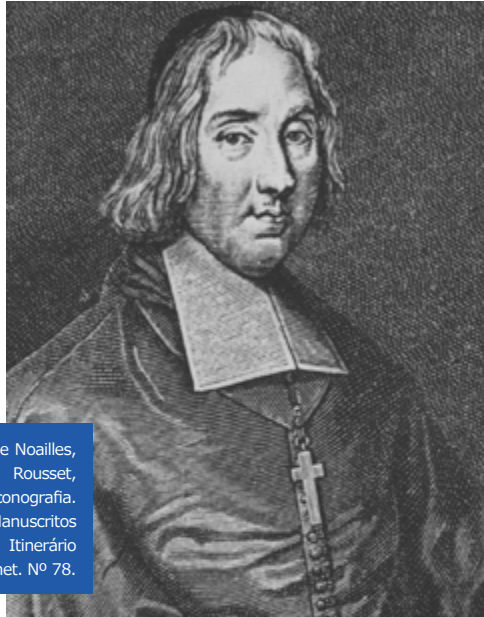
Nasceu em 1636 e faleceu no dia 29 de junho de 1714. Foi pároco de São Sulpício do dia 13 de fevereiro de 1696 até sua morte. Teve grande interesse nas escolas da paróquia e ampliou os serviços educativos.

Protegeu e prestou ajuda econômica ao Instituto, mas a partir de 1702, devido a uma série de incidências que o levaram a se indispor com La Salle, acusou-o e conseguiu que o destituíssem do cargo de Superior. Entretanto, os Irmãos não aceitaram essa situação. La Chétardie teve que negociar com eles, e La Salle continuou como Superior. A partir deste momento se converteu num adversário de La Salle, e sua relação com a Comunidade dos Irmãos oscilava entre a frieza, a indiferença e a hostilidade.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 06

◀ RETORNAR CAPÍTULO 07

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

LOUIS ANTOINE DE NOAILLES

Retrato do cardeal Louis Antoine de Noailles, arcebispo de Paris (1651-1729). Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 78.

Nasceu em 1651 e morreu em 1729. Foi arcebispo de Paris a partir de 1679. Em 1700 foi nomeado cardeal. Inicialmente uniu-se aos bispos que protestaram contra a Bula Unigenitus, que condenava as 101 proposições apresentadas por Quesnel nas Reflexões morais sobre o Novo Testamento. Foi dirigente da facção amistosa direcionada aos jansenistas, mas em 1728 se submeteu à Unigenitus.

Teve relacionamento frequente com La Salle. Deu-lhe mostras de confiança no começo, mas logo depois se indispôs com ele, tentando nomear um superior eclesiástico para os Irmãos. Depois deste fato, manifestou-se mais benevolente e aceitou a autonomia da Comunidade.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 06

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

JACQUES II DA INGLATERRA



Retrato de Jacques II da Inglaterra. Nicolas de Largillière. 1686. Óleo sobre tela, 76,2cm x 64.1cm. Museu Marítimo Nacional. Londres.

Rei da Inglaterra, Escócia e Irlanda, pertencente à dinastia Estuardo. Nasceu em 1633 e morreu em 1701. Acedeu ao trono em 1685. Implantou a tolerância religiosa, eliminando em 1687 as discriminações legais contra os católicos. Com isso teve que enfrentar a Igreja anglicana; os líderes protestantes ingleses iniciaram uma revolução contra ele, que terminou com a perda do trono. Em 1692 exilou-se na França.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 06

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

SILABÁRIO



Sala de aula das Escolas Cristãs. Nas paredes frontal e lateral se podem observar os cartazes com o silabário e um menino aprendendo as sílabas. Irnãõ Bouvin. 1873. Gravado. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 146.

Esta obra era um livreto para iniciar as crianças na aprendizagem da leitura. Sua criação se deve à necessidade da vida cotidiana: não existiam silabários para aprender a ler em francês, visto que nessa época só se ensinava em latim; por isso era preciso criar material didático para estudar as letras e as sílabas, antes de passar à leitura corrida. Era o primeiro livro com o qual os alunos se formavam nas Escolas Cristãs.

O *Silabário* foi publicado em 1696 e reeditado em 1703. Lamentavelmente, não existe nenhum exemplar desta obra; o que se conhece dela nos chegou através do *Guia das Escolas Cristãs*, onde são explicados a metodologia de uso e as características dos cartazes com as sílabas, que deviam estar à vista na classe.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 06](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

INSTRUÇÕES E ORAÇÕES PARA A CONFISSÃO E A COMUNHÃO



Primeira missa do bem-aventurado.
Composição de Albert Maignan. Gravado de
Froment. 1888. Livro de Ravelet, 36-37.

Esta obra teve a função de ensinar uma metodologia detalhada para confessar-se de forma adequada, considerando desde o exame de consciência até a penitência, e para receber devidamente o sacramento da Eucaristia. Foi utilizado nas escolas do Instituto.

Desconhecemos quando foi publicada pela primeira vez, mas se sabe que foi apresentada para aprovação, junto com outras obras, no dia 2 de novembro de 1702, e que a 5 de janeiro de 1703 obteve a autorização por parte do censor Ellies du Pin para ser reeditada. A primeira edição que se conhece é de 1734, na qual o texto foi publicado junto com outros dois escritos num único livro.

Título: *Instruções e Orações para a santa Missa, a Confissão e a Comunhão. Com uma instrução metódica, por perguntas e respostas, para aprender a se confessar bem.*

[RETORNAR CAPÍTULO 06](#)[RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

DEVERES DO CRISTÃO PARA COM DEUS

Capa da primeira edição da obra Deveres do cristão para com Deus, publicada por Antoine Chrétien, Paris, 1703. Irmãos das Escolas Cristãs (2001). Obras completas de São João Batista de La Salle. Madri: Edições São Pio X. 1093.



É um livro que faz parte dum conjunto de cinco obras catequéticas:

1. *Deveres do cristão para com Deus, por perguntas e respostas, em duas partes: dogma e mandamentos.*
2. *Do culto exterior e público, por perguntas e respostas. Terceira parte dos Deveres do cristão para com Deus.*
3. *Compêndio maior dos deveres do cristão.*
4. *Compêndio menor dos deveres do cristão.*
5. *Instruções Cristãs ou Deveres do cristão para com Deus e meios para cumpri-los devidamente, para ser publicado num só volume.*

O livro Deveres do cristão para com Deus foi criado para explicar aos Irmãos a doutrina cristã; era um manual para o professor. As Instruções Cristãs ou Deveres do cristão para com Deus e meios para cumpri-los

devidamente em texto seguido, ampliava o anterior, dirigido aos Irmãos e ao público adulto. E os dois compêndios dos deveres, que recolhem o essencial do catecismo, foram compostos para serem usados em sala de aula. La Salle escreveu estas obras em 1694, mas é de se supor que existiram manuscritos prévios, pois era importante ter cuidado com o que se ensinava sobre religião nas salas de aula.

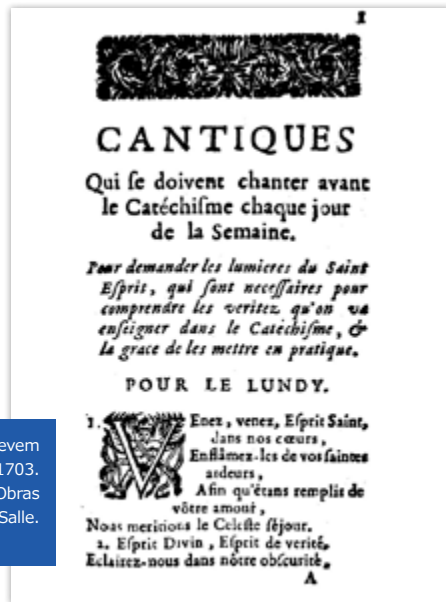
O censor Ellies du Pin autorizou essas obras a 5 de janeiro de 1703, e a permissão para impressão foram obtidas no dia 23 do mesmo mês, sendo inscritas no registro a 6 de fevereiro.

Desses cinco livros, o que teve maior difusão foi Deveres do cristão para com Deus, em texto seguido. Em vida de La Salle teve três edições (1703, 1705 e 1716); durante os séculos XVIII e XIX, duzentas e oitenta (280).

 [RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

 [RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CÂNTICOS QUE SE DEVEM CANTAR NO CATECISMO



Primeira página de Cânticos que se devem cantar no catecismo. Edição de 1703. Irmãos das Escolas Cristãs (2001). Obras completas de São João Batista de La Salle. Madri: Edições São Pio X. 1785.

A obra é uma compilação de cânticos de temática cristã para serem usados cada dia da semana, segundo o tempo litúrgico. Provavelmente, La Salle os compilou com a ajuda dos Irmãos. Seu uso era habitual nas escolas.

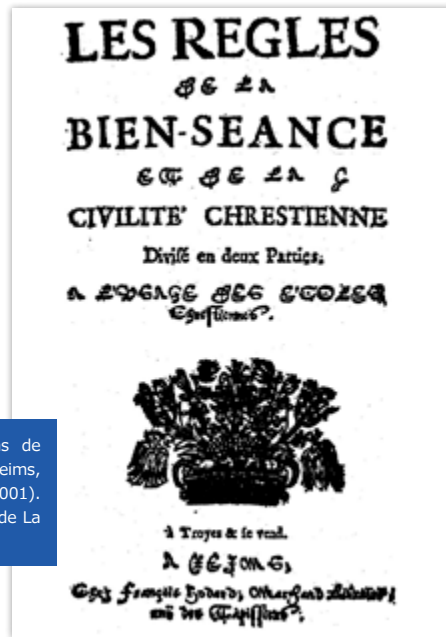
A primeira edição foi feita em 1705, impressa em Paris por Antoine Chrétien. O livro foi apresentado para revisão a 2 de novembro de 1702; obteve a aprovação do censor Ellies Du Pin a 5 de janeiro de 1703; o Privilégio Real foi expedido em Versalhes a 13 de abril de 1705, e foi inscrito no Registro de Impressores e Livreiros de Paris a 23 do mesmo mês e ano.

Nos arquivos da Casa Generalícia se conserva uma cópia desta edição, cuja capa foi perdida ao ser realizada a encadernação. Contém 58 cânticos em 120 páginas.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 06

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

REGRAS DE CORTESIA E URBANIDADE CRISTÃS



Capa da primeira edição de Regras de cortesia e urbanidade cristãs. Troyes-Reims, 1703. Irmãos das Escolas Cristãs (2001). Obras completas de São João Batista de La Salle. Madri: Edições São Pio X. 978.

Trata-se duma obra concebida para ser usada na escola pelos alunos do 8º nível de leitura, porque estava impressa com letra gótica. Esta grafia era mais difícil de ser lida que os caracteres redondos; por isso se utilizava com as crianças que já liam corretamente em francês e em latim.

O objetivo de La Salle consistiu em solucionar duas necessidades: a leitura da letra gótica e a formação para a urbanidade e cortesia, vista como um aspecto da virtude da caridade cristã.

A primeira edição foi feita em Troyes a 15 de fevereiro de 1703; foi apresentada para ser examinada a 2 de novembro de 1702; o censor Ellies du Pin autorizou a publicação a 26 de dezembro do mesmo ano; a 23 de janeiro de 1703 outorgou a permissão para impressão; e a inscrição no Registro de Paris se deu no dia 6 de fevereiro. Um exemplar desta primeira edição se conserva nos arquivos da Casa Generalícia.

Este livro ultrapassou o âmbito da escola; logo apareceram outras edições com caracteres normais, feitas para o público em geral. Esta mudança em seu uso fica patente no título da edição de 1715, impressa em Ruão: Regras de cortesia e urbanidade cristãs muito úteis para a educação das crianças e as pessoas que não dominam a cortesia do mundo nem a língua francesa. Para uso das crianças das Escolas Cristãs.

Além das edições já mencionadas, esse livro teve outras três edições em vida de La Salle: 1708 (Paris), 1715 e 1716 (Troyes).

Essa obra teve um grande êxito no século XIX. Atualmente se conhecem 171 edições, algumas das quais feitas fora da França.



RETORNAR CAPÍTULO 06



RETORNAR AO SUMÁRIO

CARTAS DE LA SALLE



Carta de La Salle ao senhor Des Hayes, vizinho de Ruão, com data de 18 de novembro de 1705. O conteúdo da carta se refere à abertura de uma escola em Darnétal. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 47.

A imensa maioria das cartas de La Salle, que sem dúvida foram milhares, perderam-se.

As que conhecemos, chegaram-nos por três vias:

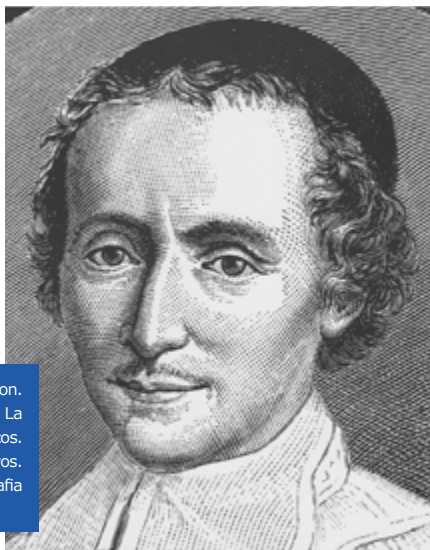
- As autografadas, que são 56 e se encontram nos arquivos da Casa Generalícia.
- As cópias que reproduzem o texto autografado perdido.
- As citadas pelos primeiros biógrafos.

A maioria da correspondência tratava de assuntos espirituais. Era a resposta do Fundador às cartas que recebia mensalmente dos Irmãos para prestarem conta de sua conduta. Em algumas das cartas atendia ao mesmo tempo temas administrativos. E são bem poucas as que se referiam exclusivamente a assuntos do Instituto.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 06

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CHARLES DÉMIA



Retrato de Charles Démia. Trichon. Gravado. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 63.

Sacerdote da diocese de Lyon que dedicou seus esforços à educação das crianças das classes menos favorecidas. Nasceu em 1637 e morreu em 1689.

Renovou o ensino gratuito ao dotá-lo de regulamentos duráveis. Em 1666 foi designado inspetor das escolas de caridade de sua diocese e escreveu os Avisos sobre as necessidades das escolas cristãs para a instrução religiosa dos pobres para conscientizar as classes abastadas e as autoridades sobre a necessidade de estabelecer escolas cristãs gratuitas. Em 1672 organizou o seminário São Carlos para formar ao mesmo tempo sacerdotes e professores.

Em 1676 estabeleceu várias escolas para meninas. Como afirmou nos Avisos: «Se a boa instrução é importante para os meninos, não é menos para as meninas. Este sexo precisa mais ainda ser sustentado com a virtude, pois sua fraqueza é enorme, e ela depende dos seus começos».

Em vista do crescimento de suas escolas, separou seus mestres em dois grupos: a Confraria do Menino Jesus para os meninos, e as Irmãs de São Carlos, fundadas em 1687, dedicada ao ensino das meninas.

A pedra angular de sua educação era a catequese católica. Dêmia afirmou que os mestres precisavam sê-lo em tempo integral, e sua formação tinha que basear-se na virtude e no exemplo do educador. Essa ideia será desenvolvida posteriormente por La Salle com os Irmãos das Escolas Cristãs.

 RETORNAR CAPÍTULO 06

 RETORNAR AO SUMÁRIO

JACQUES DE BATENCOURT

Fachada sul da igreja paroquial São Nicolas de Chardonnet de Paris. Nesta paróquia escreveu sua obra A Escola Paroquial. Mbzt. 2015.

Sacerdote da comunidade parisiense de São Nicolas de Chardonnet. Aos 18 anos encarregou-se de uma escola cristã criada por Bourdoise. Em 1654 publicou *L'École Paroissiale* (A Escola Paroquial). Este livro teve grande êxito pedagógico. Prova disto foi que, em 1659, São Vicente de Paulo propôs os mestres desta escola como modelos para os sacerdotes da congregação da Missão, que se encarregavam de formar os professores para as pequenas escolas do campo.

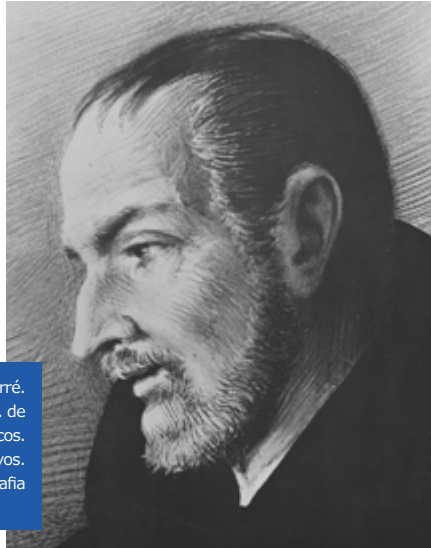
Inicialmente, Batencourt ensinou a ler em latim, posteriormente em francês. Seu programa compreendia escrita, aritmética, gramática latina e algo de grego.

Muito preocupado pela formação cristã das crianças, publicou em 1669 as Instruções familiares em forma de catecismo para todas as festas e solenidades paroquiais. Obras necessárias a todos os mestres de escolas e catequistas. Em 1685 reorganizou de forma resumida esta obra

e a publicou com o título: Instrução metódica para as escolas paroquiais, dirigidas em favor das escolas menores, dedicada ao mestre do canto da igreja de Paris por I. D. B, sacerdote.

 RETORNAR CAPÍTULO 06

 RETORNAR AO SUMÁRIO

NICOLAS BARRÉ

Retrato do bem-aventurado Nicolas Barré. Trichon. Gravado. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 74.

Religioso da Ordem dos Mínimos e fundador das Irmãs do Menino Jesus, hoje chamadas «Damas de Saint-Maur». Nasceu em 1621 e morreu em 1686. Foi conselheiro espiritual de La Salle, e amiúde tiveram que se animar mutuamente em seus respectivos projetos. Atuou como professor de Teologia em Paris e Ruão.

Foi quem aconselhou La Salle a distribuir os seus bens aos pobres, viver com os mestres e contar somente com a Providência para sustentar as escolas. Sua influência foi decisiva na orientação das iniciativas do Fundador.

Foi uma pessoa profundamente piedosa, generosa e um fiel servidor de Deus. Foi beatificado pelo Papa João Paulo II no dia 7 de março de 1999.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 06

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

GALICANISMO E JANSENISMO



Capa do Augustinus. 1640. Este livro contém as ideias que servem de base ao jansenismo.

Durante o reinado de Luís XIV, a sociedade francesa começou a viver profundas mudanças, em grande parte produzidas pelas tensões entre os adeptos da Igreja de Roma, os seguidores do galicanismo e do jansenismo.

O galicanismo era um conjunto de doutrinas e práticas que subordinavam o poder da Igreja e do Papa ao Estado francês; com isto, tanto o Estado como a Igreja franceses tinham independência da Igreja de Roma. Na prática, isto queria dizer que qualquer edito, bula ou indicação da Igreja de Roma tinha que ser reconhecida pelo Rei e pelo parlamento franceses. Os católicos franceses fiéis ao romano pontífice eram chamados de «ultramontanos», porque eram considerados admiradores do que se passava por trás dos Alpes.

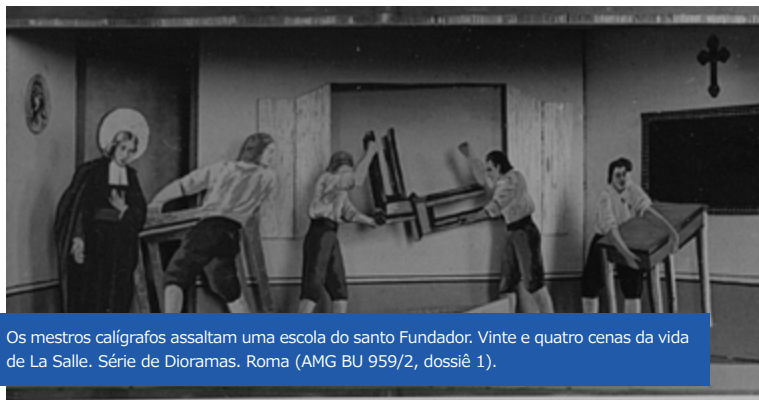
O jansenismo era uma corrente religiosa do catolicismo baseada numa interpretação muito rígida da Teologia de Santo Agostinho, que se estendeu pela Europa durante os séculos XVII e XVIII. Estava em oposição com algumas posturas morais da Igreja. O jansenismo atacava o livre arbítrio; a salvação não estava nas mãos de todos os homens, Deus não dava as graças suficientes a todos para conseguirem a salvação, apenas as outorgava aos predestinados desde o nascimento. Além disso, exigia uma severa pastoral, rigorosa e pessimista. Esta doutrina deve seu nome ao teólogo e bispo de Ypres, Cornelius Jansen (1585-1638), que explicou suas ideias sobre a graça e a livre escolha em seu livro *Augustinus*, publicado a título póstumo em 1640.

João Batista de La Salle e os Irmãos eram publicamente fiéis ao Papa, motivo pelo qual enfrentaram estas duas tendências religiosas, poderosas na Igreja francesa da época.

 RETORNAR CAPÍTULO 07

 RETORNAR AO SUMÁRIO

DENÚNCIA DOS MESTRES CALÍGRAFOS



Os mestres calígrafos assaltam uma escola do santo Fundador. Vinte e quatro cenas da vida de La Salle. Série de Dioramas. Roma (AMG BU 959/2, dossiê 1).

Desde o século XVI, os mestres calígrafos estavam associados numa corporação de ofício, com caráter jurídico, para compartilhar seu trabalho educativo em condições de igualdade, observadas algumas normas e privilégios. Ser admitido nesta corporação não era simples: era preciso cumprir algumas condições, tanto em relação à moral como à economia e à profissão. O preço exigido e as condições variavam segundo a categoria à qual se queria pertencer: de mestres, de oficiais ou de aprendizes. Os membros desta corporação se formavam para serem especialistas na leitura e na interpretação de documentos manuscritos, pois eram mestres escrivães jurados. Os mestres calígrafos tinham legalmente a exclusividade do ensino da caligrafia e da aritmética, vivendo do trabalho escolar pago pelos pais de seus alunos.

Os meninos que frequentavam as escolas de caridade do Instituto recebiam aulas de aritmética e de caligrafia estruturadas metodologicamente, ao ponto de os alunos do 9º nível trabalharem diretamente com documentos manuscritos de diferentes tipos, como notas promissórias, citações, recibos, orçamentos, contratos, etc. Graças à formação recebida, estes jovens poderiam encontrar diferentes trabalhos, como de secretário e de contabilista, além de poderem optar para serem professores, mediante um aprendizado complementar.

As escolas dos Irmãos começaram a ficar conhecidas, iniciando a receber jovens de todos os bairros de Paris. De outro lado, as escolas dos calígrafos decaíam. Alunos que podiam pagar sua escolaridade se mudaram para as escolas cristãs de La Salle.

Os interesses econômicos dos mestres calígrafos se viam afetados pelo trabalho das escolas de caridade dos Irmãos, que ofereciam uma educação de qualidade e gratuita. La Salle sabia que se avizinhava uma tormenta, pois as leis não lhes eram favoráveis. O Instituto carecia de Patente Real, e não podia abrir escolas onde se ensinava desenho, aritmética e caligrafia, por contrariar os estatutos da corporação dos mestres calígrafos.

No dia 7 de junho de 1704, os mestres calígrafos apresentaram uma denúncia contra La Salle e os Irmãos que atendiam as escolas de Paris. Ao todo 18 Irmãos foram levados a juízo: Jean Jacquot, Ambroise Blin, Antoine Partois, Jean Bautista Servin, Jean François Boucqueton, Joseph Le Roux, Ponce, Nicolas Vuyart, Gervais, Potier, Bernard, André, Norbert, Guillaume, Jacques Compain, Jeannot, Pierre e Mathieu. Foram acusados de darem aulas que não lhes era permitido e de atender meninos cujos pais podiam pagar a escolaridade.

No dia 11 de julho, saiu uma primeira sentença condenatória, e ante o não comparecimento dos acusados, a mesma foi ratificada a 29 de agosto. Châtelet condenou La Salle e os 18 Irmãos, impondo-lhes multas: 100 libras ao Fundador e 50 libras a cada Irmão (esta quantidade equivalia à terça parte de seus ingressos anuais). Além disso, foram proibidos de dar aulas aos meninos que não apresentaram certificados de pobreza. Estes certificados eram expedidos pelo pároco ou pelo Gabinete dos pobres, que eram os encarregados do registro de pobres com a finalidade de lhes oferecer ajuda social, especialmente em tempos de carestia. Esta última sentença entristeceu a La Salle de forma muito profunda, pois o Fundador era contrário a estas práticas discriminatórias, e as escolas gratuitas deviam estar abertas para todos.



RETORNAR CAPÍTULO 07



RETORNAR AO SUMÁRIO

IRMÃOS DE SÃO MARCELO

Paris na época do Beato (1703). Desenho de Édouard Garnier. Gravado por Méaulle. 1888. Livro de Ravelet, 343.



Os párcos de São Marcelo, preocupados com a situação das denúncias, uniram-se aos Irmãos Nicolas Vuyart e Gervais para tratar de salvar a escola e o seminário de mestres de um possível fechamento geral. Contrataram o advogado Jean Deshayettes para reclamar da sentença de 11 de julho. Para isso criaram uma ficção jurídica: os mestres interessados não eram Irmãos.

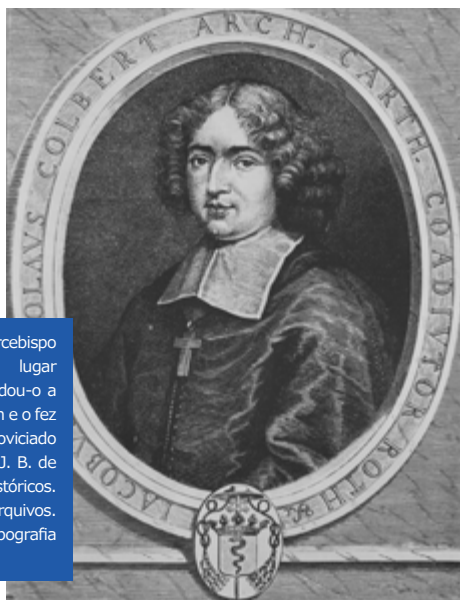
Esta reclamação não teve bom resultado; os mestres calígrafos demonstraram que os mestres reclamantes eram inquilinos de uma casa alugada por La Salle. A condenação de 29 de agosto de 1704 incluiu explicitamente os Irmãos Nicolas e Gervais. A sentença permitiu continuar com a escola, mas não declarou nada sobre o seminário de mestres.

O Irmão Nicolas Vuyart quis resolver isso por sua conta e, para salvar o seminário de mestres, ele e o Irmão Gervais se desligaram de La Salle, abandonando o Instituto. O seminário, que esperavam proteger, se afundou definitivamente. Nicolas Vuyart quis reingressar na Sociedade, mas os Irmãos aconselharam o Fundador a não readmiti-lo.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 07

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

JACQUES NICOLAS COLBERT



Retrato de Jacques Nicolas Colbert, arcebispo de Ruão (1655-1707). Ocupou lugar destacado na vida de La Salle. Convidou-o a Ruão, ofereceu-lhe a casa de Saint-Yon e o fez trasladar, custeando os gastos, o noviciado de Paris a Ruão. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 79.

Nasceu a 14 de fevereiro de 1655 em Paris. Era filho do famoso ministro de Luís XIV, Jean-Baptiste Colbert. Foi arcebispo da arquidiocese de Ruão de 1691 a 1707. Obteve o doutorado em Teologia na Sorbonne. Em 1665 foi nomeado abade de Bec-Hellouin. Em 1678 foi eleito membro da Academia Francesa. Em 1685 uniu-se à Academia das Inscrições e Línguas Antigas, sendo um de seus primeiros membros. Em 1704 convidou La Salle a abrir escolas em Ruão. Faleceu a 10 de dezembro de 1707 em Paris.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 07](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

GUERRA DE SUCESSÃO



Marechal Villars liderando a carga francesa durante a batalha de Denain na Guerra de Sucessão (1701-1713). Jean Alanaux. 1839. Óleo, 465cm x 543cm. Palácio de Versalhes, Galeria das Batalhas.

Carlos II, Rei da Espanha da casa de Habsburgo, conhecido como o Enfeitiçado, não pôde deixar descendência por causa de sua enfermidade. A questão sucessória converteu-se num assunto internacional. Espanha era um território tentador para qualquer potência europeia. Tanto o Rei Luís XIV da França, da casa dos Bourbon, como o imperador Leopoldo I, do Sacro Império Romano Germânico, da casa de Habsburgo, alegavam direitos à sucessão espanhola, por ambos estarem casados com filhas do Rei Felipe IV, pai de Carlos II.

Preocupado por uma possível divisão do reino da Espanha após sua morte, Carlos II nomeou como seu sucessor Felipe de Anjou, neto de Luís XIV e bisneto de Felipe IV, que foi coroado em 1700 como Felipe V. Esta nomeação não agradou aos austríacos. Em pouco tempo se formou um

bando, dentro e fora da Espanha, que não aceitava o novo Rei e apoiava o arquiduque Carlos de Habsburgo.

Em 1701 eclodiu a guerra civil e europeia. Felipe V, que representava o modelo centralista francês, foi apoiado pela coroa de Castela; ficaram conhecidos como o bando bourbônico. Carlos de Habsburgo, que personificava o modelo foralista, teve como aliados a Coroa de Aragão, Inglaterra e Holanda, que eram chamados Austracistas.

Espanha, embora estivesse unida sob a figura de um Rei, era na realidade um compêndio de coroas e cada uma tinha seus foros, ou seja, seus privilégios, isenções jurídicas e competências políticas próprias. Felipe V fora educado numa monarquia absolutista, e a coroa de Aragão tinha medo de que ele implantasse esse modelo na Espanha e perdesse seus privilégios.

Inicialmente o bando francês dominava a guerra, mas em 1706 o bando austracista conseguiu render Barcelona, sendo o arquiduque Carlos nomeado Carlos III de Espanha. Os bourbônicos reagiram e conseguiram vencer na batalha de Almansa. Os triunfos terrestres da casa de Bourbon eram contrabalançados pelos triunfos marítimos dos austracistas.

Os anos mais duros da guerra foram os de 1706 a 1710. As mortes provocadas pelas batalhas aumentaram pela penúria, fome e peste. Na França, a situação entre 1709 e 1710 foi catastrófica; além da guerra, se estendeu por todo o país uma terrível geada que acabou com todas as árvores frutíferas e destruiu o cultivo de trigo. Calcula-se que durante o inverno de 1709 morreram mais de um milhão de pessoas, correspondente a 3,5% da população, por frio ou fome, mas o pior ainda estava por vir: uma terrível escassez de alimentos como nunca havia sido visto.

A guerra de sucessão tomou outro rumo; chegava o momento de negociar. O conflito terminou com o triunfo de Felipe V. Um acontecimento inesperado foi a chave deste desenlace: Carlos de Habsburgo herdou em 1711 o Sacro Império Romano Germânico, convertendo-se no

imperador Carlos VI, e seu interesse pela coroa espanhola desapareceu. Isto permitiu aos bourbônicos recuperar vários lugares. Para alcançar a paz, apenas faltava que Felipe V renunciasse ao trono francês e que os príncipes da França renunciassem ao da Espanha. Era de sumo interesse para as potências aliadas que os dois reinos não se unissem. No dia 11 de abril foi assinado o Tratado de Utrecht, e com ele chegou a paz.

 RETORNAR CAPÍTULO 07

 RETORNAR AO SUMÁRIO

JEAN-CHARLES CLÉMENT

Abade no Tribunal do Rei e abade comendatário da real abadia de Saint-Calais. Nasceu em 1689, filho do médico Julien Clément, que adquiriu cédula de nobreza, título de primeiro ajudante de câmara de «Madame la Dauphine» e de cirurgião do Rei. Em 1707 visitou La Salle, desejoso de desenvolver um projeto educativo. Teve a ideia de criar um seminário para mestres rurais em São Dionísio, iniciado na Páscoa de 1709, numa casa cujo proprietário era Louis Rogier.

Em 1711, cegado pela soberba de seu novo título, Julien Clément denunciou La Salle por enganar e fraudar seu filho menor de idade. O Fundador visitou a família Clément para explicar os fatos, mas era gente intratável. Em vista da situação, La Salle ofereceu ceder-lhes a casa. No entanto, isso não os satisfazia, e queriam vê-lo condenado. Ante o poder de Julien Clément, de pouco serviram as alegações de defesa do Fundador. Ao ver-se em perigo, Louis Rogier se afastou da causa e se preocupou somente de si mesmo. A sentença foi contrária a La Salle.

 RETORNAR CAPÍTULO 08

 RETORNAR AO SUMÁRIO

LOUIS ROGIER

Amigo do abade Jean-Charles Clément, ajudou no projeto de criação do seminário de mestres rurais de São Dionísio. Junto com La Salle, Rogier adiantou o dinheiro do donativo para comprar a casa onde funcionaria o seminário e emprestou seu nome como comprador. Foi preciso fazer a compra da casa em nome dum terceiro, porque o Instituto não contava com personalidade jurídica e o abade era menor de idade. A venda da casa foi realizada no dia 28 de outubro de 1708, e o abade Clément assinou o reconhecimento da dívida, que ficou nas mãos de Rogier.

Em 1711 Rogier abandonou La Salle durante o processo judicial iniciado por Julien Clément, e mesmo que tivesse todas as provas que demonstravam a inocência do Fundador e preocupado unicamente por sua pessoa, argumentou somente em sua própria defesa.

Em 1712 saíram as sentenças contrárias a La Salle. Em fevereiro, a Chancelaria anulou os compromissos assinados pelo abade Clément; em maio, uma nova sentença o obrigou a devolver ao abade o reconhecimento da dívida; e em junho, Rogier conseguiu o reconhecimento da propriedade da casa em seu nome, pedindo ao Fundador que pagasse os aluguéis vencidos e abonasse as 8.525 libras que ele tinha adiantado para sua compra. Como La Salle não pôde satisfazer esta petição, os Irmãos abandonaram a casa a 24 de junho. O Instituto não voltou a ter seminários para a formação de mestres rurais.

Faleceu em 1717, e em seu testamento restituiu as 5.200 libras que La Salle havia adiantado para a compra da casa de São Dionísio.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 08

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

HENRI-FRANÇOIS-XAVIER DE BELSUNCE DE CASTELMORON

Retrato de Henri-François-Xavier de Belsunce de Castelmoron (1670-1755). Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 81.

Nasceu em 1670 no seio duma família protestante, na região de Agen. Converteu-se ao catolicismo aos 15 anos de idade. Estudou no Colégio de Clermont; em 1691 ingressou na Companhia de Jesus, e em 1699 a deixou. Foi ordenado sacerdote em 1703, nomeado vigário geral do bispo de Agen em 1704, e bispo de Marselha de 19 de fevereiro de 1710 até sua morte, a 4 de junho de 1755.

Aceitou a Bula Unigenitus e se opôs ao jansenismo, o que lhe trouxe problemas com o Parlamento de Aix. Deu instruções a seus sacerdotes para não darem a absolvição às pessoas que rejeitavam a Unigenitus de forma recorrente.

Em 1712 conseguiu que La Salle permanecesse em Marselha em vez de ir a Roma, como era seu plano, com a finalidade de encarregar-se de algumas escolas paroquiais e de um noviciado, outorgando-lhe autorização para atuar como confessor na sua diocese.



Autorização em favor do senhor de La Salle para confessar em toda a diocese de Marselha, 12 de dezembro de 1712. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 48.

Ganhou tal notoriedade, graças à caridade heróica demonstrada durante o flagelo da peste de 1720 e 1721, que lhe outorgaram o título de «Bom Bispo». Quando começou a peste, uma grande frota levava a princesa de Orleães até a Itália. A comitiva da princesa levantou âncoras, e com ela todos os notáveis da cidade se foram; mas o bispo Belsunce permaneceu com alguns poucos amigos, para juntos lutar contra a praga da peste até que foi vencida. Em seu discurso diante da Assembleia do Clero em 1725, Dom Henri Belsunce declarou que mais de 250 sacerdotes e religiosos faleceram em sua missão de cristãos.



RETORNAR CAPÍTULO 08



RETORNAR AO SUMÁRIO

PAPA CLEMENTE XI



Retrato do Papa Clemente XI (1700-1721).
Moeda comemorativa de sua eleição como
sumo pontífice, a 23 de novembro de 1700.

Giovanni Francesco Albani nasceu no dia 23 de julho de 1649 em Urbino, no seio duma família nobre. Em 1660 foi enviado ao Colégio Romano, onde fez rápidos progressos em seus estudos. Em 1667 era um autor tão conhecido que a rainha Cristina da Suécia o incluiu em sua exclusiva academia. Estudou Teologia e Direito, obtendo o doutorado em Direito Civil e Canônico. Sua brilhante inteligência, unida a sua moralidade e piedade lhe asseguraram rápida ascensão na corte papal; em 1690 foi nomeado cardeal diácono. Ordenado sacerdote em setembro de 1700, no dia 8 de dezembro do mesmo ano foi eleito o primeiro Papa do século XVIII, depois de rejeitar por três vezes a escolha, sucedendo Inocêncio XII.

Dotado duma grande capacidade de trabalho, foi um homem austero e excelente pastor. Seu trabalho pastoral foi notado em todo o mundo. Como brilhante diplomata, fez grandes esforços para estabelecer a paz entre as potências européias. O evento mais importante durante seu papado foi a publicação, em 1713, da Bula Unigenitus. Neste documento

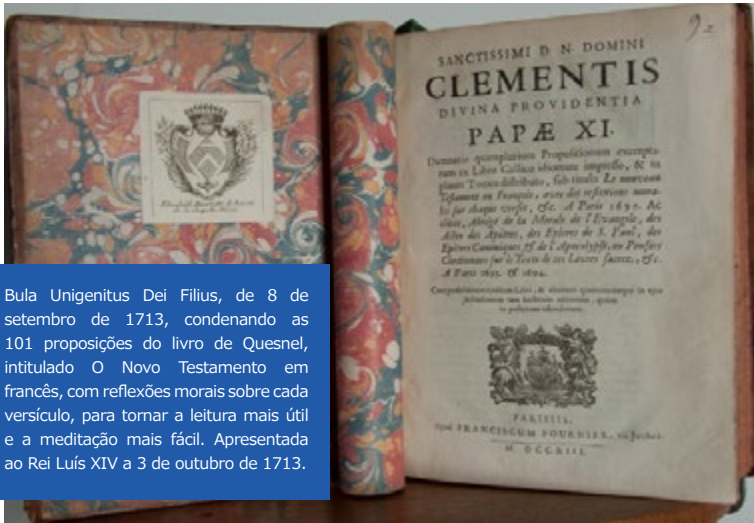
condenou como heréticas as 101 proposições de Pascal Quesnel, como já haviam sido condenados os escritos de Cornelius Jansen.

Faleceu em Roma no dia de São José, santo ao qual tinha grande devoção, em 1721. Seus restos descansam na tumba dos cônegos da Basílica de São Pedro.

 [RETORNAR CAPÍTULO 08](#)

 [RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

LIVRO DE QUESNEL E BULA UNIGENITUS



Bula Unigenitus Dei Filius, de 8 de setembro de 1713, condenando as 101 proposições do livro de Quesnel, intitulado O Novo Testamento em francês, com reflexões morais sobre cada versículo, para tornar a leitura mais útil e a meditação mais fácil. Apresentada ao Rei Luís XIV a 3 de outubro de 1713.

Em 1671, Pascal Quesnel publicou o livro intitulado Resumo da moral do Evangelho, que desencadeou uma série de conflitos eclesiásticos na França. Posteriormente apareceram outras duas edições ampliadas, uma em 1678, e outra em Paris em 1793, intitulada O Novo Testamento em francês, com reflexões morais sobre cada versículo, para tornar a leitura mais útil e a meditação mais fácil. Esta última contava com uma série de proposições sobre os Evangelhos que aumentava os erros das anteriores, com claras ideias jansenistas e tendência galicana.

As reações não se fizeram esperar. De um lado, o cardeal Noailles, arcebispo de Paris, recomendava o livro, e de outro vários bispos proibiram sua leitura; ademais, o Papa Clemente XI a condenou no breve *Universi Dominici Gregis*, de 13 de julho de 1708, que provocou a rejeição de diversos teólogos e religiosos, porque ia contra a Igreja galicana.

Vários bispos e o Rei Luís XIV pediram ao Papa emitir uma Bula

na qual se evitassem as expressões contrárias à Igreja galicana. No dia 8 de setembro de 1713 foi publicada em Roma a Bula Unigenitus Dei Filius, que condenava as 101 proposições do livro de Quesnel, por considerá-las heréticas.

Esta Bula perturbou a paz da Igreja na França pela resistência de muitos eclesiásticos em aceitá-la e a negativa do parlamento francês a registrá-la, a tal ponto que o Rei Luís XIV teve que impor sua autoridade para que a Igreja francesa a reconhecesse. Entretanto, os enfrentamentos entre os apelantes, defensores do livro de Quesnel, e o Papa e os ultramontanos, fiéis ao Pontífice de Roma, continuaram durante quase todo o século XVIII.

La Salle foi fiel à Igreja de Roma, manifestou-se publicamente a favor da Bula e assim orientou os Irmãos. Esta decisão desencadeou sua perseguição por parte dos apelantes, os quais, embora fossem minoria, tinham muito poder.



RETORNAR CAPÍTULO 08



RETORNAR AO SUMÁRIO

JEAN D`YSE DE SALÉON



Vista geral de Parmênia. Está situada no alto de uma colina, perto de Grenoble, frente ao maciço da Cartuxa e do Vercors. D`Yse de Saléon convidou La Salle a fazer um retiro neste belo lugar. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 133.

Foi cônego, doutor em Teologia e amigo de La Salle. Nasceu em Grenoble em 1669. Foi ordenado sacerdote em 1698. Permaneceu fiel à Bula Unigenitus e lutou contra o jansenismo ao longo de toda sua vida como eclesiástico.

Em 1712 foi capelão da capela de Parmênia. Em 1727, o conselho provincial de Embrum o nomeou vigário geral e administrador da diocese de Senez, após a condenação de Jean Soanen, partidário do jansenismo e antigo bispo desta diocese.

Em 1728 foi nomeado bispo de Digne, e em 1730 foi sagrado bispo de Agen. Em 1735 foi trasferido à sede de Rodez, e em 1746 foi nomeado arcebispo de Viena. Faleceu nesta cidade no dia 10 de fevereiro de 1751.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 08

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

LOUISE HOURS



Retrato da Irmã Louise Hours. Anônimo. Quadro do início do século XVIII. Burkhard, L. (1994). Parmênia. A crise de João Batista de La Salle e de seu Instituto (1712-1714). Roma: Casa São João Batista de La Salle. Cadernos Lassalistas nº 57, 245.

Conhecida por todos como «sor Louise», foi uma humilde pastora de profunda espiritualidade, que viveu desde pequena ao pé da colina de Parmênia.

Nasceu no vale de Grésivaudan, perto de Grenoble, em 1646. Aos 14 anos, como era costume na época, entrou para o serviço de um burguês no povoado de Rives. Ao morrer seu pai, regressou a sua casa paterna para trabalhar como pastora nos arredores do mosteiro dos Cartuxos. Ali sentiu a necessidade de adorar a Deus.

Depois da morte de sua mãe, Louise teve mais tempo para dedicar-se à contemplação. Foi então que acreditou ouvir uma voz que lhe dizia interiormente: «Escolhi este lugar para ser adorada, e quero que me construas aqui um tabernáculo». Como não era nem visionária nem excêntrica, confidenciou ao abade Durand, pároco de Voreppe, o encargo que havia recebido.

Após muitas insistências, o bispo a encarregou da restauração, em honra da Virgem Maria, da antiga capela de Parmênia quando tivesse dinheiro. Louise conseguiu o dinheiro e pôde ver a capela terminada no dia 3 de maio de 1674. Depois construiu um alojamento para os peregrinos e melhorou a capela, cujas obras finalizaram em 1680.

Em 1681, o padre Roux aceitou ser capelão e, junto com sor Louise, fez de Parmênia um centro de renovação espiritual. Em 1712 o padre Roux faleceu e o senhor Jean d`Yse de Saléon continuou nesta função.

Sor Louise faleceu na colina de Parmênia no dia 22 de janeiro de 1727, aos 81 anos de idade.

 RETORNAR CAPÍTULO 08

 RETORNAR AO SUMÁRIO

REGRAS



O Fundador redige as Regras. Chapon. 1887. Gravado. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 19.

As Regras foram se desenvolvendo ao mesmo tempo que o Instituto. Os biógrafos assinalam três épocas:

- A primeira inicia quando La Salle e os mestres começaram a viver em comum. No início, as comunidades dos Irmãos funcionaram de acordo com o Regulamento diário; a vida comunitária exigia algumas normas que facilitassem a convivência e o trabalho na escola. Na assembleia de 1686, adotaram o hábito e o nome de Irmãos das Escolas Cristãs e fizeram voto de obediência.

- A segunda começa em 1694 quando tiveram consciência mais clara do que significava ser Irmãos e creram oportuno ter algumas Regras comuns. Era preciso colocar por escrito as normas de vida coletiva que vinham praticando. O Fundador tomou um mês de retiro para realizar esta tarefa. Entre os dias 30 de maio e 6 de junho de 1694, celebraram o primeiro Capítulo Geral, no qual foram discutidas e aprovadas as Regras, se realizou a primeira profissão perpétua, elegeram La Salle como Superior e registraram em ata o acordo que no futuro sempre escolheriam como Superior um Irmão.

As Regras surgiram após um longo período de estudo das normas de outras congregações e de reuniões com alguns Irmãos. O Fundador as experimentou primeiro com os noviços.

- A terceira época se inicia com o segundo Capítulo Geral de 1717, quando elegeram o Irmão Barthélémy como primeiro Superior Geral e a assembleia decidiu introduzir algumas modificações nas Regras comuns e aprovar a Regra do Irmão Diretor e do Guia das Escolas. O Fundador ficou encarregado da redação final destas mudanças aprovadas.

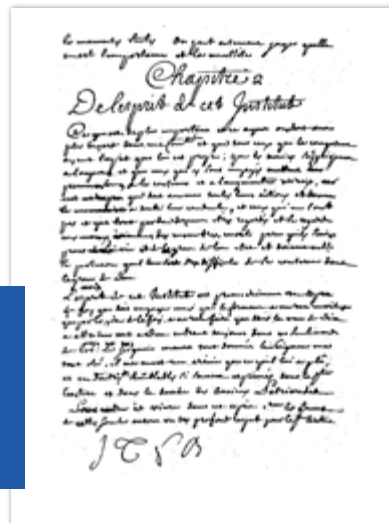
Os textos mais antigos conhecidos das Regras comuns dos Irmãos das Escolas Cristãs são:

- O manuscrito de 1705, conservado na biblioteca municipal de Avinhão, de 83 páginas. Acredita-se que é cópia do texto aprovado no Capítulo Geral de 1694.

- O manuscrito de 1718, que se conserva nos arquivos da Casa Generalícia, de 124 páginas. É cópia das Regras modificadas no Capítulo Geral de 1717.

- A edição impressa de 1726, da qual se conservam várias cópias. São as Regras que foram modificadas no Capítulo Geral de 1725, realizado para receber a Bula de aprovação do Instituto.

Página onde começa o capítulo 2 das Regras. Manuscrito de 1718. No rodapé da página se encontram as iniciais da assinatura do Irmão Barthélémy, 1º Superior Geral. Irmãos das Escolas Cristãs (2001). Obras completas de São João Batista de La Salle. Madri: Edições São Pio X, 56.

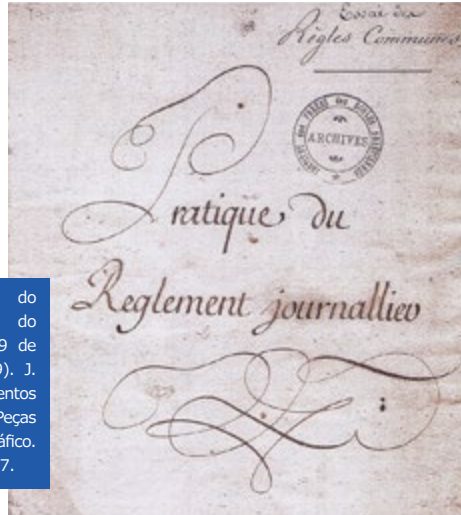


◀ RETORNAR CAPÍTULO 09

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

REGULAMENTO COTIDIANO

Capa do manuscrito de 1713 do Regulamento cotidiano. Prática do Regulamento Cotidiano. Jounallier. 9 de março de 1713. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Tabla Nº 37.



Trata-se dum regulamento da vida comum dos mestres junto a João Batista de La Salle, em uso desde 1682; sem dúvida, ajudou os primeiros mestres a compreenderem o que significava viver «da manhã à noite» com dedicação exclusiva à escola.

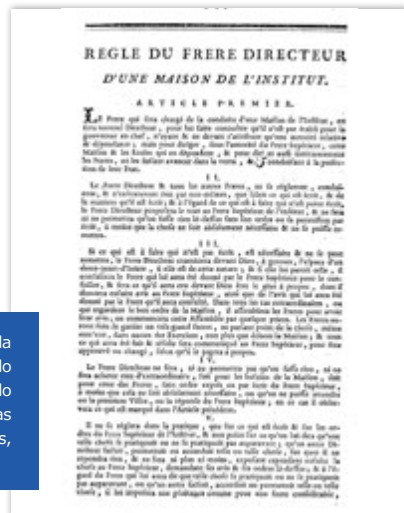
Quando a comunidade alcançou maior nível de maturidade em 1686, e os mestres adotaram o nome de Irmãos, referido regulamento evoluiu para uma forma mais elaborada. Finalmente, com os votos de 1694, a comunidade foi sentindo a necessidade de fundamentar mais a sua experiência e começou a falar de uma regra comum.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 09

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

REGRA DO IRMÃO DIRETOR

Quarta página da edição impressa de 1787 da Regra do Irmão Diretor. Finalizada no Capítulo Geral dos Irmãos das Escolas Cristãs, realizado em Melun em maio de 1787. Com várias Cartas circulares, um Prospecto para os Postulantes, etc., Ruão, 1787, 4.



La Salle também escreveu algumas normas dirigidas aos Irmãos Diretores. Desde os primeiros momentos do Instituto, foi de crucial importância contar com bons diretores em cada uma das comunidades, motivo pelo qual o Fundador teve que dar orientações e conselhos aos Irmãos encarregados da direção de uma comunidade. É de se supor que isto estivesse copiado em manuscritos e se fosse aperfeiçoando com a prática no passar dos anos.

Graças a Blain, sabe-se que já em 1700 todas as comunidades contavam com uma cópia desta obra, que era lida no refeitório na primeira quinta-feira do mês.

A primeira cópia conhecida da Regra do Irmão Diretor é um manuscrito de 1718, cópia do texto revisado pelos Irmãos no Capítulo Geral de 1717, cuja redação definitiva foi realizada por La Salle. Esse exemplar pertenceu à comunidade de São Dionísio.

Este regulamento não chegou a ser impresso em vida do Fundador. O número de comunidades não era tão alto para justificar uma edição impressa.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 09

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

NOTAS

CAPÍTULO 1

ARCEBISPO

Claude-Maur d'Aubigné, arcebispo de Ruão de 1708 até sua morte, dia 22 de abril de 1719. Os biógrafos de La Salle não costumam mencionar o nome do arcebispo que lhe retirou o poder de confessar. Blain foi o único dos primeiros biógrafos que relatou este incidente com detalhes. O decreto episcopal mediante o qual lhe suprimem os privilégios não puderam ser encontrados nos arquivos da catedral.



RETORNAR CAPÍTULO 01

PRESENÇA

A presença de Deus na vida diária é um elemento fundamental na espiritualidade Lassalista: «Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim. Minha vida atual que vivo na carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim» (Gl 2, 20). Ao longo da jornada de cada dia se recordava sua presença a cada meia hora. Os momentos de oração se iniciavam com os dizeres: «Lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus». Para La Salle e os primeiros Irmãos era muito importante que essa presença se refletisse nas ações diárias.

Em seus últimos anos, La Salle, que sempre foi uma pessoa coerente, continuou sendo exemplo vivo de como viver com plenitude o Evangelho através de ações muito simples e torná-lo vida: «A paz de Cristo reine em vossos corações, para a qual fostes chamados em um só corpo. E sede agradecidos» (Cl 3, 15).



RETORNAR CAPÍTULO 01

ASSISTENTE

O Assistente era o ajudante administrativo do Irmão Superior Geral.

Não se tratava de um cargo «liberado», pois os escolhidos para isso não abandonavam as funções que já lhes tinham sido atribuídas anteriormente. Nesse primeiro momento do Instituto, os Irmãos decidiram eleger dois Assistentes para ajudar ao Irmão Superior em suas tarefas de animação. No momento da morte de La Salle, já eram cem Irmãos, distribuídos em vinte e duas comunidades.

[RETORNAR CAPÍTULO 01](#)

EXPLICAÇÕES

O Irmão Barthélémy conhecia bem La Salle, sabia que Deus tinha se manifestado ao Fundador, e por isso não lhe pediu nenhum tipo de explicação ante essa negativa. Somente tempos depois soube que, uma vez chegados ao Canadá, a intenção de François Charon de La Barre era separar os quatro Irmãos em paróquias rurais diferentes, o que teria sido totalmente contrário ao funcionamento habitual das escolas do Instituto, onde se assegurava a presença de ao menos três Irmãos para formar uma comunidade e atender uma escola. Além disso, Charon faleceu na viagem de regresso ao Canadá.

[RETORNAR CAPÍTULO 01](#)[RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CAPÍTULO 2

PROGRESSOS

As Escolas Cristãs sempre estiveram acompanhadas de progressos. Desde o início houve o desejo de que funcionassem bem. Quando La Salle ou os Irmãos percebiam alguma necessidade, trabalhavam para resolvê-la, criando os recursos didáticos apropriados. Ao longo de 40 anos desenvolveram uma pedagogia própria, atenta a dar resposta aos desafios do ensino simultâneo e alimentada por uma visão prática do Evangelho; por isso, não somente era importante ensinar alguns conhecimentos, mas também oferecer espaços de salvação às crianças e jovens que Deus colocava ao seu cuidado.

[RETORNAR CAPÍTULO 02](#)

CORAÇÃO

A sociedade do século XVII tinha um marcado caráter cristão. A religião do reino era a católica, o que se percebia em seus costumes: Santa Missa, oração diária, leitura da vida dos santos, reza do rosário, celebração de festas religiosas...

A vida cristã tinha uma intensidade que atualmente poderia ser mal-entendida, se não levarmos em consideração o contexto da época. Era normal que os alunos das escolas paroquiais assistissem diariamente à missa; também que, durante a Quaresma, houvesse pregação todos os dias ou que se celebrassem 20 festas religiosas obrigatórias por ano. Esta última prática tinha uma dupla função social: permitia um reencontro com a família e os vizinhos, e proibia o trabalho penoso durante esse dia. Os horários laborais eram de 14 horas diárias, incluindo o sábado e, em alguns casos, o domingo. Estas festas eram os únicos dias de descanso durante todo o ano.

[RETORNAR CAPÍTULO 02](#)

CANONICATO

Sinecura é a renda própria de um cônego pertencente ao cabido

de uma catedral. O cônego tinha a obrigação de rezar o Ofício Divino e colaborar com o bispo em diversas tarefas que lhe fossem atribuídas.

[RETORNAR CAPÍTULO 02](#)

NA MISÉRIA E NA FOME

A grande maioria da população da França era pobre, desde os mendigos até os artesãos e pequenos comerciantes. Suas vidas eram marcadas pela insegurança permanente: qualquer conjuntura pessoal, climática, social ou política podia acarretar a perda do emprego e afundá-los na miséria e na fome.

[RETORNAR CAPÍTULO 02](#)

FRIO GLACIAL

Entre 1645 e 1715 o sol atravessou um período de atividade muito baixa, conhecido como o Mínimo de Maunder, e se produziram numerosas erupções vulcânicas que lançaram à atmosfera cinzas em grandes quantidades. A união desses dois fenômenos naturais provocou uma mudança climatológica e um descontrole das estações, causando invernos gélidos com ventos terríveis, fortes tormentas, grandes granizos, neve e geadas seguidos de ondas de calor históricas. Este período é conhecido como a Pequena Idade de Gelo (PEG). Este clima modificado provocou a perda de colheitas e ocasionou a escassez na Europa.

[RETORNAR CAPÍTULO 02](#)

GUERRA

Em 1665, Luís XIV empreendeu uma política de expansão que envolveu a França em várias guerras europeias: a guerra da Devolução (1667-1668), a guerra da Holanda (1672-1678), a guerra das Reuniões (1683-1684), a guerra dos Nove Anos (1688-1697) e a guerra de Sucessão (1701-1715). Este estado de guerra permanente levou o reino à beira da bancarrota, e por isso o rei teve que elevar os impostos. Foram anos de miséria, morte e doenças.

[RETORNAR CAPÍTULO 02](#)

ESTE DEUS AMOROSO E TERNO

Para La Salle, Deus é o Pai que dá a seus filhos uma paternal bondade e conduz com suavidade e sabedoria, sem forçar a vontade humana. Assim, ele nos dá a conhecer sua própria experiência: «Deus, que governa todas as coisas com sabedoria e suavidade, e que não costuma forçar a inclinação dos homens, querendo comprometer-me para tomar por inteiro o cuidado das escolas, o fez de forma totalmente imperceptível e por muito tempo; de modo que um compromisso me levava a outro, sem havê-lo previsto nos começos» (MSO 6).

Este amor do Pai pelas pessoas se manifesta especialmente no envio de seu Filho: «Deus nos reconciliou consigo por Jesus Cristo» (MR 195, 11).

O Fundador foi testemunha da bondade de Deus em múltiplas ocasiões: nos cuidados carinhosos dos Irmãos para com as crianças que lhes tinha confiado; na confiança no Instituto para que as crianças tivessem possibilidade de acesso à salvação; na Comunidade dos Irmãos, que crescia em número e compromisso, e em sua Providência: «Deus provê a todas as necessidades de suas criaturas» (MR 197, 1, 2).



RETORNAR CAPÍTULO 02

ROMA

Em 1702 La Salle enviará Gabriel Drolin a Roma com dois objetivos: demonstrar publicamente sua fidelidade ao Papa e à Igreja de Roma, e realizar um trabalho diplomático de preparação do caminho para obter a Bula de aprovação para o Instituto.



RETORNAR CAPÍTULO 02

RIGOROSO INVERNO DE 1684

O inverno de 1683 e 1684 ocupa um lugar especial na climatologia europeia, especialmente na francesa, porque implicou a perda das colheitas, a escassez e, finalmente, a fome e a morte dos mais pobres. Por exemplo, Lachiver (Os anos de miséria. A fome no tempo do grande Rei, 1990) reporta temperaturas extremas de -15°C durante o dia 10 de

janeiro de 1684, em Paris; as populações vizinhas sofreriam temperaturas de ao menos até -20°C . Estes dados nos recordam o gesto caritativo de La Salle de alimentar a população que rodeava suas escolas em Reims num momento de extrema gravidade.

[RETORNAR CAPÍTULO 02](#)

O PÃO

Nesta época se alimentavam principalmente de pão e verduras; os mais privilegiados ingeriam também carne. O pão branco era caro; por isso, somente as classes privilegiadas o consumiam. Os pobres comiam o de centeio ou o escuro, de trigo e integral. Em Paris, a ração média era de uma libra diária de pão, mas os peões e trabalhadores braçais costumavam consumir duas ou três libras porque não lhes era permitido comer outros alimentos. Para os privilegiados, os legumes acompanhavam a carne de boi, de carneiro, de porco ou de aves; complementavam a alimentação com leite, queijos, ovos e frutas.

[RETORNAR CAPÍTULO 02](#)

POBRE ENTRE OS POBRES

O processo de desprender-se de todos os seus bens não foi nada simples para La Salle; muitas pessoas estavam contra e não aceitavam sua renúncia à sinecura. Finalmente, entenderam seus propósitos. Em julho de 1683, deram-lhe a autorização, mas com uma condição: teria que manter uma renda anual de 200 libras para a manutenção de sua dignidade sacerdotal. Com ela comprou, ao longo de sua vida, os livros de sua biblioteca e seus ornamentos sacerdotais.

Em 1684 renunciou a seu patrimônio, depois de refletir durante longo tempo sobre a conveniência de utilizá-lo para fundar escolas. Naquela época, o verbo «fundar» significava assegurar o financiamento da obra com os próprios bens. La Salle se opôs a isso, seguindo o conselho do padre Barré, seu conselheiro espiritual, e deixando sua obra nas mãos da Providência.

[RETORNAR CAPÍTULO 02](#)

1686

No dia 23 de maio de 1686, La Salle se reuniu com os Irmãos para dar uma nova coesão à obra. Durante esta primeira Assembleia, falaram de dois temas importantes: os regulamentos e os votos. No dia 9 de junho, do mesmo ano, emitiram os primeiros votos de obediência por três anos, mas com a ideia de renová-los anualmente. A denominação «Irmãos das Escolas Cristãs» e o hábito já havia sido decidido e aprovado em 1684.



RETORNAR CAPÍTULO 02

FAMÍLIAS DE PRESTÍGIO

La Salle atraía os jovens por sua impressão e marca espiritual e suas decisões audazes; com efeito, os primeiros Irmãos tinham entre 15 e 22 anos. A maioria provinha de famílias de artesãos; apenas uns poucos haviam feito estudos e conheciam o latim, porque pensavam em se tornarem clérigos.

Alguns nomes destes Irmãos que vinham de famílias de prestígio e tiveram acesso aos estudos foram aceitos: Nicolas Bourlette, cujo pai se opôs muito à decisão de seu filho; Jean François, que deixou um bom emprego na cidade; Jean Maurice, filho de nobres...



RETORNAR CAPÍTULO 02

CORPORAÇÕES DE ARTESÃOS

As confrarias ou corporações de ofício eram organizações de caráter profissional e religioso que agrupavam pessoas de uma mesma corporação: toneleiros ou soldadores, açougueiros, laçadores, marceneiros e carpinteiros, calígrafos, estofadores... A finalidade destas associações consistia em proteger seus interesses econômicos e laborais por meio de estatutos.

Eram constituídas por três categorias profissionais: mestres, aprendizes e oficiais. Os mestres detinham o mando; eram proprietários da oficina e da matéria-prima, além de controlar a comercialização. Somente os mestres votavam os estatutos e escolhiam os chefes. Os oficiais eram

mestres em potência; finalmente, os aprendizes permaneciam pelo resto da vida em seu estado, recebendo salários bem baixos por seu trabalho.

 [RETORNAR CAPÍTULO 02](#)

CORAÇÕES

As escolas cristãs eram diferentes das que existiam na época. La Salle e os Irmãos, desde os começos, empreenderam uma profunda reforma na maneira de ensinar, para alcançar uma educação básica de qualidade.

Os Irmãos foram aprendendo da experiência escolar; juntos refletiram, revisaram e estabeleceram princípios pedagógicos adequados sobre os quais fundaram seu trabalho como educadores cristãos: a transmissão de conhecimentos, a disciplina e a ordem. Tudo isso a partir da individualidade, do respeito e do amor aos meninos:

«Tendes a obrigação de instruir os filhos dos pobres. Por conseguinte, deveis ter particularíssima ternura por eles, e procurar seu bem espiritual tanto quanto vos for possível, considerando-os como membros de Jesus Cristo (1Cor 6, 13) e seus bem-amados. [...] Mostrai-lhes, por vossa solicitude para com eles, que os de fato» (MF 80, 3, 2).

 [RETORNAR CAPÍTULO 02](#)

EUCARÍSTICA

Os biógrafos recolhem e identificam uma tradição oral sobre o fervor angelical que La Salle transmitia durante a celebração da Eucaristia; Saturnino Gallego recolhe os testemunhos de seus biógrafos Blain: «As pessoas iam à sua missa para edificar-se, para emocionar-se, para contagiar-se de sua piedade», e Maillefer: «A julgar pelo uso que fez ao longo de sua vida, pode-se acreditar que tinha recebido a graça da ordenação» (1986, pág. 125-126).

 [RETORNAR CAPÍTULO 02](#)

 [RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CAPÍTULO 3

ESCOLA

A formação dos jovens mestres se realizava ao estilo da época, ou seja, se aprendia por imitação: seguindo o «artesão» mais experiente.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 03

HORÁRIO

Os horários da comunidade estavam indicados no Regulamento diário (Pratique du Règlement journalier). Eles variavam, dependendo dos dias ordinários, de festa ou tempo de férias; estavam fundamentados na dedicação absoluta à escola por parte duma comunidade disciplinada, consciente de sustentar um projeto comum vivido em associação com as demais comunidades.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 03

VOTO

Um voto é uma promessa feita a Deus, efetuada geralmente pelos membros de institutos de vida religiosa. Os votos são regulados pelas normas da comunidade na qual são professados, pela lei canônica da Igreja, tendo caráter público; costumam ser três: de pobreza, de obediência e de castidade, embora algumas ordens ou congregações tenham um quarto ou quinto voto.

No caso dos Irmãos das Escolas Cristãs, os primeiros votos, a partir de 1686, foram somente de obediência. Em 1694 decidiram fazer votos de associação para o serviço educativo nas escolas, de estabilidade e de obediência, pois já viviam pobres e castos. Desta forma queriam expressar ao conjunto da Igreja sua maneira nova de seguir Jesus Cristo. Uma nova vocação nascia então...

◀ RETORNAR CAPÍTULO 03

ALUNOS

Nas Escolas Cristãs a gratuidade absoluta era obrigatória e sem discriminações. As escolas eram mantidas pela paróquia ou por benfeitores externos. A subsistência dessas escolas estava nas mãos da divina Providência. Assim o padre Barré aconselhava a La Salle: «Se as fundas, se afundarão; se Deus for seu único apoio, subsistirão».

 [RETORNAR CAPÍTULO 03](#)

SEMINÁRIO PARA MESTRES DA ZONA RURAL

Em setembro de 1686, La Salle assinou com o duque de Mazarino um contrato para a formação de três jovens. As aulas começaram em outubro; foi o nascimento do seminário de mestres, a primeira escola da história da pedagogia somente para a formação de docentes leigos. No ano seguinte os alunos aumentaram para 25.

 [RETORNAR CAPÍTULO 03](#)

RETIROS PERIÓDICOS

Na Memória sobre o Hábito, La Salle informa que a Comunidade dos Irmãos das Escolas Cristãs forma mestres para as escolas rurais, numa casa separada, chamada seminário. Ali os preparam para seu emprego num ambiente de piedade. Inclusive, terminada sua formação, são acolhidos nela para fazer retiro (MH 6).

 [RETORNAR CAPÍTULO 03](#)

EXCESSIVO ZELO EM OBEDECER

Em setembro de 1686, elegeram o Irmão Henry L`Heureux como superior. La Salle começou a tributar-lhe tal respeito, dependência e obediência que resultou excessivo:

«Uma testemunha ocular conta que alguém lhe disse no recreio que um banheiro estava pouco limpo; La Salle se ofereceu imediatamente

para limpá-lo, e o superior, em consideração por seu sacerdócio, disse-lhe que “isso não era conveniente”; mas o santo, acreditando ter ouvido o contrário, pôs-se a buscar palha e terra para seu trabalho. O Irmão Henry, ao dar-se conta do mal-entendido, o agarrou pela batina e lhe lembrou que aquilo ia contra a obediência; La Salle se prostrou de joelhos e pediu perdão a todos... (1B, 266; BD, 75). É possível que tal testemunha tenha sido o Irmão Jean Jacquot, ingressado naqueles dias aos 15 anos de idade» (Gallego, 1986, pág. 196).

[RETORNAR CAPÍTULO 03](#)

GRANDE MESTRE

Alguns autores têm passado uma visão de Adrien Nyel como se fosse uma pessoa instável que fundava escolas e logo desaparecia. Isto não é verdadeiro, pois suas ausências eram devidas a seu próprio trabalho de fundação e supervisão das escolas; sua presença em Ruão foi constante e fiel durante 15 anos. Sem dúvida, foi um excelente mestre e um defensor da educação para os menos privilegiados. Por isso, a senhora Maillefer o encarregou de levar uma carta a seu primo João Batista de La Salle. Nyel foi o mestre laico que soube cativar o coração do jovem cônego para levá-lo ao mundo das escolas e dos mestres.

[RETORNAR CAPÍTULO 03](#)

PARÓQUIA DE SÃO SULPÍCIO

Em julho de 1687, La Salle recebeu uma carta do pároco de São Sulpício, o senhor de La Barmondière, convidando-o a encarregar-se de uma escola de caridade que dependia de sua paróquia. Inicialmente respondeu sem comprometer-se, motivo pelo qual seu irmão Jean-Louis de La Salle também interveio para animá-lo a aceitar a proposta. O Fundador não queria mover-se até ter um contrato inicial do pároco. Prontamente se alcançou o acordo e chegou a Paris no dia 24 de fevereiro de 1688, acompanhado dos Irmãos. A escola da qual se encarregaria era a da rua Princesa.

São Sulpício era uma paróquia muito importante na Paris da época. Parte da fama era devida ao célebre seminário de São Sulpício, fundado por Jean-Jacques Olier em 1645 para a formação dos aspirantes ao sacerdócio. Aí estudou La Salle, onde conservava muitos amigos e gratas lembranças de seus anos de juventude, motivo pelo qual era muito lógico que sua entrada na capital do reino se fizesse nesta paróquia.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 03](#)

COMPAGNON

Compagnon era o antigo diretor da escola da rua Princesa, que não perdeu a oportunidade de tirar proveito do trabalho dos alunos, instalando uma oficina de fabricação de lã na escola.

Quando La Salle assumiu a direção da escola, diminuiu e regulou as horas de trabalho na oficina. Em consequência, a produção reduziu e, por conseguinte, o rendimento econômico. Por isso que Rafrond, o tecelão, deixou a fábrica pensando que sem ele ela afundaria e então voltariam a chamá-lo e poderia impor as normas. Mas não foi assim; o Fundador, com muito bons modos, lhe pediu, mediante pagamento, que iniciasse um Irmão no manejo dos teares.

Devido a esta situação, Compagnon se ressentiu e urdiu toda uma estratégia para atacar La Salle. Mas o novo pároco, senhor de La Combe, se encarregou de solucionar o problema, e a escola passou a estar somente em mãos dos Irmãos.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 03](#)

TRABALHO MANUAL REGULAMENTADO

Neste momento, as Escolas Cristãs já estavam adquirindo um estilo próprio, cujos traços mais destacados eram o ensino simultâneo e a aprendizagem da leitura em francês. Os materiais para a instrução foram renovados e desapareceram os castigos que atentavam contra a dignidade dos meninos.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 03](#)

ENCONTRO ANUAL

Todos os anos, durante o mês de setembro, La Salle e os Irmãos realizavam um retiro antes de começar as aulas, em outubro. É neste espaço onde se gestam o Guia das Escolas Cristãs e as Meditações.

[RETORNAR CAPÍTULO 03](#)

CÁLCULO

O currículo da época se baseava, em primeiro lugar, na aprendizagem da leitura em latim, e depois na língua materna; além disso, se davam rudimentos de aritmética e de caligrafia. Em algumas escolas autorizadas também se proporcionava o ensino do desenho linear.

Nas Escolas Cristãs os programas escolares estavam adaptados às necessidades dos filhos de artesãos e de pequenos comerciantes. A leitura e a caligrafia em francês ocupavam o primeiro lugar: aprendiam a ler manuscritos, registros de contas, contratos e cartas. A leitura lhes abria a porta da cultura. O latim se delegava a um lugar secundário, por ser uma língua praticamente inútil para as profissões manuais e comerciais.

Outras matérias instrumentais eram a aritmética, os registros de faturas, a agrimensura e o desenho linear. Esta preparação convertia os meninos em bons aprendizes dentro das diferentes confrarias de ofício. Além disso, se acrescentavam noções de urbanidade e de boas maneiras.

[RETORNAR CAPÍTULO 03](#)[RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CAPÍTULO 4

CORPORAÇÕES DE MESTRES DAS PEQUENAS ESCOLAS

Os mestres das escolas menores formavam uma confraria (corporação de ofício) que regulava o funcionamento das escolas pagas. Confiavam suas preocupações ao defensor da catedral.

 [RETORNAR CAPÍTULO 04](#)

COORDENADOR

O mestre de canto ou mestre-escola (visitador escolar) era o cônego responsável dos cânticos na catedral. Ele recrutava meninos que soubessem ler corretamente para organizar os corais. Também lhe competiam o cuidado sobre todas as escolas públicas da diocese, administrava a justiça em caso de conflitos escolares e outorgava as «licenças de ensinar», exame prévio das capacidades do mestre.

 [RETORNAR CAPÍTULO 04](#)

 [RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

PARLAMENTO DE PARIS

O Parlamento de Paris (chamado também de Tribunais Superiores) foi uma instituição francesa da época encarregada de ditar sentenças em nome do rei, julgar apelações das instâncias jurisdicionais inferiores, inspecionar os administradores locais e elaborar leis.

 [RETORNAR CAPÍTULO 04](#)

PÔDE RECUPERAR-SE

Por causa de seu compromisso com as escolas, La Salle teve que afastar-se de sua terra, e de certa forma de sua família. No entanto, isto não implicou ruptura de relações, nem sequer quando suas decisões não foram do agrado de seus parentes. Entre eles existiu sempre uma relação e preocupação mútuas. Isto fica demonstrado pelos fatos; por exemplo, o episódio relacionado à sua avó materna, Petra Lespagnol, que nos seus 75 anos, sabendo apenas que estava em Reims e doente, veio para vê-lo. Foi a última vez que se viram; a avó faleceu nesse mesmo ano.

 [RETORNAR CAPÍTULO 04](#)

 [RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CAPÍTULO 5

REGULAMENTO DIÁRIO

Regulamento diário (Pratique du Règlement journalier) era um livro com as normas cotidianas dos Irmãos. Em 1694 houve um avanço deste regulamento em direção à Regra, produto da experiência dos Irmãos na sua vida comum e na sua dedicação exclusiva às escolas.

Ao longo dos anos, La Salle e os primeiros Irmãos foram crescendo em coerência conceitual e existencial. Suas vidas em comunidade foram se tecendo com as exigências de uma escola que enchia seus dias da manhã à noite. Não havia nada que não se pudesse integrar, para fazer da vida do Irmão uma experiência única, vocacionalmente interessante e motivadora.

[RETORNAR CAPÍTULO 05](#)

IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO

Desde os começos, La Salle se deu conta da importância da formação dos Irmãos para que pudessem representar um modelo coerente para os jovens alunos. Por isso escreveu a Coleção de Pequenos Tratados para uso dos Irmãos das Escolas Cristãs. Estavam destinados a guiar a vida espiritual, comunitária e profissional dos mestres, entendida como um ministério. O objetivo consistia em que cada um fosse a melhor versão de si mesmo.

Dez mandamentos que os Irmãos das Escolas Cristãs devem ter sempre na mente para meditá-los e, no coração para praticá-los

1. A Deus em vosso chefe honrareis, obedecendo-lhe prontamente.
2. A todos vossos Irmãos amareis, cordial e constantemente.
3. Às crianças ensinareis, com esmero e gratuitamente.
4. Por espírito de fé tudo fareis, e por Deus unicamente.
5. O devido tempo dedicareis, na oração fervorosamente.
6. Em Deus presente pensareis, a miúdo interiormente.
7. Vosso espírito mortificareis e os sentidos, frequentemente.
8. O silêncio guardareis a seu tempo, muito exatamente.

9. Castos vos conservareis, com grande recolhimento.

10. A pobreza sempre amareis, não possuindo nada voluntariamente» (CT 6, 1-2).

◀ RETORNAR CAPÍTULO 05

REGRAS

Em 1694 foi celebrado o primeiro Capítulo Geral, no qual foram aprovadas as Regras. Estas recolhiam os princípios gerais da vida espiritual e as normas de convivência. Nasceram de uma proposta elaborada por La Salle e alguns Irmãos e experimentada previamente pelos noviços: «Quando o senhor de La Salle viu que seu noviciado estava bem fundado sobre as regras que nele fazia observar, julgou que era preciso redigi-las por escrito para fixá-las e perpetuá-las entre os Irmãos de seu Instituto» (Maillefer, 105).

É muito provável que o manuscrito de 1705, que se conserva em Avinhão, seja o texto que foi aprovado em 1694.

«A finalidade deste Instituto é dar educação cristã aos meninos; e é com este objetivo que mantém as escolas, para que, estando as crianças da manhã à tarde sob a direção dos mestres, possam estes ensinar-lhes a bem viver, instruindo-os nos mistérios de nossa santa religião, inspirando-lhes as máximas cristãs, e dar-lhes assim a educação que lhes convém» (RC 1, 3).

◀ RETORNAR CAPÍTULO 05

MEDITAÇÕES

As primeiras Meditações que La Salle compôs foram as do retiro, também chamadas Meditações sobre o emprego da escola, destinadas a todos os mestres cristãos; utilizavam-se em todos os retiros que os Irmãos faziam.

«Se quiserdes que os ensinamentos que dais aos que deveis instruir para levá-los à prática do bem lhes sejam proveitosas, é preciso que vós mesmos as pratiqueis e estejais inflamados de grande zelo, para que possam receber a comunicação das graças que estão em vós para fazer o bem. Que vosso zelo atraia sobre vós o Espírito de Deus para animar os alunos a essa prática» (MR 194, 3, 2).

◀ RETORNAR CAPÍTULO 05

◀ RETORNAR CAPÍTULO 09

CONTINUA ▶

GUIA DAS ESCOLAS CRISTÃS

O Guia das Escolas Cristãs é uma obra colaborativa que contém todas as normas metodológicas que os Irmãos deviam tomar em consideração no modo de dar aula. Conformou o estilo pedagógico próprio do Instituto. Existiu quase desde os inícios da Comunidade e foi se modificando segundo as necessidades.

«Os alunos que ainda não tenham aprendido nada, não utilizarão o livro para ler até que comecem a soletrar bem as sílabas de duas e de três letras. Para este fim, na primeira classe haverá dois grandes cartazes afixados na parede a uns seis ou sete pés de altura, a contar da parte superior dos cartazes até o piso. Um dos cartazes estará preenchido por letras simples, minúsculas e maiúsculas, e por ditongos; e o outro de sílabas de duas e de três letras» (GE 3, 2, 2-3).

[RETORNAR CAPÍTULO 05](#)

DIFÍCIL INVERNO QUE VIVEMOS EM 1693-1694

De acordo com a descrição de Lachiver (Os anos de miséria. A fome no tempo do Grande Rei, Fayard, 1990), em 1692 começou um período difícil para a colheita de trigo. As condições climáticas adversas produziram uma grande escassez e os preços chegaram a triplicar-se; o reino não era capaz de atender as demandas da população, em particular as dos mais pobres. As mortes se produziram por fome, epidemias como a tifoide e pelo frio. As estatísticas falam de um milhão e trezentos mil mortos.

[RETORNAR CAPÍTULO 05](#)

NOVIÇOS DE VAUGIRARD

A vida na casa do noviciado de Vaugirard era extremadamente dura. Fazia muito frio e umidade, e não existiam quartos para ninguém, nem sequer para o Fundador, que passava temporadas com eles. Todos se agrupavam em salas comuns e ocupavam até o sótão. Dormiam em camas de palha; havia apenas dois colchões para os enfermos. Se alimentavam com o pão e a sopa que a comunidade da rua Princesa lhes trazia e com as sobras da comunidade dos sacerdotes da paróquia de São Sulpício. O pároco Baudrand ajudava com algo de comida e pagava parte do aluguel da casa.

O horário de formação era intenso: três momentos de oração, trabalho manual, instrução e missa. Tinham apenas dois recessos.

 [RETORNAR CAPÍTULO 05](#)

CAPÍTULO GERAL

Um Capítulo Geral é o corpo supremo que governa o Instituto de forma extraordinária. Trata-se de uma assembleia representativa de toda a Comunidade e é composto de representantes eleitos pelos Irmãos de cada comunidade; também participam aqueles que participam por direito.

 [RETORNAR CAPÍTULO 05](#)

CLAUDE ROUSSEL

Sobre os Irmãos Gabriel Charles Rasigade, Jean Louis de Marcheville, Gilles Pierre e Claude Roussel, apenas se sabe que fizeram parte do grupo dos doze que fizeram votos perpétuos em 1694 e, tempos depois, deixaram o Instituto. O caso específico de Gabriel Charles Rasigade também é conhecido graças à investigação realizada pelo Irmão Gilles Beudet, que se encontrava na lista de mestres aprovados para as escolas paroquiais de Paris em 1713.

 [RETORNAR CAPÍTULO 05](#)

PROFISSÃO PERPÉTUA

A profissão perpétua é o ato mediante o qual um Irmão se consagra livremente a Deus, emitindo votos publicamente segundo a Regra do Instituto e com a intenção de permanecer nele toda a vida. «Desta forma, partilha a mesma experiência espiritual do Fundador e dos primeiros Irmãos quando se associaram às origens do Instituto» (Regra dos Irmãos das Escolas Cristãs. 2015: art. 100).

Para professar segue-se a fórmula de votos do Instituto. Os Irmãos emitem cinco votos: «...voto de associação para o serviço educativo dos pobres, de estabilidade no Instituto, de obediência, de castidade e de pobreza, conforme a Bula de aprovação e a Regra do Instituto» (Regra dos Irmãos das Escolas Cristãs. 2015: art. 25).

 [RETORNAR CAPÍTULO 05](#)

 [RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CAPÍTULO 6

ESPAÇO DE SALVAÇÃO

Desde os começos de sua experiência com a comunidade dos mestres, La Salle teve muito claros os propósitos que o guiavam: «A maior glória de Deus, o maior serviço à Igreja, minha perfeição e a salvação das almas; estes são os objetivos que devo me propor e os fins que devem me guiar» (MSO 15, 2).

A Escola Cristã tinha que ser um espaço de salvação tanto para os Irmãos como para os alunos. Por isso, o espírito do Instituto era o espírito de fé que se traduz em zelo pela salvação dos demais: «...os Irmãos da Sociedade se esforçarão, por meio da oração, instruções, vigilância e boa conduta na escola, em procurar a salvação dos meninos que lhes são confiados, educando-os na piedade e no verdadeiro espírito cristão, isto é, segundo as regras e máximas do Evangelho» (RC 2,10).

[RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

QUALIDADE DO ENSINO SIMULTÂNEO

As escolas do Instituto não seguiam os padrões de educação da época. Desde os começos os Irmãos procuraram oferecer um ensino de qualidade adaptada às necessidades dos meninos do povo, preparando-os para um desenvolvimento humano, profissional e espiritual maior. Por isso, empreenderam uma reforma profunda, com a finalidade de conseguir uma educação eficaz e integral.

[RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

SILÊNCIO

O silêncio se referia ao fato de que somente se devia falar quando correspondia e sem levantar a voz. O docente devia falar pouco e somente quando era necessário; quem podia expressar-se na aula era o aluno indicado. A escola era ativa e para conseguir a aprendizagem em grupos de 50 alunos devia haver ordem, no barulho. Existia um sinal acústico para invocar o silêncio na aula.

[RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

NÓS

A metodologia das aulas ia ao prático. A escola tinha que ser atrativa, gratuita, de progresso rápido, significativa, e devia ser percebida como instrumento de libertação para que as crianças participassem da aula e estivessem motivados a aprender; nesta época a escolarização não era obrigatória. E como o tempo de permanência para muitos era breve, uns três anos em média, havia que aproveitá-lo bem. Para isso existiam algumas normas de disciplina que permitiam trabalhar com eficácia; um sistema simultâneo apoiado em monitores; a participação do aluno em sua aprendizagem num clima de silêncio ativo e disciplinado; uma lógica sequencial da aprendizagem... A gestão escolar dos Irmãos abriu as portas à modernidade.

[RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

CATECISMO

A Igreja francesa aceitou pôr em prática as recomendações do Concílio de Trento quase um século após sua finalização. Uma das mais importantes era procurar a formação cristã do povo através de catecismos avaliados pelas autoridades eclesíásticas locais. Por isso, em meados do século XVII se promoveu no reino da França a criação de escolas paroquiais e gratuitas, para educar os filhos do povo nas verdades da doutrina cristã. Esta rede de escolas que funcionavam sob a autoridade dos párocos foi o espaço que La Salle e os primeiros Irmãos utilizaram para desenvolver suas escolas, confiando seu sustento à Providência. O catecismo, portanto, ocupava um posto significativo no programa escolar. As verdades eram aprendidas de cor e através de catecismos didáticos. O de La Salle foi um exemplo para a época.

[RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

USO DO FRANCÊS

La Salle considerava o latim inútil para o futuro profissional da grande maioria de seus alunos. O ensino em francês representou uma autêntica revolução. O Fundador teve que justificar as razões pelas quais ensinava a ler e escrever nessa língua. E o fez numa memória dirigida ao bispo de

Chartres, dom Godet de Marais. De forma resumida, foram as seguintes:

- A leitura do francês é mais útil.
- A língua francesa é mais fácil de aprender porque a entendem.
- Precisa menos tempo de aprendizes.
- A leitura em francês predispõe à aprendizagem do latim. O contrário não, como o ensina a experiência.
- Os alunos não permanecem o tempo suficiente na escola para aprender a ler bem ambas as línguas. Se se começa a leitura pelo latim, não há tempo para que o façam perfeitamente e o esquecerão facilmente, assim que não saberão nem um nem outro.
- É inútil gastar tempo em aprender a ler bem uma língua que nunca utilizarão.

[RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

SALVAÇÃO CRISTÃ

«Não façais nenhuma diferença entre os deveres próprios de vosso estado e questão da vossa salvação e perfeição. Estai certos de que nunca assegurareis melhor vossa salvação nem adquirireis maior perfeição do que desempenhando bem os deveres de vosso estado, contanto que o façais por ser a vontade de Deus» (CT 16, 1, 4).

La Salle era um homem honesto que buscava a maior coerência possível entre sua experiência profunda de fé e sua atividade impetuosa. Ele mesmo praticava o que ensinava a seus Irmãos: na vida tudo tem uma razão e ajuda a viver o projeto pessoal em comunhão com o comunitário. Daí a importância da perseverança, apesar das dificuldades.

[RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

RECURSOS SUBSTANCIOSOS

Graças à coerência de sua vida, aos frutos de suas escolas e à sua rede de contatos, La Salle conseguiu o apoio de nobres. Naquele momento era evidente e significativa essa ajuda. Para o traslado e adequação da Casa Grande contou com o suporte do pároco de São Sulpício, senhor de

La Chétardie, que aumentou a 300 libras a pensão de cada Irmão, e da senhora Voisin, que contribuiu no início com 400 libras, e posteriormente com uma generosa doação de 7.000 libras.

A senhora Voisin se converteu em protetora das escolas dos Irmãos. Cada mês passava a visitá-las, acompanhada de outras damas da classe privilegiada que cooperavam em obras de caridade da paróquia de São Sulpício. Além disso, pagava o bendito pão, de 50 libras, do primeiro sábado de cada mês e em anos de carestia presenteava cada aluno com meio quilo de pão por dia.

[RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

MESTRES CALÍGRAFOS

Os mestres calígrafos constituíam uma confraria ou corporação de ofício. Tinham o privilégio de ensinar a caligrafia, a gramática e a aritmética. Em suas escolas quase todos os alunos eram pagantes.

[RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

PRÓXIMAS AO REI

No meio deste litígio não se sabe bem quem poderia ter conseguido uma carta da senhora de Maintenon, segunda esposa do Rei Luís XIV, dirigida a Aquiles de Harlay, presidente do Parlamento de Paris, recomendando-lhe as escolas de San Sulpício. Quiçá se tratou do pároco La Chétardie, mediante o arcebispo Noailles, ou a própria senhora Voisin. Graças a este apoio La Salle ganhou o pleito e chegou a um acordo com os litigantes.

[RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

JOVENS OPERÁRIOS

Em 1700 começou a funcionar na Casa Grande uma escola dominical denominada «Academia». A iniciativa parece que partiu do senhor La Chétardie. Nas tardes de domingo, reuniam-se nela jovens operários desejosos de receber educação. O grupo era numeroso, uns 200, divididos em dois grupos: os que tinham que aprender a ler e escrever do zero, e os que tinham algum conhecimento prático. A esses últimos se

ensinava aritmética, contabilidade ou desenho. A aula de catecismo era comum para todos.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

SEMINÁRIO PARA MESTRES

Em 1699, no bairro de São Marcelo foi criado pela segunda vez um seminário de mestres rurais. A iniciativa foi de Michel Lebreton, pároco de Santo Hipólito, que conhecia o trabalho das escolas de La Salle, que o contactou para abrir uma pequena escola e enviar Irmãos às aldeias adjacentes. O Fundador lhe sugeriu a ideia de formar mestres leigos para as escolas do campo. Esta ideia agradou ao pároco, que conseguiu uma casa por meio de um cidadão particular. Tratava-se dum eclesiástico que contribuiu com 800 libras de renda anual; além disso, os sacerdotes de São Nicolas-du-Chardonnet se encarregaram da pensão de quatro professores; outras duas paróquias interessadas no projeto também participaram. La Salle nomeou o Irmão Nicolas Vuyart como diretor do seminário.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

MORTE DE ALGUNS IRMÃOS JOVENS

Nesta época faleceram seis Irmãos: Bernard e Pierre Garnier (diretor da comunidade de Rethel, aos 40 anos, em Paris) em 1701; Dorotée (Jacques Emilien, em Troyes), Gervais e Roman (Paul Chevrier, em Laon) em 1702; e George (Jean de Launoy, em Reims) em 1703.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

PUBLICADAS

Na França do século XVIII, a publicação de livros era um «privilégio» concedido pelo Rei a pessoas que adquiriam assim o direito e a responsabilidade de imprimir. Para converter-se num livro impresso, uma obra tinha que passar por todo um processo, regulamentado pela Oficina de Livraria.

O primeiro passo era a revisão por parte do censor; realizava um

trabalho de grande responsabilidade, devia vigiar a ortodoxia do livro em assuntos políticos e religiosos, e cuidar da qualidade. Valorizava a condição literária, sua originalidade, além de corrigir conteúdo e ortografia; a aprovação do livro era feita mediante um selo, o nihil obstat ('não há objeção').

O segundo passo consistia em obter a permissão para imprimir a obra; esta era válida durante cinco anos. Depois se pagava o privilégio real, e uma vez impresso o livro, era necessário inscrevê-lo no Registro de Impressores e Livreiros de Paris.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 06](#)

ASSOCIAÇÃO PARA A MISSÃO

Desde os tempos fundacionais, os Irmãos foram tomando consciência da riqueza de sua associação para manter o serviço educativo em suas escolas. A comunidade dos Irmãos das Escolas Cristãs era uma; da mesma forma a sua maneira original de educar e organizar as escolas gratuitas. Por isso precisavam reforçar sua identidade e seu projeto comum. Nesses primeiros tempos do Instituto se buscava fazer tudo da mesma maneira. Atualmente nos reconhecemos num mundo multicultural onde o carisma continua nos dando unidade dentro duma grande diversidade.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 06](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CAPÍTULO 7

INIMIGOS OCULTOS

Blain utilizou o recurso do inimigo oculto de La Salle. Certamente, como o Fundador vinha de Reims, era um estrangeiro em Paris. Junto com a liberdade que tinha para criar dentro das escolas, isso alimentou uma rejeição que foi crescendo paulatinamente.

Para criar este recurso, utilizava os asteriscos: «pelo senhor ***». Não apenas ocultava o «inimigo», mas também deixava pistas falsas para desorientar. Por que ocultava seu nome? A hipótese aponta que se tratava de uma pessoa importante e virtuosa, com uma carreira eclesiástica brilhante, o que se denomina «contradição dos bons». Acredita-se que a pessoa à qual se referia era o sacerdote Antoine Brenier, com um alto cargo sulpiciano.

[RETORNAR CAPÍTULO 07](#)

PESTE

Em 1705 faleceram quatro Irmãos em Chartres vítimas da peste: Germano (Nicolas Falon, noviço de 21 anos), Lazarus (Michel Loyson, excelente calígrafo de 32 anos), Michel (tinha sido mestre de noviços, de 29 anos) e Jacques Compain (um dos doze que fez os votos perpétuos em 1694, de 34 anos). Há autores que incluem um quinto Irmão, Jean Chrysostome, enfermeiro de Paris que La Salle havia enviado para ajudar os enfermos.

[RETORNAR CAPÍTULO 07](#)

FRONTEIRAS

Na época na qual La Salle viveu, o reino da França era o país mais populoso da Europa. Com seus vinte milhões de habitantes, mantinha dentro de si uma grande diversidade cultural. No norte se falava o francês, a língua do Rei, que ia se impondo nos escritos administrativos das cidades. Durante os tempos da Revolução (1789) já se usava o francês como instrumento cultural unificador. Mas para o Fundador e os primeiros Irmãos, as fronteiras linguísticas eram um verdadeiro desafio.

La Salle precisou de Irmãos que soubessem lidar com os dialetos locais para trabalhar nas escolas.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 07](#)

ANTIGOS COMPANHEIROS

La Salle recebeu pedidos para abrir novas escolas por parte de sacerdotes que haviam sido seus colegas no seminário de São Sulpício: Louis Deshayes (escola de Darnétal), Languet de Gergy e Étienne du Carme de Chailloux (escolas de Dijon), Jean d'Yse de Saléon (escola de Grenoble)...

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 07](#)

CÚRIA ROMANA

O Irmão Gabriel Drolin marcava alguma presença que favoreceria a aprovação do Instituto com uma Bula. Isto só foi possível em 1725, e por isso este fato cai fora dos limites desta biografia.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 07](#)

RUÃO

Ruão é uma cidade da região da Normandia, a noroeste da França. No século XVII chegou a ser a segunda cidade mais povoada do reino, com uma intensa atividade comercial e portuária devida ao rio Sena. Também teve forte desenvolvimento intelectual e religioso. É a cidade de onde saiu, em 1679, o mestre Adrien Nyel com uma carta dirigida a La Salle, em nome de sua prima Maillefer, para abrir uma escola para os meninos pobres em Reims. O Fundador morreu nesta cidade, na comunidade de Saint-Yon, no dia 7 de abril de 1719.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 07](#)

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Em Ruão as escolas de caridade dependiam do asilo (Hospital Geral), também conhecido como «Oficina de pobres válidos». Este estabelecimento funcionava como hospício e orfanato, e albergava os pobres, asilados e órfãos que não estavam doentes.

Os asilos eram centros de reclusão dos mais desfavorecidos; formavam parte da política do Rei Luís XIV para limpar as ruas do reino a fim de evitar a mendicância, controlar esta população e prevenir revoltas. Havia um em cada cidade. É preciso cuidado para não confundir com os hospitais (Hôtels-Dieu), onde eram recebidos os inválidos e enfermos.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 07](#)

PRIMEIRO INTERNATO

La Salle abriu uma escola de caridade na casa de Saint-Yon. Sua popularidade implicou que lhe solicitassem praças para alunos externos de cidades e vilas próximas. Assim nasceu o primeiro internato, em outubro de 1705. Este colégio se converteu num centro educativo moderno. Seu currículo foi ampliado com o passar do tempo, incluindo história natural, geografia, retórica, contabilidade, agrimensura, arquitetura, hidrografia, mecânica, cosmografia, cálculo integral, música e línguas modernas. Graças a este centro educativo, dirigido a meninos cujos pais podiam pagar a pensão, pôde-se solucionar a angustiada necessidade que atravessavam os Irmãos das escolas de Ruão e Darnétal.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 07](#)

REFORMATÓRIO

O internato teve tanto êxito que o senhor Pontcarré sugeriu a La Salle criar um centro para acolher os meninos de comportamento «difícil». O reformatório começou a funcionar em 1706. Teriam o mesmo regime de vida, horário e cursos que os alunos do internato, porém maior vigilância. Os alunos comiam juntos e com todos os Irmãos.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 07](#)

CASA MÃE

Na tradição do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, a comunidade onde morava o Superior Geral se chamou Casa Mãe (Maison-mère). Já no século XX passou a denominar-se Casa Generalícia.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 07](#)

SEM A AUTORIZAÇÃO DO COORDENADOR

La Salle acreditava na gratuidade da educação para assegurar o acesso a ela por parte de todos, sem importar a origem nem a condição social, visto que todas as pessoas tinham direito à salvação e à vida digna. «Cheios de alegria, dissei como São Paulo (1Cor 9, 18), que o maior motivo de vossa alegria nesta vida reside em anunciar gratuitamente o Evangelho, sem ocasionar nenhuma despesa aos ouvintes» (MR 207, 2, 2). Não admitia práticas discriminatórias, nem separava a evangelização do acadêmico; tratava-se de uma educação integral.

Por causa deste conceito ampliado de gratuidade surgiu o choque com os privilégios exclusivistas dos mestres calígrafos, consagrados na legislação da época. Já não se tratava somente de ensinar aritmética e caligrafia; La Salle e os primeiros Irmãos admitiam nas escolas meninos de famílias que podiam pagar, o que prejudicava os interesses das corporações de mestres. A demanda pretendia, principalmente, que não se aceitassem crianças cujos pais não estivessem inscritos no catálogo de pobres da paróquia.

Diante dessa situação polêmica cabia fazer as seguintes perguntas:

- a) Até que ponto essa ampliação afetava os interesses dos mestres calígrafos?
- b) Era justa a proposta de não admitir as crianças por sua categoria social?
- c) Os pais não tinham a liberdade de escolher o tipo de educação que desejavam para seus filhos?
- d) Era adequado colocar limites à caridade com aqueles que dispunham de meios para instruir-se?
- e) Era proveitoso que as crianças de diferentes hierarquias sociais se juntassem na escola?
- f) La Salle era um inovador que ia contra o sistema estabelecido?



RETORNAR CAPÍTULO 07

SEMINÁRIOS DE MESTRES

Na sentença definitiva, de 5 de fevereiro de 1706, apareceu uma nova proibição, a de formar mestres para as escolas, motivo pelo qual já não poderiam ter nenhuma comunidade sob a denominação de «seminário de mestres» ou outra parecida.

[RETORNAR CAPÍTULO 07](#)

AS FAMÍLIAS

Ao contrário das de 1679 em Reims, as famílias de 1706 em Paris tinham uma maior consciência da importância das escolas. Chegavam inclusive a defender a presença dos Irmãos por meio de protestos e manifestações. Houve, com efeito, uma evolução no olhar e no compromisso das famílias.

[RETORNAR CAPÍTULO 07](#)[RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CAPÍTULO 8

ESCOLAS NO SUL DA FRANÇA

Comunidades no sul da França em 1711: Dijon, Moulins, Mâcon, Grenoble, Mende, Les Vans, Valréas, Alès, Avinhão e Marselha.

 RETORNAR CAPÍTULO 08

AS COMUNIDADES DO NORTE DO REINO

Comunidades no norte da França: Reims, Château-Porcien, Rethel, Paris, Darnétal, Ruão, Versalhes, Bolonha, Calais, Santo Omero, São Dionísio, Chartres, Laon, Guise e Troyes.

 RETORNAR CAPÍTULO 08

VISITADORES

O Visitador era um representante transitório do Superior Geral, que tinha a missão de supervisionar, acompanhar e animar cada uma das comunidades dentro dum determinado território.

 RETORNAR CAPÍTULO 08

JOVEM ABADE

Abade era um jovem clérigo de ordens menores ou simples tonsurado, sem consagração. Com frequência trabalhava como tutor ou diretor espiritual. Vestia um traje próprio da burguesia, de cor roxa ou negra, com uma pequena capa preta e um chapéu de três bicos.

 RETORNAR CAPÍTULO 08

TÍTULO DE NOBREZA

A cédula de nobreza era um documento do Antigo Regime no qual se notificava a admissão de uma família ao corpo da nobreza de uma província ou reino. Com ela eram outorgados alguns privilégios para poder impor-se na sociedade.

 RETORNAR CAPÍTULO 08

MENOR

Na época de Luís XIV, a maioridade se alcançava aos 25 anos.

 RETORNAR CAPÍTULO 08

POPULAÇÃO

Nesses anos não era fácil nem conveniente deslocar-se sem companhia pelo sul da França, sobretudo pela presença de grupos antimonárquicos e anticlericais. La Salle mostrou-se atrevido ao viajar sozinho por essas zonas.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 08

MARSELHA

Marselha possuía um dos portos comerciais mais importantes do Mediterrâneo. A partir de fins do século XVII converteu-se num cais de referência no circuito do Grande Tour –percurso que os jovens aristocratas ingleses realizavam pela Europa– para viajar à Itália.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 08

NOITE ESCURA

Noite escura é uma metáfora utilizada para descrever uma crise na vida espiritual de uma pessoa quando sente desmoronada a estrutura emocional e a comunicação com Deus. Nesta etapa predominam os sentimentos de solidão, desolação, vazio interior, medo, isolamento, perda de energia e sentido.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 08

POVOADO

Graças à substituição a um Irmão da comunidade de Jean Jacquot na aula, La Salle deixou marca em Grenoble. Sua fama se estendeu como o santo da escola.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 08

PRINCIPAIS IRMÃOS

Na linguagem dos começos, os «Principais Irmãos» eram em geral os diretores das comunidades mais representativas do Instituto. No caso concreto da Carta de 1714, não sabemos com exatidão quem poderia haver sido, mas advertimos que La Salle teria reconhecido a letra dos signatários e, portanto, teria confirmado sua autenticidade. As últimas pesquisas assinalam a Jean Jacquot e Jean-François Boucqueton, talvez a Jérôme, Hyacinthe, Cosme e Léonard (Cadernos Lassalistas 57, pág. 122).

◀ RETORNAR CAPÍTULO 08

REGRA

O senhor Brou, como etapa final para apoderar-se da propriedade do Instituto, fez uma revisão completa das Regras e as enviou ao cardeal Noailles para sua aprovação.

As mudanças que propunha eram graves. Numa das modificações que propôs, pretendia autonomizar o funcionamento de cada comunidade, associando-a à paróquia onde estava estabelecida. Nada de Superior único, noviciado comum ou intercâmbio de Irmãos entre diferentes escolas. Teria sido o fim da associação Lassalista.

No dia 8 de abril de 1714, Noailles devolveu, por meio dum emissário, as Regras dos Irmãos sem modificar e acompanhadas por uma mensagem: «Sua eminência não tem considerado oportuno que se tome decisão alguma, ou se assine em seu nome qualquer decisão a respeito dos regulamentos, nem sobre as mudanças sugeridas a tais regulamentos» (2B 149).

Esta versão das Regras Comuns era a que os Irmãos haviam aprovado no primeiro Capítulo Geral de 1694.

[RETORNAR CAPÍTULO 08](#)

PARIS

Os rivais que tramaram apropriar-se do Instituto foram os sacerdotes sulpicianos Joachim Trotti de La Chétardie, que faleceu a 29 de junho de 1714; Antoine Brenier, que morreu a 25 de agosto do mesmo ano; e Brou, que sozinho não poderia atacar a Comunidade.

[RETORNAR CAPÍTULO 08](#)

ESCOLAS

A estratégia encenada pelos rivais de nomear superiores eclesiásticos externos para cada uma das comunidades, com a finalidade de minar a autoridade de La Salle como Superior dos Irmãos, terminou servindo para assegurar seu retorno, protegendo os Irmãos e as escolas.

[RETORNAR CAPÍTULO 08](#)[RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CAPÍTULO 9

CONTESTATÓRIA

Por não dominarem o latim, os Irmãos se distanciaram dos latinistas. Posteriormente foram chamados de ignorantes (ignorantins), próximos à cultura do povo. As pessoas cultas representavam uma minoria em relação aos ignorantes. Somente o mundo culto tinha acesso aos colégios e às universidades. Os livres pensadores proclamavam sua incredulidade para as questões religiosas e viam em toda e qualquer manifestação de piedade e crença religiosa uma mostra de ignorância.

[RETORNAR CAPÍTULO 09](#)

VERDADE

Embora a história da pedagogia não o afirme, La Salle foi o pioneiro na defesa da educação para todos. Chama a atenção como foi levado diante dos tribunais por defender o direito à educação gratuita dos que podiam pagar por este serviço.

[RETORNAR CAPÍTULO 09](#)

VIDA

No domingo de Ramos, cinco dias antes de sua morte, seu amigo cônego Jean-Baptiste Blain, levou-lhe a notícia da censura. O arcebispo de Ruão, Claude-Maur d'Aubigné, lhe havia retirado o poder de confessar. La Salle não disse nada diante da incompreensão de seus superiores eclesiásticos; foi a última cruz em seu caminho, que abraçou com a serenidade que apenas os santos têm.

As razões pelas quais lhe tiraram este privilégio tinham sua origem num assunto de jurisdição paroquial suscitado pelos dois párocos de São Severo que se haviam sucedido: Hecquet e Dujarrier-Bresnard. La Salle tinha realizado com o primeiro um convênio mediante o qual se comprometia com que os Irmãos acompanhassem seus internos no domingo à missa principal da paróquia. Este acordo não podia ser cumprido integralmente por causa da presença de certos internos; em Saint-Yon funcionava um reformatório e um centro de reclusos.

[RETORNAR CAPÍTULO 09](#)

PRIMEIRO SUPERIOR GERAL DO INSTITUTO

O Irmão Barthélémy é considerado o primeiro Superior do Instituto, reservando a La Salle o título de Fundador.



RETORNAR CAPÍTULO 09

ASSISTENTES DO SUPERIOR GERAL

Os dois Assistentes eram ajudantes administrativos do Superior. Os escolhidos não abandonavam as funções que já lhes tinham sido atribuídas previamente.



RETORNAR CAPÍTULO 09



RETORNAR AO SUMÁRIO

IMAGENS

CAPÍTULO 1



Imagem atual de Saint-Yon. À direita pode-se ver a capela onde estiveram sepultados os restos mortais de La Salle. Foto: Diego Muñoz, FSC. 2018. Arquivo pessoal.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 01

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CONTINUA ▶

CAPÍTULO 1



Fachada da igreja de São Nicolas de Chardonnet, construída no século XIII e reedificada no século XVII. Adjacente à mesma se encontrava o seminário. Foto: Jastrow. 2006. Arquivo pessoal.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 01](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

CAPÍTULO 1



Morte de La Salle. O Fundador moribundo abençoa seus Irmãos. Giovanni Gagliardi. 1906. Óleo. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 56.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 01](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

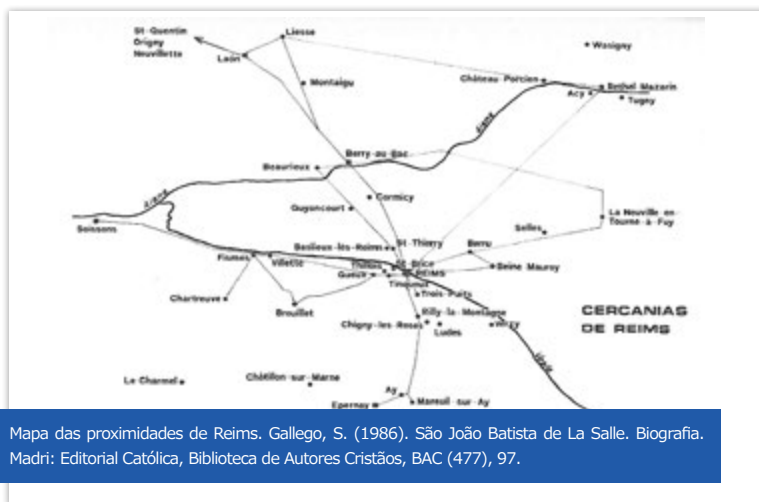
CAPÍTULO 2



Detalhe central da planta de Reims. 1665. Planta da cidade. Aos Senhores, Senhores Tenentes, Gente do Conselho e Governantes de Reims. Por seu muito humilde e obediente servidor J. Colin. Cadastro da cidade. Foto: Diego Muñoz, FSC. 2018. Arquivo pessoal.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 02](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

CAPÍTULO 2



Mapa das proximidades de Reims. Gallego, S. (1986). São João Batista de La Salle. Biografia. Madri: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristãos, BAC (477), 97.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 02

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CONTINUA ▶

CAPÍTULO 2



Fachada da catedral Nossa Senhora, de Reims. Construída no século XIII, é um dos edifícios góticos mais importantes da Europa e Patrimônio da Humanidade. Nela eram consagrados os monarcas da França durante o antigo Regime. Foto: Diego Muñoz, FSC. 2018. Arquivo pessoal.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 02](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

CAPÍTULO 2



João Batista de La Salle distribui pão aos pobres durante o duro inverno de 1684 e 1685. Giovanni Gagliardi. 1901. Óleo. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 36.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 02](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

CAPÍTULO 2

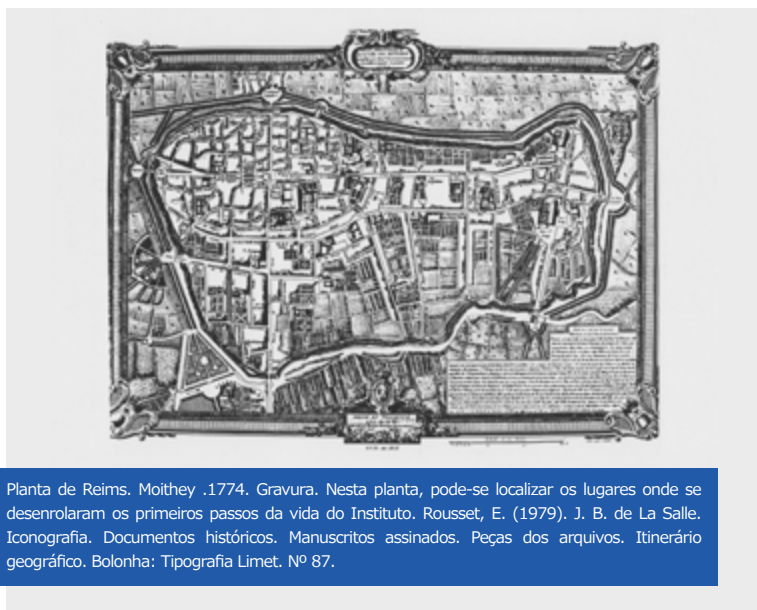


Hábito religioso dos Irmãos das Escolas Cristãs no século XVII. Gravura. Helyot (1719). História das Ordens monásticas, religiosas e militares e das congregações laicais com imagens que representam as diferentes vestimentas destas ordens e congregações. Paris: Jean-Baptiste Coignard. Tomo oitavo.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 02

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CAPÍTULO 3



Planta de Reims. Moithey .1774. Gravura. Nesta planta, pode-se localizar os lugares onde se desenrolaram os primeiros passos da vida do Instituto. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 87.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 03](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

CAPÍTULO 3



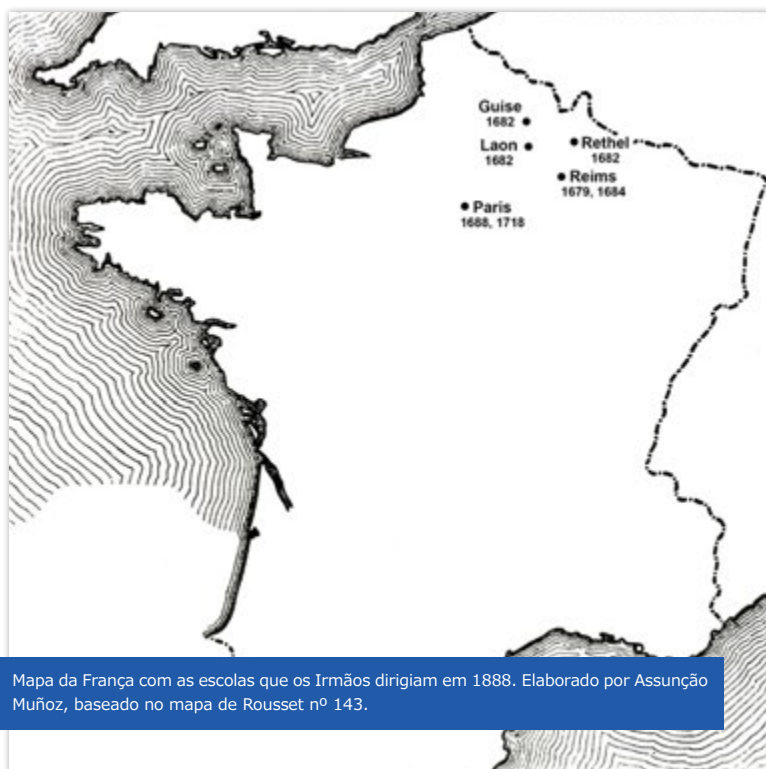
Casa de número 12 da rua Princesa, onde os Irmãos tiveram a primeira escola em Paris. Foto: Diego Muñoz, FSC. 2017. Arquivo pessoal.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 03

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CONTINUA ▶

CAPÍTULO 3



Mapa da França com as escolas que os Irmãos dirigiam em 1888. Elaborado por Assunção Muñoz, baseado no mapa de Rousset nº 143.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 03

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CAPÍTULO 4



A rua dos Descarregadores na paróquia de São Sulpício. Cabarteux. Gravura. Oferece uma ideia do bairro no tempo dos primeiros Irmãos. Em fevereiro de 1688, assumiram a direção de uma escola paroquial em uma rua próxima: Princesa. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 105.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 04](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

CAPÍTULO 4



A antiga igreja de São Sulpício em Paris. Em tempos de La Salle, a igreja atual estava em construção (1646-1749). Era uma paróquia muito extensa, modelo de renovação pastoral sob a direção dos sacerdotes sulpicianos. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 102.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 04](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

CAPÍTULO 4



Igreja de Nossa Senhora das Virtudes de Aubervilliers. Israel Silvestre. Século XVII. Aguafuerte. Museu Fitzwilliam. Cambridge. A devoção à Virgem das Virtudes era muito popular nos séculos XVII e XVIII. Lamentavelmente, a estátua de madeira que a representava foi profanada e incendiada no dia 12 de outubro de 1793, durante a Revolução Francesa.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 04

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CONTINUA ▶

CAPÍTULO 4



Gravura da casa de campo de Vaugirard, que se converteu no segundo berço do Instituto. La Salle viveu nela, desde 1691 até 1698, precisamente durante o período que corresponde ao estabelecimento do que ele chamou «a Sociedade das Escolas Cristãs»: primeiros votos perpétuos, redação das Regras, cuidados para a formação dos noviços e dos Irmãos. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 109.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 04](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

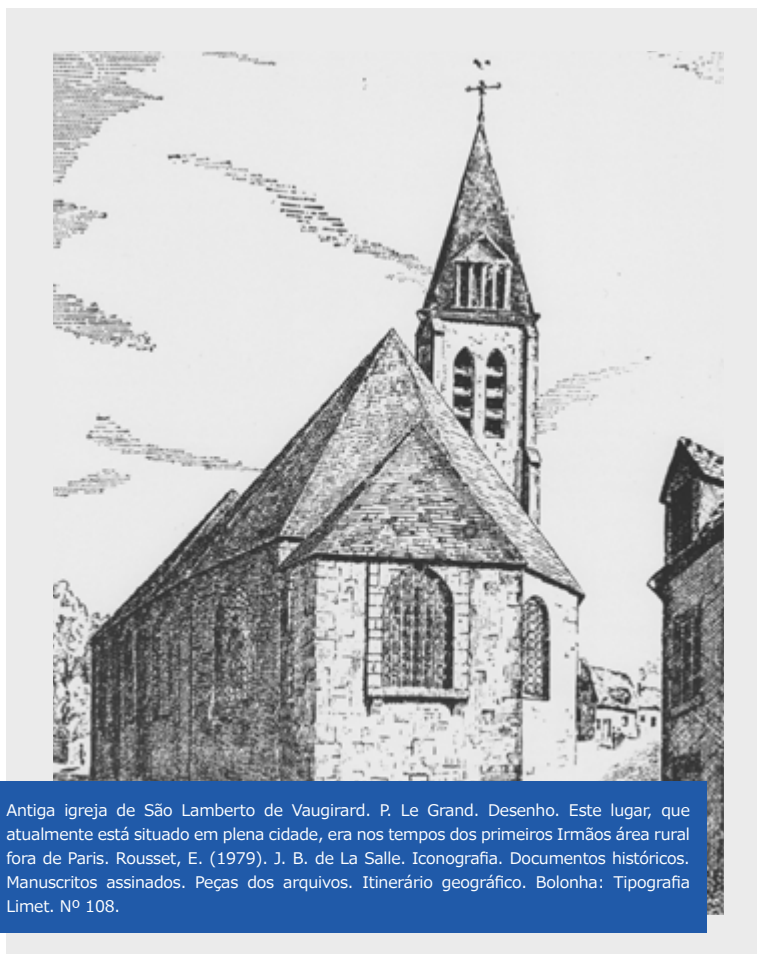
CAPÍTULO 4



Planta de Paris, paróquia de São Sulpício. Vaugirard em relação com a rua Princesa. Gallego, S. (1986). São João Batista de La Salle. Biografia. Madri: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristãos, BAC (477). 241.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 04](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

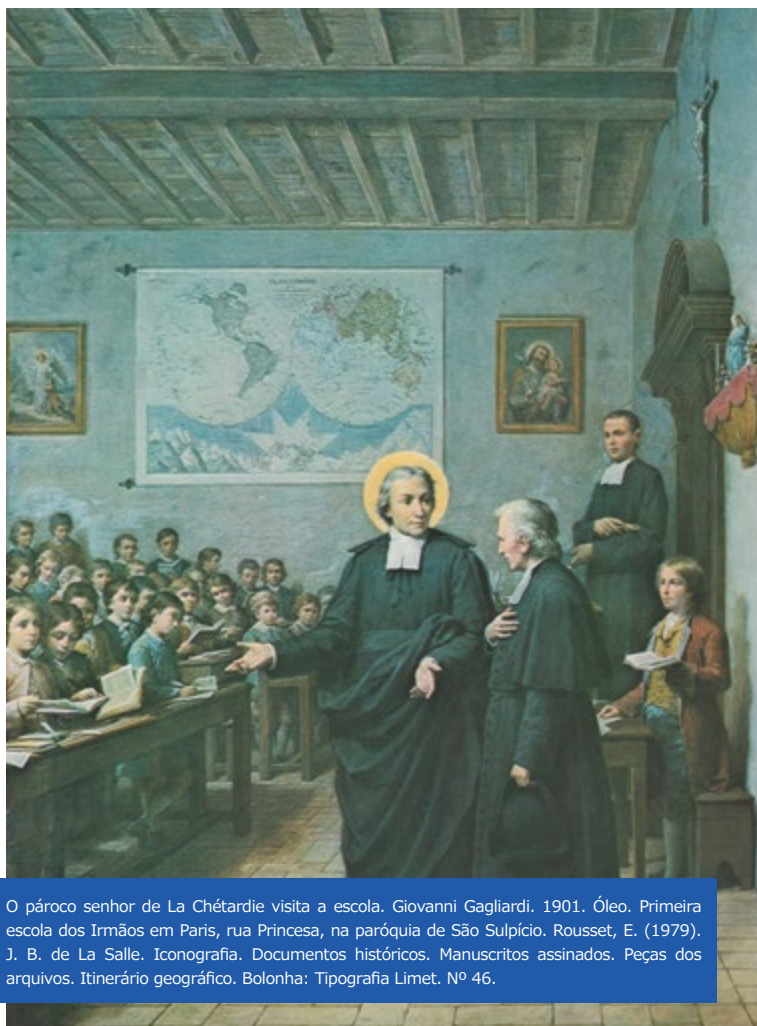
CAPÍTULO 5



Antiga igreja de São Lambert de Vaugirard. P. Le Grand. Desenho. Este lugar, que atualmente está situado em plena cidade, era nos tempos dos primeiros Irmãos área rural fora de Paris. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 108.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 05](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

CAPÍTULO 5



O pároco senhor de La Chétardie visita a escola. Giovanni Gagliardi. 1901. Óleo. Primeira escola dos Irmãos em Paris, rua Princesa, na paróquia de São Sulpício. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 46.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 05](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CAPÍTULO 6



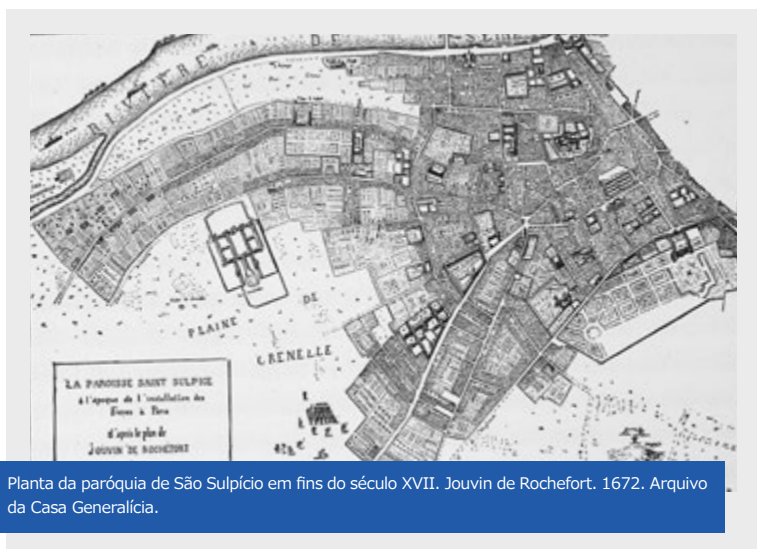
Rua de Vaugirard na atualidade. Foto: Ralf Treinen. 2011. Arquivo pessoal.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 06

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CONTINUA ▶

CAPÍTULO 6



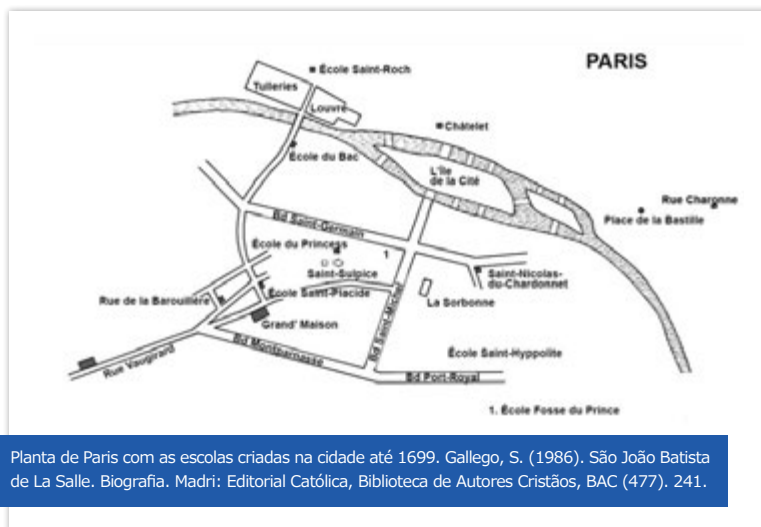
Planta da paróquia de São Sulpício em fins do século XVII. Jouvin de Rochefort, 1672. Arquivo da Casa Generalícia.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 06

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CONTINUA ▶

CAPÍTULO 6



Planta de Paris com as escolas criadas na cidade até 1699. Gallego, S. (1986). São João Batista de La Salle. Biografia. Madri: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristãos, BAC (477). 241.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 06](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

CAPÍTULO 6

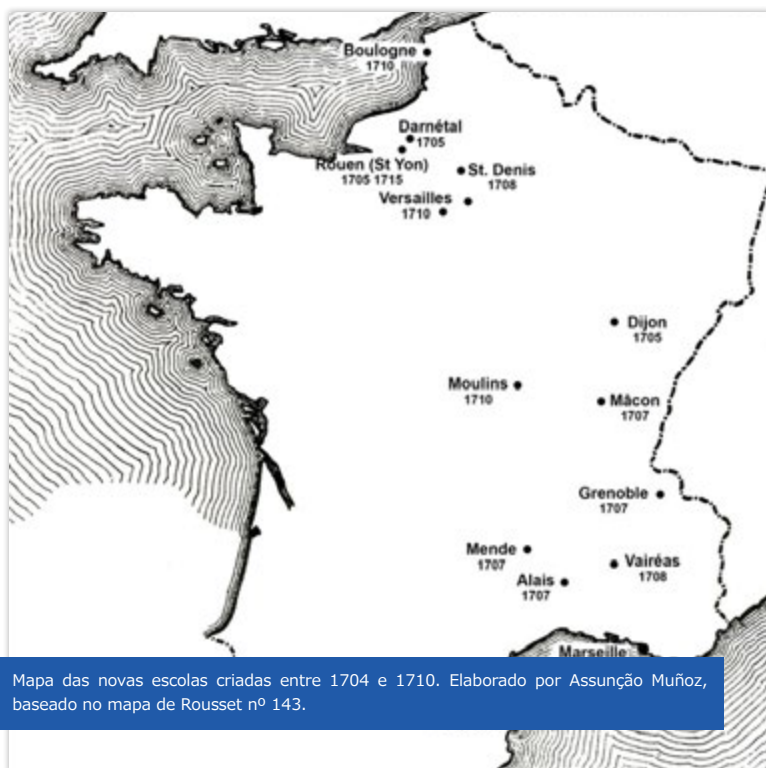


O reino da França com seus territórios divididos em governos provinciais. Jean-Baptiste Nolin. Fins do século XVII, 48,5cm x 60cm. Biblioteca Nacional da França (GE DD-2987 375 B).

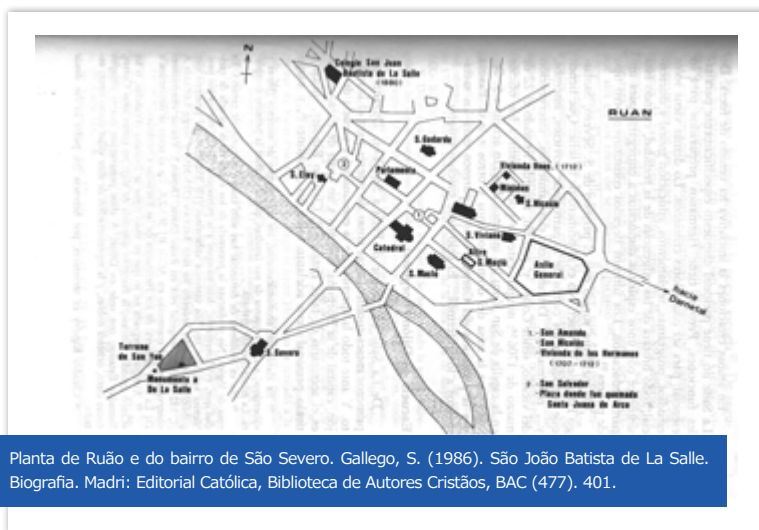
◀ RETORNAR CAPÍTULO 06

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CAPÍTULO 7

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 07](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

CAPÍTULO 7



Planta de Ruão e do bairro de São Severo. Gallego, S. (1986). São João Batista de La Salle. Biografia. Madri: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristãos, BAC (477). 401.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 07](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

CAPÍTULO 7

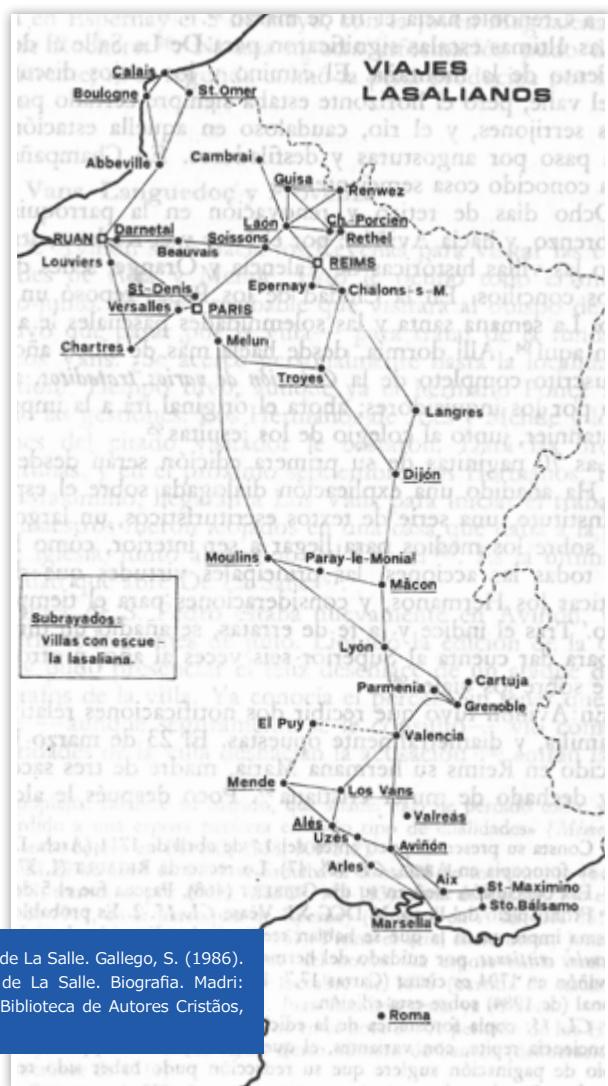


Planta completa da casa de Saint-Yon em Ruão, reconstruída segundo documentos do século XVIII. Neste lugar La Salle realizou seus projetos mais inovadores: o internato, o reformatório e o centro de reclusos. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 114.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 07

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CAPÍTULO 8



Mapa das viagens de La Salle. Gallego, S. (1986). São João Batista de La Salle. Biografia. Madri: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristãos, BAC (477). 463.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 08

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CONTINUA ▶

CAPÍTULO 8



Antiga escola dos Irmãos, no bairro de São Lourenço (40, rua da Bastilha), em Grenoble. Esta escada dá acesso ao recinto que serviu de quarto a La Salle. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 132.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 08](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

CAPÍTULO 8



Vista geral de Parmênia. À esquerda, pode-se apreciar a capela, lugar onde se encontra a tumba da Irmã Louise. Foto: Diego Muñoz, FSC. 2017. Arquivo pessoal.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 08

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CONTINUA ▶

CAPÍTULO 8



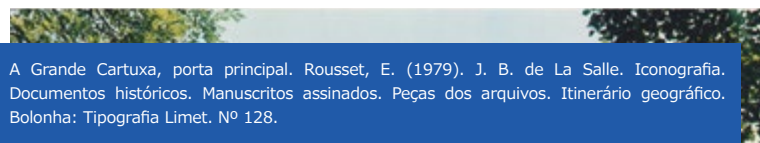
Palácio de Versalhes. Construído durante o reinado de Luís XIV. Foto: Diego Muñoz, FSC. 2018. Arquivo pessoal.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 08

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CONTINUA ▶

CAPÍTULO 8

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 08](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CAPÍTULO 9



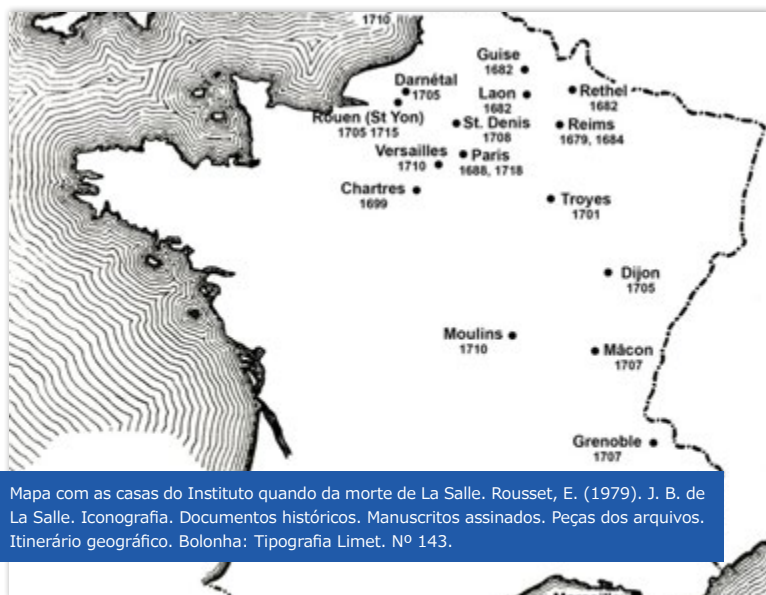
Grenoble na atualidade. Foto: Skimel. 2017. Arquivo pessoal.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 09

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CONTINUA ▶

CAPÍTULO 9

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 09](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

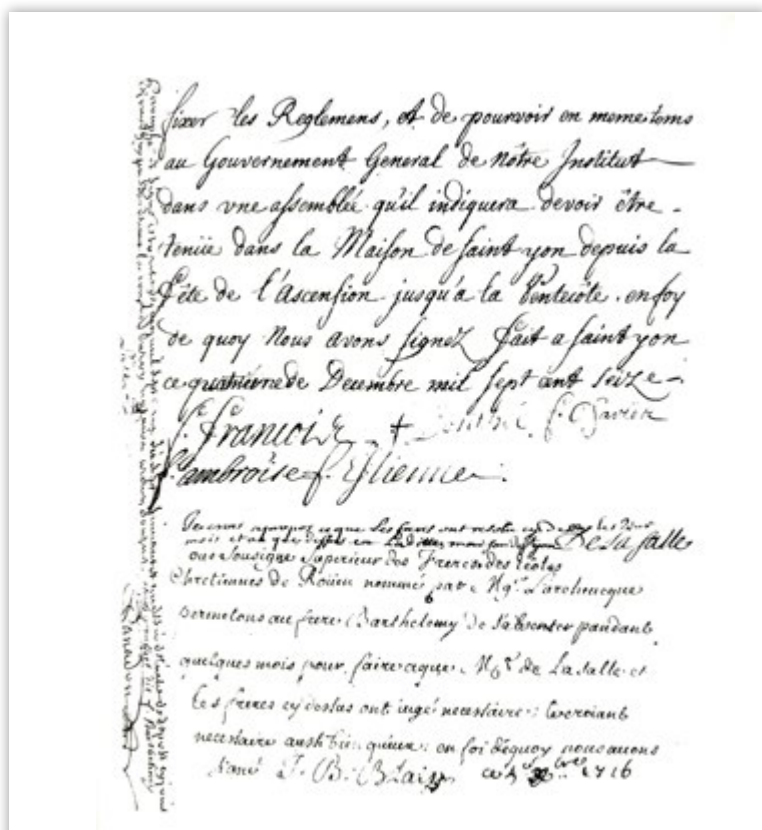
CAPÍTULO 9



Saint-Yon, em Ruão. Abside da capela visto desde os jardins internos. O bosque à esquerda é o lugar onde se encontrava o antigo cemitério dos Irmãos. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 139.

[◀ RETORNAR CAPÍTULO 09](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)[CONTINUA ▶](#)

CAPÍTULO 9

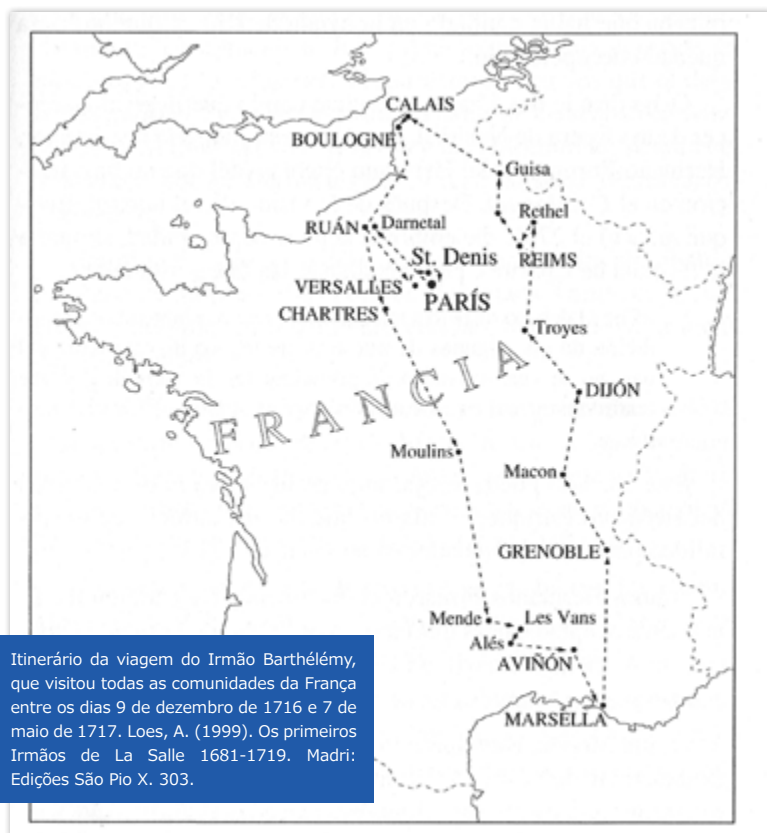


O Irmão Barthélémy recebe a delegação para fazer a visita às comunidades do Instituto, a 4 de dezembro de 1716, para preparar o Capítulo Geral. O texto leva a assinatura de La Salle e de Jean-Baptiste Blain. Em 1712, este último tinha sido nomeado superior eclesiástico dos Irmãos, função que desempenhou com grande discrição até o reconhecimento dos Irmãos pela Bula de aprovação, em 1725. Rousset, E. (1979). J. B. de La Salle. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet. Nº 51.


[RETORNAR CAPÍTULO 09](#)

[RETORNAR AO SUMÁRIO](#)
[CONTINUA ►](#)

CAPÍTULO 9



Itinerário da viagem do Irmão Barthélémy, que visitou todas as comunidades da França entre os dias 9 de dezembro de 1716 e 7 de maio de 1717. Loes, A. (1999). Os primeiros Irmãos de La Salle 1681-1719. Madri: Edições São Pio X. 303.

[← RETORNAR CAPÍTULO 09](#)[▲ RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

RESUMO DA HISTÓRIA

CAPÍTULO 01

ADORO EM TUDO A VONTADE DE DEUS A MEU RESPEITO

«Primeiramente, encomendo a Deus minha alma, e depois todos os Irmãos da Sociedade das Escolas Cristãs, com os quais ele me uniu, e lhes recomendo, acima de tudo, sejam sempre totalmente submissos à Igreja, sobretudo nestes tempos calamitosos, e que, em prova de tal submissão, em nada se separem da Igreja de Roma, lembrando-se sempre que envie dois Irmãos a Roma para pedir a Deus a graça de que sua Sociedade lhe fosse sempre inteiramente submissa...»

João Batista de La Salle, Testamento

Nossa viagem pela vida de João Batista de La Salle começa no momento de sua morte, na Sexta-feira Santa, 7 de abril de 1719, em Saint-Yon, Ruão. O Irmão Jean Jacquot, profundamente comovido por esta perda, recorda os fatos relevantes da vida de La Salle desde o momento em que deixa de ser o Superior dos Irmãos, em 1717, até a Semana Santa de 1719.

Não existem documentos que certifiquem a presença do Irmão Jean Jacquot no momento da morte de La Salle. Entretanto, é possível que ele tenha sido chamado a Ruão pelo Irmão Barthélémy, Superior Geral dos Irmãos, para que o ajudasse a atender os assuntos legais do Instituto, visto que era um de seus Assistentes.

Os assuntos legais a que nos referimos se relacionam aos bens pertencentes ao Instituto e que estavam em nome de João Batista de La Salle, dado que nessa época o Instituto ainda não contava com personalidade jurídica. Era necessário separar os haveres da Comunidade dos Irmãos das possessões patrimoniais de La Salle, adquiridas por heranças posteriores a 1684, para que não houvesse equívocos acerca

RESUMO DA HISTÓRIA

de sua pertença e evitar litígios por possíveis pretensões dos legitimários. A partir de 1718 e de forma gradual, La Salle foi cedendo parte dos bens do Instituto a seu sucessor, o Irmão Barthélémy, enquanto transferia os patrimoniais aos filhos de seu irmão Jean-Remi de La Salle, mediante testamento dos que ainda estavam pendentes.



Morte de La Salle. Composição de Athanase Grellet. Gravura de Barbant. 1888. Livro de Ravelet, 404-405.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 01

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CAPÍTULO 02 VOCAÇÕES INESPERADAS

«Pelo que parece, este foi o motivo pelo qual Deus, que governa todas as coisas com sabedoria e suavidade, e que não costuma forçar a inclinação dos homens, querendo comprometer-me a assumir por inteiro o cuidado das escolas, o fez de forma totalmente imperceptível e ao longo de muito tempo, de modo que um compromisso me levava a outro, sem que o tivesse previsto desde os começos».

João Batista de La Salle, Memorial sobre os começos.

Jean Jacquot, partindo de sua experiência vocacional, rememora seus anos como aluno dos Irmãos em Château-Porcien e o que, ao longo do tempo, ouviu sobre os começos do Instituto.

O relato se desenvolve a partir de um paralelismo vocacional: de um lado, como Jean Jacquot sente que Deus toca seu coração e o chama a ser Irmão, e de outro, como Deus guia os passos de La Salle com suavidade pelo caminho das escolas ao ponto de abandonar seus privilégios para viver em comunidade com os mestres. O Fundador se torna pobre entre os pobres.



O Bem-aventurado durante a escassez e fome. Composição de Luminais. Gravura de Méaulle. 1888. Livro de Ravelet, 264-265.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 02

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CAPÍTULO 03 ALGO ESTÁ NASCENDO

«Esta Comunidade costuma ser chamada de Comunidade das Escolas Cristãs, e atualmente está estabelecida e fundada tão somente sobre a Providência. Nela se vive conforme Regras, dependendo em tudo sem propriedade nenhuma e em completa uniformidade».

João Batista de La Salle, *Memória sobre o Hábito.*

O jovem Irmão Jean Jacquot entra no noviciado da Rua Nova em fins de 1686, momento no qual La Salle e os Irmãos já chegaram a configurar uma comunidade com seu ritmo próprio, um horário de atividades, uma pedagogia própria, um hábito e um compromisso com um projeto comum: as escolas.

La Salle está convencido de que os Irmãos precisam tomar em suas mãos as rédeas do destino do Instituto e acreditando que é o momento propício, e os convida a eleger um superior entre eles. Experiência que resulta falida.

Apesar do abandono por parte de alguns Irmãos, o Instituto segue crescendo. Em 1688 são convidados a Paris para colaborar numa das escolas da Paróquia de São Sulpício.

Sem dúvida, está surgindo um novo tipo de vocação comunitária dentro da Igreja, e La Salle oferece luzes acerca dela na Memória sobre o Hábito.



O Venerável de La Salle reúne seus primeiros Discípulos em 1680. Litografia de Jopé; Cornet, J.A. y Rousset, E. (1989). Iconografia de João Batista de La Salle. Dos começos à beatificação, 1666-1888. Cadernos Lassalistas nº 49, 236.

◀ [RETORNAR CAPÍTULO 03](#)

▲ [RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CAPÍTULO 04 ASSENTANDO AS BASES

«Não deixo e não deixarei de pedir a Deus por você, meu caríssimo Irmão, para que Ele lhe conceda firmeza em sua vocação. Com efeito, você precisa que seja Deus quem o sustente nela.

Ficarei muito contente se rezar a Deus por mim. A ternura com que você me escreve, caríssimo Irmão, muito me sensibiliza».

João Batista de La Salle. Carta 97 de La Salle a um inferior, C 97, 1-2.

No biênio 1690-1691 vivem-se momentos difíceis no Instituto. Um deles se deve a ameaças externas, a primeira perseguição por parte dos mestres das escolas menores de Paris, e outros produzidos por ameaças internas: escasso número de aspirantes, retiro de alguns Irmãos da comunidade e o falecimento do Irmão Henry L`Heureux. Tudo isto contribui para que a saúde de La Salle piore e fique gravemente doente.

No ano de 1691, após profunda reflexão, concluem que precisam assentar bases sólidas que permitam a sobrevivência do projeto, o que somente se poderá conseguir crescendo por dentro. A partir de setembro os Irmãos vivem um momento de formação e de profunda renovação espiritual na casa de Vaugirard.

No dia 21 de novembro de 1691, La Salle, junto com os Irmãos Nicolas Vuyart e Gabriel Drolin, comprometem-se mediante voto a unir-se e associar-se para manter as escolas; é o chamado «Voto Heroico». Este fato somente se torna conhecido depois de 1728, quando o Irmão Gabriel Drolin regressa de Roma. Por esta razão o temos explicado num documento ao qual apenas foi possível ter acesso ao final do capítulo.



O Bem-aventurado oferece o Menino Jesus como modelo a seus primeiros noviços. Composição de A. Hervier. Gravura de Gusman. 1888. Livro de Ravelet, 156-157.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 04

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CAPÍTULO 05

JUNTOS E POR ASSOCIAÇÃO

«E, para este efeito, eu, João Batista De La Salle, sacerdote, prometo e faço voto de unir-me e de permanecer em sociedade com os Irmãos Nicolas Vuyart, Gabriel Drolin, Jean Partois, Gabriel Charles Rasigade, Jean Henry, Jacques Compain, Jean Jacquot, Jean Louis de Marcheville, Michel Barthélemy Jacquinot, Edme Leguillon, Gilles Pierre e Claude Roussel, para ter juntos e por associação as escolas gratuitas seja onde for, mesmo que, para fazê-lo, me veja obrigado a pedir esmola e a viver somente de pão, ou para fazer na referida Sociedade aquilo a que for destinado, seja pelo Corpo da Sociedade, seja pelos superiores que a estiverem dirigindo».

João Batista de La Salle, Fórmula de votos.

Entre os anos de 1692 e 1694, o crescimento interno, através da formação humana e espiritual, começa a dar seus frutos. Os Irmãos tomam consciência de sua identidade como uma comunidade de associados comprometidos com uma missão comum: a manutenção das escolas gratuitas.

Dez anos de experiência comunitária transcorreram, sendo por isso o momento propício para que La Salle, ajudado pelos Irmãos mais antigos, plasme o estilo de vida da comunidade com algumas Regras e sistematize seu pensamento num conjunto de obras.

Em 1694 La Salle convoca 12 Irmãos, entre os quais se encontra o Irmão Jean Jacquot, para celebrar o primeiro Capítulo Geral. No dia da festa da Santíssima Trindade, todos os participantes confirmam, mediante voto, seu desejo de permanecer na Sociedade dos Irmãos das Escolas Cristãs. A associação se converte na pedra angular na qual se apoiarão para levar a cabo a obra das escolas.



Visita do Senhor de la Chétardie, pároco de São Sulpício, à Escola do Bem-aventurado. Composição de A. Edouard. Gravura de Doghy. 1888. Livro de Ravelet, 254-255.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 05

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CAPÍTULO 06**ASSOCIADOS PARA AS ESCOLAS CRISTÃS**

«Este Guia foi redigido em forma de regulamento somente depois de numerosas trocas de ideias entre os Irmãos deste Instituto mais veteranos e melhor capacitados para darem bem aula; e depois de experimentado por vários anos, nele não foi incluído nada que não tenha sido antes bem acordado e comprovado, cujas vantagens e inconvenientes não tenham sido ponderados, e não se tenha previsto, na medida do possível, os erros ou consequências ruins».

João Batista de La Salle. Guia das Escolas

Os anos a partir de 1695 até 1701 são de relativa tranquilidade para o Instituto. Esta situação de calma permite a La Salle partilhar o ritmo da comunidade e o serviço educativo, colaborar na formação dos noviços, observar o desenvolvimento das escolas, redigir obras pedagógicas e espirituais, e afinar, com a ajuda dos Irmãos mais experimentados, o rascunho do Guia das Escolas Cristãs. Todos os textos são submetidos pelo Fundador à opinião dos Irmãos mais experimentados e à aprovação dos censores do reino, que autorizam os escritos para sua publicação em livro.

Durante esses anos aumenta o número de vocações, e por este motivo é preciso buscar um novo centro de formação: a Casa Grande. Ali é possível atender outras classes e escolas: a escola de formação de jovens operários e o Seminário para mestres rurais de Santo Hipólito, além das escolas de Chartres, Calais, Avinhão e Troyes. Em 1703 são atendidas 47 escolas, frequentadas por cerca de quatro mil alunos. É uma época de crescimento para o Instituto, onde todos trabalhavam para atender as necessidades acadêmicas e espirituais das crianças confiadas aos seus cuidados.



Jacques II visitando a Escola dos jovens irlandeses confiados ao Bem-aventurado. 1888. Composição de A. Edouard. Gravura de Doghy. Livro de Ravelet, 328-329.

◀ RETORNAR CAPÍTULO 06

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

CAPÍTULO 07

CONTRADIÇÕES NO CAMINHO

«O espírito de nosso Instituto é, em primeiro lugar, o espírito de fé, que deve mover os que o compõem a não olhar a não ser com os olhos da fé, a nada fazer que não seja em vista de Deus, e a atribuir tudo a Deus, sempre se conformando com estes sentimentos de Jó: “O Senhor tudo me deu, o Senhor tudo me tirou; como foi do agrado do Senhor, assim aconteceu”, e com tantos outros semelhantes, tão repetidas vezes expressados na Sagrada Escritura e na boca dos antigos Patriarcas».

João Batista de La Salle. *Coleção de vários pequenos tratados, CT 11,1,2.*

Entre 1702 e 1710, vive-se uma década de contradições. De um lado existem grandes conflitos, e de outro o Instituto continua crescendo. A situação em Paris está tensa, vivem-se ameaças internas provenientes da Igreja e outras externas por parte dos mestres calígrafos, que aproveitam as circunstâncias para tratar de fechar as escolas, denunciando La Salle e os Irmãos que trabalham em Paris. Entre os Irmãos acusados se encontra Jean Jacquot.

Em 1705 La Salle translada a comunidade de formação a Ruão, a uma casa chamada Saint-Yon, para afastar os noviços da tensão que se vive em Paris. Este Noviciado se converterá na Casa Mãe e num centro de criatividade pedagógica.

A estes conflitos é preciso somar o bélico, pois a França está em guerra com a Espanha. É uma época de escassez de alimentos e de doenças. Contudo, apesar das circunstâncias adversas, La Salle começa a receber convites para atender escolas no sul da França, e muitos Irmãos e noviços perseveraram em seu compromisso.



O Bem-aventurado «vendo Jesus Cristo entre os pobres». 1888. Composição de C. Lameire. Gravura de Méaulle. Livro de Ravelet, 116-117.

◀ [RETORNAR CAPÍTULO 07](#)

▲ [RETORNAR AO SUMÁRIO](#)

CAPÍTULO 08 OS CAMINHOS DE DEUS

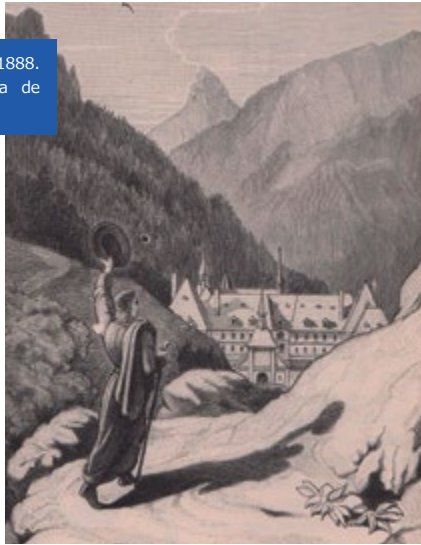
«Senhor, nosso querido pai: Nós, os principais Irmãos das Escolas Cristãs, desejando a maior glória de Deus, o maior bem da Igreja e de nossa Sociedade, reconhecemos que é de suma importância que volte a encarregar-se da direção geral da santa obra de Deus, que é também a sua, já que aprouve ao Senhor servir-se de você para estabelecê-la e guiá-la há tanto tempo».

Carta dos principais Irmãos em 1714.

Entre 1711 e 1714 se desencadeia sobre La Salle uma tempestade que afeta o Instituto. O Fundador é levado a juízo e sentenciado. Este fato marca o início de uma etapa muito difícil para ele. Na Quaresma de 1713, chega a acreditar que Deus não lhe fala mais, encontrando-se sozinho e arrasado; é sua noite escura. No ano seguinte inicia seu retiro em Parmênia, cuja experiência lhe devolve a paz.

Em abril de 1714, um grupo de Irmãos, entre os quais se encontra Jean Jacquot, enviam-lhe uma carta na qual lhe pedem que assuma de novo seu papel como superior. La Salle regressa em agosto a Paris, onde a situação de tensão tinha desaparecido e o Instituto conta novamente com a proteção dos superiores eclesiásticos locais, conscientes do valor da pessoa de La Salle.

O Bem-aventurado na Grande Cartuxa. 1888.
Composição de Paulo Flandrin. Gravura de
Méaulle. Livro de Ravelet, 342-343.



RETORNAR CAPÍTULO 08



RETORNAR AO SUMÁRIO

CAPÍTULO 09

O FUTURO DO INSTITUTO EM NOSSAS MÃOS

«Nosso querido pai, depois de haver julgado oportuno deixar o cargo, considerou necessário, para o bem do Instituto, que os Irmãos assumissem o controle do governo geral enquanto ele estivesse vivo».

Irmão Barthélémy, Carta 32.

O regresso do Fundador a Paris transmite alegria e esperança aos Irmãos. Começa uma nova etapa no Instituto: La Salle vai acostumando os Irmãos a tomar decisões e a atender as necessidades do Instituto.

Em 1715 La Salle continua escrevendo algumas obras espirituais, e com o Irmão Barthélémy organiza o início das aulas. La Salle dedica grande parte de seus esforços a orientar os noviços, e por este motivo se muda à Casa de Saint-Yon no começo de 1716. Estabelecida certa calma no Instituto, La Salle desenvolve uma estratégia para convocar o Segundo Capítulo Geral, convocação feita no dia 16 de maio de 1717. Neste Capítulo Geral são revisados alguns documentos fundamentais: as Regras, o Regulamento cotidiano das comunidades, a Regra do Irmão Diretor e o Guia das Escolas Cristãs; elegem como primeiro Superior Geral o Irmão Barthélémy, e como Assistentes os Irmãos Joseph e Jean Jacquot. O Instituto se prepara para enfrentar o futuro.

O Bem-aventurado dando aula. 1888.
Composição de Krug. Gravura de Farlet. Livro
de Ravelet, 360-360.



◀ RETORNAR CAPÍTULO 09

▲ RETORNAR AO SUMÁRIO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bédel, H., FSC (1998). Iniciação à história do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. Origens 1651-1726. *Estudos Lassalianos* nº 5, 8-207.

Burkhard, L. e Sauvage, M. FSC. Parmênia. *A crise de João Batista de La Salle e de seu Instituto (1712-1714)*. Medellín: Distrito Lassalista de Medellín. 1999. Tradução ao espanhol de *Cahiers lasalliens* nº 57. Tradução de Edwin Arteaga Tobón, FSC.

Calcutt, Alfred (1993). *De La Salle. Uma cidade santa e a libertação dos pobres através da educação*. Oxford: De La Salle Publicações.

Conselho Internacional de Associação e Missão Educativa Lassalista (2016). Compreender a escola Lassalista no contexto do século XXI. Uma leitura contextual do itinerário pedagógico lassaliano entre os séculos XVII e XIX na França. O difícil equilíbrio entre conservar o patrimônio pedagógico e responder aos novos desafios. *Revista Digital de Investigação Lassaliana*. Coleção: Rumo à Declaração, (1), 7-25.

Cornet, J.A. e Rousset, E. (1989). Iconografia de São João Batista de La Salle. Das origens à beatificação 1666-1888. *Cahiers lasalliens* nº 49, 236.

Gallego, S. (1986). *São João Batista de La Salle*. Biografia. Madri: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristãos, BAC (477).

Irmãos das Escolas Cristãs (2015). *Regra dos Irmãos das Escolas Cristãs*. Roma.

Irmãos das Escolas Cristãs (2001). *Obras completas de São João Batista de La Salle*. Madri: Edições São Pio X.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lauraire, L., FSC (2008). *O Guia das Escolas*. Enfoque contextual. *Cahiers lasalliens* nº 61, 21-265. Tradução: Pascual Maymí, FSC.

Loes, A., FSC (1999). *Os primeiros Irmãos de La Salle 1681-1719*. Madri: Edições São Pio X. Tradução: Joseph María Bourdet, FSC.

Poutet, Y., FSC (2001). B007 Batencourt. Em G. Avanzini, R. Cailleau, A. M. Audic e P. Péniisson (Dir.). *Dicionário Histórico da Educação Cristã de expressão francesa* (p, 48). Paris: Edições Dom Bosco.

Poutet, Yves, FSC (1995). *Gênese e características da Pedagogia Lassaliana*. Paris: Edições Dom Bosco. Coleção «Ciências da Educação».

Poutet, Y. e Pungier, J., FSC (s. f.). *Um educador e um santo frente aos desafios da sociedade de seu tempo*. Miraflores: Mulcografed.

Ravelet, Armand (1888). *O Bem-aventurado João Batista de La Salle. Fundador do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs*. Tours: Livraria Alfred Mame e Filhos.

Rigault, Georges (1937). *História geral do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. Tomo I: A obra religiosa e pedagógica de São João Batista de La Salle*. Paris: Livraria Plon.

Rousset, E. (1979). *João Batista de La Salle*. Iconografia. Documentos históricos. Manuscritos assinados. Peças dos arquivos. Itinerário geográfico. Bolonha: Tipografia Limet.

Santos, H. (2013). Em que Deus professa João Batista de La Salle? *Revista Digital de Investigação Lassaliana* (7), 99-122.